

FÁBIO DOBASHI FURUZATO

HISTÓRIAS DO GRÃO MOGOL:
EDIÇÃO E ESTUDO CRÍTICO DOS TEXTOS ESPARSOS
DE MURILO RUBIÃO

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da
Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do
Título de Doutor em Teoria e História Literária.

Orientadora: Profa. Dra. Vilma Sant'Anna Arêas

CAMPINAS

2009

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

F984h	<p>Furuzato, Fábio Dobashi. Histórias do Grão Mogol: edição e estudo crítico dos textos esparsos de Murilo Rubião / Fábio Dobashi Furuzato. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.</p> <p>Orientador : Vilma Sant'Anna Arêas. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Rubião, Murilo, 1916-1991. 2. Literatura brasileira. 3. Contos brasileiros. 4. Crítica literária. 5. Textos esparsos. I. Áreas, Vilma Sant'Anna. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">oe/iel</p>
-------	--

Título em inglês: Grão Mogol's stories: publication and critic study of the Murilo Rubião's scattered writings.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Murilo Rubião, 1916-1991, Brazilian literature, short stories, literary criticism, scattered writings.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Titulação: Doutor em Teoria e História Literária.

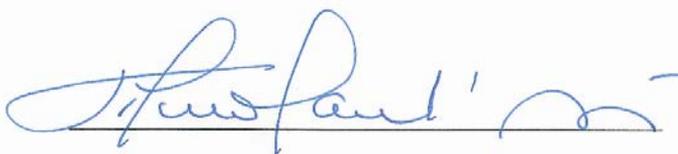
Banca examinadora: Profa. Dra. Vilma Sant'Anna Áreas (orientadora), Prof. Dr. Fábio Akcelrud Durão, Prof. Dr. Audemaro Taranto Goulart, Profa. Dra. Cássia dos Santos, Profa. Dra. Yara Frateschi Vieira, Prof. Dr. Jefferson Cano (suplente), Prof. Dr. Vagner Camilo (suplente) e Profa. Dra. Andréa Saad Hossne (suplente).

Data da defesa: 13/02/2009.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária.

BANCA EXAMINADORA:

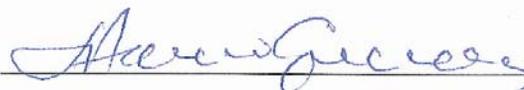
Vilma Sant'Ana Áreas



Fábio Akcelrud Durão



Audemaro Taranto Goulart



Cássia dos Santos



Yara Frateschi Vieira



Jefferson Cano

Vagner Camilo

Andréa Sadd Hossne

**IEL/UNICAMP
2009**

Dedico este trabalho à Fernanda Brandão de Lara, às minhas sobrinhas, Julia e Karina, e a todos os meus mestres, familiares e amigos.

AGRADECIMENTOS:

À Vilma, que vem me orientando há quase dez anos, com grande respeito aos meus pontos de vista, sem nunca deixar de expor suas idéias com franqueza, agradeço pela amizade, paciência e especialmente pela confiança que sempre depositou em mim; e espero que, mesmo que este trabalho não corresponda bem às suas expectativas, o resultado final, de alguma forma, compense os longos anos de orientação;

Aos professores da banca de qualificação, Fábio Durão e Yara Frateschi, e da banca examinadora, Audemaro Taranto Goulart, Cássia dos Santos, Fábio Durão e Yara Frateschi, pela leitura atenta, pelas valiosas sugestões e troca de idéias;

Ao Acervo dos Escritores Mineiros, da UFMG, e a todos que de algum modo me auxiliaram na busca de material para esta pesquisa;

Ao Cnpq, pela bolsa de doutorado, e a todos que possibilitam a existência de Instituições públicas de apoio à pesquisa;

Aos meus pais, Pedro e Lica, e ao meu irmão, Eduardo, pelo incentivo constante;

Aos meus alunos, que acabam justificando os meus estudos;

Agradeço a todos sinceramente, sem esquecer de Murilo Eugênio Rubião, pela sua intrigante obra literária.

“A perfeição é horrível. Ela não pode ter filhos”.

Sylvia Plath

*“A própria luta para atingir os píncaros
basta para encher o coração de um homem.
É preciso imaginar Sísifo feliz”.*

Albert Camus

RESUMO

O presente trabalho é um complemento à nossa pesquisa de mestrado sobre o contista mineiro Murilo Eugênio Rubião (1916-1991). Na ocasião, estudamos os seus *Contos reunidos* (1998), edição com todas as narrativas publicadas em livro, pelo autor, mais um trabalho póstumo. E, pelo fato de o estudo interpretativo sobre a obra muriliana ter sido apresentado apenas como hipótese, na conclusão de nossa dissertação, fomos aconselhados, pela banca examinadora do mestrado, a dar continuidade à pesquisa sobre Murilo em nosso doutorado. Tendo aceitado a sugestão da banca, esta tese busca desenvolver nossa hipótese interpretativa, baseada no ensaio de José Paulo Paes (1990), que aponta o agnosticismo do contista mineiro como a concepção de mundo por trás de sua obra. Desta vez, nossa argumentação se apóia sobre um estudo comparativo entre os *Contos reunidos* (1998) e as narrativas esparsas de Murilo – conjunto de textos, publicados em jornais e revistas da década de 1940, e jamais republicados em livros do autor. Essa escolha se justifica pelos seguintes motivos: em primeiro lugar, porque as narrativas esparsas são mais ingênuas e, sendo assim, apresentam a concepção de mundo do autor de modo mais explícito; em segundo, porque a edição das narrativas esparsas acaba representando uma contribuição original, mesmo no caso de a nossa argumentação ser considerada pouco convincente; por fim, porque temos consciência de que a interpretação defendida aqui não representa uma novidade absoluta para a crítica muriliana. Esta tese, portanto, é composta pela edição dos esparsos do escritor, intitulada aqui de *Histórias do Grão Mogol*, e de um estudo crítico desses textos, em comparação com os *Contos reunidos* (1998).

Palavras-chave: Murilo Rubião, Literatura brasileira, contos, crítica literária, textos esparsos.

ABSTRACT

The present work is an addition to our research elaborated for our Master's Degree on the short story writer from the Minas Gerais Murilo Eugênio Rubião (1916-1991). On that occasion, we studied his *Contos reunidos (1998)*, volume containing all narratives published by the author and one posthumous work. Because, in the conclusion of our dissertation the interpretative study of Murilo's work was presented as a hypothesis, we have been advised by the examining committee to continue our research on Murilo in our Doctor's Degree pursuit. Accepting the committee's suggestion, the present thesis aims to develop our first interpretative hypothesis, which was based on the essay by José Paulo Paes (1990) that presents the writer's agnosticism as the conception of world behind his work. Our present argumentation is based on the comparative study between *Contos reunidos (1998)* and Murilo's scattered writings – texts published in newspapers and magazines, in the 1940's, and never republished in books by the author. This choice is justified for the following reasons: first, the scattered writings are more less refined and present the author's conception of world more explicitly; second, the publication of Murilo's scattered narratives represent an original contribution by itself, even for those who may disagree with our argumentation; finally, we are conscious that the interpretation given here does not represent an absolute novelty to the literary criticism on Murilo's work. Thus, the present thesis is composed of the publication of the autor's scattered writings, titled *Histórias do Grão Mogol*, and of a critic study of such texts compared with *Contos reunidos (1998)*.

Key words: Murilo Rubião, Brazilian literature, short stories, literary criticism, scattered writings .

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. HISTÓRIAS DO GRÃO MOGOL	5
2.1 APRESENTAÇÃO E CRITÉRIOS DE EDIÇÃO	6
2.2.01 O OUTRO JOSÉ HONÓRIO	16
2.2.02 MARGARIDA E OUTRAS RETICÊNCIAS	19
2.2.03 O MUNDO TEM DUAS FACES	22
2.2.04 AS PRIMEIRAS ILUSÕES DE 1941	26
2.2.05 PROCURA-SE UM FARAÓ	29
2.2.06 MARIA, DA FAMÍLIA DOS MONSTROS	32
2.2.07 A FILOSOFIA DO GRÃO MOGOL	35
2.2.08 EU, O GRÃO MOGOL E OS MANDARINS	39
2.2.09 O MUNDO TERMINA NA RUA DAS MAGNÓLIAS	43
2.2.10 INÁCIA NÃO ERA UM CHUCHU	47
2.2.11 OG E OS DOIS OLHOS DE AMELINHA	51
2.2.12 A ARTE DE CONQUISTAR AS MULHERES	54
2.2.13 CARTA A LÚCIA	56
2.2.14 OS FOGUETES VIRÃO DEPOIS	59
2.2.15 MEMÓRIAS DE UM CALÍGRAFO	64
2.2.16 ELVIRA E OUTROS MISTÉRIOS	67
2.2.17 EUNICE E AS FLORES AMARELAS	71
2.2.18 OS DOIS MUNDOS DE JOÃO QUATORZE	77
2.2.19 REFLEXÕES DE UM ZERO	81
2.2.20 OS LÁBIOS DE ISaurinha	87
2.2.21 NOÊMIA E O ARCO-ÍRIS	95
2.2.22 CONFIDÊNCIAS DE NATAL	98
2.2.23 AS UNHAS	102
3. ESTUDO CRÍTICO	109
3.1 HIPÓTESE INTERPRETATIVA	110
3.2 TRAJETÓRIA	119
3.3 FORMA DE CONSTRUÇÃO	125

3.4 LINGUAGEM	140
3.5 O TEMA DO RELACIONAMENTO AMOROSO	146
3.5.1 A ARTE DE CONQUISTAR AS MULHERES	148
3.5.2 O CELIBATÁRIO	168
3.5.3 A ALIANÇA ROMPIDA	179
3.5.4 IMPEDIMENTOS DE OUTRA ORDEM	189
3.5.5 IMITAÇÕES DA REALIZAÇÃO AMOROSA	195
4. CONCLUSÃO	201
BIBLIOGRAFIA	207
ANEXOS	227

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma continuação de nossa pesquisa de mestrado sobre o contista mineiro Murilo Eugênio Rubião (1916-1991).¹ Basicamente, no mestrado, estudamos o autor sob três aspectos: 1) o percurso de sua obra, juntamente com sua recepção crítica; 2) o conceito do gênero fantástico, devido ao fato de Murilo ser considerado, pela crítica, o inaugurador do fantástico moderno na literatura brasileira; e 3) uma descrição de suas narrativas, a partir de um determinado conceito de fantástico.

Na ocasião da defesa de mestrado, os membros da banca foram unânimes em sugerir que continuássemos estudando o contista, por terem sentido a falta de um trabalho mais interpretativo. Isso porque a nossa interpretação propriamente dita da obra de Murilo foi apresentada apenas como hipótese, na conclusão do trabalho.

Assim, o objetivo desta tese é o de desenvolver e aprofundar a hipótese interpretativa apresentada durante o mestrado, a saber: a de que a concepção de mundo que está na base da obra muriliana é o agnosticismo do autor, ou seja, a de que o conflito central que se expressa através dessa obra é o questionamento filosófico sobre a existência ou não de Deus. A partir desse questionamento, gera-se o sentimento de absurdo, que tanto caracteriza os contos de Murilo. O fantástico, por sua vez, seria o recurso narrativo para se expressar o absurdo.

Essa questão já foi apontada por alguns críticos, dentre os quais se destaca José Paulo Paes (1990). E também é evidente que a obra muriliana estabelece um diálogo constante com o discurso religioso, uma vez que as referências ao texto bíblico aparecem de forma sistemática, através do uso das epígrafes. Além disso, no corpo das próprias narrativas, as referências bíblicas são inúmeras, como já foi longamente observado pela crítica.

Mas o caso é que a crítica não é unânime em destacar o agnosticismo como o princípio gerador do absurdo na obra de Murilo. Assim, o discurso religioso apareceria apenas como mais um dentre os vários discursos, retratados, na ficção muriliana, como detritos da cultura ocidental.

¹ (FURUZATO, 2002).

Não por acaso, Jorge Schwartz (1981), um dos principais críticos de Murilo, busca estabelecer um sentido para as epígrafes bíblicas, sem levar em conta o contexto original de onde elas foram retiradas, como se formassem um sistema narrativo independente desse contexto. Mas o mesmo SCHWARTZ (1981), em outro trecho do seu estudo, reconhece o diálogo que se estabelece entre a ficção muriliana e o texto cristão.

Não se trata, portanto, de apontar aqui uma questão completamente original na interpretação da obra do contista mineiro. Trata-se apenas de enfatizar um aspecto que, do nosso ponto de vista, é central para o sentido dessa obra, mas que nem sempre tem sido considerado como tal.

Por fim, supondo que se reconheça a relevância do agnosticismo como um aspecto essencial para a compreensão dos contos de Murilo, procuraremos relacionar o sentido desse agnosticismo – que, para PAES (1990), seria uma influência do existencialismo no Brasil – com o momento em que ele surge na história da literatura, a que se costuma chamar de terceira fase do modernismo ou ainda pós-modernismo. É este, portanto, o objetivo do nosso trabalho.

O caminho que escolhemos para argumentar a favor desta tese talvez não tenha sido o mais curto. Por outro lado, tem a vantagem de apresentar algo de novo, mesmo que não se concorde com a nossa interpretação. Isso porque, em primeiro lugar, organizamos uma edição dos textos esparsos de Murilo, ou seja, de seus trabalhos publicados em jornais e revistas, na década de 1940, e jamais incluídos em seus livros.

Em seguida, desenvolvemos um estudo desse material, comparando-o com o conjunto de textos mais conhecidos do autor, por considerarmos que os textos esparsos, sendo menos elaborados artisticamente, permitem visualizar com mais clareza os conflitos pessoais do escritor e, conseqüentemente, a concepção de mundo que está por trás de sua obra.

Menos trabalhados ficcionalmente, tais escritos acabam funcionando quase como textos confessionais. E, como veremos, além do agnosticismo, outro conflito pessoal que aparece de forma clara no conjunto desses textos é a questão do celibato ou da impossibilidade da realização amorosa.

Não por acaso, em 1982, o escritor apresenta, como parte de seu “Auto-retrato”, as seguintes características: “Celibatário e sem crença religiosa. Duas graves lacunas do meu

caráter. Alimento, contudo, sólida esperança de me converter ao catolicismo antes que a morte chegue” [grifos nossos] (RUBIÃO, 1949).²

E se, apenas pela qualidade artística, a edição desse material não chega a se justificar, a divulgação dos esparsos nos parece extremamente significativa, pelo que revelam a respeito do trabalho mais conhecido do autor: ao mesmo tempo em que o contista cria o seu próprio caminho na literatura brasileira, desenvolvendo-se artisticamente, ele faz com que seus conflitos e questionamentos pessoais se tornem mais representativos dos problemas vividos pelo homem contemporâneo.

Assim como Manuel Bandeira, em seu *Itinerário de Pasárgada*, declara ter aprendido muito com os maus poetas, os esparsos de Murilo – nitidamente inferiores a seus *Contos reunidos (1998)* – têm muito a nos ensinar. E damos aqui o primeiro passo.

Nosso estudo, portanto, é dividido em duas partes. A primeira é composta pela edição dos esparsos, precedida de uma apresentação e acompanhada de notas. Na segunda, comparamos os esparsos com os textos mais conhecidos de Murilo, procurando destacar em que medida os primeiros iluminam a obra muriliana já consagrada.

Esperamos, assim, contribuir para uma compreensão maior da ficção de nosso autor, seja acrescentando algo à interpretação de seus contos canônicos, seja iniciando a investigação sobre os seus trabalhos esparsos ou, pelo menos, facilitando o acesso a eles para futuros pesquisadores.

² O texto completo se encontra em nossos anexos.

2. HISTÓRIAS DO GRÃO MOGOL

2.1 APRESENTAÇÃO E CRITÉRIOS DE EDIÇÃO

Com o primeiro livro pronto em 1940, o contista mineiro Murilo Eugênio Rubião (1916-1991) ainda bateria à porta de diversas editoras até que, mais de meia década depois, a Editora Universal, do Rio de Janeiro, viesse a publicar *O ex-mágico* (1947). Durante esse longo percurso, o volume, inicialmente intitulado *Elvira e outros mistérios*, ainda seria batizado como *Girassol Vermelho*, *Os três nomes de Godofredo* e *O Dono do Arco-Íris*, até receber o nome definitivo.

Assim, à imagem e semelhança de suas criaturas, o livro de estréia de Murilo sofreria verdadeiras metamorfoses, com alguns contos substituídos, outros incessantemente reescritos e as epígrafes bíblicas sendo trocadas a cada nova tentativa de publicação.

Tudo isso é revelado, em 1949, em depoimento do próprio contista, ao também escritor José Condé:

Para publicar o livro atual, escrevi contos que, reunidos, encheriam cinco volumes. E a tarefa de reescrever? Acredito mesmo que nesse exercício, por mim aplicado com grande pertinácia, o melhor ficou de fora. Dessa época o que mais me entristece é ter sido obrigado a afastar do livro os contos do Grão Mogol, personagem pelo qual tive a maior estima (RUBIÃO, 1949).³

Não é difícil supor os motivos que levaram as editoras a recusar tantas vezes os primeiros trabalhos de Murilo, pois, se hoje o autor é uma referência obrigatória na trajetória do conto brasileiro, na época de seu surgimento, a ficção muriliana costumava gerar muita estranheza.

Foi o que observou, por exemplo, o crítico Sérgio Milliet (1947):

sua prosa é bem a de um desses sujeitos que moem o relógio do espectador dentro de um copo e, quando descobrem o recipiente, sai dele um pombo-correio com a carta da bem amada no bico. Acontece que o espectador não sabe o que fazer da carta, não entende e exige, prosaicamente, de volta, o seu relógio... (MILLIET, 1947).

³ (ver anexos).

E mesmo depois de várias décadas, tendo conquistado o amplo reconhecimento da crítica, a obra de Murilo continua oferecendo muita dificuldade de compreensão. Mas, voltando aos momentos iniciais de sua carreira, o depoimento a Condé também desperta a nossa curiosidade por outros motivos. Afinal, que contos seriam esses que “encheriam cinco volumes”? E o que seria esse “melhor”, que “ficou de fora”?

Vejamos, por exemplo, o comentário do próprio escritor, a respeito de seu personagem “Grão Mogol”, na seqüência do mesmo depoimento:

Era um bom velhinho que possuía enorme fortuna em diamantes e que alguns acreditavam ter quarenta mulheres e noventa anos; outros, ao contrário, acreditavam que ele tinha quarenta anos e noventa mulheres. Morador em lugar incerto, vivia a divertir-se com os homens, pregando-lhes peças, fruto de uma delicada capacidade de fazer mágicas. Melancolicamente superei os temas do Grão Mogol e talvez jamais consiga arranjar-lhe novos enredos (RUBIÃO, 1949).

De fato, abandonado no período anterior a *O ex-mágico (1947)*, o Grão Mogol não aparece em nenhum dos trinta e três contos atualmente reconhecidos como a “obra canônica” do autor.⁴ A declaração acima, porém, mais do que esclarecer algo sobre o personagem, acaba instigando ainda mais a nossa curiosidade.

E foi justamente essa curiosidade que, de início, impulsionou a presente pesquisa. Partindo do depoimento de Murilo, decidimos investigar o trabalho abandonado por ele, indo em busca desse “melhor” que “ficou de fora”.

A existência de tais textos abandonados se confirmava em outra declaração do escritor, mas a quantidade deles, bem como as demais informações que nos permitissem localizá-los, permanecia indefinida:

⁴ Chamamos aqui de “obra canônica” os trinta e três contos mais freqüentemente reconhecidos pela crítica e pelo público como a obra muriliana propriamente dita. Essas narrativas foram inicialmente reunidas num único volume pela Ática e posteriormente republicadas em três volumes, pela Companhia das Letras. Isso não implica em colocar em dúvida a autoria ou a autenticidade dos textos esparsos de Murilo. Com a escolha da expressão “canônica”, queremos apenas destacar o fato de que os esparsos se encontram fora da relação de contos selecionados pelo escritor e, conseqüentemente, fora da obra muriliana “consagrada” pela crítica e conhecida pelo público em geral. Como sinônimo de “obra canônica”, utilizaremos a expressão *Contos reunidos*.

Escrevi dois livros que não foram publicados por falta de editor: *Elvira e outros mistérios* e *O dono do arco-íris*. Eles, juntamente com *O ex-mágico*, foram recusados pelas editoras Guaíra, Vitória, O Cruzeiro, Globo, José Olympio e outras de que não me recordo mais (RUBIÃO, 1974).

Somente um, dentre os estudos críticos de fôlego, traria uma pista mais concreta: na bibliografia do trabalho pioneiro de SCHWARTZ (1981), o segundo item das referências bibliográficas consiste em uma lista de “Contos publicados em jornais e revistas”.

Essa lista, além de enumerar edições anteriores de histórias que viriam a consagrar o contista – como “O ex-mágico da Taberna Minhota”, “O pirotécnico Zacarias”, “Os dragões”, etc. –, revela-nos uma porção de títulos desconhecidos, como: “Eu, o Grão-Mogol e os mandarins”, “A filosofia do Grão-Mogol”, “Elvira e outros mistérios”, “Noêmia e o arco-íris”, dentre outros, indicando que o material não estava irremediavelmente perdido.

Isso porque, embora não publicados em livros, os trabalhos descartados por Murilo, durante a metamorfose sofrida pelo seu primeiro volume, encontravam-se esparsos.⁵ O desafio, portanto, seria encontrar os jornais e revistas enumerados na bibliografia de Schwartz, pois a maioria datava da década de 1940.

Depois de uma visita pouco produtiva à Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, fomos à procura desses trabalhos no Acervo dos Escritores Mineiros, da UFMG. Em nossa primeira visita, em 2001, encontramos apenas uma parte desses textos, mas não chegamos a nos deter sobre eles, uma vez que, além de o conjunto estar bastante incompleto, ainda restava muito a fazer em nosso mestrado sobre a obra canônica do autor.

Já no doutorado, o momento tornou-se oportuno para voltarmos aos esparsos, pois um estudo sobre esse material ajudaria a nossa compreensão sobre o próprio processo de formação do contista. Afinal, ao descartar alguns trabalhos e eleger outros, Murilo estaria definindo as características relevantes da sua obra.

Felizmente uma nova visita ao Acervo dos Escritores Mineiros, no início de 2006, permitiu que, não só completássemos a lista dos trabalhos citados por SCHWARTZ (1981), mas ainda encontrássemos outros títulos não mencionados pelo pesquisador, como é o caso

⁵ A única exceção é “Eunice e as flores amarelas”, trabalho também publicado em livro, conforme comentaremos adiante.

de “As primeiras ilusões de 1941”, “Inácia não era um chuchu”, “Os foguetes virão depois”, dentre outros.

Encontramos, além disso, um documento que parecia feito justamente para atender aos nossos propósitos de então: um Trabalho de Conclusão de Curso de Biblioteconomia, que organizava os dados bibliográficos referentes a Murilo.

Ora, como o contista só tivesse três livros publicados, na época da realização do TCC de Ângela Oliveira (1968), era de se esperar que todos os seus trabalhos esparsos estivessem listados com precisão. De fato, lá estavam todos os títulos não mencionados por SCHWARTZ (1981), dentre outros encontrados em nossa visita ao Acervo.

Ocorre, porém, que OLIVEIRA (1968) divide os esparsos de Murilo em dois grupos: “Contos” e “Outras publicações”. Dentre os textos do segundo grupo, há poemas, artigos de crítica e outros trabalhos cuja classificação quanto ao gênero é, no mínimo, incerta. Alguns deles, inclusive, até poderiam ser considerados contos. É o caso, por exemplo, de “Carta a Lúcia”, que, apesar do título, possui um caráter narrativo e visivelmente ficcional.

Não se trata aqui de condenar as opções de OLIVEIRA (1968). Pelo contrário, reconhecemos a incontestável utilidade acadêmica de sua pesquisa. E é claro que uma discussão sobre os gêneros literários fugiria aos propósitos de um TCC de Biblioteconomia.

Também a nós não interessa levar muito adiante essa discussão teórica, na tentativa de propor uma classificação exata para cada um dos textos esparsos de Murilo. Pois, como diria Mário de Andrade, “sempre será conto aquilo que seu autor batizou com o nome de conto” (ANDRADE, 2002, p.?).

Mas a questão é que, optando por trabalhar com os contos esparsos de Murilo Rubião, não poderíamos simplesmente ignorar suas “Outras publicações”, excluindo-as por completo desta pesquisa, uma vez que a delimitação entre os gêneros é incerta.

Sendo assim, decidimos recolher todos os esparsos do autor, para só então selecionar aqueles que tivessem uma relação mais direta com sua obra canônica. Em seguida, organizamos a edição somente com os textos em prosa, predominantemente narrativos e ficcionais – critério que, embora não seja exato, parece-nos satisfatório, por delimitar um conjunto de trabalhos cuja relação com a obra muriliana canônica é mais direta.⁶

⁶ Os demais textos esparsos são apresentados em anexo.

Estabelecido o critério, fizemos uma última visita ao Acervo da UFMG, em janeiro de 2007, para coletar os itens restantes do segundo grupo de títulos citados por OLIVEIRA (1968). Assim, com uma segurança maior de que o conjunto esteja completo para ser trazido ao público acadêmico, divulgamos aqui os resultados do nosso trabalho.

Os textos reunidos na edição foram batizados de *Histórias do Grão Mogol*, por considerarmos que o escritor se sentiria homenageado com o nome, pois, além da estima que ele nutria pelo personagem, o “bom velhinho” aparece em cinco dessas narrativas, superando o próprio Murilo, que, embora também figure como personagem, é nomeado em apenas dois desses textos.

Embora discordemos da opinião de Murilo de que, no processo de seleção dos seus textos para publicação de *O ex-mágico*, o “melhor ficou de fora”, consideramos o material aqui apresentado de grande interesse para todos que apreciam a obra deste contista tão singular e desejam conhecê-la melhor.

As *Histórias do Grão Mogol* são vinte e três narrativas de Murilo Rubião, de ficção em prosa, que não fazem parte de sua “obra canônica” – entendendo, como “obra canônica”, os trinta e três contos do autor publicados pelas editoras comerciais de grande porte e conseqüentemente mais conhecidos pela crítica e pelo público em geral.

Em outras palavras, as *Histórias do Grão Mogol* são textos esparsos, isto é, veiculados em jornais e revistas do país e jamais republicados em livro, com exceção de “Eunice e as flores amarelas”, conto anexado, em 1995, ao estudo sobre as cartas entre Mário de Andrade e o “pirotécnico aprendiz”.⁷

Apesar de já veiculado em livro, o conto “Eunice e as flores amarelas” faz parte da presente edição, por ter sido descartado por Murilo no processo de seleção de seus trabalhos para *O ex-mágico*, não sendo jamais incluído em nenhum dos volumes posteriores do escritor.

Como sabemos, Murilo é essencialmente um contista. Mas, dentre os seus esparsos, também encontramos poemas, artigos de crítica literária, crônicas e outros trabalhos cuja classificação quanto ao gênero é um pouco incerta. Essa heterogeneidade do conjunto é, sem dúvida, bastante interessante, pois dá a medida do quanto o escritor caminhou em seu processo de formação, até se afirmar como contista.

⁷ (MORAES, 1985).

No entanto, devido à necessidade de delimitar o nosso objeto de estudo, optamos, de início, por não trabalhar com: 1) poemas: “Ausência” e “Poema”; 2) artigos de crítica literária: “Fernando Tavares Sabino”, “Mário de Andrade, Minas e os mineiros”; e 3) textos auto-referenciais: “Os arquivos implacáveis – confissões” e “Auto-retrato de Murilo Rubião”.

Dentre os demais esparsos, descartamos primeiramente o material que não é predominantemente narrativo: “Belo Horizonte – trailer”, “A minha Praça da Liberdade” e “Roteiro lírico de Belo Horizonte”.

Restando então as narrativas em prosa, observamos que algumas são mais datadas do que as outras, ou seja, têm o seu sentido mais limitado ao contexto de publicação do que as demais. É o caso de: “Cordisburgo – trailer”, “Ladrões mineiros”, “Lirismo de fim de semana” e “Olhos d’Água – trailer”. Devido ao fato de fazerem referência a episódios reais e pouco relevantes para o trabalho ficcional do contista, esses textos também foram excluídos de nossa edição.

Assim, as *Histórias do Grão Mogol* podem ser definidas como trabalhos esparsos em prosa de Murilo Rubião, de caráter predominantemente narrativo e ficcional. O material esperso que foge ao critério estabelecido segue anexado a este estudo.

Da lista de “Contos” enumerados por OLIVEIRA (1968), trabalhamos com todos aqueles que não fazem parte da obra muriliana canônica. Mas cabe observar que alguns títulos pouco conhecidos da lista são versões anteriores de contos canônicos e, portanto, não foram selecionados para a presente edição. É o que ocorre com “Cobra de vidro”, “A estrela” e “Juparassu”, respectivamente renomeados como: “A flor de vidro”, “Bruma (A estrela vermelha)” e “A noiva da Casa Azul”.⁸

Caso parecido se dá com “Mariazinha não voltou” que, em versões posteriores, recebe o nome de “Confidências de Natal”. A diferença é que, ao contrário dos três contos acima, esse nunca foi incorporado à obra canônica. Sendo assim, incluímos, nas *Histórias do Grão Mogol*, a última versão do texto em questão, com o seu título correspondente.

⁸ O motivo para não incluirmos as versões anteriores dos contos canônicos se deve ao fato de que um estudo genético, que investigasse o percurso de cada texto, seria, no caso de Murilo, uma pesquisa tão extensa quanto a que nos propomos a desenvolver aqui, pois o escritor reescrevia seus contos incessantemente a cada nova publicação.

Da lista de trabalhos denominados, por OLIVEIRA (1968), de “Outras publicações”, selecionamos três: “As primeiras ilusões de 1941”, uma das narrativas com o personagem Grão Mogol; “A arte de conquistar as mulheres”, pela relevância do tema, que, mesmo às avessas, ocupa posição central na obra muriliana; e “Carta a Lúcia”, devido ao seu caráter visivelmente ficcional.

Desse modo, voltamos nossa atenção sobre o material esparsos que possui uma relação mais direta com a formação do contista. São textos que revelam o escritor experimentando variados recursos e assuntos ficcionais, alguns deles elaborados de outro modo nos contos canônicos.

Como sabemos, um dos traços marcantes da obra muriliana é a unidade temática e formal, característica observada por Álvaro Lins (1948), desde o lançamento de *O ex-mágico* (1947):

Bem raro o livro de contos em que todas as peças sejam convergentes, ligadas no final, por efeito de uma concepção uniforme do autor, que signifique ao mesmo tempo certa maneira única de tratar os seus temas como a forma de construção lançada sempre com as mesmas bases. Esta é sem dúvida a primeira qualidade de *O ex-mágico*, livro de contos do Sr. Murilo Rubião, escritor mineiro (LINS, 1948).

Mas essa observação, reforçada diversas vezes por outros críticos em diferentes momentos da carreira do escritor, embora válida para a obra muriliana canônica, não serve tanto para definir o seu conjunto de textos esparsos. Isso porque, como dissemos, trata-se do período de formação do contista, fase em que ele experimenta mais livremente, para, aos poucos, ir definindo melhor o que será relevante em sua ficção.

Sobre a data de publicação das *Histórias do Grão Mogol*, todas elas, com exceção de “As unhas”, vieram a público entre os anos de 1940 e 1945, ou seja, pouco antes da estréia de Murilo em livro.

“As unhas”, por sua vez, conto produzido em 1950, permaneceu inédito até a publicação póstuma, em 1994, com estabelecimento de texto de Vera Lúcia Andrade e Ana Cristina Pimenta da Costa Val. Mas, apesar de o seu contexto de produção o distanciar um pouco dos demais, esse trabalho também acaba sendo significativo para os nossos

propósitos, ao revelar um escritor muito mais próximo do Murilo Rubião canônico, trazendo novos dados sobre a sua trajetória.

Todos os documentos foram fotografados no Acervo dos Escritores Mineiros, da UFMG, a quem prestamos os nossos sinceros agradecimentos.⁹

Para o estabelecimento dos textos, partimos sempre da última publicação disponível, atualizando a versão conforme as normas ortográficas vigentes e cotejando-a com outras versões, quando necessário.

As correções foram feitas em dois casos: quando se tratava de um erro evidente de digitação ou edição; e quando o próprio autor indicava uma intenção de mudança, através de uma anotação sobre a versão utilizada.

É importante observar aqui que os documentos fotografados no Acervo da UFMG foram inicialmente arquivados pelo próprio escritor, pois ele possuía o hábito de colecionar recortes de jornais e revistas que tratassem de algo relacionado à sua pessoa. E, no caso dos textos de sua autoria, os documentos costumam trazer anotações suas, feitas a mão, indicando uma intenção de mudança para uma possível futura publicação.

Sendo assim, incorporamos essas mudanças indicadas por Murilo, além de corrigir os erros evidentes de digitação. E, tanto num caso quanto no outro, a correção é indicada em nota de rodapé, de modo a tornar possível também a visualização da forma anterior.

Adotamos os critérios acima, para que o texto estabelecido se aproximasse o máximo possível da última versão imaginada pelo escritor. Isso porque, conforme veremos, sua reescrita incessante costuma levar a um texto mais característico do estilo muriliano canônico. Procuramos, deste modo, estabelecer aquilo que seria a melhor versão possível, do ponto de vista do próprio autor, em seu processo de formação.

Algumas notas foram acrescentadas, nos casos em que sentimos a necessidade de buscar informações extras, para a melhor compreensão das narrativas ou das análises posteriores.

Outra observação se faz necessária, com relação à forma, sobre o modo de representação do discurso direto. Enquanto nos textos canônicos os diálogos são sempre

⁹ No Acervo de Murilo Rubião, foram consultados: “Arquivo 01 – gaveta01, pasta 10” e “Arquivo 02 – gaveta 03, pasta 19”. Durante nossas visitas, o material disponível estava em processo de organização, sob o comando da bibliotecária Vânia Matos de Souza. No período de conclusão desta pesquisa, o sumário com todos os documentos do acervo já se encontra disponível na Internet: http://www.ufmg.br/aem/Inventario_murilo/sumario_murilo.htm (acessado em 30 dez. 2008).

curtos e o discurso direto é sempre representado do mesmo modo – com o uso de dois pontos, parágrafo e travessão –, as *Histórias do Grão Mogol* não seguem um padrão muito claro.

Embora essa falta de padronização prejudique, de certo modo, a qualidade dos trabalhos, mantivemo-nos fiéis às escolhas do autor: em primeiro lugar, porque, em alguns casos, as mudanças iriam muito além de uma mera revisão, ultrapassando os limites que cabem ao estabelecimento de um texto; em segundo, porque a própria falta de padronização não deixa de ser outro dado relevante sobre a formação do estilo muriliano.

Assim, nosso trabalho não chega a ser uma edição crítica, pois não se trata de “tomar vários textos disponíveis da mesma obra e procurar compor um texto melhor, com as lições mais recomendáveis” (CANDIDO, 2005, p.49). Isso porque, na maior parte das vinte e três *Histórias do Grão Mogol*, há apenas uma versão publicada.

Nos quatro casos em que isso não ocorre, para “chegar o mais perto possível da vontade do autor”, finalidade almejada pela edição crítica (CANDIDO, 2005, p.50-51), basta escolher a última versão, incorporando ao texto as anotações feitas pelo próprio Murilo.

Feitas essas observações, vamos enfim às narrativas esparsas de Murilo, apresentadas aqui em ordem cronológica, de acordo com a data da última publicação de cada texto, por ser essa a seqüência que, a nosso ver, melhor possibilita a visualização da trajetória inicial do contista.

E ainda que, segundo as palavras do próprio autor, as *Histórias do Grão Mogol* tenham sido superadas por ele – ou melhor, principalmente por isso –, essas narrativas representam, a nosso ver, um material de grande relevância para os estudos sobre o contista mineiro.

HISTÓRIAS DO GRÃO-MOGOL

- 01 – O OUTRO JOSÉ HONÓRIO
- 02 – MARGARIDA E OUTRAS RETICÊNCIAS
- 03 – O MUNDO TEM DUAS FACES
- 04 – AS PRIMEIRAS ILUSÕES DE 1941
- 05 – PROCURA-SE UM FARAÓ
- 06 – MARIA, DA FAMÍLIA DOS MONSTROS...
- 07 – A FILOSOFIA DO GRÃO MOGOL
- 08 – EU, O GRÃO-MOGOL E OS MANDARINS
- 09 – O MUNDO TERMINA NA RUA DAS MAGNÓLIAS
- 10 – INÁCIA NÃO ERA UM CHUCHU
- 11 – OG E OS DOIS OLHOS DE AMELINHA
- 12 – A ARTE DE CONQUISTAR AS MULHERES
- 13 – CARTA A LÚCIA
- 14 – OS FOGUETES VIRÃO DEPOIS
- 15 – MEMÓRIAS DE UM CALÍGRAFO
- 16 – ELVIRA E OUTROS MISTÉRIOS
- 17 – EUNICE E AS FLORES AMARELAS
- 18 – OS DOIS MUNDOS DE JOÃO QUATORZE
- 19 – REFLEXÕES DE UM ZERO
- 20 – OS LÁBIOS DE ISaurinha
- 21 – NOÊMIA E O ARCO-ÍRIS
- 22 – CONFIDÊNCIAS DE NATAL
- 23 – AS UNHAS

01 - O OUTRO JOSÉ HONÓRIO¹⁰

Ora, o meu amigo Zé Honório também tem uma história...

- Conta a sua história, Zé Honório.

- Não. Não quero história de fadas. Você sabe que eu não tolero a fantasia.

(São tantas as crianças que lhe pedem uma história, que ele ia começando a sua “por um castelo, onde morava um príncipe”. Tão lírico o meu amigo Zé Honório!)

- Começa de novo: (As crianças estão gritando tanto! E o coitado nem se incomoda com os rapazinhos que não mais acreditam em duendes e príncipes encantados e lhe chamam “idiota”, “velho besta”, “Zé Bode”, “Zé Louco”. No entanto ele não é nada disso. Se acredita no que conta, há outros que acreditam em idéias, filosofias, doutrinas, amor, mulheres...)

- Ah! Joan Crawford? Como vocês amaram? Eu pensei que ela morasse em Hollywood... deve ter-se mudado...

E ele desfia uma história longa e complicada. Tudo muito louco, mas possível.

Agora tornou a cair no “príncipe encantado”. A sua figura magra, o seu olhar incerto, já desapareceram. Ficou apenas o herói, na sua difícil tarefa de salvar a princesa.

- Mas Zé Honório, não havia auto-ônibus naquela época!

Ele coça a cabeça, dá uma cusparada e continua. O espaço e o tempo já se confundiram na sua imaginação. Enquanto as crianças da vizinhança, rodeando-nos, acompanham ansiosas a morte do dragão. (Ainda não compreenderam que o príncipe sempre vence).

A história já não me interessa. Porque a moça do “chalet” da frente chegou à janela e me olha séria, como se não flertasse comigo. Mas sei que ela é assim mesmo¹¹. Há um mês que mora no “chalet” e sou o único homem desta rua que ela gosta de olhar. É certo que os seus olhos, um tanto vagos, me incomodam e que eu preferia um olhar sorridente. Mas sei que a sua fisionomia foi sempre triste e desencantada assim.

¹⁰ *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, maio 1940.

¹¹ No original: “assim mesma”.

Todo o dia me ponho a arranjar uma história para a moça triste e fico pensando por que prefere os meus quarenta anos aos rapazes novos da rua. Tão interessado estou em arquitetar a sua história, que não sei o seu nome e nada sei de sua vida.

(Naturalmente ela sofreu muito na meninice. O seu pai, aquele homem severo, de preto, cara também triste, a maltratou muito. A sua fisionomia não me engana, é de homem mau. A coitadinha perdeu a mãe cedo, não conheceu os encantos e a compreensão de um afago materno. Nunca encontrou um homem que a amasse. Morou em muitas cidades, sempre triste e à espera do amado que nunca vinha. E aquele pai monstro. Ele já era ruim, antes da morte da esposa. Depois, quando esta morreu, ficou pior ainda. Quem sabe não a matou num acesso de ciúmes? Porque ela devia ser tão linda quanto a filha!)

Parei nas minhas conjecturas, porque vi entrar no jardim do “chalet”, um homem circunspecto, de óculos. Todas as tardes aparece infalivelmente, a esta hora, com a mesma solenidade de sempre. E a menina triste, vendo-o, sai da janela. Quando ele vai embora, ela torna ao seu lugar e continua a me olhar com a mesma expressão séria e vaga de antes.

José Honório começou uma nova história. Desta vez ele é o dono do mundo.

Eu o interrompo para perguntar – como acontece todos os dias – quem é o atual presidente da república e se são os aliados que vencem a guerra. Como nunca espera por essa pergunta, ele se atrapalha um pouco e diz que é o falecido Pedro II e que a guerra será ganha “pelos homens de boa intenção, que pensam na justiça e no bem das criancinhas”. Como é lírico e feliz o meu amigo Zé Honório!

Não. Hoje eu venço a minha timidez e pergunto ao homem de óculos quem é a minha melancólica vizinha.

- Louca? Não pode ser. (A minha alma está em frangalhos). O homem circunspecto e solene, que se diz médico¹², disse que a moça triste todos os dias pergunta a ele se eu sou o “dono da cidade”.

- Zé Honório, conta uma história de fadas...

- Não. Não quero a sua história... Eu não acredito em histórias verdadeiras.

- Mas naquele tempo não existiam trens de ferro, Zé Honório!

- Ah! Sim. Foi então uma maldade da bruxa. Eu bem sabia que o trem de ferro só podia ser uma maldade de bruxa.

¹² Inserido pelo autor: “que se diz médico”.

- Uma bruxa também, Zé Honório, inventou um médico. Você não sabe o que é um médico. É um homem mau que sempre revela à gente coisas que não queremos saber.

- Também eu amei e fui amado por uma princesa. Mas a minha história é diferente das suas. Eu sou o dono da cidade, e no entanto, não posso casar com a minha princesa. Porque existem médicos, Zé Honório!...

Ele não se importa com a minha história nem se incomoda com as lágrimas de meus olhos. Espera que eu acabe, para começar tranquilamente com os casamentos de seus heróis.

Como você é lírico e feliz, meu amigo Zé Honório!

02 - MARGARIDA E OUTRAS RETICÊNCIAS¹³

Da janela de sua casa, Margarida contempla timidamente a rua entristecida pelo crepúsculo que vem descendo sobre as casas.

Os seus olhos grandes e assustados, num rostinho quase ingênuo, onde as tranças dão um ar de colegial, procuram alguém que já devia ter passado pelo passeio de sua casa.

Odorico está tardando. Todas as tardes, quando batem cinco horas no relógio da igreja, a sua figura desajeitada aparece na esquina.

Margarida faz suposições sobre o atraso do seu tímido enamorado, enquanto na rua das Magnólias, àquela hora transformada em um vasto campo de futebol, a meninada discute com ardor a validade de um “goal” duvidoso.

Somente o moleque Desidério, sentado na calçada, não se interessa pela discussão, esperando que os dois bandos entrem em acordo para que seja reiniciada a partida.

Coisa estranha: ele, que todos os dias chefia as arruaças, está hoje melancólico. Olha, desolado, para as lâmpadas dos postes, cinco “bodocadas” e não quebrou nenhuma! E agora o 106, plantado numa esquina, na sua solenidade de guardião da ordem pública, é um respeitável estorvo para o seu esporte predileto. Mas amanhã (Desidério promete a si mesmo), quando o guarda chegar, não encontrará uma lâmpada sequer, nos postes...

A partida recomeçou. O ponto valeu. Mas o semblante de Margarida continua pensativo.

Há uma sedução envolvente na tarde e na paisagem, para os que têm alguma coisa a recordar no passado.

Mas o passado de Margarida é confuso e tedioso. Ela não compreende porque é obrigada a seguir um destino que não escolheu. Em nada de sua vida encontra explicação. Mesmo a razão por que se entregara ao João Carniceiro, nunca lhe fora desvendada. Continuava passando de mão em mão, sem saber para onde era levada. E a sua timidez não permitia mais do que uma leve esperança num amor que estava custando a chegar.

Todos os homens – de poucos lembrava o semblante – que passaram por sua casa, deixaram apenas o carinho de um momento. Quando deixavam... Muitos prometiam voltar. Mas estes ela tinha certeza que nunca voltariam. Nunca se volta a um credor.

¹³ *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, jun. 1940.

Às vezes Margarida pensava em uma outra rua da cidade, onde as mulheres vestiam roupas bonitas e custosas. Onde, em certas casas grandes, havia música e bebidas. Tudo isso ouvira dizer repetidas vezes, mas a vontade de ir para lá ficava apenas num sonho que ela mesma sabia irrealizável. Como poderia ir? Depois, talvez não existisse aquela rua. Contavam-lhe tantas mentiras!

Os seus olhos pousaram novamente na esquina. Odorico, já estava lá, sobraçando as suas ferramentas de jardineiro.

Há dois meses tinha por hábito ficar espiando para a sua casa por algum tempo, sem que, todavia, nela entrasse.

Margarida, todos os dias, esperava que ele se enchesse de coragem e se aproximasse dela. Mas era tão tímido! Ou, quem sabe, pensava que ela fosse outra coisa?

Os seus olhos se iluminaram de repente, sentiu um tremor no corpo, um receio ainda não experimentado. Odorico caminhava em direção à sua janela.

Aproximou-se sem jeito, trêmulo, os olhos inquietos, entrou no jardim, olhou para todos os lados e lhe lançou um cumprimento embaraçado.

Ela também ficou constrangida, pôs a mão no peito para comprimir o coração que disparara inexplicavelmente.

Odorico olhava para Margarida, para o jardim, para os pés, torcia as mãos e, por mais que quisesse, não conseguia articular uma frase.

Margarida quis ajudá-lo, mas não lhe foi possível expressar nada que fosse conveniente ao momento. Deixou-se ficar quieta, querendo convidá-lo para entrar, desejando sair daquele constrangimento que a oprimia.

Com muito custo, ele conseguiu dizer uma frase, que saiu arrastada dos seus lábios secos.

- O seu jardim... d. Margarida... está... está... mal cuidado... Deixa que eu... que eu... trate dele?

Sentiu-se ridículo, quis que o mundo desabasse sobre a sua cabeça e foi embora cheio de angústia. Ia com a certeza de que nunca mais teria coragem de passar por aquela rua.

Margarida acompanhou-o de longe, com os olhos. Uma lágrima medrosa desceu pela face, avermelhada pelo crepúsculo. Compreendera, enfim, que Odorico era mais um

pedaço daquele seu sonho irrealizável de morar um dia “em certa rua da cidade¹⁴, onde as mulheres vestiam roupas bonitas e custosas”...

A partida de futebol fora novamente interrompida. Mas desta vez ela não seria novamente reiniciada. Porque ao fim da discussão, a noite já teria caído sobre a feliz e pacata rua das Magnólias...

¹⁴ No original: “em certa rua cidade”.

03 - O MUNDO TEM DUAS FACES¹⁵

I

Começara esquecendo as datas, fugindo aos fatigantes calendários de paredes. Depois quebrara o relógio, quase propositadamente.

E por pouco conseguia o equilíbrio perfeito que tanto ambicionava. Pois os dias e as horas começaram a passar despercebidas ante os seus olhos distraídos e vagos, enquanto os outros homens tentavam, desesperados, segurar o tempo a escoar inexoravelmente.

II

Atendia por Agamênon, sem que ninguém soubesse o seu nome de batismo ou se interessasse em saber.

Encerrara a sua história no tédio de uma casa de subúrbio, onde outros trapos humanos tinham anseios iguais aos do resto da humanidade.

Porém não encontrava encanto algum na tragédia. O que lhe permitia ver, todos os dias, sem piedade ou rancor, subindo a ladeira, criancinhas magras e esfarrapadas, mastigando pedaços de duros pães, dados a elas pela caridade do próximo.

Nunca acudiu ao seu pensamento a estranheza daquelas crianças não possuírem pães e ainda existir caridade nos subúrbios.

Talvez apenas porque uma mulher, um dia, lhe prometera esperar num lugarejo distante de Minas e se casara com um velho de setenta anos e várias propriedades.

III

Do compromisso não cumprido adquirira uma resignada ojeriza pelas datas. Somente por ter aguardado, com ansiedade, a ocasião em que voltaria para a sua terra natal empunhando o solene canudo de bacharel.

Como compensação sobrou-lhe o consolo de não ter sido preciso concluir o curso

¹⁵ *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, jul. 1940.

de direito, já que Madalena compreendia a inutilidade de um esposo sem rendas.

Também era certo que praguejara ao saber a notícia. Não tanto pela mulher perdida ou pelo amor próprio maltratado, mas devido ao tempo gasto decorando frases latinas.

IV

Agora as suas recordações atingiam a uma distância demasiado curta. Não pensava com alegria ou tristeza em Madalena, que sabia exhibir a sua decadência numa pensão quase alegre da Lapa.

Deixava-se ficar, cigarro ao canto da boca, olhando da janela de sua casa o pobre e inútil cenário da rua, enquanto os dias se transformavam em tardes e noites.

Às vezes pensava em seu cachorro, estirado na sala de visitas, a morrer de velhice. E se pudesse sofrer, teria sofrido vendo a desdita daquele esquisito animal que fugia a todos os princípios de inferioridade da sua nobre raça. Nunca lhe fora reconhecido. Pelo contrário. Aos carinhos de suas mãos, respondera sempre com ferozes dentadas.

Agamênon admirava profundamente a compreensão exata que ele tinha dos homens e da vida. Aquela faculdade superior de odiar os que lhe faziam o bem e de não amar os que lhe faziam sofrer. Principalmente esta última.

Era por isso que chegava a temer a perda do cão, que há 15 anos, como um exemplo vivo, mostrava-lhe um caminho seguro para as suas relações com o mundo.

Ignorava, por outro lado, ser a sua indiferença ao sofrimento e ao amor dos homens, nada mais do que um ódio surdo a toda humanidade.

Razão por que pensava ter, no seu desequilíbrio, atingido o equilíbrio perfeito, passando a um estado superior, de onde podia ver o mundo sem desejos de condenar ou perdoar.

VI

Mas naquela noite começava a sentir prenúncios de grave intranquilidade de espírito.

Inadvertidamente a sua criada pregara na cozinha uma “folhinha”. E por um revoltante acaso, ao encontrarem os seus olhos, na parede, o “um” vermelho de calendário,

não conseguiu fugir ao pensamento de que sua mãe pudesse ter sofrido, há quarenta e cinco anos atrás, com o seu nascimento.

O medo de pensar que ela poderia ter sofrido ainda mais nos anos que vieram depois, principalmente nos últimos quinze em que não sabia nenhuma notícia dele, fez com que Agamênon procurasse a rua, buscasse um bonde.

VII

Ao se encontrar em frente à pensão de Madalena – e vendo pelo sorriso comercial que lhe dirigia, não ser reconhecido por ela, quis revoltar-se contra a coincidência. Mas inexplicavelmente já estava possuído por um dilema.

Entre o ódio de humilhá-la com o seu dinheiro e o desprezo por aquela cara empastada de vícios e rugas, um pensamento doloroso apossou-se de Agamênon. A sua mãe também poderia ter chegado àquele extremo se tivesse preferido um velho de setenta anos a um provável bacharel.

E o horror de pensar ser a dignidade de sua mãe um mero acaso, fez vê-la em todos os rostos empastados de tintas e pomadas, em todos os olhos cansados que foi encontrando¹⁶ pelo caminho.

VIII

Uma chuva tênue e monótona caía sobre a sua cabeça descoberta. Nos seus olhos, fitos num rosto enorme, cobertos de tintas e rugas, a encher toda a noite, mudamente refletiam indecisas estrelas, bailando no céu.

IX

Quando os seus passos o levaram novamente à sua casa e viu, sob o sol que começava a furar a madrugada, as criancinhas magras e esfarrapadas descendo a ladeira para a busca diária de pedaços de pães, lágrimas grossas desceram pela sua face.

¹⁶ No original: “encontrado”.

Sentiu que não poderia evitar a miséria daqueles fragmentos de seres humanos, onde a fome seria o menor dos males, quando, em vez de pão, procurassem amar uns aos outros.

Então haveriam de sentir o martírio das horas em que o amor os levaria a odiar o objeto amado e a tragédia do tempo, a fugir rapidamente, fazendo-os amar com delírio a existência com todas as suas torturas e misérias.

X

Agamênon voltara ao mundo. Em seu coração a vida tinha perdido todo o sentido lógico que em vão lhe tentara dar.

Compreendera afinal que não passava de uma repetição. Uma repetição da vida dentro da própria vida.

E a angústia de sentir nos olhos as lágrimas de todos os homens, fez com que curvasse a cabeça e buscasse no passado a sua meninice, envolvida por um olhar carinhoso, a explicar a origem de seus males, a origem de seu ilimitado amor pela existência.

04 - AS PRIMEIRAS ILUSÕES DE 1941¹⁷

1

Deixe de ser teimoso! Nada de mágicas por cima de mim! Esse negócio de novo ano não me ilude não. Acordei tarde, não fui à missa, não tomei banho, não levantei com o pé direito. E já sei de tudo que me vai acontecer nesse ano que estamos começando: - escovar dentes, tomar banho, conversar nos cafés da Avenida, almoçar, trabalhar, jantar, trabalhar. Por cima disso tudo dívidas, amolações, as mulheres bonitas não olhando nunca para mim e os amigos da “onça” me admirando cada vez mais.

Todavia nem por isso serei mais triste ou mais alegre. Já cheguei a uma idade em que se aceita tudo, até as mulheres feias e os camaradas que conversam duas horas com a gente para depois pedir duzentos réis para o bonde.

2

Apesar do meu pessimismo fui para a Avenida na véspera do Ano Bom. Esperei calmamente que a meia-noite¹⁸ soasse. Olhei para todas as pequenas bonitas que passavam, não me importando que elas nem reparassem na minha presença.

A certa hora tive vontade de apelar para o Grão Mogol¹⁹.

Não sei se os meus leitores o conhecem. Mas desde já fiquem sabendo, para seu governo, que nada no mundo se resolve sem que ele dê o seu parecer. Que, aliás, são os piores do mundo.

¹⁷ *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, fev. 1941.

¹⁸ No original: “meia noite”.

¹⁹ Grão Mogol é o nome de uma cidade no Norte de Minas Gerais, cuja origem está relacionada com a descoberta de diamantes, no final do século XVIII. A escolha desse nome provavelmente se deu pela associação com a opulência da dinastia mogol, linhagem de soberanos muçulmanos indianos que governou a Índia entre os anos de 1526 e 1858. O personagem de Murilo, por sua vez, apresenta uma série de traços caricatos, como a poligamia – que, de fato, existia na cultura mogol – e a riqueza material extraordinária. Em outros contos, inclusive, o personagem aparece associado à cultura chinesa (cf. “A mosca azul”, de Machado de Assis, em que aparece a expressão “um brilhante do Grão Mogol” e a mosca, cujas asas são de “ouro e granada” é uma “filha da China ou do Indústão”).

Em todo o caso ele é um cidadão que mora (uns dizem que nas nuvens; outros, que debaixo da terra) numa cidade qualquer do mundo, possui uma grande fortuna em diamantes, noventa anos e quarenta mulheres.

De qualquer maneira, convém que estejamos sempre de olho nele, a fim de fugirmos às suas desconcertantes artimanhas.

Se, por exemplo, caro leitor, a loteria lhe der a sorte grande, deve procurar saber imediatamente se ela não lhe foi dada por influência dele. Se foi, é de sábia política, que você dê esse dinheiro aos pobres ou a mim (que é a mesma coisa). Porque, em caso contrário, ele lhe trará uma “pitimba” daquelas.

3

Mal eu acabava de pensar no famigerado Grão Mogol, quando ele chegou devagarzinho e bateu nas minhas costas. Não pude, vendo as suas barbas brancas e as suas mãos cheias de anéis, conter a minha surpresa. E gritei bem perto de suas barbas venerandas: - Ora, bolas! Que hoje até o Grão Mogol está contra mim! Só faltava essa!...

Ele não se incomodou com a minha hostilidade e me perguntou baixinho: - “O que lhe deu Papai Noel?”²⁰

- Ora, seu Mogol! Então você pensa que eu sou do tempo em que se acreditava em Papai Noel? Veja se não me confunda!

Ao que ele replicou de mansinho, com uma voz muito terna: - “Você não acredita na vida? Quer maior mentira?”²¹

- “Vá lá”, seu Mogol. Confesso que pedi muito, que pedi durante o ano inteiro. E ganhei alguma coisa? Desilusões, sr. Mogol. Desilusões!...

- Faltou-lhe fé, meu filho. Você pediu cousas impossíveis, pediu demais. Faz agora um pedido só, que tenho certeza que ele atenderá.

- “Tá bem”, velho Mogol. Eu quero “Ela”.

- Ela, quem?

- Pílulas! ELA! Ela, simplesmente.

²⁰ No original, as aspas não fecham.

²¹ Idem.

Nesse ponto, compreendendo o que eu queria, ele sacudiu a cabeça, coçou as barbas brancas, escondeu uma lágrima que estava indecisa nos seus olhos e disse:

- É por isso que Papai Noel não lhe atende nunca. Você só pede cousas impossíveis.

- Ora, seu Mogol! E o seu prestígio?

- Não adianta, velho Murilo. Tenho hoje noventa anos e quarenta mulheres e já tive quarenta anos e noventa mulheres. No entanto nunca consegui encontrar uma mulher que fosse “Ela”. Todas eram parecidas, tinham qualquer cousa “Dela”, mas não eram “Ela”.

Como eu me comovesse com as suas palavras e os meus olhos se enchessem de lágrimas, ele desviou os olhos para outro lado e continuou:

- Peça outra cousa. Alguma cousa que seja possível.

- Então, meu Mogol, eu quero... eu quero... eu quero uma estrela!

4

“É preciso amar excessivamente o Homem, para procurá-lo” – disse um célebre misantropo.

Naquela madrugada do primeiro dia do ano eu sentia a mesma cousa. Sentia e não conseguia me libertar de uma grande e invencível ternura pelos homens (Nesse “homens”, ia mais mulheres de que homens).

Naturalmente a culpa era da madrugada, da lembrança daquele ano que ficara para trás. Custara tanto a passar e fora tão ruim. O que vale é que este será muito pior. E não o será somente para mim. Não, senhor! Para vocês todos, caríssimos leitores. O Grão Mogol se encarregará disso.

Ora, se Ele não o fizer, vocês mesmos procurarão pelas suas próprias mãos cem mil motivos de infelicidade.

05 - PROCURA-SE UM FARAÓ²²

“Helena, Helena,

Vem me consolar.”²³

- O Carnaval já vai tão longe! Para que ficar lembrando coisas que todo mundo enterra na quarta-feira de cinzas?

- Não tenho compromisso algum com o resto do mundo nem, tampouco, passei cinzas na testa, após o Carnaval.

- Tenham paciência: a vida é tão comprida e eu tenho tão pouca coisa para recordar! Por que hei de guardar silêncio e espantar com uma cruz de cinza uma saudade tão suave?!

- Não peço a ninguém para me ouvir, mas vale a pena dar atenção à minha história.

- Ela passou na frente de um cordão, saltitante, brejeira, fez uma careta para mim, fez outra para um cidadão casmurro que estava mais adiante e se perdeu na multidão, deixando atrás de si um suave perfume de carnes e éter.

Eu e o outro camarada, os únicos contemplados com a sua careta, no meio daquele grande número de olhares cobiçosos que pousaram insistentes nas suas formas, plenas de sensualidade, esperamos ansiosamente que ela voltasse.

De fato voltou.

Não vinha cantando “Helena”, mas uma marcha que falava continuamente em “Faraó”.²⁴

Tornou a fazer uma careta para mim e passou de leve as suas delicadas mãos nos cabelos do cidadão casmurro. Este, meio contrafeito, disse – (sem me encarar) – por entre um sorriso encabulado:

- “Brejeirazinha, não?...”

Um tanto enciumado, lhe respondi: “Tinha tanta vontade de possuir um ‘Faraó’...”

- Mas o que o senhor faria com um Faraó? indagou espantado.

- Punha-o para secar e obtinha uma autêntica múmia do Egito.

- Múmia do Egito? Que utilidade pode ter uma autêntica múmia do Egito?

²² *Folha de Minas*. Belo Horizonte. 9 mar. 1941.

²³ “Helena, Helena”, samba de 1941, de Antônio de Almeida e Constantino Silva.

²⁴ “Faraó”, marchinha de carnaval, de 1941, de Sá Roris e Vicente Paiva.

- O senhor não é nada curioso!... Ora, bolas! O que se pode fazer com uma múmia! Vender, meu amigo. Vender para um museu e, em seguida, comprar uma linda baratinha azul para passear na Avenida...

Ele ficou um instante em silêncio, numa atitude pensativa de quem procura um argumento fulminante para massacrar o inimigo, e depois exclamou triunfante:

- “E a gasolina?!!”

Confesso que fiquei enrascado, sem saber o que responder. Após pensar um pouco, retuquei satisfeito:

- “Vendia a baratinha e comprava a gasolina”.

- Ah! Bem...

O meu companheiro ficou calado por uns momentos remoendo o que eu dissera e, depois de breve pausa, agrediu-me repentinamente:

- Para que lhe serviria a gasolina, após a venda da barata?

- Para vender, meu senhor. E tomar muitos chopes com o produto de sua venda.

- O senhor é muito complicado. Não precisava de toda essa embrulhada. Bastava vender o Faraó e, com o dinheiro apurado tomar os seus chopes...

- Pipocas! Se eu procedesse assim não tinha que dar satisfação a ninguém! Faria tudo dessa maneira apenas porque adoro as operações bancárias. E fique sabendo: - Se existisse perto de minha casa um banco que dela ficasse mais próximo do que a Escola de Direito, teria sido banqueiro em lugar de bacharel!

O camaradazinho ficou embasbacado com o meu talento ou com qualquer outra coisa, porque arregalou os olhos e não disse mais uma palavra sequer.

Também não procurei arrancar-lhe mais nada. A menina brejeira passou por nós e levou-me pelo braço, cantando ao meu ouvido:

- “Quem encontrar por aí um Faraó...”²⁵

De longe ainda gritei para o cidadão casmurro, cujos olhos já tinham saltado para o chão, tão espantado ele estava:

- Adoro as operações bancárias...

Apertei com mais força os braços da minha companheira e entoamos, olhando um para o outro com ternura:

²⁵ No original, as aspas não fecham.

“Vem meu amor, vem meu amor...
Num passinho de valsa
que vem e que vai...
Mamãe quer dançar com papai...”²⁶

²⁶ “Nós queremos uma valsa”, música de Antônio Nássara e Eratóstenes Frazão, de 1941. No original, as aspas não fecham.

06 - MARIA, DA FAMÍLIA DOS MONSTROS²⁷

- Ora, meu amigo! Eu não entendo de histórias de amor! Você deve ter mil razões para se julgar com razão!

Eu já estava impaciente com aquela interminável novela sentimental, que o meu companheiro de banco, um rapaz de 19 anos, me desfiava há uma hora.

Fora caiporismo meu quando, tomando aquele trem para Betim²⁸, distraidamente cumprimentei um cidadão, a alguns bancos na minha frente.

Nada justificava aquele cumprimento: não conhecia o rapaz e nem queria encontrar conhecido algum, durante a viagem. Desde que eu pisara a gare da Oeste, naquele sábado gordo, fugindo à alegria dos homens e à melancolia do Carnaval, firmara-me no propósito de passar quatro dias isolado do mundo.

No entanto, os deuses estavam com vontade de me contrariar. Ao gesto que eu fiz com a cabeça para o seu lado, o cidadão, que estava louco para desabafar suas mágoas com alguém, investiu-se para mim e foi dizendo:

- O senhor trabalha em jornal, não trabalha? Parece-me que estive com o senhor outro dia na “Folha de Minas”²⁹, onde fui levar uma notícia de falecimento...

Meio contrariado, concordei com o que ele dizia. (Oh! Deuses! Por que me deixaram concordar? Por que não puseram nos meus lábios uma desculpa qualquer ou não me fizeram descer na primeira estação?!).

Ante a minha afirmação – paguei cara essa falsa afirmação – que me lembrava dele.³⁰ O rapaz não fez cerimônia: sentou-se a meu lado e relatou, com uma minuciosidade diabólica, toda a sua odisséia sentimental.

Provou-me que apesar de Maria (era esse o nome da pequena) aparentemente parecer não gostar dele, tinha-lhe um grande amor. Que não voltava para os seus braços, simplesmente por orgulho e por causa de um seu primo rico, que a família lhe queria impor como namorado.

²⁷ *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, abr. 1941.

²⁸ Betim – município de MG, a 30 km da capital, situado na zona Metalúrgica, sendo praticamente um subúrbio de Belo Horizonte.

²⁹ Jornal diário, que contou, dentre os seus profissionais, com nomes do peso de: Murilo Rubião, João Guimarães Rosa, Ziraldo, Carlos Drummond de Andrade e Juscelino Kubitschek (CARVALHO e BARBOSA, 1994).

³⁰ Mantivemos a pontuação da versão original.

Numa tentativa eloqüente de demonstrar a afeição que os unia, contou-me mil detalhes e fatos que gritavam ao cérebro mais entorpecido não gostar dele a famigerada Maria.

Esquecido que nos meus 16 anos, também amassei muito dos meus amigos com enfadonhas histórias amorosas, esquecido que a cegueira do meu interlocutor é comum aos que amam e são desprezados, explodi:

- Já lhe disse: não posso ter uma opinião sobre o seu caso porque não entendo de histórias de amor! Você deve ter mil razões para se julgar com razão! E eu, infelizmente, não tenho nenhuma!

Como ele fizesse um gesto de quem se vai retirar e pelo seu rosto passasse uma sombra de amarga melancolia, fiquei um pouco comovido e lhe expliquei, com certa ternura:

- Desculpe-me, sim? Estou hoje um pouco nervoso e o sacolejar monótono do trem aumentou ainda mais a minha irritação. Você tem toda a razão, Maria gosta imensamente de você e a família dela é formada pelos piores monstros que já tive notícias.

Ante as minhas desculpas, ele voltou às boas e continuou com a sua cacetíssima história.

Ouvi, por longo tempo – quase que atentamente – os insucessos amorosos do meu companheiro de trem. Mas quando ele, procurando nos bolsos uns papéis, disse-me que iria recitar “umas humildes estrofes que fizera para Maria”, pedi-lhe cinco minutos de atenção para ouvir a minha única história de amor:

- Eu também tive um romance parecido com o seu. Uma ocasião apaixonei-me por uma pequena que, por sua vez, também morria de amores por mim. Tudo acabaria bem se não aparecesse em Belo Horizonte um primo de minha namorada, fazendeiro rico, que logo, após a sua chegada, apaixonou-se por ela. A família da moça, formada de monstros como a da sua amada, preferiu, naturalmente, o candidato rico, obrigando a sua filha a romper relações comigo.

- Durante meses procurei, inutilmente, entrar-me em contato com a mulher dos meus sonhos. Porém ela fugia de mim fingindo não me amar mais. Em parte por orgulho, em parte pela sua família.

- Mas sabe o que eu fiz?

- Meti os peitos. Fui à casa dela, peguei-a quase à força, procuramos um padre e nos casamos.

- O senhor é casado? – perguntou-me algo admirado, olhando para a minha mão esquerda que não ostentava aliança alguma.

- Casado e com oito filhos!

- Não é possível, o senhor tão moço! Parece ter no máximo vinte e cinco anos, disse com olhos arregalados.

- Vinte e cinco, hein!... Tenho cinquenta e dois anos e meio!

A expressão de espanto que ele demonstrou não se justificava nem ante um terremoto.

Como o trem já estivesse a uns metros da estação de Betim, peguei a minha mala e fui saindo. Na porta ainda gritei, triunfante, para ele:

- E sabe com quem eu sou casado?

- Com a sua namorada, a Maria da família dos monstros!

Não pude ver a sua cara porque ele não chegou à janela e o trem partia segundos depois, dando vaias no seu shá-shá irônico.

07 - A FILOSOFIA DO GRÃO MOGOL³¹

1

Meus senhores: eu estava mesmo apertado. Foi por isso que apelei. E um cidadão apertado, apela (ora, se apela!).

A princípio insinuei, com muita astúcia e ternura, que o casamento era a mais nobre instituição humana, um sacramento indissolúvel que exigia, para a sua consumação, reflexões demoradas.

Mas como respondesse ela que já tínhamos tido seis longos meses para refletir se seríamos felizes, ou não, no matrimônio, mudei de tática.

- Longos, não, filhinha. Deliciosamente curtos...

Não dando a menor atenção à ternura que eu tinha posto naquelas palavras, ela atalhou, ameaçadoramente: - “Você casa, ou não casa?”

- Ora, se caso! Não se trata disso no momento. Quero apenas delimitar as responsabilidades que nos advirão desse grave ato.

- Então delimite! E depressa, porque minha família está reunida à sua espera. Já disse lá em casa que você fará o pedido hoje.

2

Meu Deus! Como eram incisivas as suas palavras!

- Reunida a família! Sim, senhores! Reunida!

Tomei um novo alento. Criei alma nova, enchi de ar os pulmões, afiei o gume dos meus argumentos, limpei a garganta, fiz pausas solenes, tomei um ar grave, enfim, fiz tudo o que se pode fazer num transe tão doloroso como aquele.

Nada a comoveu. Nem o meu velho Machado, na desencantada frase de Brás Cubas: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”.

³¹ *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 8 jun. 1941.

- E é um crime ter filhos! Como podemos pô-los no mundo, (com que direito?) se não lhes garantiremos uma felicidade futura? (Argumentava eu, furiosamente, como um réu que já sentisse no pescoço a corda da forca).

- A mim também não garantiram, e estou aqui, acrescentou ela, secamente.

3

Falei-lhe nas crises econômicas. Nas minhas e nas do mundo. Nas guerras (oh! as guerras!). Matei homens, mulheres e criancinhas. Principalmente criancinhas, inocentes criaturinhas que um dia ainda seriam veneráveis matronas ou respeitáveis cidadãos, contribuintes honestos do erário público. - Ela sabia o que era o erário público? Uma coisa muito respeitável, muito mesmo.

Falei ainda nos aviões “stukas”, nas suas atordoantes sirenes e nas suas bombas de assovio que dão vaia e matam.

Ela continuou imperturbável. Tão tranqüila como a heróica e matreira Albion, ante os “pães de Molotov” dos milhares de bombardeiros de Hitler.

- Pães! Sim, pães. Já o Senhor falava: “Tu comerás o teu pão do suor do teu rosto, até que te tornes à terra, de que foste tirado: porque tu és pó, e em pó hás de tornar”.

- Nós somos pó, Emília! E o pão? Anda tão caro! Onde o buscaremos?

- Não me considero pó e esse negócio de pão é com você. Eu cuidarei da casa e dos nossos filhos.

4

Oh! Os filhos!

- Ouça as palavras do Gênesis, Emília: “Tu em dor conceberás teus filhos, e estarás sob o poder de teu marido, e ele te dominará”.

- Já que você está dizendo essa lenga-lenga toda para delimitar as responsabilidades, fique sabendo uma vez por todas: “Eu é que sofrerei com os filhos e quanto a isso de marido dominar, veremos, veremos...”³²

³² No original, as aspas não fecham.

- Mas escuta, Emília. Para que vamos estragar a nossa vida. Olha a beleza do namoro, o encanto, a poesia do namoro. “Era um domingo da Ressurreição, Emília: e não foi por causa da preguiça, mui desculpável de acordar tão cedo, nem foi por falta de religião, que nós deixamos de assistir à missa”.

- Nós estamos aqui falando inutilmente, nessa noite docemente friorenta de Maio. Vamos à igreja, namorados e de mãos dadas, assistir à coroação da Virgem...

- Não, nós vamos é para casa. E quanto à Igreja lá chegaremos, não tenha pressa...

5

Não, meus senhores, eu não tinha pressa. Mas a situação era angustiante. Tinha esgotado todos os meus dotes verbais. Só faltava fazer mágica.

Pensei em trepar no paredão da casa de Maria Inês e fazer o meu último discurso. Último e definitivo.

- “Meus senhores: É preciso acabar com o mundo. Já não se pode viver numa pocilga destas. Há nele casamentos demais!”

6

Não cheguei a fazer o discurso, porque a filosofia do Grão Mogol me salvou. Quando, já com os cabelos em desalinho (?)³³, suando em bicas, o colarinho desapertado, lembrei-me de apelar para as doutrinas metafísicas daquele poderoso senhor, para os meus olhos surgiram uma dúzia de auroras, novinhas em folha.

- Emília, meu amor! – gritei vitorioso. Há muito tempo que eu lhe queria dizer: eu sou sectário da religião do Grão Mogol! E a um sectário da sua religião é vedado casar com uma mulher somente.

- Não estou mentindo. Somos obrigados a seguir o exemplo do Mestre. Quando ele tinha quarenta anos possuía noventa mulheres e ao chegar aos noventa anos, quarenta

³³ O ponto de interrogação, entre parênteses, provavelmente indica uma auto-ironia de Murilo, uma vez que ele era calvo.

esposas. Portanto, eu que tenho apenas trinta, devo ter direito, pelo cálculo das probabilidades (que nunca foi uma pilhéria), a cento e quinze mulheres.

Emília ficou aturdida. Acho que até chegou a pensar que eu estava doido. Porém, não se demorou muito nesse pensamento, – se é que o formulou – porque logo sentiu, muito claramente, que ela é que deveria estar louca.

7

Uma coisa espantosa acontecia diante dos olhos esbugalhados de Emília. Maria Inês, trazendo no corpo um vestido recamado de pedrarias, e acompanhada de cento e quatorze belíssimas mulheres (minto, uma era feia), caminhou altiva, na sua majestade de deusa oriental, em nossa direção.

Pegou-me pelos braços, com uma força que nunca eu poderia esperar senão de uma sectária³⁴ de Grão Mogol, e carregou-me pela rua abaixo.

Atrás de nós vinham as outras mulheres (inclusive a feia) e uma banda tocando uma dessas músicas de circo que anunciam a entrada do palhaço no picadeiro.

Excitado e alegre, carregado por aqueles lindos braços (por que não, esculturais?), eu cumprimentava ruidosamente a todo o mundo, tirando repetidamente o chapéu, olhando para um lado e para outro.

À Emília, muito espantada e ainda mais abatida, Maria Inês, dissera apenas: - A Grão Mogol o que é de Grão Mogol!

Ao que ajuntei, tirando o chapéu uma dúzia de vezes, rindo, esperneando: - Como, não! A Grão Mogol e a seus sectários as mais belas mulheres de Grão Mogol!

E a banda do circo, não sei por quem, em tão boa hora, encomendada, rompeu num frevo alucinante.

8

Emília não riu.³⁵

³⁴ No original: “secretária”. Corrigido pelo autor.

³⁵ No original, depois dessa frase, segue o trecho: “Também justamente, nesse momento, eu acordava. Sacudia-me violentamente o garçom. / Nenhum freguês mais havia no bar Adolf. Era meia-noite justa...”. O trecho é assinalado, pelo autor, com o comentário: “Acrescentado, sem minha autorização, pelo Floriano”.

08 - EU, O GRÃO MOGOL E OS MANDARINS³⁶

1

- Ora, que pergunta! Se gosto de alguma coisa na vida? Gosto sim “senhora”. Gosto de mandarins, de me despedir de alguém da janela de um trem e de esquecer.

- Esquecer o quê? – perguntou, algo despeitada.

- Os mandarins.

- Ante a minha resposta ela não se conteve mais e derramou sobre mim toda uma raiva, há muito tempo contida:

- Pensei que você fosse dizer que gostava de mim! Não importa, há outros que me querem. E muitos, ouviu? - seu borra-botas, seu poeta de meia pataca!

E foi saindo, gesticulando, os olhos injetados de ódio. Deu alguns passos e ainda gritou, com um arzinho de desprezo:

- Poeta... Poeta! Aos quintos com a poesia e os poetas!

Perplexo por aquela inesperada agressão, quis ainda conciliar as cousas:

- Espera um pouco, Eunice. Desculpa-me, sim?

- Não desculpo, não!

Depois meditou um pouco, parada no meio do passeio e, com um jeito de quem está disposta a entabular negociações, indagou:

- O que você quer?

- Não, Eunice. Não se vai embora assim. É pouco educado... depois, você é uma pequena gentil... Nunca esperei que me pudesse abandonar sem um adeus. E a mim que gosto tanto de despedidas!

- Vá para o diabo com os seus mandarins e as despedidas!

2

Trata-se de Floriano Peixoto de Paula, então diretor da *Folha de Minas*. O episódio é narrado por WERNECK (1992. pp.140-141).

³⁶ *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, jul. 1941.

Fiquei embaçado por muito tempo, no meio da rua, com a falta de educação de Eunice. Depois dei de ombros e continuei o meu caminho. Bem eu não chegara à esquina da “Rex”³⁷, topei com o meu mandarim. Ou melhor, com um seu primo, que também já fora mandarim.³⁸

- Pelo que vejo na China nem as castas conseguem escapar aos reveses da sorte, disse eu, como princípio de conversa.

- Muito se engana o senhor! Primeiro, porque não estamos na China, mas em plena av. Afonso Pena³⁹ (a propósito; olha aquela pequena de tranças! Não é mesmo do baralho?).⁴⁰

- Do barulho, retifiquei.

- Aos diabos com a complicada língua do zarolho Camões!

- Zarolho, não. Cego...

- O senhor deixa ou não me deixa falar?! gritou ele indignado.

- Pois, não. Eu estava apenas ajudando-o...

- Vá ajudar a vó! Mas como ia dizendo...

Ah! Segundo, porque não foi absolutamente por um revés da sorte que passei de nobre chino a um simples cidadão, com direito a voto e a falar mal do governo...

- Então o senhor é da oposição?

- Não! Gosto muito do governo e das violetas.

- Por que não das papoulas e das flores-de-lótus?

- Ora, o senhor é bem bestinha... Se foi justamente por causa das violetas que deixei de ser mandarim!

- Não é possível! Se ainda fosse pelas papoulas.

Pelas papoulas, brilhando à luz da lua!...

³⁷ A Livraria Rex, situada à Praça Sete, era uma das livrarias freqüentadas pela geração de escritores a que pertenceu Murilo Rubião (PAULA, 2006.).

³⁸ No original: “meu primo”. O autor troca por “seu primo” e insere nota de rodapé: (1) “Ou melhor, com um seu primo, que também já fôra mandarim”.

³⁹ Uma das avenidas centrais de Belo Horizonte.

⁴⁰ No original: “Muito engana o senhor! Primeiro, porque não estamos na / pequena de tranças! Não é mesmo / China, mas em plena Av. Afonso Pena (a propósito: olhe aquela do barulho?).” O autor acrescenta o pronome “se”, troca “do barulho” por “do baralho” e corrige o erro na seqüência das linhas, utilizando setas e inserindo nota de rodapé: (2) “- Muito se engana o senhor! Primeiro, porque não estamos na China, mas em plena av. Afonso Pena (a propósito: olha aquela pequena de tranças! Não é mesmo do baralho?)”;

- Não venha com poesia... O senhor pode calcular o suplício de uma pessoa que, após ter levado às narinas um buquê de violetas, nunca mais consegue tolerar o título de mandarim!

- Não. Imagino apenas o suplício de quem cheirou semelhantes flores e não consegue chegar a ser mandarim...

Nesse ponto o meu interlocutor não suportou mais as minhas réplicas e, passando o seu rabicho pelo meu pescoço, mandou-me para o palácio do Grão Mogol, que fica um pouco acima das nuvens.

3

Insípido lugar! Maldito mandarim. Se não fosse você a estas horas estaria no inferno, que é muito mais cômodo e sossegado do que este palácio. (Pelas leis gramogolinas as vítimas dos pagãos chineses têm direito a um lugar no paraíso de Grão Mogol).

- Que tivessem direito ao inferno!

4

No palácio daquele senhor, encontrei todos os meus credores, agiotas e mulheres casadeiras desse outro delicioso mundo, que em má hora fui obrigado a abandonar. Nem um passo sem ter que assinar uma letra ou namorar uma pequena, já com os proclamas de casamento nas mãos.

Não. Não era possível continuar assim. Fui procurar o meu anfitrião e, mesmo nas suas respeitáveis barbas, o ameacei:

- Ou acabam com os agiotas, com as notas promissórias e com as mulheres casadeiras, ou faço a greve da fome!

5

O Grão Mogol, muito bom sujeito, não deixou que eu passasse fome, sancionando um decreto proibindo a existência daquelas incômodas pessoas.

Um mês depois, procurei-o novamente:

- Não é possível, senhor, viver num mundo onde não existem notas promissórias, agiotas e mulheres casadeiras! Esse negócio de pedir dinheiro emprestado sem juros, sem documento e namorar indefinidamente uma moça sem, ao menos, uma insinuaçãozinha de matrimônio, mata qualquer cidadão bem intencionado!

Após olhar-me demoradamente nos olhos, ele disse apenas:

- Volta para o mundo e continue a “chatear” mandarins, porque aqui no meu palácio não temos paciência de comer arroz com palitos nem de aturar sujeitos da sua espécie.

Disse e mandou-me novamente para este ignóbil mundo, cheio de notas promissórias, agiotas e mulheres casadeiras.

6

É por isso que, agora, em seguida ao meu retorno, penso que estou conversando com o primo do primo do meu mandarim. Porque esse não gosta de violetas nem de pequenas de tranças. Mas de uma mulata que não se chama Maria nem gosta dos soldados da cavalaria.

09 - O MUNDO TERMINA NA RUA DAS MAGNÓLIAS⁴¹

Quando d. Eudóxia entrou esbaforida, com o rosário e a cesta nas mãos, no armazém do senhor Nicolau, encontrou as outras velhas da rua das Magnólias possuídas de grande ansiedade.

As comadres, como de costume, já se encontravam lá, desde o fim da missa das seis, tratando das ocorrências da véspera. Se sobrasse tempo, depois de muito regateados os preços, era possível que comprassem alguns mantimentos.

Como d. Eudóxia fosse sempre a primeira a chegar às reuniões matinais, imaginaram logo que as novidades que ela trazia eram de encher a boca.

Nenhuma das presentes conseguira ainda descobrir a razão daquele inesperado rompimento.

Era verdade que todo o mundo sabia que aquilo não podia durar muito. Mas, talvez que, nos comentários e murmúrios dos vizinhos, existisse mais inveja do que sabedoria. Tão exuberante a alegria e a felicidade dos dois esposos! E não há cousa para incomodar mais aos outros do que o excesso de ventura do próximo.

Apesar de muito esperada aquela separação, os moradores da rua das Magnólias não deixaram de ficar surpresos, quando viram um automóvel levar as malas e a figurinha espevitada de Arlete.

A preocupação de atinar com a causa do acontecimento, fez com que não fosse notada a indiferença e a calma que iam na fisionomia da mulher do Cardoso.

Sem esperar que alguém perguntasse qualquer cousa, d. Eudóxia, em tom misterioso de quem vai fazer uma assombrosa revelação, porém antes quer gozar a curiosidade dos ouvintes, começou:

- “Vocês não podem calcular a razão da briga...”

- “Não. Não foi por causa do rapaz da “barata” amarela, não... Quem me contou toda a história foi a empregada deles, aquela preta sem vergonha que pus para fora de minha casa por viver assanhada com os soldados da Cavalaria...”

“Disse-me ela que foi por causa do Alexandre, o cachorrinho belga”.

⁴¹ *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, ago. 1941.

D. Eudóxia regalou-se com o “oh!” que saiu, ao mesmo tempo, de todas as bocas. Fez uma longa pausa, revirando os olhinhos cheios de alegria pela admiração que as outras demonstravam.

- “Sim. Tudo por causa do diabo do cachorrinho preto, que na semana passada me rasgou uma meia novinha em folha... Também como se pode viver em uma casa, onde um animal quebra tudo, come tudo? Imaginem que o raio do animalejo come até papel!

“Se come!... Não duvido que até cacos de vidro.

“Ontem, o Alexandre... Adivinhem o que ele comeu?!

“Uma nota promissória. Uma nota promissória! E no valor de dois contos. Dois contos de réis! Passada pelo dr. Alarico.

“O Cardoso, como vocês bem sabem, vive de emprestar dinheiro a juros. E é a cinquenta por cento ao ano que o usuário empresta. Um roubo!... Como eu digo sempre, um verdadeiro roubo.

“Se não fosse pelo dr. Alarico, um canalha, um d. Juan, casado com uma mulher tão boazinha como a Filó e que vive arrastando a asa com a desbriada da Rita do Zuca Padeiro... Se não fosse por esse monstro, eu aprovaria até a atitude do Alexandre. Se bem que aquela minha meia custou vinte mil réis na loja do Filipe Turco. Apesar dele ser um ladrão, foi uma pechincha. Em qualquer casa da Avenida não se encontra igual por menos de trinta “bagarotes”.

“Mas o fato é que o Alexandre comeu o papel e o Cardoso deu-lhe um bom pontapé nas ventas. Arlete – nós sabemos a história danada que ela tem com o cachorro – vendo aquilo, aprontou uma choradeira infernal. Chorou o dia inteiro, negando-se a almoçar e a jantar.

“À noite, quando as coisas serenavam, o Alexandre, que estava mesmo de veia, deu uma dentada na perna do Euzébio, aquele mandrião que dizem ter vindo de S. Paulo escorraçado pela polícia como vadio e chantageista...

“A senhora me desculpe, d. Margarida, ele é seu parente... É que o Euzébio é mesmo uma peste... A senhora sabe disso...

“Talvez em outra ocasião o Cardoso não ligasse muita importância ao fato. Mas, à lembrança da nota promissória, cheia de lindos zeros, não pensou muito: sapecou uma dúzia de correias no Alexandre.

“O resto vocês sabem. Houve mais pranto e Arlete tomou rumo, deixando o Cardoso triste e jururu. Dá pena de ver o abatimento do homem com a partida da esposa”.

As velhas que, excepcionalmente, tinham permanecido caladas, sem interromper a história, aproveitaram o seu final para falar todas ao mesmo tempo.

Foram feitas perguntas, apareceram outros detalhes, novas conclusões, dividiram-se em partidos as respeitáveis matronas da rua das Magnólias...

Enquanto isso, o senhor Nicolau, que não se enfiara na conversa, abanava ceticamente a cabeça, tirando silenciosas baforadas de seu cachimbo.

Estava contente. Muito mais do que as suas freguesas. Pela primeira vez no ano fumava tranquilamente, sem que d. Maricota, a sua estimada mulher, demasiadamente interessada no que contava d. Eudóxia, lhe mandasse guardar o seu precioso cachimbo.

Durante toda a história, apenas abanara a cabeça. Hábito muito seu, quando ficava entregue aos pensamentos.

Aquele caso, em que aliás não prestara grande atenção, trouxera-lhe recordações longínquas.

- Devia ter feito como Arlete e nunca transigiu. Estavam casados apenas há um ano, quando veio a primeira imposição de Maricota – o cachimbo. Entre o cachimbo e a esposa, caiu na asneira de ficar com esta.

A primeira concessão tinha sido a sua desgraça. Outras imposições vieram depois: a leitura à noite, o cinema aos domingos, até o “pocker” na casa do Dutra, que era a última coisa que ainda lhe causava algum prazer.

Aceitou todas as exigências da esposa sem nenhuma reação. Inclusive as conversas daquelas velhas carolas, sempre a falar da vida dos outros e não comprando nada, no final das contas.

Arlete fizera bem trocando o marido pelo cachorro. (Um cachimbo ou um cachorro ainda valem mais do que o melhor dos seres humanos). Cardoso, que tinha o mesmo gênio açambarcador de Maricota, acabaria por reduzi-la à escravidão.

Ante a coragem daquela mulherzinha frívola e que, aparentemente, seria incapaz de um gesto tão decisivo, ele teve arrependimento de não ter agido da mesma maneira quando, após a proibição do cachimbo, veio para sua casa, passar uns tempos com eles, uma prima de sua esposa.

Moça bonita e instruída, Sílvia, em pouco tempo era dona de todos os seus segredos e compreendia toda a sua infelicidade.

Gostava de ficar conversando horas e horas com ela, ouvindo o que dizia da vida nas grandes ruas, onde as cousas eram maiores, sem as futricas e as baixezas do subúrbio.

Fizera mal. Devia ter aceitado a proposta de Sílvia, levando para um apartamento pequeno do décimo andar de um prédio da Avenida, o amor que aqueles dois meses fez nascer neles.

Porém o terror que possuía pela opinião pública, as convenções idiotas que o subúrbio impunha aos seus moradores, o medo da mulher – principalmente o medo que nutria pela sua mulher – enfim toda a sua covardia, fizeram com que ele ficasse. Reduziram-lhe a simples espectador daquelas conversas imbecis que se prolongavam pelo dia adentro, matando-o de tédio e de uma saudade medrosa de alguém, que certa vez mostrara-lhe que o mundo não se confinava na rua das Magnólias, mas que ia muito mais longe, onde existiam prédios imensos, onde o céu era mais amplo e os homens viam através dos livros, novos mundos, novas culturas...⁴²

D. Maricota que tinha voltado à vida, com o final da lenga-lenga das velhotas, tirou-o de suas cogitações:

- “Oh! estafermo! Larga esse imundo cachimbo e atende a d. Eudóxia”.

- “Um quilo de manteiga...”

“Nove mil réis é caro! O seu Joaquim vende por oito... e olhe que manteiga “Leão”!... Não é manteiga vagabunda!”

O senhor Nicolau sentiu um baque imenso. Teve impressão de que acabava de ser atirado ao chão do décimo andar de um lindo prédio de apartamento da Avenida. Compreendeu que a rua das Magnólias era a única rua existente no mundo e que a Avenida era um mito, uma história inventada pela bondade de Sílvia...

⁴² No original, fecha-se um parêntese que não foi aberto.

10 - INÁCIA NÃO ERA UM CHUCHU⁴³

Oh! Inácia, Inácia! Entre nós dois existia aquela cédula de dez mil réis!

Foi por isso que não pude fazer nada e perdi a mulher mais graciosa da paróquia do Frei Longobardo. E, conseqüentemente, as missas e as práticas desse estimado sacerdote. É verdade que os sermões dele não eram os mais claros nem os mais sedutores. Mas que importância têm as palavras para os namorados, se eles preferem os beijos? Sim. Os beijos silenciosos, sem estalo, longe da indiscrição dos guardas e dos futuros cunhados que nunca chegarão a ser nossos cunhados.

1

Inácia era um chuchu (o termo equivalia, na época, ao “boa” de hoje). Não! Estou aprontando uma confusão dos diabos! Quando a conheci não existia ainda este adjetivo, filho de outro adjetivo. Bem sei que este não tem filhos, mas bem pode ser que tenha irmãos. E se não os tiver, pouco importa, porque um chuchu (agora, lembro-me bem), era a minha dulcíssima Dorotéa. Depois de cada beijo meu, ela dizia, estranhamente comovida: - “Quando você me beija sinto que todos os outros homens são ridiculamente inúteis.” A frase era um pouco literária para Dorotéa, reconhecidamente analfabeta de pai e mãe. Porém, para mentir, as mulheres são capazes até de fazer mágica.

Hoje, ao seu décimo quarto noivo, ela ainda deve comover-se e lisonjear o trouxa com a mesma frase que, envaidecido, eu vivia repetindo para os meus amigos, crente que era dono do mundo.

2

Inácia, tendo alguma leitura, não mentia literariamente e era um pirão. Mas entre nós dois existia uma cédula de dez mil réis. Uma velha cédula com um retrato de um homem barbado (Foram as barbas que deram pitimba. – Cacos de vidro! Naquele tempo

⁴³ *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, set. 1941.

falava-se inhaca, peso ou azar? E, afinal, estou ou não estou contando um caso passado em 1889?)

O fato é que, quando entrei na confeitaria, tinha plena certeza de trazer, bem guardadinhos no bolso, aqueles dez mangos. Todavia quando o garçom me apresentou a conta, eles tinham desaparecido misteriosamente.

Para vocês verem, caríssimos leitores (Pipocas! Já ia me esquecendo que estou contando uma história ao Jair Rebelo Horta⁴⁴ e ao Fernando Sabino⁴⁵ e não escrevendo para os leitores de “Belo Horizonte”.⁴⁶ Ademais essa observação é inútil, porque esses dois honrados “irmãos do divino”⁴⁷ são os meus dois únicos leitores. Dois só não! Dois leitores e um ouvinte, porque mais tarde o Fernando não deixará de dizer a certa pessoa: “Tenho uma piada incrível do Murilo para lhe contar...”.) Como ia dizendo, caríssimos amigos, eu estava mesmo sem sorte. Se aquele fato tivesse acontecido em 1941 e não em 1914, não teria havido nada demais. Inácia pagaria a despesa, como é costume nos dias de hoje, e agora estaríamos casados e felizes.

3

Pílulas! Tenho que iniciar novamente a história!

A culpa é toda de Inácia. Desde aquele dia – oh! malfadado dia! – nunca mais consegui levar um caso ao seu termo, sem que errasse do princípio ao fim.

No início, disse que o fato se passara em 89, depois que em 1914⁴⁸. Foi um ligeiro equívoco de minha parte, pois, naquelas datas, não participei de fatos de grande envergadura. E nem foi também o meu nascimento que marcou a importância daqueles célebres anos. Pelo contrário, eu notabilizei o ano de 16, exatamente no dia em que se deu a

⁴⁴ Jair Rebelo Horta foi um dos diretores da *Folha de Minas*, veículo em que Murilo inicia a sua carreira literária.

⁴⁵ Fernando Sabino conviveu muito com Murilo, no início de suas carreiras literárias (cf. WERNECK, 1987).

⁴⁶ *Belo Horizonte* – “Revista semanal e noticiosa da década de 40, dirigida por Augusto Siqueira e onde escreveram Murilo Rubião, Paulo Mendes Campos e Fernando Sabino, entre outros” (CARVALHO e BARBOSA, 1994).

⁴⁷ Sobre o catolicismo de Fernando Sabino, consultar: (WERNECK, 1987, p.115).

⁴⁸ No original: “914”.

batalha de Jutlândia⁴⁹, que foi outro acontecimento de relativa significação. E o meu namoro com Inácia (pese a minha fraca memória) se deu, precisamente, em setembro de 28.

Outro engano meu foi dizer que se tudo tivesse acontecido em 41, estaríamos casados. Pura mentira! Uma, porque não dava tempo; duas, porque sou contra o casamento; três, porque mesmo que fosse uma nota de um conto, novinha em folha que se colocasse entre mim e Inácia, não me casaria com ela.

4

Ora, meus amigos, esta história deveria ser curta e bela... Mas uma história onde entra uma cédula de dez pode lá ser breve e linda?

E, além de tudo, estou mentindo deslavadamente. A nota era de dois mil e, absolutamente, não desapareceu do meu bolso. O mal foi eu acreditar que Inácia se contentaria em tomar um sorvete simples. Porém ela amava as “especialidades da casa”...

Quando veio a conta, tive de dar o golpe do azar. Meti a mão em todos os bolsos, passei, repetidamente, a ponta dos dedos na raquítica cédula de dois e confessei – muito melancolicamente – que os deuses dos objetos perdidos e achados estavam contra mim.

Inácia pagou a despesa e não se esqueceu, mais tarde, de relatar o fato às suas amigas.

Riram-se de mim. Eu não ri de ninguém. Fiquei safado e soltei, baixinho, muito nome feio.

Depois – oh memória, que tudo esquece! – os tempos passaram, aumentei a quantia para dez mil réis, perdoei Inácia, e hoje tenho até saudades dela.

Mas... E os nomes feios? Não senti nenhum remorso de os ter pronunciado. Pois o que era xingamento em 1889, já não o é mais em 1941.

5

⁴⁹ A Batalha da Jutlândia termina em 1º de junho de 1916, dia do nascimento de Murilo.

Ah! Agora lembro-me bem! Foi mesmo em 89. E a prova que foi é que nesse ano realizaram-se dois acontecimentos de decisiva importância: caíram-me os últimos fios de cabelo e os meus primeiros dentes de leite.

11 - OG E OS DOIS OLHOS DE AMELINHA⁵⁰

“E aquele, que se não achou escrito no livro da vida, foi lançado no tanque de fogo”
(Apocalipse, XX, 15).

- Nunca apreciei o café-com-leite nem as histórias compridas...

- A razão? Ora, a razão! É a mesma por que estou aqui, há duas horas, tomando esta média e ouvindo a sua história.

Og não me contestou. Há nele um ódio congênito pelas controvérsias e pela poesia. Quanto às primeiras, considero um hábito bem louvável. Porém, quanto à última, só a justificaria se fosse pelos maus poetas. No entanto, não é. O seu horror às estrofes, rimadas ou não, nasceu da mesma maneira como apareceram, à flor da terra, os pepinos e os tomates... É verdade que estes cresceram e amadureceram para que alguém neles descobrisse as vitaminas e conseguisse mais uma aplicação para o alfabeto. Com Og a coisa se passou de forma diferente: não cresceu (e ninguém pode afirmar que tenha amadurecido também), não descobriram nada no seu corpo esmirrado e amarelo, nem gastaram letras demais com o seu nome.

Alem de frequentar uma escola de alfabeto Morse – sua única afinidade com as vitaminas – vive-se queixando que a cidade está morrendo lentamente ante os seus olhos.

Sempre que nos encontramos, ele me repete a mesma história, enquanto sorvo a minha odiosa média de café-com-leite: - Que ontem deixou de cumprir mais um compromisso; que tudo na sua vida vai se repetindo com uma precisão espantosa. Enquanto que, nos seus olhos vagos e sonhadores, os prédios altos, cada vez mais altos, da Avenida, vão se desenhando confusamente.

Ultimamente estava desaparecido, faltando aos nossos encontros habituais no Café.

Disseram-me que andava a vagar pelos subúrbios da cidade, enchendo os pulmões de ar puro, deixando a sua imaginação trabalhar na construção de mundos imaginários... Cheguei até pensar que ele tivesse abandonado o Morse e andasse estudando Semáfora. Logo depois soube que continuava fiel à sua “Escola de Telegrafia Para Amadores”. Andava apenas fugindo. - De quê? Sei lá! Apenas fugindo.

⁵⁰ *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 28 set. 1941.

Enquanto isso, ele me diz desolado que a cidade vai agonizando ante os seus olhos. Crescendo sempre, cada vez maior o movimento nas suas ruas, e Og sentindo que ela está morrendo.

Vive fugindo às esquinas, onde se avolumam os transeuntes. Porque cada cara lhe pode sugerir um compromisso não cumprido, ou mesmo um credor.

Não. As dívidas dele não são de caráter financeiro. Não. São de outra espécie. Só que faltava, ele que já é doente, feio e pouco inteligente, viver atormentado pelos agiotas!

Os seus credores são de uma classe bem mais original. São as pessoas que Og é obrigado a cumprimentar ou trocar com elas algumas palavras. Os compromissos, as visitas que promete fazer a velhos conhecidos seus ou de nossa família e que nunca chegará a cumprir.

Desde que morreu Amelinha, não mais trocou uma palavra com alguém que não fosse eu. E comigo, porque sou seu irmão e conheço todos os pormenores de seu romance com Amelinha. Leva o tempo todo pensando na namorada e quando conversa é para relatar minuciosamente tudo que já sei de cor: o primeiro encontro, o primeiro beijo, a última frase dela.

Pouco depois da morte de sua amada, quis que entrássemos juntos para a escola de telegrafia, porque – dizia – tão logo ele soubesse o alfabeto Morse nunca mais pronunciaria uma palavra sequer. Conhecendo a sua pouca inteligência, prometi-lhe que iniciaria os meus estudos depois que ele fosse um bom telegrafista. E lá vão dez anos que Og iniciou o curso.

Agora ele está me falando da beleza de Amelinha. (“Mesmo no caixão ela estava linda”). Pobre irmão! Como feia era ela e horríveis os seus cabelos! Pareciam feitos de barbante. A sua boca sem dentes, o seu corpo anguloso, os olhos (um azul e outro verde). Só faltava ser caolha.

Vendo que eu estava longe, entregue aos meus pensamentos, Og, sem pôr nenhum rancor na voz, perguntou-me por que odeio as histórias compridas.

- Pela mesma razão por que existem os escorpiões e as mulheres, respondi, impaciente.

- Mas eu não sei por que eles existem, retrucou.

- Ora, se não existissem os escorpiões onde iríamos encontrar o soro necessário à cura de suas picadas?

- Ah! Bem... Mas... E as mulheres? indagou Og, dando um acento triunfante à sua voz. Não poderiam existir somente homens?

Quis responder à sua pergunta com um sorriso malévolo. Mas sabendo que ele não o entenderia e que, afinal, pouco sei a respeito do outro sexo, deixei de lado o sorriso e a má fé.

Por causa das modistas, resolvi explicar. Como viveriam elas se não houvesse alguém para usar os seus vestidos?

À minha explicação, Og desandou a rir desafinadamente.

- Seria engraçado!... Muito mesmo... Imagine a miséria em nossa casa com mamãe sem vestidos para fazer. E continuava a rir indefinidamente.

- Ora, não seja bobo! Se não existisse o sexo feminino, mamãe não existiria também.

Por um instante ele deixou de rir para, em seguida, gargalhar ainda mais forte do que antes.

- Por que você ri, perguntei bastante agastado.

- O papai... (ria perdidamente) O papai... o nosso nascimento... Aquele homem barbado e forte nos amamentando... Costurando roupa para fora... Ele que nunca trabalhou na sua vida!...

Encolerizado com a insensatez de meu irmão, engoli, de um só trago, o café-com-leite, cerrei os punhos e, levantando-me, disse, bem na sua cara: - “Não estudarei telegrafia, nem mais ouvirei as suas histórias!”

Todavia, ao ver a cara tristonha que ele fez, não me contive e lhe falei, com muita ternura: - “Não, Og. Não farei nada disso, ouviu! Enxugue as suas lágrimas... Vá, enxugue. Se ficar bonzinho eu até deixo você me contar de novo todo o seu namoro com Amelinha”.

E tamanha foi a sua alegria, vendo que eu lhe perdoava que, naquela tarde, ele cumprimentou todos os seus conhecidos, todos os outros homens que tinham saído à rua para pagar dívidas que cada um de nós, à sua maneira, contrai com a vida.

12 - A ARTE DE CONQUISTAR AS MULHERES⁵¹

Quase caí da cadeira, quando, na redação do jornal, me apareceu pela frente aquele mulato feio, desengonçado, mal vestido, dizendo ser o proprietário de uma carteira que noticiamos ter sido encontrada em uma das ruas da cidade.

- Não é possível! exclamei, com os olhos esbugalhados de espanto.

- Sou eu mesmo, respondeu, muito admirado por eu não acreditar na possibilidade de ser ele o proprietário da carteira.

Em seguida descreveu-a, relatou com exatidão o que ela continha e disse chamar-se Josefino da Silva.

Não restava a menor dúvida: era ele mesmo o dono da carteira. Era o seu proprietário e o autor de um crime horrendo: - matara o prestígio dos d. juans.

Sim, era um assassino! Imaginem, caros leitores, que dentro daquela carteira eu encontrara cinco retratos de mulheres, cada qual com uma dedicatória mais apaixonada e dirigida ao nosso Josefino.

Três delas eram mulatas e belas. As outras duas, brancas e lindas. Sendo que uma tinha os cabelos loiros e os olhos mais expressivos que eu já contemplei numa⁵² fotografia de mulher. E ainda mais expressiva era a dedicatória: “Josefino, você é ingrato e ruim; é mesmo uma peste mas gosto muito de você”.

Sim, senhores! Era de cair os queixos! No entanto o que eu vi cair foram todas as minhas teorias sobre a arte de conquistar as mulheres.

Já tinha ouvido falar e, mesmo lido, que os maiores conquistadores do belo sexo não eram homens bonitos ou atletas. Byron, por exemplo, era coxo e, entretanto, foi um dos homens mais amados de seu tempo.

As mulheres, em geral, amam os homens ousados, àqueles⁵³ que, estando a seu lado, servem de motivo de inveja às suas rivais ou companheiras.

E foi com muito acerto que os célebres irmãos Goncourt, referindo-se às mulheres, disseram:

⁵¹ *Revista Belo Horizonte*. Belo Horizonte. out. 1941.

⁵² No original: “num”.

⁵³ Mantivemos a forma original da preposição e do pronome demonstrativo em “àqueles”.

- Frequentemente elas resistem à juventude de um querubim, ajoelhado a seus pés, aos atrativos de um homem que seja o seu tipo ideal. Pode suceder que sejam fortes contra os perigos da beleza, da força, da graça, do gênio, contra todas as mil seduções que fizeram do homem um inimigo terrível para a mulher, mas há uma sedução da qual apenas se defendem fracamente, uma fascinação de que elas não conseguem fugir: a de se verem cortejadas por um homem da moda. Quando aparece um nessas condições, terá apenas que se abaixar e colher os corações... Que se chame Richilieu, ou tenha outro nome, pouco importa. Não interessa o seu nascimento, sua hierarquia, seu estado. É suficiente para que elas o aceitem, que ele venha coberto pela fama. Que seja ator, cantor, que traga nas faces a maquilagem do teatro, nada disso interessa. Se é famoso, será um homem, um vencedor.⁵⁴

Mas Josefino Alves fugia, de maneira lastimável, a qualquer dos característicos que geralmente se emprestam aos homens procurados pelas mulheres.

Um tanto confundido, sem saber como explicar o fenômeno que eu tinha ante os meus olhos, fiz um último esforço para resolver o enigma.

- Então, sr. Josefino, o senhor é bem cotado com as pequenas...

- Ah! seu moço! Elas são a perdição da minha vida! Mal olho-as e... sdeus: ficam apaixonadas por mim e não me dão mais um instante de tranqüilidade.

- Mas o que faz para elas se apaixonarem assim pelo senhor?

- Num sei, seu moço. Uns dizem que eu tenho a bossa...

- Sim, deve ser a bossa, concluí desolado.

Se eu soubesse como adquiri-la, pensei com os meus botões. Qual, é como diz o povo: Quem nasce para dez réis não chega a vintém...

⁵⁴ Trecho de *La femme au dix-huitième siècle* (1862), de Edmond de Goncourt (1822-1896) e Jules de Goncourt (1830-1870).

13 - CARTA A LÚCIA⁵⁵

“Minha amiga:

Há desejos que a gente retarda sem saber por quê.

Mas eu sei perfeitamente qual a razão que me levou a adiar esta carta que já deveria ter sido escrita há vários anos. Ou melhor, não estou bem certo do motivo exato (um desses rapazinhos vazios que andam pela Avenida, diria: “o motivo batata”; porém esses pobres infelizes não têm direito de escrever a uma moça educada e fina como você), que retardou esta missiva.

Afinal – você perguntará certamente – eu sei ou não sei por que não escrevi há mais tempo? Ora, se sei. O diabo é a gente estar certo que está certo. O resto é fácil, como você verá pelas linhas que se seguem.

A culpa não foi bem minha nem da minha preguiça (até hoje não consegui descobrir a razão que leva todo mundo me considerar um preguiçoso! – Bolas! São tantas as cousas que não sei!). Não. A culpa foi das andorinhas. (Aqui uma pausa. Peço-lhe dois minutos para pensar – foram mesmo as andorinhas?).

Louvado seja Santo André! A lucidez voltou a espanar o meu cérebro (não faça mau juízo a meu respeito, por favor! Tenho certeza de que você pensou ter eu aproveitado os dois minutos para tomar um “grog”. – Não será um eufemismo esse “grog” que não tomei!). Agora que estou lúcido, sinto que os culpados foram, por ordem cronológica: o Grão Mogol, os pardais e... (se eu não acertar desta vez, mordam-me os pardais)... as andorinhas.

Explico. (Por que eu tenho de lhe explicar tudo? Você, que é inteligente e lida, não deveria exigir de mim tanta minuciosidade. Isso me atrasa muito. E eu tenho uma coisa muito importante para lhe dizer. Tão importante que se ela não for dita logo, a esquecerei. – Em todo caso, como é impossível vencer a teimosia das mulheres, eu me rendo e explico). A culpa foi do Grão Mogol, porque me aconselhou contemplar os pardais. E estes, porque me fizeram pensar nas andorinhas; das andorinhas, porque me fizeram recordar a minha infância. (Oh! Infância querida! Você nunca freqüentou um grupo escolar? Pois vale a pena. Tem horas que até penso em voltar para ele. – No que estudei existe uma árvore plantada por mim, no “Dia da Árvore”.

⁵⁵ *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, nov. 1941.

Ela cresceu tanto e tem uma fisionomia tão cansada que, ao contemplá-la, sinto que já não tenho mais 16 anos).

Naturalmente você está achando, pelo que ficou dito acima, que a culpada do atraso desta carta foi a minha infância, não? Muito se engana a minha simpática amiga! Foram os riscos,⁵⁶ esses insinuantes riscos que cortam, em linhas simétricas, os passeios públicos.

Eu estava na janela, observando os pardais, seguindo o conselho do meu amigo Mogol. Nisto, fiquei arreliado com o barulho que os animaizinhos faziam, brigando por causa de lugar no cimo das árvores (É verdade que os homens fazem muito mais ruído e são muito mais ferozes, na disputa do pão de cada dia. E quando esse trágico pão traz a marca de um batom – sei que há batons à prova de beijos – oh! Deuses! – a vida chega a nos comover).

Bem, voltemos aos pardais. Como eu ia dizendo, estava arreliado com os malditos passarinhos, quando pensei que seria muito melhor se eles fossem andorinhas. Porque aqueles nunca fazem verão. Entra o inverno, sai a primavera, e eles continuam a nos amolar com uma insistência, que só encontro similar no judeu que confecciona os meus ternos.

Ao pensar nas andorinhas (que vão e voltam todos os anos, que não brigam nem dizem nomes feios), meus olhos foram de encontro a uma escolar que vinha, saltando de risco em risco, pelo passeio afora. Sem querer fui levado aos dias (felizes?) tranquilos da minha meninice. Calças curtas (hoje só poderia envergá-las, como o faz o Dr. Chico Floriano de Paula, ou o Jair Rebelo Horta, inscrevendo-me num grupo de escoteiros), chuteiras tonitruantes nos pés, os bolsos e a malinha cheios de bolas de gude e de piões. Vinha pulando de risco em risco (Nos dias de chuva tirava as botinas e caminhava pelas poças d'água – “Menino, você pega um resfriado!” – Qual o quê! Resfriado não vale nada. Hoje conheço cousas bem piores).

É tolice, minha gentil amiga. Enquanto eu não matar esses malditos pardais, não lhe posso escrever nem lhe contar uma coisa muito importante que lhe quero dizer. É necessário matá-los de qualquer maneira. Com bodoque, espingarda ou torcendo-lhes o pescoço. Matá-los inexoravelmente e nada aproveitar deles. (a sua carne é muito pouco saborosa).

⁵⁶ No original, falta esta vírgula.

Porém, na nossa sanha vingativa, não devemos confundi-los com as andorinhas. Estas vão e voltam; descrevem linhas curvas no ar, não brigam, não falam nomes feios como os pardais e os homens; não se envenenam com migalhas de pão manchadas de batom.

Nunca, minha suave amiga, permita que alguém destrua, na sua frente, um desses pobres pássaros. Porque um dia eles voltarão em bandos para nos explicar todas as cartas que ficaram apenas em pensamento, todas as idéias que não tivemos coragem de mostrar ao mundo.

Nunca, torna a lhe pedir este sempre seu fiel amigo,

A.S.G.”

—

NOTA: - Não conheço o autor nem a destinatária desta carta. Encontrei-a na porta de um bar da cidade. Como estivesse aberta, não resisti à minha sempre mórbida curiosidade, e a li. E, se fui até ao seu fim não foi por gostar de estar vasculhando a vida alheia, não. Foi apenas por causa das andorinhas (que vão e voltam). Não contente em a ter violado, resolvi publicá-la. Um presente para os que, como esse confuso A.S.G. e eu, amam aqueles pássaros e odeiam os barulhentos pardais.

14 - OS FOGUETES VIRÃO DEPOIS⁵⁷

1

Meus senhores:

(Não é discurso). Desejo apenas um pouco de sua atenção. Não lhes peço que me ouçam até o fim. Eu seria incapaz de torturar o meu próximo com uma história que só a mim diz respeito. Pretendo somente explicar “certas atitudes” minhas, na noite de cinco de setembro deste ano, quando, sobraçando várias glosas de foguetes, saí pelas ruas da cidade, dançando ao som de meu próprio assovio.

Como nessa ocasião os comentários do vulgo fossem os mais descontraídos possíveis, resolvi esperar que o fato fosse esquecido, para depois, com mais calma, provar aos incrédulos que a minha permanência aqui, no “Raul Soares”⁵⁸, não constitui absolutamente, para mim, um atestado de loucura, mas uma fuga de alguém que o mundo teimava em perseguir.

Sim, meus senhores, uma fuga! Naquela noite as cousas ficaram pretas. E o pior é que ninguém compreendeu o simbolismo poético da minha vigorosa reação. Houve quem dissesse que o meu assovio estava desafinadíssimo (Justamente o meu! Então não vale nada um diploma, conquistado com distinção na Faculdade Nacional de Assovio?). Outros afirmaram que eu dancei pessimamente. Opinião, naturalmente, de alguns despeitados. Porém o que me fez mais raiva, foi me taxarem de louco. Somente porque soltei uns foguetes de lágrimas!

Não. Uma injustiça dessa, dói. Dói muito. Se os meus detratores soubessem a tristeza que me ia no coração e as tentativas contínuas que fiz para derramar lágrimas verdadeiras, perdoariam os inocentes fogos que eu lancei aos ares, naquela sombria noite. Perdoariam. Afinal a humanidade não é tão ruim assim. Depois – que diabo! – foram muito apressados em me julgar. Não seria possível – eu que sou demasiado distraído – que me tivesse esquecido do mês em que estava e apenas andasse comemorando a data de São João? Sim, eis uma hipótese plausível.

⁵⁷ *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 23 nov. 1941.

⁵⁸ Instituto Raul Soares - centro de referência em ensino, pesquisa e assistência aos portadores de transtornos mentais no Estado de Minas Gerais.

Ninguém ignora – aqui começa a história – que, há dois anos, eu e Emília nos amamos. Gostamos um do outro, como só os grandes apaixonados de todos os tempos o souberam fazer. No entanto – o mundo se movimenta em razão dos contrastes (ex.: a água existe para apagar o fogo e este, para ferver aquela) – no entanto, nos divergimos inteiramente no tocante a certas minúcias de nosso futuro em comum. Enquanto ela é uma ardorosa partidária do matrimônio, eu sou um defensor acérrimo do celibato.

Foi justamente por causa dessa mínima divergência, a única coisa a empanar a nossa grande afinidade afetiva, que sobreveio o primeiro incidente entre nós, em junho do corrente ano. Dessa desinteligência, tive oportunidade de falar, pormenorizadamente, em um dos órgãos da imprensa local.⁵⁹ Na entrevista em questão, contei que, uma noite, sem mais nem menos, encontrei Emília afobada, dizendo-me que a sua família me esperava para um pedido oficial de casamento. Também relatei toda a minha inútil argumentação, mostrando à minha amada os graves inconvenientes do casamento. Argumentação muito bem feita e estribada na Bíblia, no Alcorão e em outros livros tidos como sérios. Como não conseguisse convencê-la, foi necessário que eu apelasse para a filosofia do Grão Mogol e implorasse o auxílio de suas noventa mulheres.

O que aconteceu em seguida, é do conhecimento de todos, através do noticiário dos jornais, que estamparam em suas páginas fotografias da minha passagem pelas ruas da cidade, seguido do enorme cortejo formado pelas mulheres do meu mestre Mogol e por uma notável orquestra do Circo Olimecha.

Outra mulher, que não fosse Emília, teria rompido definitivamente comigo, naquela ocasião. Mas não ela. Logo voltamos às boas e não se falou mais no incidente, nem em casamentos. Tudo tornou a ser flores em nossa vida. Era carinho pra lá e pra cá. Elogios, palavras doces, juras de amor. De terno amor!

⁵⁹ O autor se refere ao conto “A filosofia do Grão Mogol” (*Folha de Minas*, Belo Horizonte, 8 jun. 1941.).

Os meses correram céleres, com uma velocidade igual à de um vencimento de letra promissória. Tão rápidos eles caminhavam que cheguei a temer a morte.

4

Todavia a morte ainda seria preferível àquela escura noite de Setembro!

Na véspera ainda sonhava. Tínhamos ido à Praça da Liberdade⁶⁰ ver as primeiras rosas que a primavera nos enviava. Lá nos permanecemos por muito tempo, embriagados pelo perfume das flores e das nossas frases de amor.

Quando tornei à pensão, ainda envolvido pelo sonho, tive um sobressalto: no meu delírio sentimental, prometera à Emília jantar com a família dela, no dia seguinte. Entretanto, não quis aprofundar nos desígnios ocultos do convite, que se me afigurava como uma cilada. Estava tão feliz! No outro dia, pensaria melhor no assunto e arranjaría uma desculpa qualquer para não comparecer ao jantar.

5

Mais uma vez os meus amigos me traíram. Na tarde do dia fatídico, após tomar uns chopes, consultei aos meus companheiros de mesa se deveria aceitar o convite, ao que me responderam ser uma indelicadeza de minha parte não aceitá-lo.

E por confiar no coração dos homens, eu fui. Fui e assisti à maior tragédia do século!

6

Não sei se foram os vapores alcoólicos que me empanaram o raciocínio. Talvez, em meu estado normal, vendo aquelas crianças com cestinhas de flores nas mãos e dispostas em duas filas, nos degraus da escada, eu tivesse tido noção da catástrofe que me aguardava. Mas o álcool e meus amigos me traíram.

⁶⁰ “Construída na época da fundação da capital, mistura vários estilos, que são o retrato vivo da evolução da cidade (...). É também o centro do poder executivo mineiro (...). Concentra grande parte das Secretarias de Estado, além do Palácio da Liberdade, onde despacha o governador”. (Disponível em: <http://www.idasbrasil.com.br/idasbrasil/cidades/BeloHorizonte/port/listapracaliberdade.asp> - Acesso em: 24 de abril de 2007).

Subi resolutamente as escadas, sem pensar no risco que corria a minha pele e até um pouco vaidoso pelas pétalas de rosa e pelas palmas com que fui saudado, logo à entrada.

Ao atravessar os umbrais da casa, o pai de Emília, muito comovido, abraçou-me, exclamando:

- Querido genro, este é o dia mais feliz da minha vida!

Quis protestar, porém já uma verdadeira multidão me assaltara, dando-me abraços e parabéns.

7

Terminado o jantar, com uma aliança na mão direita, saí em busca do meu amigo Mogol. Ia a passos incertos, a cabeça cheia de pensamentos confusos (resultado, não só da tragédia como do vinho que eu ingerira em grande quantidade, numa tentativa malograda de acreditar que tudo aquilo não passava de mero pesadelo).

Cambaleando, abracei o Mestre e lhe contei a minha desgraça, pedindo-lhe, mais uma vez, o seu auxílio.

Assaz emocionado, as lágrimas inundando os seus olhos muito azuis, ele rompeu o silêncio que se fez ao término de minhas súplicas:

- Meu velho, nada posso fazer por você. A nossa seita proíbe qualquer amparo, por parte da nossa Caixa de Auxílios Contra o Casamento, aos noivos, casados e viúvos. Enquanto você estava solteiro, a coisa era diferente... Agora, meu filho, na sua situação, só uma coisa resta a fazer...

Ansioso, perguntei-lhe qual era essa última tábua de salvação.

- Soltar foguetes, respondeu-me sentenciosamente.

8

Foi o que fiz e o que todos vocês viram. Somente andei mal em pegar aquele bonde, correndo dos moleques que me acompanhavam, e ter gritado para os outros passageiros: “Sabem de que este mundo está cheio? – De loucos. Sim, de loucos varridos!”

Todos me olharam espantados e um guarda, que a princípio muito delicadamente pedia-me que me acalmasse, levou-me para a delegacia mais próxima.

Na delegacia, compreendendo o perigo que a liberdade, lá fora, me oferecia, implorei, de joelhos, ao delegado, que me enviasse ao Hospício.

Fui atendido. Talvez pelo terror que os meus olhos demonstravam ou pelos modos bruscos dos meus gestos desordenados.

9

O que se passou mais tarde não interessa a ninguém. E o que me levou a escrever estas linhas não foi de maneira alguma – como pode parecer – uma tola vaidade de relatar episódios de minha vida. Não. Move-me o desprendimento dos grandes homens, quando, ao se verem injuriados pela população, apelam para a justiça da História.

Só uma cousa quero deixar bem patenteada: a minha reclusão no “Raul Soares”, foi uma mera fuga a um casamento que me queriam impor.

Sim, meus senhores. Podem dizer que fui covarde e que fugi. Fugi, não resta a menor dúvida. Mas não traí a minha crença em Grão Mogol e nas suas noventa fiéis esposas.

E, se há por aí alguém que ainda duvide da verdade destas minhas declarações, ou ponha em dúvida os meus dotes de dançarino ou a autenticidade do meu diploma de assoviador, que tome cuidado com este aviso de Antônio Conselheiro, um dos primeiros discípulos de Grão Mogol: “Em 1898 haverá muitos chapéus e poucas cabeças”.

E, quanto aos foguetes, não tenham pressa, eles virão depois.

15 - MEMÓRIAS DE UM CALÍGRAFO⁶¹

“Aconteceu pois que no ano nono do seu reinado, no décimo dia do décimo mês, veio Nabucodonosor, rei da Babilônia, ele e todo o seu exército contra Jerusalém, e lhe pôs cerco: e levantaram trincheiras ao redor dela”. (Reis, liv. 4º, XXV, 1).

1

Em todos os estágios da minha já um tanto longa existência, não me faltaram os amigos. Se alguns aparentavam uma amizade que nunca me chegariam a dedicar, outros – em número bem mais avultado – fizeram-me sofrer um pouco do desprezo congênito que sempre nutri pela humanidade em geral.

O meu primeiro amigo, que acompanhou de perto o despontar desse sentimentalismo que me tem arrastado aos mais ridículos disparates, tornou-se culpado, com os seus elogios, por um caderno de versos que ainda possuo⁶², trancado numa velha canastra. Não contente, me incentivou numa paixão quase idiota por uma loura lânguida, cuja maior ambição – segundo a sua própria confissão – “era passar os dias deitada na cama, comendo ‘marrom-glacê’ e lendo folhetins (desses que distribuem brindes, no final da série)”⁶³.

A recordação mais insistente que guardei dessa vênus oxigenada, foi um segundo volume de poemas. Do amigo, que ele ficou com a loura.

2

Anos mais tarde, assolado⁶⁴ por uma onda suficientemente densa de burrice, fui levado a publicar alguns versos, tão comoventes no silêncio da velha canastra (uma preciosa herança que me legou a minha velha e sonolenta avó Guilhermina).

⁶¹ *O Diário*, Belo Horizonte, 6 fev. 1942.

⁶² No original, está “possui”. Mas, pelo trecho que segue, fica claro que é o próprio narrador, e não o seu amigo, que possui o caderno de versos na velha canastra: “Anos mais tarde, assolado por uma onda suficientemente densa de burrice, fui levado a publicar alguns versos, tão comoventes no silêncio da velha canastra (uma preciosa herança que me legou a minha velha e sonolenta avó Guilhermina)”.

⁶³ No original, as aspas não fecham.

⁶⁴ No original: “assolada”.

Pouco depois, Euzébio Malaquias, um leal companheiro meu, dado à crítica literária e ao jogo de xadrez, comentou-os, dizendo ser eu “um rapaz de qualidades apreciáveis, muito delicado, extremamente sincero e bondoso”, coisa que muito me comoveu.

Todavia quiseram outros que eu rompesse definitivamente com esse meu inteligente amigo, pois – de acordo com a argumentação deles – nunca, em época alguma, alguém fora tão ironizado, como eu, naquela crítica.

E, se ao cabo, me dispus a fazer o que me aconselhavam, não foi absolutamente por aceitar as acusações que faziam a Euzébio, mas porque ele cometera uma falta grave, omitindo em seus elogios o panegírico da minha caligrafia, ainda hoje reputada como uma das melhores do país.

De todas as lições que a vida me tem proporcionado, uma me calou fundo no espírito: “A precipitação é a mãe da inconsciência” (frase atribuída a meu falecido mestre, Eliziário Duarte). E tanto assim, que agora arrependo-me do que fiz. Como poderia Euzébio elogiar os meus talentos de calígrafo, se os versos estavam em letra de fôrma?

3

Desolado com o incidente, abandonei a poesia.

Porém a minha paixão pela arte fez com que eu derivasse a minha vocação poética para o teatro.

Entretanto, a ribalta não me prendeu por muito tempo. Ou melhor, não cheguei ao segundo espetáculo. Não que me sentisse derrotado na carreira teatral. Pelo contrário. A minha estréia no palco, foi um verdadeiro triunfo, apesar de me terem dado para fazer apenas uma “ponta”, na representação. Assim, participei somente do último ato; integrando um coro de pescadores, com a única determinação de abaixar e suspender um caniço, enquanto cantavam os outros artistas.

E, para se aquilatar do brilho que emprestei ao meu desempenho, basta dizer que, mesmo escondido na última fila, entre uma dezena de cantores, fui enxergado por um amigo que, na saída, disse cheio de entusiasmo: - Você esteve maravilhoso! Foi a maior figura em cena. Jamais vi alguém levantar um anzol com tanta elegância e naturalidade. Nem um pescador consumado!

Do teatro, que logo se me apresentou como uma profissão pouco rendosa, passei a escriturário (ordenado de duzentos e cinquenta mil réis, de uma poderosa companhia de seguros de vida)⁶⁵.

Mesmo percebendo essa insignificante quantia que me dão em troca de oito horas de trabalho, penso fazer desta a última ocupação de meus dias. Tenho muitos amigos e admiradores no escritório e a minha caligrafia é tida por todos eles como uma das mais perfeitas do mundo. Tão arraigado está esse conceito na opinião de meus íntimos, que as minhas horas de folga são insuficientes para todas as poesias e cartas que me pedem para passar a limpo.

E a admiração de meus companheiros de trabalho pela minha letra é tamanha que, amiúde, ouço de Geraldo Libório, um dos mais brilhantes espíritos poéticos de que já tive conhecimento: “Com essa caligrafia, rapaz, você devia ser o chefe da firma!”

Às vezes, em virtude dessa mórbida modéstia, que desde a infância me persegue, pergunto a mim mesmo, com ansiedade, se não sou um fracassado.

Mas, em seguida, olhando para trás e, lembrando-me da admiração espontânea que os olhos dos meus amigos demonstram, vendo-me escrever, não posso deixar de concordar com o Libório:

- Com este meu talento de calígrafo eu merecia ser, pelo menos, gerente da Companhia!

⁶⁵ No original, os parênteses não fecham.

16 - ELVIRA E OUTROS MISTÉRIOS⁶⁶

“Todas as coisas são difíceis; o homem não as pode explicar com palavras. Os olhos não se fartam de ver, nem o ouvido de escutar”. – Eclesiastes, I, 8.

Às vezes a vida não tem nenhuma paisagem.

Chamava-se João e tinha herdado o nome do pai, um bêbado.

O sênior gostava de álcool e odiava todas as crianças do mundo, inclusive o filho; o júnior amava Elvira e detestava os mistérios. Os outros meninos preferiam matar passarinhos, brincar de pique e gritar à sua passagem: - Olha o idiota! Olha o idiota!

Não se incomodava. Aprendera com o pai que cada ser pensa à sua maneira e gosta de alguma coisa na vida. Ou aprendera com esta, porque aquele sempre se zangava quando ouvia a pirralhada gritando: - O bêbado tá chegando...

Depois tinha Elvira, os passeios que faziam todos os dias à beira do lago, e este era lindo, tão lindo como a relva que o cercava e os cabelos loiros de Elvira, que às vezes acariciava, outras o vento, que ele não sabia de onde vinha e nem procurava saber. Havia tanta coisa que João não tentava decifrar! Mesmo os olhos de Elvira que se punham tristes e alegres de súbito, sem nenhuma causa aparente.

Quando partiu do lugarejo em busca de dinheiro para o casamento, não foi triste. Ela lhe dissera que o esperaria. E Elvira nunca mentia.

O tempo escorria rapidamente e continuariam a ser sempre um do outro. O pai não dissera nada, ao saber da sua resolução. Não bebeu menos naquele dia e não se esqueceu de

⁶⁶ Texto estabelecido a partir da 3ª versão publicada: (*Anuário Brasileiro de Literatura de 1942*, Rio de Janeiro, jan. 1943). As duas anteriores são: (*Mensagem*. Belo Horizonte. 1 fev. 1940.) e (*Revista Belo Horizonte*. Belo Horizonte. set. 1942).

dizer para a meninada da vizinhança: - Macacada indecente! Cada um faz o que gosta e é com o meu dinheiro que eu bebo.

Disse ainda muitos nomes feios, mas o filho já se fora.

Do trem não trouxera recordação alguma. Não se assombrara com o engenho nem com os apitos da locomotiva, que até então desconhecia. Apenas achara o maquinista um pouco gordo para viver num lugar tão quente. Mas ele devia gostar da profissão, principalmente de puxar a corda do apito.

Os anos fugiam céleres, e o dinheiro continuava escasso. Todavia, nem por isso, odiava os patrões como os outros operários. Quando eles vinham doutriná-lo para a “Grande Revolução”, contentava-se em repetir o seu aforismo: - “Todos os homens são bons, a seu modo, e gostam – de maneira diversa – de alguma coisa. O tempo nada vale ante o ideal.”

Nessa ocasião o seu apelido oscilou entre “João-alguma-coisa” e “João-ideal”. Porém, ele continuava a respeitar a maneira de agir dos outros e a odiar os mistérios.

Aos domingos lia o jornalzinho da sua terra natal, sem reparar que era sempre a mesma coisa: ninguém matava, ninguém roubava, não havia bailes, as mulheres e os homens andavam direitinho. Somente o Padre teimava em escrever contra a dissolução dos costumes. Não reparava, porque dentro daquelas páginas brancas, cheias de pontos pretos, vinha apenas o lago, a relva e o vento desmanchando as ondas dos cabelos da sua amada.

Naquele domingo, lia pela primeira vez o jornal. Os seus olhos já tinham crescido demasiadamente ante a notícia que ele tudo fazia para não acreditar. Só existia uma Elvira Soares em Manacá. Mas devia ser outra, aquela que iria casar com Adolfo Correia.

- “Seria mentira ou os homens se tinham tornado maus”?

Por algum tempo se esqueceu de odiar os mistérios e quis negar o direito que cada um tem de fazer o que bem entende.

Mas, ao cabo, tudo se esvaneceu ante o seu olhar: era rico enfim. Possuía automóveis, tinha o respeito dos homens, criados, vassallos, colares, anéis, uma grande coroa de diamantes para depositar na loira cabeça de Elvira.

Não foi longa a viagem. Os seus ouvidos se embriagaram, o tempo todo, com uma música suave e longínqua; os seus olhos fitavam docemente os homens que de longe vieram para lhe jogar pétalas de rosas.

Nada perturbava a suavidade do seu pensamento. Mesmo a menina, que na rua Central, gritava, infernalmente, para alguém que ele não via: - Olha o louco! Olha o louco!

Caminhava a passos lentos em direção ao lago, onde encontraria a sua amada.

Uma senhora, ao passar por ele observou-o atentamente. Franziu a testa, abanou a cabeça e caminhou rapidamente para a companheira que, mais adiante, a esperava.

- Pensei ser alguém que conheci... (falava mais para si do que para a amiga).

- Não sei o que estará fazendo agora... Foi um capricho... (deu uma risadinha, enquanto a outra senhora olhava para ela, sem nada entender).

- Adolfo tem razão: sou muito caprichosa... Era um idiota, e, no entanto, não consigo odiar-me por ter dito a ele que um dia o esperaria.

João encontrou o lago, a relva e o vento. Ainda era dia e via o céu juncado de estrelas e luas. Um punhado de luas.

Elvira vinha num bote, remando em sua direção.

Depois vieram outras. Havia tantas Elviras no lago! Tantas quanto as estrelas.

Quando o crepúsculo penetrou no seu pensamento, povoado de sonhos, João ainda não abraçara a última Elvira. Mas o lago, a relva, o vento lhe pertenciam para sempre. Tudo se eternizara dentro dele. Enquanto o mundo, longe, já muito longe de seus olhos, continuava a dar aos homens o martírio das horas que destroem e fecundam vidas.

17 - EUNICE E AS FLORES AMARELAS⁶⁷

“E o quinto anjo tocou a sua trombeta; e vi que uma estrela caiu do céu, e lhe foi dada a chave do poço do abismo” (Apocalipse – IX, 1).

Ela veio devagarzinho e, sem que eu tivesse tempo de senti-la, tomou conta da minha alma. Como todas essas melancolias que entram, à traição, pela gente adentro e nos corrói aos poucos, não fez com que eu blasfemasse ou tivesse vontade de matar o primeiro ser humano (ou não) que encontrasse pela frente. Deu-me apenas um leve desejo de arrasar todo o universo, utilizando-me de um número infinito de pequeníssimas dinamites.

Refletindo um instante, isto é, não chegando a refletir nessa possibilidade, fui para a minha casa.

Tinha uma grande esperança que a calma do meu quarto, o meu velho pijama de listras vermelhas e brancas, afugentassem a minha tristeza. Mas tudo foi em vão. Durante todo o tempo os meus olhos oscilaram entre as letras de um livro, que tirara a esmo na estante, e o retrato de Eunice, pregado mesmo em cima da cabeceira de minha cama.

Era um retrato a óleo, um pouco antigo, tendo como fundo uma estante de livros, onde Eunice, sentada em uma cadeira colonial, folheava um álbum de gravuras. O seu rosto, ligeiramente melancólico, perdera, pela minha arte, aquela expressão sensual e algo maligna que tanto me atormentara em tempos passados.

Sem que eu percebesse a transição, pouco a pouco, letras e imagens se confundiram na minha mente. Não sabia mais se estava contemplando o retrato de Eunice no livro que estava lendo, ou se estava vendo gravuras no álbum que ela segurava nas mãos.

E o pior, é que a melancolia continuava a me atormentar cada vez mais.

Disposto a dar fim a tudo aquilo, fechei o livro e me estendi na cama à espera do sono.

Inútil tarefa! Levei uma hora mudando de posição, cansando os músculos, fatigando o cérebro, numa busca estafante de pensamentos menos intranquilos. Afinal, deitando-me

⁶⁷ Texto estabelecido a partir da 3ª versão esparsa: (*Roteiro*, São Paulo, 15 de jul. 1943). As duas anteriores são: (*Revista Belo Horizonte*. Belo Horizonte. mai. 1941.) e (*Anuário Brasileiro de Literatura*. Rio de Janeiro. out. 1941). Há ainda a publicação como anexo ao estudo de MORAES (1985).

com a cabeça para os pés da cama e repetindo insistentemente – “é preciso acabar com esta tristeza” – cerrei os cílios e dormi.

Dormi, mas não por muito tempo. Ou melhor, não cheguei a dormir, porque sentia ainda a melancolia verrumando a minha alma e via, através das pálpebras descidas, o retrato de Eunice. Não. Já não era o retrato. Era a própria Eunice. De seus olhos desaparecera aquele ar tristonho que os meus pincéis transportaram um dia, de minha alma para o seu rosto. Estava na minha frente, os lábios descerrados num sorriso sardônico, ostentando para mim as suas formas sensuais e lascivas.

Os dedos crispados, vibrando de ódio e desejo, caminhei para ela. Porém quanto mais avançava mais ela se distanciava de minhas mãos e mais aumentava nos seus lábios o sorriso sardônico.⁶⁸

Depois deu uma gargalhada estridente e desapareceu por entre as paredes do quarto.

Não pude me conter mais. Procurei na adega algumas garrafas de vinho e pus-me a beber alucinadamente. E bebi tanto, que grossas lágrimas de sangue desceram pelo meu rosto abaixo, indo pingar, uma a uma nos meus dedos. Procurando fugir, com eles, das vermelhas gotas, me veio, sem que eu pudesse explicar uma vontade irreprimível de escrever à máquina.

Mal eu sentara para escrever, já os meus dedos voavam sobre as teclas como se algum possante motor lhes estivesse impulsionando. Corriam sobre elas com uma velocidade superior ao meu pensamento⁶⁹.

Quando tirei a primeira tira do papel da máquina, o vento, que entrava por todas as janelas, carregou-a para a rua. Ansioso por alcançá-la, quis correr, mas não me foi possível. Ante os meus olhos se desenrolara uma cousa espantosa: as mesmas janelas que eu divisava na minha frente, as via no fundo da casa que, por sinal, aumentara absurdamente. Debaixo destas últimas, estava uma rua absolutamente igual à que sempre existiu na frente de minha casa.

Fiquei ainda mais aturdido quando descobri que eu já não era um, mas dois: onde ficavam as minhas costas estava superposto um ser perfeitamente idêntico a mim e que

⁶⁸ No original: “Porém quanto mais ela se distanciava de minhas mãos e mais aumentava nos seus lábios o sorriso sardônico”. Correção feita, a exemplo do texto estabelecido por MORAES (1985) e de acordo com a versão esparsa anterior: (*Anuário Brasileiro de Literatura*. Rio de Janeiro. out. 1941).

⁶⁹ No original, a palavra é cortada, pela falta de uma linha: “pensa-”.

enxergava os mesmos objetos que eu estava vendo (Que eu estava vendo? Como eu poderia afirmar se era eu o “outro” que estava enxergando as cousas que eu pensava ver?!).

Em outras circunstâncias, que não aquelas, tenho certeza que não teria dado um passo e ficado inerte, esperando o final dos acontecimentos. Mas eu precisava agarrar aquele papel de qualquer modo, pois se alguém o encontrasse a humanidade estava irremediavelmente perdida. Por isso, esquecendo uma das minhas faces, ganhei a rua pela primeira porta que encontrei e saí numa corrida desabalada atrás do papel. Contudo ele estava a muitos metros adiante de mim e por mais que eu corresse não conseguia aproximar-me dele.

Extenuado, respirando, quase que ruidosamente, parei por alguns minutos, desanimado de continuar na perseguição. Não me demorei muito no arrependimento, que por um segundo me atacou, de não ter praticado os esportes na minha mocidade. Não. Logo abençoei a preguiça que me levou a cultivar a inteligência, em vez dos músculos. Ela me possibilitava a minha transformação numa veloz bicicleta “Bianchi”, (marca, aliás, bastante reputada).

Tudo teria saído de acordo com os meus cálculos, se em meio ao caminho, não me tivesse espantado com o absurdo do que estava acontecendo. Um veículo não podia de forma alguma andar sozinho e, principalmente, subir uma ladeira. Esse raciocínio me fez voltar atrás na minha decisão e tornar à forma anterior, isto é, a ser novamente um homem. Em seguida peguei a bicicleta, virei-a de guidão para baixo e, com os dedos, fiquei a girar uma de suas rodas.

Momentos depois, senti que era ainda um absurdo maior o que estava fazendo. Se eu tornara ao meu estado primitivo não existia mais nenhuma bicicleta. Porém, com espanto não menor, verifiquei que estava era rodando o dedo no ouvido. Coisa que não era de muito boa educação. Sobretudo àquela hora, em plena Avenida. Meio constrangido por esse último fato, sem saber o que fazer com o dedo, virei-me para uma pequena que passava a meu lado e gritei: salve ela!

Grande foi a minha surpresa quando, em vez de uma só resposta, me veio um “salve” saído simultaneamente, de milhares de bocas. Um tanto envergonhado por ter chamado tamanha atenção sobre a minha pessoa, meti as mãos nos bolsos e comecei andar de um lado para outro. Um pouco nervoso, devo acrescentar. Mais triste do que nervoso.

Mas, ai! Antes nunca tivesse colocado as mãos nos bolsos! Não teria ocasionado para o mundo e para mim tantas tragédias! À medida que eu caminhava, indo e vindo, mais a minha tristeza aumentava. Quando resolvi a parar, a fim de tomar um pouco de fôlego, minha alma era um buquê de flores amarelas, iguais àquelas que tanto incomodaram⁷⁰ o meu dileto amigo Brás Cubas.

No entanto, a minha presença de espírito, que sempre foi superior à do meu querido Brás, levou-me a arrancar da alma as malditas flores e jogar aos homens as suas pétalas.

Ao mesmo tempo que iam caindo, iam-se multiplicando. E de tal maneira se multiplicaram que nada mais via a meu redor do que caras amarguradas. E todas me olhando como se fosse eu o inventor de tais flores.

Isso fez com que eu não tolerasse o ambiente (sempre fui inimigo figadal da melancolia e das acusações improcedentes) e tomasse um bonde, onde o motoneiro, bigodes longos e pontas indicando o céu, chorava inexplicavelmente.

Ao chegar à Serra, tive um grande alívio. Um bem-estar indizível passou por todo o meu corpo. Contemplei, lá embaixo, a cidade cheia de minúsculos focos de luz, a tremer como se fossem lágrimas. E senti mesmo – por que não confessar – uma grande alegria ao pensar que sob aquelas luzinhas milhares de seres humanos estavam sofrendo. (Que diabo! Então só eu posso sofrer nesta terra?! Se quiserem, sigam o meu exemplo: tomem uma bebedeira e mandem a tristeza aos Quintos!).

Na Serra não esperei muito. Logo, com o aparecimento da madrugada, a estrela Dalva surgiu e nos pusemos a conversar. Contei-lhe tudo e ela se dispunha a consolar-me quando os homens, vindos em bandos, da cidade, rodearam-me e, dando as mãos uns aos outros, romperam numa sinfonia infernal de gargalhadas e risos.⁷¹

A princípio, meio atordoado com o que se passava, limitei-me a ouvir, de braços cruzados, aquela inesperada orquestra. Todavia, não tardou muito a minha reação.

Os meus nervos já estavam demasiado tensos com aquele crescendo diabólico de casquinadas irônicas, quando notei entre os que me cercavam, o rosto impiedoso de Eunice. Vendo-a o meu desespero chegou ao auge.

⁷⁰ No original: “incomodou”.

⁷¹ No original, há uma inversão na ordem das linhas: “quando os homens, vindos / dando as mãos uns aos outros, romperam / em bandos, da cidade, rodearam-me e, / numa sinfonia infernal de gargalhadas e / risos”.

Tive vontade de lhe atirar ao rosto as injúrias mais pesadas que me viessem à boca. Era demais. Outros poderiam rir impunes de mim, menos ela, que era justamente a causa de toda a minha amargura.

Ia articular o primeiro insulto, quando Eunice deixou-se levar por um gigante, misto de gorila e homem. Foram descendo lentamente a Serra. Ela, seios desnudos, a fisionomia toda contraída pelo riso e ele sério, extremamente sério.

Atrás deles, numa longa e sinuosa fila, seguiram os outros homens. Iam de cabeças baixas, os rostos cansados, os olhos sem brilho, os passos incertos.

Novamente o silêncio se fez. Os lírios que tinham vergado, dolorosamente, as suas hastes, ante a estranha sinfonia que acabavam de ouvir, voltaram às suas primitivas posições.

Esperei que a calma me tornasse e, quando não mais me perturbava o eco das gargalhadas, retidas pelas montanhas que se estendiam à minha frente, voltei-me para a estrela e lhe falei, bastante emocionado:

- Aquela mulher é a única culpada da minha tragédia. Antes de conhecê-la vivia tranqüilo, no meu humilde atelier, sem ambições ou desejos irrealizáveis. Pintava animais e flores e nunca, por um momento sequer, me torturava em levar para as minhas telas almas de seres humanos (porque os animais e as flores também as têm e muito mais puras do que as nossas).

- Mas um dia Eunice penetrou no meu estúdio e de lá não saiu enquanto eu não a transporte para um quadro.⁷² Foi um trabalho doloroso e cansativo, de meses, em que usei mais o espírito do que os pincéis, procurando dar alma a uma mulher que só possuía carnes.

- Ao acabar minha obra, do meu ser antigo restavam somente músculos crispados e pensamentos dolorosamente melancólicos. O meu próprio espírito eu deixara naquela maldita tela.

“Você conhece, minha bondosa estrela, angústia maior do que a de passar os dias procurando para um corpo que permaneceu o mesmo, uma alma que lhe foi roubada por alguém que tinha em mira apenas transformá-la em um instrumento diabólico?”

⁷² No original: “quarto”. Embora as três versões esparsas apresentem o mesmo erro, no documento referente à segunda versão, a palavra é corrigida, por Murilo, para “quadro”.

“Se não fosse Eunice talvez eu nunca chegasse a caminhar de mãos nos bolsos, talvez não me entristecesse tanto, nem fizesse sofrer os que se aproximam de mim.

“Sei que você é minha amiga. Por isso lhe peço que faça desaparecer dos meus lábios o gosto da carne dessa mulher.

“Não me deixe sofrer mais. Se não pode acabar com a minha tristeza tire a vida à Eunice”.

Falei ainda por longo tempo, sem que ela dissesse nada (o mutismo foi sempre o seu pior defeito).

Ao término de minha súplica, a estrela Dalva chegou-se mais para perto da terra, para perto de mim. Os seus raios penetraram pelo meu ser adentro e, na sua voz de luz, prometeu-me tudo o que eu pedia.

Quando a madrugada fugiu levando a minha estrela, descí, tranqüilo a Serra. Levava a sua promessa, feita numa voz triste e algo comovida, que a minha mágoa seria desfeita e que, em qualquer dia destes, todas as minhas razões de ser hipocondríaco desaparecerão. Nesse dia, prometeu-me solenemente – ela virá sem ser pressentida e dará apenas um empurrãozinho na Terra.

“E nunca mais – a sua voz ainda estava mais comovida – haverá flores amarelas, nem Eunices, nem mundos”.

Satisfeito, voltei para a minha casa e agora não sei se estou dormindo ou se foi o mundo que se acabou.

18 - OS DOIS MUNDOS DE JOÃO QUATORZE⁷³

“E haverá um dia conhecido do Senhor que não será dia nem noite, e na tarde desse dia aparecerá a luz”. (Zacarias – XIV, 7).

Não. Nunca mais beberia. Daquela vez o juramento era definitivo.

João Quatorze sentou-se na cama, puxou o travesseiro para as costas e acendeu a luz. O coração o incomodava terrivelmente, batendo frouxo, parecendo, a todo instante, que ia parar definitivamente. Sentiu um medo atroz de morrer. Levou a mão ao coração, batendo longe, acendeu um cigarro e balbuciou, entre baforadas medrosas, uma Ave Maria. Quando chegou ao fim, teve que recomeçar novamente, porque saltara de “entre as mulheres” para “Santa Maria”. Custou-lhe encontrar o pedaço que faltava. Mas, ao cabo, sentiu-se mais aliviado.

Buscou, com os olhos, na estante de livros, um romance e viu, desolado, que nenhum servia para o momento. Todos relatavam fracassos, misérias. Ele precisava de alguma coisa agradável, alegre. Voltou-se então para os seus sonhos de todo o dia. Mas o desejo de ser milionário, um grande escritor, um homem público, não conseguiu apaixoná-lo naquele instante.

Olhando o relógio de bolso, dependurado na parede, viu que era ainda oito horas. O tempo deslizava devagar. Às nove, d. Lindoca deveria trazer-lhe o chá. Era tão boa a d. Lindoca! Passara o dia todo tratando daquela malsinada ressaca que o assaltara tão violentamente.

Sentimental e inútil, João Quatorze de Azevedo vivia oscilando entre dois mundos igualmente estéreis.

À noite, enquanto repousava o seu magro corpo, nos duros colchões da pensão de d. Lindoca – uma quarentona ainda bastante desfrutável – não dormia. Debatia-se em problemas insolúveis. Cria e descreia em Deus, desesperava-se de encontrar a “mulher

⁷³ Texto estabelecido a partir da 2ª versão: (*Grifo*. Belo Horizonte, out. 1943). A versão anterior é: (*Revista Belo Horizonte*. Belo Horizonte, 02 out. 1942).

amada”, pesava as vantagens e as desvantagens do matrimônio e, num sorriso cético, que a escuridão do quarto apagava, julgava-se irremediavelmente perdido para o casamento.

Quando o cansaço vinha, já o encontrava nos problemas econômicos, administrativos e financeiros do país, sem que tivesse ainda encontrado solução para as suas angústias noturnas. Então dormia e tinha sonhos agitados, onde mulheres brancas ou não (esse “não” seria, por certo, a Joana, uma mulatinha pernóstica, copeira da pensão) se misturavam com bandeiras, canhões, homens enormes de barbas brancas. E mesmo com os doces olhos da respeitável d. Lindoca.

Durante o dia, após a leitura dos jornais, ia para a Secretaria, onde perpetrava alguns versos, entre a leitura de um romance sentimental – “o mel da vida”, como ele costumava denominar esse gênero de literatura – ou de um tratado de filosofia.

Tudo ia muito bem (mesmo quando passava as noites completamente em claro) até o momento em que, fazendo um gesto trágico e olhando fixamente o azul do céu – também, às vezes, branco, ele trazia as suas idéias céticas para a realidade. Isso acontecia algumas vezes por mês, quase sempre quando, em seguida a algumas noites de meditação sobre os problemas insolúveis da vida – principalmente a maneira de contentar certos credores impertinentes – chegava à conclusão de que o mundo fora criado apenas para atormentar o homem. Nesse ponto uma angústia de fugir, de desaparecer, de largar tudo, de não pensar em mais nada, tomava conta dele. E apenas conseguia beber algumas cachacinhas e pensar melancolicamente nos olhos verdes da misteriosa menina da rua Pernambuco.⁷⁴

Ah! Os olhos verdes da menina da rua Pernambuco! Sempre ao seu alcance, quando vinha da Secretaria. João Quatorze sabia muita coisa a respeito dela. Menos o nome, que se tornara difícil encontrar um que calhasse à sua figura, exótica e esguia.

Em vão tentava saber o que o prendia àqueles olhos. Tinha uma vaga certeza dela ficar, todas as tardes, plantada no meio do jardim, apenas para vê-lo. Talvez não fossem somente os olhos que o atraíam, mas o mistério que a rodeava e, sobretudo, o contraste de sua figura esguia e melancólica com a suave alegria do jardim.

Porém o seu enigma não existia para João Quatorze. Já tinha conhecimento de toda a sua história e cada vez a aprimorava mais, acrescentando um detalhe ou tirando outro, conforme a sua momentânea disposição de espírito.

⁷⁴ Rua situada no Centro de Belo Horizonte.

Confortava-o a certeza de que ela era uma mulher diferente, acima da frivolidade tola de seu sexo. Mas esta convicção não o satisfazia plenamente, porque alimentava o temor de ser impossível aproximar-se dela. E se tal acontecesse – ele desejava ardentemente que não – tinha receio que, depois de analisá-la melhor, a achasse banal e fútil como todas as mulheres. Ao chegar a esse extremo, embarafustava-se pelas suas rotas teorias adentro, e se odiava, imprecando contra o pensamento que o levava a exigir do mundo exterior a reprodução perfeita das imagens criadas no seu confuso mundo interior. Sentia necessidade de viver, de amar, como todos os seres normais e, ao mesmo tempo fugia aos sentimentos dos homens, por achá-los rudes e sujeitos à corrupção das contingências.

João Quatorze de Azevedo não compreendera ainda até onde poderia ser levado pela sua improvisada intelectualização, nascida do seu desequilíbrio entre dois mundos que não entendera suficientemente.

Restava-lhe comprazer-se em imaginar histórias problemáticas para a menina de olhos verdes, – símbolo de sua tortura, querendo o mundo à semelhança de suas idéias – e olhar, às furtadelas, para os braços brancos e macios de d. Lindoca – a única realidade palpável que se lhe deparava ao olhar cansado pela monotonia de paisagens inexistentes.

- D. Lindoca! João Quatorze, sentiu uma estranha suavidade nos olhos. Soletrou o nome dela de mansinho, sorvendo as sílabas com prazer, quase delirando.

Tão bela, a d. Lindoca! Parecia ter somente trinta anos e já conhecera uma geração inteira de estudantes e funcionários públicos! Sempre doce, suave, uma mãe, a d. Lindoca! A cuidar de seus hóspedes como se eles fossem os seus próprios filhos.

Agora mesmo ela viria com o chá. Só de pensar nisso, João Quatorze sentiu-se melhor. Teve impressão que, sentada em sua cama, ela estava ajeitando os cobertores. Sentiu nos seus, os olhos doces de d. Lindoca. E, enlaçando o seu pescoço, os braços brancos, brancos... Brancos como o quê? Fugia-lhe o termo. Não importava.

Já não se preocupava em cumprir a promessa que fizera à menina de olhos verdes. A Elizabeth (arranjara, enfim, um nome para ela).

Esquecera os seus projetos de fugirem juntos para Marte, ou para outro planeta qualquer, para onde seriam arrastados por uma força desconhecida. Onde, longe da terra cheia de misérias e dos homens, corruptos e insinceros, dariam origem a uma geração sadia e feliz. Não pensava nas praias brancas que contemplariam abraçados, cheios de tranqüila ventura. Nem nas campinas verdes, nos montes azulados...

Deus existia, não podia deixar de existir. Não eram rudes os sentimentos dos homens. Muito menos corruptos e insinceros. A vida não era miserável, tudo era bom. Só eram execráveis os medonhos tratados de filosofia, que em vão tentara entender. Cheios de Kant, um velho cacete e presumido, que levava a vida inteira pensando se devia casar ou não e reduzira toda a sua vida a uma série de hábitos cansativos.

Ouviu passos, uma voz doce, perguntando se podia entrar. Estava tão comovido, tão ansioso, que d. Lindoca repetiu a pergunta e entrou com a chávena de chá na mão, sem mais esperar pela resposta.

Fez-lhe perguntas. Se estava melhor, se queria mais um travesseiro, se não era preferível chamar o médico.

Respondeu ofegante, a todas as perguntas, balbuciando, sentindo o coração oprimido, os olhos incendiados, esperando uma pausa, para dizer qualquer coisa importante a d. Lindoca.

Quando ela fechou a porta de mansinho, João Quatorze cerrou os cílios e dormiu por muito tempo, sonhando, delirando... Brancas praias, montanhas azuis, dois belos braços acenando de longe, com um planeta que ainda não incluía nos seus planos.

Nessa noite, em seus sonhos, não apareceram canhões, todas as mulheres eram brancas. Brancas também eram as bandeiras. Enfim, descera sobre o seu corpo a paz das noites infinitamente tranqüilas.

19 - REFLEXÕES DE UM ZERO⁷⁵

“A mulher, que tu me deste por companheira, deu-me da árvore e eu comi” (Gênesis – III, 12).

1

Embora tenha nascido um zero, desde logo senti uma poderosa atração pelos outros números. Sabia, por instinto, depender de um deles, para que, colocado na minha frente, eu chegasse a ser alguma coisa no mundo.

Na minha infância... Antes devo dizer nasci. (É verdade: os zeros nascem!) Mamãe – um zero muito grande, peitos enormes – era uma ótima⁷⁶ pessoa e chorava constantemente. Papai, um elegante número, usava roupas bem feitas e até um automóvel. Por isso não o conheci e nem ficou sendo meu pai.

Mas, na minha meninice a atração que eu possuía pelos outros números tinha um alcance muito limitado. Ia, quando muito, às maçãs, brilhando nos mostruários.

É escusado dizer⁷⁷ que continuei zero, com a boca sempre cheia d’água, sem que tivesse, uma só vez, provado uma das ambicionadas frutas.

Afinal a água secou e sobrou-me o consolo de que muitas das maçãs que eu vira, em luxuosas vitrines, eram feitas de massa. Esse foi o meu primeiro engano e último consolo.

2

Um dia acordei rapaz, sem mãe (a coitada estrebuchara em conseqüência de um nó nas tripas), recebendo descomposturas de meu patrão, um português desbocado. Nos intervalos do trabalho e dos insultos, freqüentava um ginásio noturno.

Nessa fase de minha vida não desejava tanto os outros números. Pelo contrário: sonhava, noites a fio, com os dois zeros de uma bicicleta que eu admirava todas as manhãs na vitrine de uma importante casa comercial.

⁷⁵ *Leitura*, Belo Horizonte, out. 1943.

⁷⁶ A palavra “ótima” é acrescentada pelo autor.

⁷⁷ No original: a palavra “dizer” aparece impressa duas vezes seguidas.

Entrementes o português continuava a me xingar, entre um e outro bofetão, e o professor de latim a me encher de zeros.

3

Com o ginásio acabaram-se os tabefes e as descomposturas do meu patrão. Por muito tempo tive saudades deste, sem ter nenhuma daquele.

O pobre⁷⁸ português fora o meu segundo equívoco. Em seu testamento, deixou-me dez contos de réis e umas linhas de carinhosa despedida. Delas esqueci-me logo, sem que, todavia, deixasse nunca de me recordar com ternura dos dez contos. Notadamente quando me veio um terceiro engano: uma loura esguia, separada do marido que, entre outras cousas, até passar fome a deixava. E o apetite dela era tão bom que, em alguns meses, comeu a minha primeira e única herança.

Não me lamentei muito, nem passei a preferir as morenas. Resignei-me com facilidade. Logo me deram um emprego de contínuo em um jornal e me foi possível matricular, gratuitamente, na Faculdade de Medicina. Nesta última descobri outro engano meu que, pela ordem cronológica, deveria ser situado entre o primeiro e o segundo: o nó nas tripas que matara minha mãe era apendicite. Nem por isso lembrei-me demasiadamente dela, nem desejei ser médico naquela ocasião para salvá-la. A memória de um zero não é das melhores e eu já estava de olho bem aberto num grande número que todos os dias passava pela frente da redação.

4

Chamava-se Mariazinha e era caixeira da casa dos “Dez Mil Réis”. (Não era esta a razão de ser ela um grande número. Mariazinha estava acima de qualquer cifrao e era proprietária dos maiores olhos da cidade. Grandes e castanhos. Além do mais, tinha umas tranças compridas e um dente de ouro.)

⁷⁸ No original: “podre”, corrigido pelo autor para “pobre”.

A princípio contentei-me em esticar, furtivamente e de longe, o meu olhar para ela. Depois... Foi um baile no Calafate⁷⁹. O dono da casa, tio da caixeirinha, sentiu-se muito honrado com o meu título de estudante de medicina e, olvidando – não sei se propositadamente – o meu emprego de contínuo de jornal, fez questão que eu dançasse várias vezes seguidas com a sobrinha que, ao mesmo tempo, era sua filha adotiva.

Uma dança, duas, três... Não sei se foi a cerveja, ou a embriaguez que me provocavam aqueles dois olhos grandes e castanhos, que me fez perder a conta das vezes que dançamos. Também não me recordo o que me levou a sair da minha timidez, e dizer aos ouvidos de Mariazinha, versos que eu tinha escrito para ela.

Foram os meus derradeiros poemas. Quatro meses decorridos era noivo, mais quatro casado e ainda contínuo de redação.

Pela primeira vez, na vida, tinha realizado alguma coisa, onde o equívoco maior não tinha sido o meu. Alguns meses após o casamento (já desistira do curso de medicina), meu sogro, tio e hospedeiro, descobriu que cometera o maior erro de sua existência ao confiar nos zeros do meu ordenado.

O seu amor de tio e de pai adotivo, não resistiu a tamanha decepção e nos botou no olho da rua.

5

A minha esposa, depois desse inesperado acontecimento, teve que trabalhar novamente. Não por muito tempo. Pois logo um pequenino zero lhe foi despontando no ventre. (Nunca vi um zero crescer tão rapidamente). Tanto cresceu que, meses depois, em vez de um, nasceram dois.

Durante um ano lutamos desesperadamente para manter os malditos zerinhos que, quando não estavam doentes, consumindo remédio como o diabo, comiam alucinadamente.

Nem assim brigávamos lá em casa. A harmonia continuava a presidir a nossa vida em comum. Apenas, à noite, não conversávamos. Como sempre foi meu hábito não pensava muito e levava as horas contemplando as estrelas, sem desejo de fazer versos.

⁷⁹ Bairro de Belo Horizonte.

Mariazinha abria muito os olhos – já grandes⁸⁰ demais – e ficava olhando para dentro. Enquanto isso, os diabretes olhavam um para o outro, alheios a nós e a tudo.

6

Certa vez, dada a nossa falta de crédito – devíamos até o padre que há muito não via as nossas esmolas na missa das oito – o nosso jantar se limitou a feijão e angu. Os pestinhas choraram, eu olhei estrelas e Mariazinha olhou para dentro com muito mais intensidade do que nas outras noites.

Ao acordar, na manhã seguinte, para ir para o trabalho, me vi só, no mundo, com os dois pequeninos zeros. Em cima da mesa da sala de jantar encontrava-se um bilhete lacônico: “Me vou com o Chico Padeiro”.

Ainda daquela vez o engano não seria meu. Mariazinha se enganara no pronome e o Chico Padeiro com a vida: três meses depois da fuga, por causa de minha mulher, matou um companheiro de trabalho. Ganhou pelo feito trinta anos de cadeia, enquanto Mariazinha ganhava o dono da padaria “Bom Jesus”.

Assisti tranqüilamente aos⁸¹ acontecimentos, como quem assiste a um filme cinematográfico. Emocionei-me um tanto na parte culminante da tragédia e, ao cabo, fui o mais beneficiado com o final. Não paguei entrada para o espetáculo e, ainda por cima de tudo, fiquei livre dos dois zerinhos, que foram para a companhia do padeiro. A estas horas devem estar se fartando de pães ou sendo tratados de alguma indigestão.

7

Tudo ia indo muito bem, como sempre, quando em certa ocasião fiquei excessivamente melancolizado com as estrelas e quis amortecer um pouco a minha tristeza com uns goles de cachaça. Como nos dias subseqüentes voltasse a me entristecer pelos mesmos motivos, continuei a beber.

⁸⁰ No original: “grande”.

⁸¹ No original, “os”.

Devido às bebedeiras contínuas a que eu me entregava, tiraram-me o emprego e tive que dormir nos jardins, comer o que a caridade alheia me dava.

Mas não perdi a calma. E nisto fiz bem, porque tempos depois fui descoberto por uma viúva, proprietária de pensão, o que me valeu a ser promovido a dono de pensão honorário.

Porém a felicidade não durou muito. Depressa a mulherzinha, que era bastante volúvel, descobriu outro príncipe consorte e fui amavelmente despedido do melhor emprego que a vida me deu.

Doce e suave dona de pensão! Antes de me despedir, arranjou-me um lugar de contínuo numa das Secretarias de Estado.

8

Durante algum tempo remoí uma saudadezinha insistente da viúva. Mais do leito de penas de ganso e dos bons quitutes que a cozinheira da pensão fazia especialmente para mim, do que propriamente da minha terna e inconstante companheira.

Não me demorei muito a consolar-me. Verifiquei que ser contínuo de Secretaria é a função mais cômoda e brilhante para um zero sem preocupações metafísicas.

Infelizmente, o homem tem uma grande ternura pelo Demo. Ou pela metafísica, que é a mesma cousa. Ao mesmo tempo que lobrigava a minha um tanto tarda vocação, assaltavam-me umas idéiazinhas filosóficas.

A princípio o meu bom senso fez com que reagisse contra elas. Contudo não foi bastante longe a minha resistência. Capitulei e me deixei levar pela curiosidade de saber a origem de muita cousa que um zero, infenso às delegacias de polícia, deve ignorar. Passei noites e noites devorando livros que talvez a Igreja condenasse.

Li demais. Quis saber por que havia tantos zeros no mundo. Mas ai! Um zero nunca deve pensar! Somente após a minha demissão (“a bem do serviço público”) vim a ter conhecimento dessa amarga verdade.

Demitido, tornei aos bancos dos jardins, à caridade do próximo, à minha infância. Sim, à minha infância! Já que retomara o meu antigo vício de namorar maçãs nos mostruários das casas de frutas.

O meu retorno à infância começou outro dia, ao deparar com os meus filhos, bem vestidinhos, devorando gulosamente vermelhas maçãs. É certo que não me incomodei por não me terem reconhecido, nem tive inveja deles. Apenas custei a me livrar de uma pergunta torturante: por que os produtos de um simples zero podem chegar a ser grandes números?

Todavia a pergunta não se demorou na minha cabeça. A fome, que é inimiga dos grandes raciocínios, fez com que eu desculpasse a minha incapacidade para responder a pergunta, considerando que a matemática humana é bem diferente da que aprendemos nos bancos escolares.

E desse dia em diante fugi aos livros e aos pensamentos, pois retornara aos primórdios da humanidade. Sim, senhores. Eu sou a segunda vítima da maçã.

20 - OS LÁBIOS DE ISaurINHA⁸²

Meu Deus! Fui eu que pedi e não devia ter pedido!

Mas a gente faz tanta coisa sem pensar! (Não. Não acho que meus pais fizeram mal em se casar e nem de me terem posto no mundo. Absolutamente não penso assim. Esse casamento era muito necessário. Sem ele eu não teria conhecido Isaurinha).

Isaurinha, oh! Isaurinha! Uma ternura diabólica me invade os olhos quando me lembro de Isaurinha (e isso se repete a todo momento). Os lábios dela – que lábios, santo Deus! – forçavam-me a procurar na memória os melhores adjetivos do professor Amadeu “Caveirinha” e a acreditar nas maiores e mais deliciosas mentiras do mundo. (Um dia – estávamos ainda no grupo escolar – ela me contou que o seu tetravô tinha sido um macaco e que, com certeza, também o meu. Fiquei muito indignado, mas acreditei. Como prêmio de minha credulidade ganhei um longo beijo, o que me fez, por instantes, esquecer a nossa triste ascendência).

Tudo estava muito bem, mesmo os enganos constantes pelos quais a imaginação de Isaurinha me fazia passar e as suas amiudadas traições com o maricas do Enock (Um bobalhão que necessitava do auxílio da mãe até para lhe dar o nó na gravata). Sim, tudo. Menos aquele pedido. Ainda hoje não consigo saber por que o fiz. Nem a desculpa de ter ingerido alguns chopes a mais, nada disso.

Agora, quando muitos anos já se passaram, e só me resta o arrependimento, tento reconstituir os fatos, e fico na mesma. Apenas uma coisa se me afigura bem clara: não devia ter pedido.

Recordo-me que foi numa tarde e eu estava um tanto zangado com Isaurinha. Soubera que, na véspera, ela fora ao cinema com Enock, aproveitando a minha ida à casa de uns colegas, onde estudávamos, febrilmente, as matérias do vestibular de Direito.

A briga não foi longa. Disse-lhe uma porção de desaforos, Isaurinha me respondeu outro tanto e acabei por aceitar a mentira que ela me apresentou à guisa de desculpa. Não

⁸² *Alterosa*, Belo Horizonte, jan. 1944.

recebi o beijo do costume, que era o termo de todos os nossos arrufos. Era de dia e algum vizinho poderia ver.

Antes o tivesse ganho! Os meus lábios teriam permanecido fechados e eu não formularia o maldito pedido (Não. Não lhe fiz qualquer proposta indecorosa, nem a pedi em casamento. Gostávamos muito um do outro e nos contentávamos com o nosso amor, sem perdermos tempo fazendo planos para o futuro. Pensávamos – ou nunca pensávamos – que tudo caminharia naturalmente para um fim, independente do nosso arbítrio).

Lembro-me também de que ela fechou muito a cara antes de me lançar aquela torrente de insultos. Em nenhuma outra ocasião a vi tão incisiva e tão dura. Teve para mim expressões as quais nunca pensei que uma pequena soubesse. (Hoje sei que elas conhecem algumas bem piores).

Engraçado: não reagi, nem ao menos senti vontade de replicar. Contentei-me em rir às bandeiras despregadas. E não era para menos. Aqueles lábios, que eu sempre admirei (vermelhos e bem feitos), tornaram-se de repente grotescos e ridículos. Tinham contrações rápidas, estavam salpicados de saliva. E para tornar mais risível o seu aspecto, descia de um dos cantos um fio tênue de baba, que me fazia recordar um passeio de barca que eu empreendera com alguns companheiros, no Rio das Velhas⁸³. Não nos afastáramos muito da margem, quando o barco virou e tivemos que nos lançar à água. Todos sabiam nadar, menos o maricas do Enock, que deu um trabalhão medonho para ser salvo. Quando o tiramos para fora, meio desmaiado, escorria de seus lábios o mesmo fiozinho de baba.

Essa lembrança fez com que eu me dobrasse em novas gargalhadas. E, completando o grotesco da cena, me veio ao cérebro o pensamento mais absurdo do mundo: quem sabe aqueles dois fiozinhos não seriam um ponto de união entre os seus destinos? (Vejam só: o idiota do Enock casado com Isaurinha! Tinha graça.)

E tinha mesmo.

Segurando um pouco o riso e não me contendo por mais tempo, exclamei:

⁸³ A bacia do Rio das Velhas está localizada na região central do estado de Minas Gerais, sendo que a região metropolitana de Belo Horizonte ocupa 10% da área territorial dessa bacia (Disponível em: <http://www.manuelzao.ufmg.br/> Acessado em: 11 de abril de 2007).

- Imagine você casada com o Enock! Que parzinho notável! Digno de uma exposição de animais...

- De animais, não é? De animais, não é, seu borra-botas! Pois fique sabendo que me casarei com ele, viu seu... seu... Seu coisa!

Como são teimosas as mulheres! No dia seguinte, já o meu lugar junto de Isaurinha estava ocupado pelo quase afogado do Rio das Velhas. (Por que não o deixei afogar-se?)

A princípio calculava que o capricho de Isaurinha passasse logo, e até me divertia ao ver os dois conversando, à noite, encostados no portão da casa dela, localizada bem em frente à minha. Às vezes, por alguns segundos, ficava nervoso, à idéia de que eles podiam estar se beijando. Mas logo me voltava o bom humor: que mal poderiam fazer àqueles lábios – maravilhosos lábios – os beijos do inofensivo Enock?

Com o decorrer das semanas, porém, fui ficando apreensivo, e tratei de arranjar um jeito de me aproximar novamente de Isaurinha. E, sob os mais ridículos pretextos, procurava-a constantemente. Isaurinha, por seu lado, não me recebia mal e mantinha palestras compridas comigo, permanecendo numa atitude de indiferença condescendente, capaz de exasperar a qualquer um.

Outras vezes, deixava de conversar com Enock, para aceitar um convite de irmos juntos ao cinema. Então eu me punha mais animado e lhe fazia propostas de paz, que ela repelia sem mostrar nenhum desagrado, deixando-me entrever uma esperança longínqua de voltarmos ao nosso antigo namoro.

As coisas estavam nesse pé, há dois meses, quando um dia fui procurado por Enock. Após um longo rodeio, temendo magoar-me (tenho certeza de que ele acreditava na flagrante diferença que existia entre os meus rijos braços e os seus descarnados membros), pediu-me, humildemente:

- Olhe, Zé, por favor... Não fique zangado não... Nós somos amigos... Mas você compreende, não compreende? Eu sou namorado da Isaurinha, você sabe? Sei que você é mais simpático... Ela gosta de passear... E eu... e eu... Pode parecer ridículo, mas não é não. É muito sincero. Eu me casarei com ela...

Penalizado com o seu tom humilde, e mais para mostrar a minha superioridade, atalhei o discurso:

- Está bem, rapaz. Você deseja que eu não ande tanto com sua namorada, não é assim? Pois fique tranqüilo. Eu já tinha pensado nisso mesmo. Você não ignora que tenho muitas admiradoras. Todo o mundo sabe. Não que eu ligue muito para elas, mulher comigo, é na batata. Mas, que diabo! Não tenho o direito de desgostá-las. Vá sossegado. Não sairei mais com a sua doce pombinha.

Ele se foi arrebetando de alegria, enquanto eu ficava a engendrar um plano seguro de lhe roubar a pequena. E acabei por acreditar que outra namorada é que resolvia. Mas não resolveu não. Isabelinha, uma pequena simpática e de voz fina, não despertou ciúmes em Isaurinha. Nem Eudóxia – que dentes feios eram os dela! – nem Lourdes, nem Inácia, nem ninguém.

Desanimado, já com as esperanças bem minguadas, dei para beber, fazer farras tremendas. Esperava que ela se comovesse com os meus desatinos. E se comoveu? Nem sequer comentou. Não se dignou (mesmo o seu desprezo eu desejava) a ter uma expressão de piedade por mim.

Um ano mais tarde, durante um baile, onde, sob os olhares inquietos e súplices de Enoch, dançamos várias vezes seguidas, abri meu coração a Isaurinha. Contei-lhe todos os meus sofrimentos, impostos pela nossa separação. Disse-lhe (que entonação comovida eu dava à minha voz!) que a amava desesperadamente, que não podia viver sem ela. Disse tudo o que um homem apaixonado sabe dizer nessas ocasiões.

Em vão. Ela se limitou a dizer, quando terminei:

- Outra mulher poderia aceitar como verdadeiro o que você acaba de dizer. Eu prefiro crer somente no meu Enoch, com quem me casarei um dia.

Por mais que lhe afirmasse serem sinceras as minhas palavras, que o seu namoro com Enock não podia deixar de ser mero produto de um despeito, não fui bem sucedido no meu intento.

Ela respondia com sorrisos incrédulos aos meus argumentos, até que a verdade me saltou aos olhos: Isaurinha estava mais do que certa da minha sinceridade, apenas não lhe interessava acreditar-me.

Depois desse baile, renunciei para sempre a qualquer tentativa de aproximar-me de Isaurinha, sem que, no entanto, a esquecesse.

Quando, anos após, eles ficaram noivos, fiz o impossível para me convencer de que aquilo ainda era um capricho da minha antiga namorada. Contudo, tive que viajar, procurando distrair-me um pouco daquela obcecante paixão que me ia tornando excessivamente neurastênico.

Viajei. Utilizei-me dos mais diversos veículos, desde o cavalo, a carroça, o automóvel, o trem de ferro, o navio, até o avião. Amei mulheres de raças esquisitas, de lábios de todos os feitios imagináveis. Porém, os lábios de Isaurinha permaneciam diante dos meus olhos, fixos, fazendo com que, como um louco, eu beijasse desesperado o ar.

E somente eles. A figura dela já se apagara totalmente para mim.

Eram uns lábios bem feitos (para que descrevê-los mais?). Bem feitos e mentirosos. Mas que importância havia serem eles mentirosos? Os lábios feios, secos, é que precisam dizer somente verdades. Além disso nunca me importaram as mentiras. Também já menti demasiadamente e, entretanto, nunca achei que devesse molestar-me por esse motivo.

Quando, dez anos depois do início de minhas viagens, regressei, encontrei-os casados. Enock não mudara em nada e era o mesmo bobalhão de sempre. Só Isaurinha sofrera transformações no seu físico. Perdera os dentes, em consequência de uma

desapiedada piorrêia. Trazia o rosto marcado pela varíola e o corpo estragado pelos filhos que brotavam anualmente de seu ventre.

Todavia, os lábios eram os mesmos. Belos e mentirosos. O marido nem notava esse pormenor, preocupado com conquistas fáceis e amargurado com uma feiúra que ele pretendia ver na esposa.

A minha chegada causou bastante reboição na vizinhança, sempre desejosa de novidades. Recebi visitas de todos os moradores da rua, que ainda eram do meu tempo, inclusive do Enock, muito interessado em saber algo sobre os costumes dos europeus.

De Isaurinha, nem sombra. Passava-se depressa pelo alpendre da casa, (onde tantas vezes nos beijamos) atarefada com os filhos, sem olhar para mim que, da janela do meu quarto, ansioso, esperava que ela me visse. (Infelizmente, a minha vida continuava a girar em torno de seus lábios).

Agoniado por aquela brutal indiferença, que eu sabia ser simulada, enviei-lhe vários bilhetes (pela minha cozinheira), propondo-lhe que fugíssemos para um país distante. Prometi-lhe a felicidade e o universo, sem que obtivesse uma única resposta. Isaurinha mantinha-se fiel ao que me dissera vinte anos antes.

Não esperei que ela respondesse ao último bilhete. Numa madrugada, sem me despedir de ninguém e sem saber para onde ia, resolvi embarcar no primeiro trem que saísse da cidade.

Enquanto aguardava o automóvel que me levaria à Estação, fiquei a contemplar as flores do meu jardim. Lembrei-me, vendo uma palmeira que não dava mostras de envelhecimento, de a ter plantado. A meu lado, Isaurinha também a vira nascer. Participara do meu enlevo, dos cuidados e do carinho com que eu assistia ao seu crescimento.

Caía uma garoa fina e a casa de Isaurinha, cheia de trepadeiras, as paredes de um tom vermelho desmaiado, com um alpendre comprido, de grades de ferro, aparecia na

minha frente, envolta⁸⁴ pelas brumas, como um bloco maciço, a tolher os meus pensamentos.

Senti-me, repentinamente, transportado para uma noite fria e brumosa de muitos anos atrás. Voltávamos do cinema, coladinhos um no outro, esquentando-nos mutuamente com o calor de nossos corpos.

Isaurinha chupava um “pirulito”. De vez em quando, ela levava o doce aos meus lábios, voltando-o, em seguida, aos seus. Aquele ir e vir da bala, deu-me a sensação de que, durante toda a nossa existência, caminharíamos um ao lado do outro, repartindo-nos nos mesmos desejos e pensamentos.

Ao lhe transmitir o que estava pensando, Isaurinha, num transbordamento de ternura, beijou-me nos olhos. Foi o suficiente para que, sentindo-os melados de açúcar, eu me zangasse demoradamente com ela.

Depois disso, ficamos uma semana sem conversar, sem contemplarmos juntos a palmeira que continuava a crescer, indiferente aos nossos amos e às nossas pequenas alegrias.

A buzina do automóvel arrancou-me dos meus devaneios. Por anos afora eu iria ouvir aquele mesmo barulho, em manhãs nevoentas como aquela, manhãs douradas, cheias de sol, empoeiradas ou sem cor.

Iria ouvir sons de sirenes, apitos de locomotivas, todos os ruídos que são festivas despedidas para muitos, tristezas para outros, indiferença para os que, como eu, não sabem o que procuram ou apenas estejam fugindo a um fantasma.

Recomecei as minhas viagens. Percorri caminhos e estradas cujas paisagens não me comoviam mais. Travei novos conhecimentos com pessoas que não me contavam nada de novo, nem deixavam transparecer nenhuma tragédia íntima: desses conhecimentos de

⁸⁴ No original: “envolto”.

alguns dias e mesmo de horas, que fazem os que viajam por profissão, prazer, tédio, ou, como no meu caso, para escapar a uns lábios vermelhos e bem feitos.

Muitas vezes, no tombadilho de um navio, ou num bar de uma cidade qualquer, assusto um eventual companheiro, que conheci minutos antes, com a minha pergunta de sempre: Por que fiz aquele pedido?

Quase sempre olham-me com espanto e ficam esperando que eu me explique. No entanto, permaneço em silêncio, olhando, muito atentamente, qualquer coisa no ar, que bem pode ser a miragem de uns lábios mentirosos, ou pode não ser nada, como esse nada que eu procuro inutilmente encher, nas minhas correrias pelo mundo.

21 - NOÊMIA E O ARCO-ÍRIS⁸⁵

- Por longo tempo enxerguei tudo em “marrom” e já não era tão desgraçado (essa cor tem a vantagem de atenuar a infelicidade). Contudo, sentia um cansaço, um tédio imenso. Perturbava-me a ausência das outras cores, principalmente do amarelo. O que me dava uma nostalgia tremenda das tardes ensolaradas. Mesmo assim continuava viajando por países desconhecidos, onde as manhãs se confundiam na monotonia do “marrom”. E, para onde eu ia, sempre a me perseguir a ânsia de encontrar uma solução para o enigma.

- Às vezes, quando me esmagava o tédio, tinha vontade de voltar, de abandonar tudo. Mas, à lembrança do rosto convulsionado de minha mãe, quase morrendo, e a gritar desesperadamente, pedindo-me que matasse o dragão, que procurasse a cor salvadora, dominava a minha momentânea covardia.

Parei um pouco, olhei a tarde, tão avermelhada quanto o rosto de Inácio e as casas, que se perdiam ante os nossos olhos como uma grande mancha de sangue. (Ultimamente tudo me aparece em colorações sanguíneas. Daí a minha crença que estou na derradeira etapa para decifrar o mistério do dragão).

Relutei em continuar a minha digressão, porque senti que os olhos do meu amigo tinham tomado um tom de dolorosa desaprovação.

Pobre Inácio! Pensa que estou demente e, no entanto, há muitos anos não conhece um instante sequer de lucidez!

Se ele não tivesse ficado louco, teria nele um excelente colaborador para as minhas pesquisas, pois foi, anos atrás, notável físico. Talvez agora eu já pudesse anunciar para o mundo a descoberta mais espantosa destes últimos séculos.

Há ocasiões em que tenho vontade de procurar outra pessoa para discutir comigo os meus estudos e reflexões. Mas, desde que deixei de viajar, não consigo pôr-me em contato com os outros homens. É por essa razão que me utilizo de Inácio. Não me seria nada agradável ter que conversar sozinho.

- A felicidade humana, Inácio, é bem mais complexa do que você pensa. A cor marrom, por exemplo, evita em parte a infelicidade. Todavia, tem dois graves inconvenientes: traz o tédio e é difícil, para nós, darmos a todas as nossas impressões

⁸⁵ *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, set. 1945.

visuais essa tonalidade. Requer uma grande força de vontade, ou uma delicada operação no centro visual.

- A um resultado já cheguei – aliás bem satisfatório para os estudos que empreendo: descobri que vários indivíduos – especialmente os dotados de genialidade – são obrigatoriamente infelizes. São os seres “ímpares”. Não conseguem, através da matemática humana, combinar com número algum. São infelizes no amor e não lhes é possível encontrar em outro ser ressonância para os seus anseios. Passam pelo mundo incompreendidos pela humanidade, que de resto é formada por números “pares”. E, não encontrando o número que os completaria, vivem à margem da vida, por esta desesperadora destinação de estarem sempre fora e acima de sua época. Talvez com o “branco” eu consiga torná-los “pares”, isto é, facilmente compreensíveis e maleáveis às idéias de seu tempo.

Detive-me outra vez, porque Inácio está tentando “acalmar-me”, segundo a sua maneira habitual de se expressar.

Não consigo dominar a minha irritação, quando o vejo tomar essa atitude. Que fique calado, com ar de dúvidas, vá; que pense e diga que sou louco, não me importa. Não tolero, porém, de forma alguma que bata nas minhas costas e implore que eu fique calmo e não me exalte. Ora, sim senhor! Se o louco é ele!

Recentemente descobri um estratagema engenhoso para me livrar dele, nessas ocasiões. Afirmo-lhe que, se continuar a me irritar, sairei dando berros pela rua. O resultado é infalível. Logo que eu lhe digo isso, como agora o fiz, Inácio, sai depressa e vai chamar a sua irmã Noêmia, que também é louca (na sua família a demência é hereditária). Ele pensa que Noêmia consegue restituir-me a calma. Mas, a verdade é que a loucura dela é menos importuna e faz com que ouça, sem me perturbar, tudo o que eu lhe vou dizendo (sem compreender, é claro). E além do mais, me faz bem com os seus olhos doces e melancólicos.

Noêmia, antes que eu empreendesse a série de viagens que fiz, era minha noiva. Gostava imensamente dela. Pois sempre foi linda e de uma meiguice quase estranha (hoje vejo que era mesmo estranha).

Ao regressar, teria sofrido muito, encontrando-a possuída pela sandice, se não fosse a grande missão a que me propus, visando salvar a humanidade e, conseqüentemente, a própria Noêmia.

Parece inexplicável: tão logo ela chegou, comecei a sentir os benefícios de sua presença. A tranquilidade já me tornou e estou vendo tudo cor-de-rosa.

- Ah! Você também está vendo tudo em rosa, Noêmia? (Talvez esteja nessa cor a solução).

- Lembra-se do nosso noivado? Lembra-se?! (Ela está curada, meu Deus! Há muitos anos que não se recordava de nada do nosso passado. Descobri! Foi a cor!).

- Recorda-se dos passeios que fazíamos ao Parque? Você gostava de sentar-se debaixo de uma árvore frondosa e eu nos bancos à beira do pequenino lago... E o bondoso guarda, embevecido com as nossas pequeninas rugas, olhando-nos com uma cara de quem dizia: “Não passa deste ano!”

- Vamos passear no Parque, Noêmia. Você vai repetir para mim tudo o que gostava de dizer naquele tempo. Falará dos seus planos de construirmos uma casinha à margem de um pequeno rio, cheia de trepadeiras... Dos nossos filhinhos louros e rosados...

- Por que está chorando?

- Não se chora de felicidade, Noêmia... Vamos, enxugue as lágrimas. Sim. Vamos sentar-nos debaixo da árvore frondosa, não fique zangada. Nunca mais viajarei por países desconhecidos, nem brigarei com você por causa dos bancos à beira do lago.

- Ah! Descobri! É o arco-íris. Nós precisamos dele. A harmonia das cores dará aos homens a felicidade! É o arco-íris. Nós necessitamos dele, Noêmia!

- Não me segure, Noêmia. Vamos, estanque as lágrimas, que eu quero gritar para todo o mundo que a humanidade nunca mais será infeliz.

- Traga a escada, que eu vou trepar no arco-íris e de lá jogarei um pedacinho dele para cada homem.

- Não, não quero o Dr. Otto! Chame o Inácio, que agora eu sou o dono do arco-íris!

22 - CONFIDÊNCIAS DE NATAL⁸⁶

“E aquele, que se não achou escrito no livro da vida, foi lançado no tanque de fogo”.
(Apocalipse, XX – 15).

1

Nesta noite de Natal, leio a Bíblia e, não sei por que razão, me vem à memória a primeira namorada.

Quinze anos! Tanta coisa aconteceu depois, que não me deveria lembrar de Mariazinha. Mariazinha que brigava comigo, me dizia desaforos e tinha quinze adoráveis anos.

Todas as noites, após enfiar o melhor terno, me dirigia para a casa dela. Dava um assovio longo, dois curtos, e Mariazinha aparecia à janela:

- Já vou, viu. Gritava lá de cima, ajeitando os cabelos.

E demorava dez minutos. Quando chegava, jogando os braços para os lados, dando pequenos pulos, encontrava-me amuado, doido de raiva pelos seiscentos segundos de espera.

Aos poucos a ira se desfazia e eu guardava o canivete, com o qual, todos os dias, tornava mais fundos os sulcos de um coração, desenhado por mim, numa árvore de jalão. (Quinze anos passados e ele ainda lá está, com um “M” muito grande no centro. Mariazinha não sei onde estará. Foi um dia para S. Paulo e me escreveu que voltaria. Não voltou).

Em seguida, meio hesitante, esticava os olhos para a lua, dizia que a noite estava linda. Ela olhava também, concordava comigo, me fitava, muito mansa, e as nossas mãos se encontravam...

2

- Já falei que gosto de você!

⁸⁶ Estabelecido a partir da 3ª versão: (“Confidências de Natal”. *Folha de Minas*. Belo Horizonte. 25 dez. 1945). As outras duas são: (“Mariazinha não voltou”. *Revista Belo Horizonte*. Belo Horizonte. dez. 1941 – em anexo) e (“Confidências de Natal”. *Alterosa*, Belo Horizonte, dez. 1944.).

- Pode dizer outra vez. É tão bom!
- Gosto muito de você, meu bicharoco!
- Por que você gosta de mim?
- Ora, por quê? Não me amole não, viu? Senão em qualquer dia destes, fujo com o padeiro...
- Com o padeiro?! Se fosse você, fugia com o carnicheiro. A carne é muito mais importante que o pão.
- É, não é?! E o pão de cada dia?
- Pão de cada dia são os meus beijos, minha grande tolinha.

3

- Cuidado com o meu cabelo! Estive hoje uma hora no cabeleireiro e você quer agora, em um minuto, atrapalhá-lo todo! Não sabe beijar sem passar as mãos pela minha cabeça?
- Prosaica. Materialista.
- Bobinho. Pretensioso.
- Cabecinha de vento.
- De vento, hein?! Vento é você a desarrumar os meus louros cabelos...
- Louros ou oxigenados?
- Idiota!

4

- Você se lembra da primeira noite em que conversamos? Era uma noite fria e nós quase nada falamos um ao outro...
- Fique quieto! Você é o maior adepto de beijos que já conheci!
- E conheceu muitos?
- Melhores que você, não.

5

- Ficou aborrecido, hein? Sorria, viu? Olhe para mim... Não está zangado com o seu amorzinho, está?

- Não. Estava apenas pensando...

- Pensando em quê?

- Por que gosto tanto...

- De mim?

- Não... Da vida.

6

Quando o relógio da São José⁸⁷ anunciava dez horas, eu me despedia de Mariazinha. Às vezes saía louco de raiva jurando que nunca mais voltaria. Outras, satisfeito, olhando para o céu inundado de estrelas.

Ao passar pela casa de d. Inácia, uma solteirona de cara simpática e cabelos grisalhos, ouvia dela as mesmas frases de todas as noites:

- Boa noite, Manuel! Vai feliz, não? Olha que isso acaba em casamento...

7

Como a senhora estava enganada, d. Inácia!

(Era voz corrente, na vizinhança que tivera ela uma grande paixão na mocidade. Fora noiva de um médico que morrera tuberculoso num sanatório. Por isso gostávamos muito dela. Inclusive as mocinhas, que tinham uma vontade doida de ter um noivo tuberculoso. Tão romântico!).

Ah! d. Inácia! Se a senhora não tivesse morrido de tifo, estaria hoje decepcionada.

A nossa história não acabou em casamento, minha melancólica d. Inácia. Não. Acabou em saudade. Ou num reumatismo, que ainda hoje é a minha recordação mais insistente de todas as noites frias em que, ao lado de Mariazinha, eu pensava trazer o mundo dentro dos olhos.

⁸⁷ Igreja Matriz de Belo Horizonte, localizada no Centro da capital mineira.

Sim. Acabo de engolir a Bíblia.

23 - AS UNHAS⁸⁸

Diante do espelho, com extremoso⁸⁹ cuidado, Henrique Canavarro aprontava-se para a festa. Pela larga janela do quarto penetrava intenso perfume de flor noturna, sem que ele o percebesse. Estava excessivamente concentrado nos preparativos e nada teria força para desviar-lhe a atenção. Além do mais, desprezava tudo que não viesse da sua própria pessoa. E disto jamais se desculpou, achando que emprestava um sentido demasiado profundo às coisas que fazia, para se distrair com as que fugiam ao seu interesse imediato⁹⁰.

Mirou-se demoradamente, antes de colocar a casaca, satisfeito com o seu físico atlético⁹¹ e o rosto ainda jovem. Vagarosamente, como se procurasse ritmos sutis para os movimentos das mãos, continuou a vestir-se. Alisava os cabelos, já irrepreensivelmente⁹² penteados, corrigia a gravata branca, já colocada no devido lugar⁹³. De vez em quando, parava. Ia até a janela, acendia um cigarro, tinha gestos de impaciência, pois sentia pouco amadurecidos os planos para sua entrada no baile, que seria o maior da temporada. Mesmo sabendo ser a figura central da festa, desejava que a sua apresentação nela fosse qualquer coisa de espetacular. Queria assombrar a viúva Petúnia, amesquinhar os outros homens, que o invejavam e se empenhavam em diminuir-lhe as qualidades.

Reviu as frases que selecionara para dizer aos convivas mais importantes e, principalmente, as que escolhera para a viúva, a sua⁹⁴ mais recente conquista.

Tudo estava bem, nenhum detalhe fora esquecido; apenas a maneira de chegar⁹⁵ ao baile não lhe satisfazia.

Ao voltar-se para o espelho, a fim de colocar a flor na lapela, estava decidido. Em vez de entrar tarde no clube, ou acompanhado de uma dama desconhecida, como pensara antes, resolvera que ficaria⁹⁶ em casa. O efeito seria maior. Todos comentariam a sua

⁸⁸ Estabelecido a partir do texto inédito, de 14 de julho de 1950, encontrado no Acervo dos Escritores Mineiros, da UFMG, incorporando-se, ao texto, as modificações do autor, feitas a mão, sobre o original datilografado. Cotejado com a versão póstuma, estabelecida por ANDRADE e VAL (1994): (*Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, nov. 1994).

⁸⁹ No original: “amoroso”.

⁹⁰ No original: “aos seus interesses imediatos”.

⁹¹ Acréscimo do possessivo “seu”.

⁹² Acréscimo do advérbio “já”.

⁹³ No original: “no lugar exato onde deveria ficar”.

⁹⁴ Acréscimo do artigo “a”.

⁹⁵ No original: “ingressar no baile”.

⁹⁶ No original: “resolvera ficar”.

ausência e Petúnia, esperando-o a noite toda, sem dançar, os olhos fixos na entrada⁹⁷, imaginaria mil coisas, sem chegar a uma conclusão lógica sobre o que teria acontecido.

Contemplou-se ainda uma vez ao espelho, admirando a sua própria elegância e como ficava bem posto naquela casaca. Aspirou o perfume da camélia, ainda nas suas mãos – porque essa o tinha, pois fora ele que a escolhera. Colocou-a na lapela, pôs-se de perfil e concluiu que tudo estava certo. Em seguida, com a mesma lentidão com que se vestira, tirou as roupas. Sorriu o tempo todo, satisfeito com os seus olhos azuis e, principalmente, com os resultados futuros da sua decisão.

Ao deitar-se, pensava ainda em Petúnia; não no desespero⁹⁸ dela, que pouco lhe importava – estava acostumado ao acabrunhamento que as suas estranhas atitudes causavam às damas no encontro do dia seguinte. Os olhos dela seriam mais doces, súplices. E ela se entregaria mansa, alegre por ser somente dele.

Quando puxou as colchas para cobrir-se, sentiu incomodar-lhe as unhas. Verificou, com algum espanto, que elas tinham crescido subitamente. Ficou sem saber como acontecera aquilo. A manicura as tinha cortado à tarde. Agora, estavam demasiadamente crescidas. Encabulou-se com o fato, mas resolveu não fazer maiores indagações. Cortou-as e deitou-se novamente.

Dormiu algum tempo. Duas horas depois acordou, sentindo algo estranho nas mãos. Tinha a impressão de que alguma coisa se lhe acrescentara às unhas e lhe arranhava as mãos. Acendeu a luz. As unhas tinham crescido novamente. Mais espantado ficou. Cortou-as de novo, perplexo com o que lhe estava acontecendo: Como, em tão breve espaço de tempo, elas podiam crescer tanto? Alcançavam a cinco centímetros!

Não mais conseguiu conciliar o sono, intrigado com o fenômeno. Ficou reparando os dedos e viu que, aos poucos, as unhas iam esticando para, depois de cortadas, crescerem novamente. Devia⁹⁹ ser uma doença pensou. À tarde, consultaria o seu médico particular.

Pela manhã, após ter conseguido dormir um pouco, decidiu não consultar o clínico. Se o fizesse, logo circulariam notícias maliciosas na cidade e não faltaria quem lhe atribuisse doenças como a lepra ou o câncer. Aquilo não tinha maior gravidade¹⁰⁰.

⁹⁷ No original: “na(s) porta(s)”.

⁹⁸ Acréscimo do advérbio “não”.

⁹⁹ Na edição do SLMG: “devia ia”.

¹⁰⁰ Acréscimo da frase: “Aquilo não tinha maior gravidade”.

Passou o dia todo a cortar as unhas que, impiedosamente, não deixavam de aumentar. Não saiu de casa. Durante esse dia e a noite, calculou o tempo que as unhas levavam para crescer, já que o crescimento delas obedecia a uma constante invariável. Durante hora e meia, por exemplo, elas aumentavam muito pouco, quase que não dava para se notar¹⁰¹. Na meia hora seguinte, quando o primeiro crescimento completava o seu ciclo evolutivo, elas davam um verdadeiro salto, crescendo vertiginosamente daí por diante.

Satisfeito com essa descoberta, Canavarro voltou a sair, visitar os amigos e a freqüentar os pontos habituais de reuniões. Sempre munido de uma tesourinha, tinha o cuidado de não se demorar com as pessoas mais do¹⁰² que hora e meia. Se, ao chegar esse momento, não podia afastar-se imediatamente, ia para um canto e, discretamente, cortava as unhas. Ou, então, se percebia que poderia ser observado, ou a conversa era apenas com um interlocutor, metias as mãos nos bolsos, não as estendendo a ninguém, para se despedir ou cumprimentar outras pessoas que a eles se reuniam¹⁰³. E saía o mais depressa possível, antes que as unhas, continuando a crescer, atravessassem as roupas.

A preocupação com a anormalidade e o cuidado em não ser pegado em flagrante iam-lhe marcando o rosto. Os seus hábitos estranhos, bem como a sua face sempre preocupada, foram notados pelos seus amigos, principalmente por Petúnia. Uma vez, estando ao lado dela, as unhas cresceram repentinamente, sem obedecer o ciclo normal. Petúnia deu um grito, horrorizada, e ele não conseguiu explicar nada a ela. E nunca mais a procurou.

Depois desse acontecimento, tinha que ficar cortando as unhas o tempo todo, para que elas não crescessem repentinamente e outras pessoas entrassem no seu segredo. O fato de estar sempre cortando-as, começou a chamar a atenção do conhecidos e Canavarro, a pretexto de doença, fechou-se em casa, onde não recebia ninguém. Pensou novamente em chamar o médico, mas o medo de propagar-se o seu segredo forçou-o a novo recuo. Mas, precisava curar-se. Por isso, encomendou todos os livros de medicina relativos a unhas e suas doenças. Em nenhum deles, porém, descobriu algo parecido com o mal que sofria. Escreveu a uma autoridade estrangeira especializada no assunto, dando nome suposto e o

¹⁰¹ No original: “para notar-se”.

¹⁰² No original: “de que”.

¹⁰³ No original: “que se reuniam a eles”.

endereço de uma caixa postal que alugara apenas para esse fim. A resposta foi de que não conhecia doença alguma que fizesse crescer as unhas daquela maneira.

Também os criados começaram a notar aquela sua constante preocupação em cortar a unhas e começaram a cochichar pelos cantos, uns nos ouvidos dos outros. Não teve alternativa senão despedi-los todos.

Já não saía de casa, não fazia a barba ou tomava banho. Tudo, na casa, era desordem e sujeira, pois não contratara novos empregados e ele só se ocupava em cortar unhas. Cortava e, pouco depois, elas voltavam a crescer inexoravelmente. Se, à noite, não acordava para cumprir esse fatigante ofício, encontrava-as estendidas longe de suas mãos, subindo pelas paredes como se fossem trepadeiras.

Durante algum tempo, ainda recebeu convites para festas e reuniões, às quais não comparecia. Consolava-se, momentaneamente, pensando no efeito que o mistério do seu recolhimento provocava na alta sociedade. Mas, ao pensamento de que outros poderiam suspeitar o seu mal ou que Petúnia tivesse divulgado o seu segredo, a sua vaidade se amortecia. Vinha-lhe, então, um rancor surdo contra todos e cortava as unhas até que o sangue brotasse dos dedos.

Resolveu procurar, sem esperança, em outras cidades e países, remédio para a doença. Não encontrou, apesar da perseverança com que esquadrinhou os especialistas, mundo afora.

Ao regressar, encontrou a sua casa praticamente em ruínas. A desolação propagava-se desde o jardim, coberto por selvagem matagal, até ao interior da vivenda, onde o bafio era intenso. Os móveis arruinados, teias de aranha para todo o lado. Um ódio tremendo contra todos os seres e contra tudo turvou-lhe a alma e, possesso, quebrava tudo que tinha na sua frente. Só parou quando lhe veio o cansaço e satisfez a raiva. Caiu, desanimado, no chão, perto de uma das janelas da sala de jantar. Sabia que nenhuma esperança poderia acalantar no futuro. A sociedade lhe estava fechada. Para que lutar contra o mal? E tomou a decisão de não mais cortar as unhas. Que elas crescessem indefinidamente. Estava cansado daquilo tudo. Um sol alegre e forte entrava pelas vidraças. Deixou-se ficar ali, horas e horas, pensando nos dias felizes que gozara outrora, até que, sem perceber, adormeceu. Quando acordou, já era noite. Procurou o comutador da luz, mas estava desligada. Às apalpadelas, procurou velas numa cômoda e, ao encontrá-las, sentiu, estupefato, que as unhas não

tinham crescido, tanto que agarrara as velas sem que as unhas o atrapalhassem. Acendeu as velas, para verificar o milagre. Trêmulo, ofegante, certificou-se da verdade. Não dormiu durante aquela noite, observando as unhas. Uma tremenda expectativa, uma esperança louca, traziam-no suspenso. Pela manhã, como nada acontecesse de novo, as unhas não crescessem, abandonou-se a uma alegria tremenda. Pensou logo em fazer novas roupas, comprar um belo automóvel, restaurar a casa. Assombraria as mulheres quando, gloriosamente, reaparecesse na alta sociedade. Iria recomeçar a vida.

Correu ao banheiro para fazer a barba. Tinha que tomar providências imediatas, chamar o alfaiate, etc. Mas, ao dar com sua fisionomia no espelho, viu que era tarde. Nele estava refletido um rosto cansado e velho. Rugas e amargura estavam impressas ali.

Arrastou-se até a janela do seu quarto. Uma noite fria e cheia de astros. Sentiu, em plenos pulmões, o perfume intenso de uma flor noturna. Reminiscências antigas chegaram-lhe ao coração. Dos seus olhos começaram a descer as lágrimas e foi sacudido por soluços fortes. Quando alçou os olhos até o jardim abandonado, procurando a flor que tanto recendia, encontrou-o cheio de flores, alegre como somente o fora na sua longínqua infância¹⁰⁴.

¹⁰⁴ Acréscimo do adjetivo: “longínqua”.

HISTÓRIAS DO GRÃO MOGOL

Todas as versões, organizadas por data:

- 01 – Elvira e outros mistérios. *Mensagem*, Belo Horizonte, 1 fev. 1940.
- 02 – O outro José Honório. *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, maio 1940.
- 03 – Margarida e outras reticências. *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, jun. 1940.
- 04 – O mundo tem duas faces. *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, jul. 1940.
- 05 – As primeiras ilusões de 1941. *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, fev. 1941.
- 06 – Procura-se um faraó. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 9 mar. 1941.
- 07 – Maria, da família dos monstros. *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, abr. 1941.
- 08 – Eunice e as flores amarelas. *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, maio 1941.
- 09 – A filosofia do Grão Mogol. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 8 jun. 1941.
- 10 – Eu, o Grão Mogol e os mandarins. *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, jul. 1941.
- 11 – O mundo termina na Rua das Magnólias. *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, ago. 1941.
- 12 – Inácia não era um chuchu. *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, set. 1941.
- 13 – Og e os dois olhos de Amelinha. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 28 set. 1941.
- 14 – A arte de conquistar as mulheres. *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, out. 1941.
- 15 – Eunice e as flores amarelas. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, out. 1941.
- 16 – Carta a Lúcia. *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, nov. 1941.
- 17 – Os foguetes virão depois. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 23 nov. 1941.
- 18 – Mariazinha não voltou. *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, dez. 1941.
- 19 – Memórias de um calígrafo. *O Diário*, Belo Horizonte, 6 fev. 1942.
- 20 – Elvira e outros mistérios. *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, set. 1942.
- 21 – Os dois mundos de João Quatorze. *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, out. 1942.
- 22 – Elvira e outros mistérios. *Anuário Brasileiro de Literatura de 1942*, Rio de Janeiro, jan. 1943.
- 23 – Eunice e as flores amarelas. *Roteiro*, São Paulo, 15 de jul. 1943.
- 24 – Os dois mundos de João Quatorze. *Grifo*, Belo Horizonte, out. 1943.

- 25 – Reflexões de um zero. *Leitura*, Belo Horizonte, out. 1943.
- 26 – Os lábios de Isaurinha. *Alterosa*, Belo Horizonte, jan. 1944.
- 27 – Confidências de Natal. *Alterosa*, Belo Horizonte, dez. 1944.
- 28 – Noêmia e o arco-íris. *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, set. 1945.
- 29 – Confidências de Natal. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 25 dez. 1945.
- 30 – Eunice e as flores amarelas. In.: MORAES, M. A. (org.). *Mário e o pirotécnico aprendiz*. Belo Horizonte: UFMG. São Paulo: IEB/USP: Giordano, 1985.
- 31 – As unhas. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, nov. 1994.

3. ESTUDO CRÍTICO

3.1 HIPÓTESE INTERPRETATIVA

A hipótese interpretativa que nos propomos a desenvolver aqui, como dissemos na introdução, é a mesma apresentada na conclusão de nossa dissertação de mestrado, a saber, a de que a concepção de mundo que está na base da obra muriliana canônica é o agnosticismo do autor, compreendido como o questionamento filosófico sobre a existência ou não de Deus.

O que nos leva a defender essa hipótese é a referência constante que o contista faz ao discurso religioso, a começar pelas epígrafes bíblicas, que sistematicamente abrem cada um de seus contos canônicos. O discurso religioso, porém, além de fragmentado, é problematizado pelas próprias narrativas, que, embora apresentem uma porção de fenômenos sobrenaturais, negam a religiosidade ao invés de confirmá-la.

Conforme o raciocínio de PAES (1990), para o homem religioso, não haveria oposição entre natural e sobrenatural, mas continuidade, uma vez que tudo aquilo que parece escapar às leis da natureza passa a ser compreendido como intervenção da divindade. Desse ponto de vista, “natural e sobrenatural convivem sob a mesma égide unificadora do divino, instância a que devem sua própria existência” (PAES, 1990, p.121).

Para o homem ateu, por sua vez, o contraste entre natural e sobrenatural também não existe, uma vez que não se concebe a existência de nada que esteja além da natureza.

Na ficção de Murilo, porém, deparamo-nos com um mundo repleto de fenômenos inexplicáveis, porque transgridem as leis naturais, mas não obedecem a nenhuma consciência superior. Disso, resultaria a falta de sentido no destino de suas personagens, condenadas a “castigos monstruosos cuja fonte desconhecem” (PAES, 1990, p.122).

Pela definição de Todorov, o fantástico ocorre quando, em um contexto realista, um fenômeno extraordinário provoca a hesitação entre duas explicações possíveis: uma natural e outra sobrenatural. O fantástico, portanto, ainda de acordo com PAES (1990), implicaria em uma “hesitação tipicamente agnóstica” (p.122).

De fato, pois, diante de um acontecimento que transgrida as leis da natureza, tais como as conhecemos, o homem religioso tenderia a ver uma manifestação divina; o ateu

descartaria, de antemão, tal possibilidade; enquanto o agnóstico não aceitaria qualquer espécie de explicação, natural ou sobrenatural, mantendo-se no estado de incerteza.¹⁰⁵

Outra ensaísta que se aproxima dessa interpretação, considerando a concepção de mundo de Murilo como princípio explicativo de sua concepção artística, é Eliane Zagury (1971). Coincidentemente, ela inicia seu texto pelo primeiro ponto tratado no artigo de Álvaro Lins (1948), mencionando a unidade da obra analisada. Para apontar esta unidade, ZAGURY (1971) observa que toda a obra poderia ser precedida por uma única epígrafe: “Coisas espantosas e estranhas se têm feito na terra” (Jeremias – V, 30).

Essa epígrafe, que abre o volume *Os dragões (1965)*, bíblica como as que iniciam cada uma das narrativas, revelaria que “todo o livro está sob o signo do espanto e da estranheza”. Apontada então a unidade, a ensaísta apresenta sua hipótese sobre a concepção de mundo que geraria esta obra: “Quer-me parecer que o ponto central da temática é a religiosidade do autor que desencadeia apocalipticamente uma cosmovisão absurda” (ZAGURY, 1971, p.28).

Ora, mas se essa religiosidade desencadeia uma “cosmovisão absurda”, significa que não se trata exatamente de uma concepção religiosa de mundo, mas de uma problematização do sentido explicativo proposto pela religião. E, como vimos pelo raciocínio de PAES (1990), a ausência de explicação para as “coisas espantosas e estranhas” do mundo muriliano é o que gera o sentimento de absurdo.

Na tentativa de descrever a gênese das narrativas de Murilo, ZAGURY (1971) estabelece o seguinte “esquema”:

constatada determinada relação absurda na vida, cria-se uma situação absurda simbólica (a situação ficcional) que desencadeia uma série de absurdos técnicos (ou de efeito literário) que se desenvolvem até o absurdo final (a solução ficcional) que traz o leitor de volta para o tema, fechando o ciclo (p.29).

Em seguida, os temas abordados por Murilo são divididos em: “vida-morte”, “indivíduo-sociedade” e “amor-incomunicabilidade”. Isso significa, portanto, que

¹⁰⁵ “El agnosticismo debe ser puesto en contraste con el ateísmo y el panteísmo, así como teísmo y cristianismo. El teísta afirma la existencia del dios, el ateo la niega, mientras que el agnóstico profesa la ignorancia sobre ella, la existencia del dios que es un problema insoluble para él”. (Disponível em: <<http://www.mb-soft.com/believe/tsn/agnostic.htm>> Acesso em: out. 2002).

reconhecer o agnosticismo do autor como concepção de mundo que está na base da sua ficção não implica em descartar a presença da crítica social, pois o absurdo, uma vez que se impõe sobre todos os aspectos da existência, também se faz presente no modo como a sociedade se organiza.

Nos esparsos, essa concepção de mundo baseada no agnosticismo é mais evidente, pois, como veremos, em muitas das *Histórias do Grão Mogol*, o conflito narrativo é apresentado explicitamente, através de conceitos.

E a mesma evidência também ocorre com o tema da impossibilidade de realização afetiva ou, nos termos de ZAGURY (1971), do “amor-incomunicabilidade”. Isso porque, nessa fase de formação, o escritor ainda não conseguia tratar os seus conflitos pessoais de modo a transformá-los em arte e, sendo assim, eles se revelam de forma mais óbvia.

Nesse ponto, é preciso esclarecer porque consideramos o agnosticismo e o ceticismo quanto à realização amorosa como conflitos pessoais do escritor. A respeito do agnosticismo, cabe destacar a seguinte resposta de Murilo a Elizabeth Lowe (1979), quando a entrevistadora lhe pergunta se o seu interesse pela morte e pela repetição cíclica – recorrentes em suas narrativas – teria base em alguma filosofia ou religião específica:

A base naturalmente é a religião católica, uma religião que mais tarde não me convenceu. O catolicismo está muito mais ligado à morte do que à vida, e transforma mesmo a vida em morte. Daí eu ter partido não para a eternidade que me ensinaram, mas para a eternidade já na própria vida. Desse modo, a vida seria apenas uma coisa circular que não chegaria nunca àquela eternidade, mas também nós nunca poderíamos nos livrar dela. Como abandonei a religião e sou hoje um agnóstico, a minha tendência é não aceitar a eternidade e também não aceitar a morte em vida. Então fico nesse círculo constante entre a eternidade e a vida sem aceitar essa separação entre a vida e a morte (RUBIÃO apud LOWE, 1979).

Quanto ao problema do relacionamento afetivo, já citamos o “Auto-retrato” de Murilo, em que ele se declara um celibatário, considerando essa característica como uma lacuna no seu caráter. Cabe acrescentar aqui o seguinte trecho de “Lirismo de fim-de-semana”:

Ainda o peso da idade: trinta anos, para um irremediável celibatário, não mais pedem amor – amam-se todas as mulheres. Quando vem o cansaço, sentimos que a nossa solidão é produto de um desmesurado orgulho. O coração secou (RUBIÃO, 1945).

É claro que se pode argumentar que, em se tratando de textos de um ficcionista, fica difícil precisar os limites entre vida pessoal e ficção. Mas o caso é que o escritor permaneceu solteiro por toda a vida. E muitos de seus depoimentos parecem apontar para o fato de que os conflitos afetivos, retratados obsessivamente nos textos esparsos, tinham muita relação com sua vida pessoal.

O trecho a seguir, de uma carta da amiga Maria Helena, endereçada a Murilo, em fevereiro de 1959, quando o escritor residia em Madri, dá uma idéia do tipo de dificuldade afetiva vivida por ele:

Fiquei mais contente ainda com a notícia da “Madrileña”! Mesmo que o desfecho não seja tão alegre como deveria, é sempre bom a gente amar. Enche a vida, não é? O que achei é que you se conformou com a idéia da impossibilidade. Se você gosta dela e ela gosta de você, é só fugir. Tão simples. Não pense que estou brincando. Acho mesmo que a esses obstáculos de família a gente não deve dar muita importância, senão está perdido. Depois eles se acostumam com a idéia. [grifos nossos]¹⁰⁶

Outra correspondência, da mesma amiga Maria Helena, infelizmente sem data, mas provavelmente anterior à carta acima, questiona Murilo a respeito de alguns boatos que circulavam no Brasil, durante sua estadia na Espanha:

Escrevo-lhe por várias razões:

A primeiríssima é perguntar a você o que há de verdade em “certas notícias” que andam chegando por aqui!!! Será alguma espanhola? A “notícia” já se espalhou e você está perdido. É melhor contar logo, não adianta esconder... Várias pessoas já me perguntaram: - É

¹⁰⁶ Série Correspondência com amigos. Subsérie Correspondência: feminina (amigas, etc.). Arq. 1/Gav. 6/Pasta 01. 29 – Maria Helena. Carta a MR. [sl.], 23 fev. 1959. 2fl.

verdade que o Murilo está noivo? Viu? A sua situação aqui está nesse pé.¹⁰⁷

Dos trechos acima, podemos supor que o celibato de Murilo, considerado por ele como algo “irremediável”, quatorze anos antes, não era exatamente uma escolha feita com convicção, como ocorre com seus personagens seguidores do Grão Mogol. Nos textos esparsos, os conflitos afetivos dos protagonistas de Murilo, tratados de modo cômico ou trágico, parecem refletir a vida do escritor.

Uma pesquisa mais detida nos documentos disponíveis no Acervo dos Escritores Mineiros, da UFMG, poderia esclarecer melhor essa questão. Mas isso nos levaria longe demais dos objetivos desta pesquisa.

O que apresentamos aqui é apenas o suficiente para justificar a nossa hipótese sobre a relação entre os conflitos pessoais do contista e as impossibilidades de realização amorosa vividas pelos seus protagonistas, o que confere, a algumas das *Histórias do Grão Mogol*, um caráter quase confessional.

Com isso, queremos dizer que o escritor ainda não havia encontrado um caminho para a sua realização artística. Em primeiro lugar, porque não conseguia expressar conflitos – tais como o agnosticismo e as questões afetivas –, que, sendo pessoais, também representassem os problemas vividos pelo homem de seu tempo. Em segundo, porque não havia desenvolvido uma forma artisticamente elaborada que correspondesse à expressão desses conflitos.

Já nos contos canônicos, as limitações acima estão plenamente superadas. Quanto ao aspecto mais formal, Murilo demonstra grande domínio sobre as diversas técnicas necessárias à criação de narrativas curtas, o que justifica plenamente a sua inclusão na lista dos nossos grandes contistas contemporâneos. No decorrer das análises comparativas entre os esparsos e os canônicos, veremos em que consistem essas técnicas narrativas.

No aspecto mais relacionado com o tema, os conflitos retratados por Murilo se tornam universais, na medida em que, de um conflito pessoal, como a impossibilidade de

¹⁰⁷ Série Correspondência com amigos. Subsérie Correspondência: feminina (amigas, etc.). Arq. 1/Gav. 6/Pasta 01. 32: Maria Helena. Carta a MR. [sl.], [s.d.]. 3fl.

realização afetiva, desenvolve-se uma impossibilidade de realização generalizada, nos mais diversos sentidos.

Nos *Contos reunidos* (1998), não só o amor aparece como impossibilidade, como todos os outros aspectos da vida – política, religião, profissão, ciência, arte, relações familiares, etc. – obedecem à mesma lógica opressiva, que não oferece chance ao protagonista muriliano de controlar minimamente os acontecimentos que lhe ocorrem. Em outras palavras, nada que possa conferir sentido à existência humana resiste à tragicidade que se impõe sobre as personagens, embora a comicidade também esteja presente, como discutiremos mais tarde.

Em “Os três nomes de Godofredo”, por exemplo, as relações matrimoniais do narrador-protagonista são extremamente destrutivas, bem como a sua própria capacidade de compreender o que lhe ocorre, devido aos lapsos de memória que o impedem de lembrar de suas esposas e do fato de tê-las assassinado.

Assim, dessa narrativa, que não deixa de ser uma crítica ao casamento – pois os cônjuges mal se conhecem –, desenvolve-se um sentido muito mais profundo de questionamento sobre as relações humanas, de um modo geral, problematizando também a própria capacidade de o homem compreender a realidade que o cerca.

E o mesmo sentimento de absurdo, elevado ao grau mais extremo, envolve os destinos dos protagonistas, nos mais diferentes sentidos: a atuação na sociedade (“A fila”, “A diáspora”, “A cidade”, “A casa do girassol vermelho”), a possibilidade de realização artística (“Marina, a intangível”, “O ex-mágico da Taberna Minhota”), as relações afetivas e familiares (“Petúnia”, “Aglaia”, “Bárbara”, “Mariazinha”, “O bom amigo Batista”, “Elisa”), a vida profissional (“O edifício”, “O ex-mágico da Taberna Minhota”), etc.

Esses aspectos, é claro, relacionam-se de modo interdependente, em cada narrativa, como ocorre na própria vida. E, por trás da falta de sentido, pairam as epígrafes bíblicas, anunciando uma explicação, cuja ausência aumenta ainda mais o sentimento de absurdo.

Assim, embora a concepção de mundo por trás da ficção muriliana seja o agnosticismo, o que faz com que sua obra seja mais significativa para o nosso tempo é o absurdo, pois – independentemente de sermos ou não agnósticos – podemos nos identificar com esse sentimento.

Afinal, a pós-modernidade corresponde justamente a uma crise generalizada dos grandes sistemas explicativos, conforme explica Terry Eagleton (2006):

Pós-modernidade significa o fim da modernidade, no sentido daquelas grandes narrativas de razão, verdade, ciência, progresso e emancipação universal que, como se acredita, caracterizam o pensamento moderno a partir do Iluminismo (EAGLETON, 2006, p.350).

Desse modo, a falta de sentido fica evidente, quando observamos a inversão entre meios e fins que se dá em nossa sociedade, pois a “emancipação universal”, que deveria ser o fim almejado, através do progresso material, é simplesmente deixada de lado; e o progresso material passa a ser valorizado, como fim em si mesmo.

Essas observações não constituem nenhuma novidade, pois já vêm sendo feitas há décadas, por pensadores como ADORNO e HORKHEIMER (1985), que, em meio aos horrores da 2ª Guerra, perguntaram-se sobre como foi possível a civilização ocidental, baseada no ideal da racionalidade emancipadora, ter dado origem a uma sociedade em que a razão e a maior destruição presenciada pela História encontravam-se intimamente ligadas.

Mas o caso é que essa mesma lógica absurda continua igualmente válida, quando pensamos, por exemplo, no desemprego gerado pela informatização da mão-de-obra, que vem tomando conta, inclusive, do Ensino Superior, no Brasil, através dos cursos de Ensino à Distância.

Diante dos rumos políticos e econômicos que seguimos, nos tempos de neoliberalismo e globalização, em que o maior de todos os valores é o lucro, o sentimento de absurdo se impõe a qualquer um que se ponha a refletir sobre o mundo em que vivemos. E não há nenhum sistema teórico, filosófico, político ou religioso que nos apresente uma explicação suficientemente convincente para guiarmos nossas ações.

Na obra muriliana, os fragmentos do discurso bíblico parecem representar uma espécie de nostalgia de um sistema explicativo, seja ele qual for. Desse modo, o agnosticismo do autor pode ser considerado um conflito entre o ceticismo e a crença, não necessariamente religiosa, de que o mundo poderia ser melhor, como explica, com mais propriedade, o próprio Murilo: “Sendo extremamente cético, acredito que o amor e a

solidariedade humana poderiam resolver todos os problemas políticos e sociais” (RUBIÃO, 1945).

E talvez seja simples assim, se a nossa faculdade de fazer mágicas não for anulada pela burocracia...

Apresentada a nossa hipótese, resta traçar o roteiro que seguiremos para desenvolvê-la:

Inicialmente, em “Trajetória”, abordaremos alguns aspectos mais externos às narrativas esparsas, tais como: o contexto de publicação (período, local, veículos); o processo de definição do escritor como contista; o surgimento das epígrafes; a percepção de Murilo de que teria encontrado sua forma de expressão, denominada de “simbólico”; a questão das diferentes versões de cada texto, incluindo-se alterações de título; a seleção dos canônicos; etc.

Em “Formas de construção”, discutiremos a questão dos limites que separam o conto da crônica, enquanto gêneros literários, observando como, de um modo geral, os esparsos ainda apresentam muitas características da crônica, sendo menos elaborados artisticamente do que os canônicos. Isso é relevante, porque o escritor parece superar os aspectos pessoais de seus conflitos narrativos, na mesma medida em que desenvolve mais ficcionalmente os seus trabalhos. Em outras palavras, Murilo evolui de ponto de vista literário, quando descobre, no conto, o caminho de “fingir que é dor”.

Na seqüência, em “Linguagem”, veremos que o estilo de Murilo, no que diz respeito ao uso do padrão mais formal – em contrasta com os acontecimentos disparatados –, ainda não está completamente definido para o escritor na fase de seus contos esparsos.

Finalmente, “O tema do relacionamento amoroso”, recorrente nas *Histórias do Grão Mogol*, será dividido em grupos de sub-temas, apenas para facilitar a análise. Mas, a nosso ver, essas variações, vistas em conjunto, servem para descartar todas as possibilidades de realização amorosa do protagonista. Paralelamente ao estudo temático, examinaremos algumas questões técnicas relacionadas com a estrutura das narrativas

murilianas, buscando demonstrar, pela comparação entre os esparsos e os canônicos, os motivos que fazem com que os canônicos sejam literariamente superiores.

3.2 TRAJETÓRIA

Antes de entrar na análise propriamente dita das *Histórias do Grão Mogol*, vamos examinar aqui alguns aspectos mais externos aos textos. Isso porque, observando a seqüência de todos os trabalhos de Murilo Rubião publicados na imprensa, alguns deles em diferentes versões, podemos levantar algumas questões relevantes sobre a trajetória do escritor, especialmente na fase anterior a *O ex-mágico* (1947).

Como dissemos, as narrativas que compõem a presente edição vieram a público no período de 1940 a 1945, com exceção de “As unhas”, cujas especificidades já foram apontadas. E, como a primeira versão do primeiro conto de Murilo, “Elvira e outros mistérios”, é de fevereiro de 1940, isso significa que ele não estréia como contista, surgindo, poucos meses antes, como poeta e articulista numa revista fundada por estudantes de Belo Horizonte.

É na revista *Tentativa* que o futuro autor de “O pirotécnico Zacarias” assina seus dois primeiros trabalhos. A edição de número 08, de novembro de 1939, traz um poema e um artigo seus sobre a visita de Mário de Andrade à capital mineira, ocorrida no dia 11 do mesmo mês.¹⁰⁸

Também é interessante notar que, embora tenha publicado apenas dois poemas – “péssimos”, conforme diria mais tarde¹⁰⁹ –, o segundo deles é de 1945. Isso nos leva a crer que, nessa época, mesmo já tendo divulgado, na imprensa, mais de uma dúzia de contos que se tornariam canônicos, o escritor mineiro ainda não havia descartado completamente a possibilidade de também se dedicar aos versos.

A esse respeito, vale acrescentar que, em “Eu, o Grão Mogol e os mandarins”, o protagonista é diretamente denominado por sua interlocutora, como “poeta”, mesmo que “de meia-pataca”. Ora, levando-se em conta a identificação de Murilo com seu protagonista em narrativas dessa fase – o que ocorre especialmente nas histórias com o personagem Grão Mogol –, fica reforçada, assim, a hipótese sobre a indefinição do escritor quanto a desenvolver a sua arte unicamente em prosa.

¹⁰⁸ Sobre a *Tentativa* e a visita de Mário de Andrade a Belo Horizonte, consultar: (MORAES, 1985). Sobre essa mesma revista e demais veículos jornalísticos da capital mineira, ver também: (LINHARES, 1995).

¹⁰⁹ (WERNECK, 1987, p.140).

Aliás, Murilo parece nunca ter se conformado com a idéia de ser exclusivamente um contista. Tanto que, em momentos bastante distintos da carreira, chegou a anunciar a publicação de diversas novelas: em 1947, por exemplo, anunciou *O navio*; em 1954, *O esgoto* e *A viagem*; e em 1987, quatro anos antes de seu falecimento, volta a anunciar *O navio*, além de *Senhor Uber e o cavalo verde*. E, antes mesmo de estrear com *O ex-mágico* (1947), o escritor revelou, dentre os seus planos, a publicação de um romance, com o título por escolher.¹¹⁰

Quanto às crônicas e aos artigos literários, esses trabalhos se concentram quase que completamente no período de 1939 a 1941. A única exceção é “Lirismo de fim de semana”, de 1945, texto em que Murilo rebate as críticas de Rose Sauvage. Sauvage, que o escritor mineiro supõe ser o pseudônimo de um homem, acusara os contos murilianos de machistas, conforme se vê em nossos anexos.

Mas, voltando à questão dos gêneros textuais, seus únicos trabalhos em prosa, não-ficcionais e posteriores ao artigo acima, são auto-referenciais¹¹¹. Com isso, queremos destacar a curta duração da carreira de Murilo nas redações dos jornais, pois logo ele passa a figurar na imprensa predominantemente como autor de literatura, sendo que as outras funções ligadas ao jornalismo que veio a exercer depois foram de natureza administrativa: como editor e fundador do Suplemento Literário do *Minas Gerais*, nos anos 60; e Chefe do Serviço de Radiodifusão do Estado, na década seguinte.

Sobre a divulgação de seus contos em jornais e revistas, a fase em que isso passa a ocorrer com mais freqüência fora de Belo Horizonte se inicia em abril de 1943, com o surgimento de seus primeiros textos canônicos: “Mariazinha” e “O pirotécnico Zacarias”. Logo em suas primeiras versões, ambas as narrativas vieram a público no Rio de Janeiro, nas revistas *Sombra* e *O cruzeiro*, respectivamente.

Não se trata aqui de desprestigiar a importância cultural da capital mineira. Mas o caso é que Murilo trabalhava nas redações da revista *Belo Horizonte* e do jornal *Folha de Minas*, onde publicou a grande maioria dos seus textos iniciais. E, se isso, por um lado,

¹¹⁰ No Acervo dos Escritores Mineiros, da UFMG, podemos encontrar os originais de alguns desses trabalhos, além de inúmeros outros documentos interessantes: planos e esboços de livros, rascunhos, anotações, sendo que a maior parte dos inéditos se encontra inacabada. O sumário com os documentos do acervo pode ser consultado em: http://www.ufmg.br/aem/Inventario_murilo/sumario_murilo.htm

¹¹¹ (ver anexos).

proporcionou-lhe uma ampla possibilidade de experimentação literária; por outro, a exigência de qualidade desses trabalhos era naturalmente menor.¹¹²

As únicas narrativas murilianas não canônicas publicadas fora de Belo Horizonte são “Elvira e outros mistérios” e “Eunice e as flores amarelas”. Não por acaso, as duas fazem parte do reduzido grupo de quatro, das vinte e três *Histórias do Grão Mogol*, com mais de uma versão publicada, sendo as outras: “Os dois mundos de João Quatorze” e “Confidências de Natal”. No caso de “As unhas”, uma das versões com que trabalhamos é inédita.

“Elvira e outros mistérios”, como vimos, é o conto de estréia do autor. Quanto a “Eunice e as flores amarelas”, há outros dados que destacam esse trabalho do conjunto total de contos murilianos: trata-se do primeiro a ser precedido por epígrafe bíblica – na primeira versão, de maio de 1941 –, além de ser o primeiro reescrito e publicado fora da capital mineira, em outubro do mesmo ano, no Rio de Janeiro.

Mais relevante do que as informações acima é o fato de “Eunice e as flores amarelas” ser a única, dentre as narrativas que compõem a presente edição, a ser submetida à apreciação crítica de Mário de Andrade, nas célebres correspondências entre os dois escritores:

Desejava que você lesse um conto meu que saiu no Roteiro de 15 do corrente – “Eunice e as flores amarelas”. Foi o meu primeiro conto “simbólico” (não tenho outro termo. Surrealista? Kafquiano?) que escrevi. E junto com o “Pilotécnico” e o “Mágico”, marca passagens distintas na minha literatura. Foram os meus três caminhos melhores (RUBIÃO apud MORAES, 1985, p.43).

Nessa carta, de julho de 1943, o contista iniciante ainda pede a Mário que mostre a narrativa em questão a Gilda de Mello e Souza. E os comentários do veterano escritor paulista, pouco animadores quanto à qualidade desse conto, provavelmente tiveram forte influência na decisão do autor de descartá-lo, durante a seleção para o seu livro de estréia.

¹¹² Sobre a liberdade de publicação de material literário na *Folha de Minas*, ver: (WERNECK. 1987. p.137). Para informações mais gerais a respeito do mesmo jornal e da revista *Belo Horizonte*, ver: (LINHARES, 1995).

Ainda voltaremos aos comentários de Mário de Andrade sobre “Eunice e as flores amarelas” e os contos de Murilo de um modo geral. Antes, é preciso concluir estas considerações sobre a trajetória de nosso autor, em seus aspectos mais externos.

Com relação às mudanças de título, o primeiro texto a sofrer esse tipo de alteração é “Mariazinha não voltou”, publicado pela primeira vez em dezembro de 1941: em suas duas versões posteriores, de dezembro de 1944 e 1945, o conto passou a se chamar “Confidências de Natal”, tornando-se a única das *Histórias do Grão Mogol* com mais de um título.

Dentre os canônicos, a mesma variação foi sofrida por “Bruma”, “A noiva da casa azul” e “A flor de vidro”. Mas é curioso perceber, pelas datas de publicação, que a primeira versão de “A noiva da casa azul” já vinha com o nome que se tornaria canônico. Das três versões esparsas dessa narrativa, apenas a segunda é intitulada “Juparassu”.

E algo semelhante ocorre com os diferentes títulos de “Bruma”, que se alternam entre as variantes “A estrela” e “A estrela vermelha”, sucessivamente, até se fixar com o nome “Bruma (A estrela vermelha)”, a partir de *Os dragões e outros contos* (1965).

Em outras palavras, nos dois casos acima, Murilo volta atrás quanto à mudança efetuada, retomando títulos abandonados de versões anteriores. Mas isso não quer dizer, conforme julgaram ARRIGUCCI (1987) e SCHWARTZ (1981), que a tendência de o contista reescrever seus trabalhos não produza resultados significativos.

Não nos aprofundaremos nessa questão, por razões de viabilidade prática, pois o número de versões diferentes das narrativas de Murilo é tão imenso, que demandaria outra pesquisa. Mas o caso é que as diferentes versões esparsas nos permitem visualizar o processo de reescrita, com intervalos mais amplos do que os que ocorrem apenas entre as variantes publicadas em livro.

A título de curiosidade, incluímos, em nossos anexos, a primeira versão de “O pirotécnico Zacarias”, que apresenta longos trechos posteriormente cortados pelo autor. O enxugamento da narrativa revela, sem dúvida, um processo de amadurecimento do escritor, que percebe a necessidade de concisão exigida pelo conto, enquanto gênero literário.

Outro aspecto digno de nota, na trajetória de Murilo, diz respeito às epígrafes bíblicas. O primeiro conto a apresentar essa característica, como dissemos acima, também foi “Eunice e as flores amarelas”, logo em sua primeira versão, em maio de 1941.

Depois disso, vão surgindo outras narrativas com epígrafes, como: “Og e os dois olhos de Amelinha”, em setembro do mesmo ano; “Memórias de um calígrafo”, em fevereiro do ano seguinte; a segunda versão de “Elvira e outros mistérios”, sete meses depois; e assim por diante. No intervalo entre esses trabalhos, porém, continuam a ser publicadas, em número maior, as narrativas desprovidas dessa marca.

Vale ressaltar, inclusive, que maioria dentre os canônicos, em suas primeiras versões, não é precedida por epígrafe, como é o caso de “Mariazinha”, “O pirotécnico Zacarias”, “O ex-mágico da Taberna Minhota” e “Alfredo”, dentre outros. E, como observa SCHWARTZ (1981), o próprio livro de estréia de Murilo apresenta apenas seis epígrafes para os seus quinze contos: uma, para o volume como um todo; e mais uma, para cada grupo de três narrativas.

Ora, o que chama a atenção aqui é o longo processo até a sistematização desse traço tão peculiar à literatura muriliana. Do surgimento da primeira epígrafe, até que todos os contos passem a apresentar essa característica, o intervalo é de nada menos do que doze anos, pois é apenas a partir do segundo livro, *A estrela vermelha* (1953), que o processo se consolida.

As características da ficção muriliana, portanto, vão se definindo no decorrer de uma longa trajetória. E se, por um lado, a seleção dos trabalhos para a edição de *O ex-mágico* foi decisiva. Por outro, não podemos afirmar que, para o escritor, os trabalhos não selecionados nessa fase estivessem definitivamente descartados.

Isso porque, embora Murilo não venha a reaproveitar nenhuma das narrativas anteriores ao livro de estréia e não incluídos na coletânea, ele chega a anunciar, como segundo volume de contos, a publicação de *O dono do arco-íris*. E esse título nos remete diretamente a “Noêmia e o arco-íris”, conto publicado uma única vez em setembro de 1945, cujo protagonista declara, em seu delírio final, ser justamente “o dono do arco-íris”.

De qualquer forma, o segundo livro acaba sendo *A estrela vermelha*, com apenas quatro contos, todos eles publicados na imprensa pela primeira vez, no período de 1947 a 1950. Em outras palavras, aquele “melhor” que “ficou de fora” do primeiro livro – a que nos referimos na introdução deste trabalho –, uma vez descartado pelo escritor, não voltou a ser resgatado na coletânea seguinte e nem nas demais.

Das quinze narrativas selecionadas para *O ex-mágico*, a última a aparecer na imprensa é “O homem do boné cinzento”, cuja primeira versão é de abril de 1946. A partir daí, todos os trabalhos de Murilo, uma vez publicados em jornais ou revistas, passam a compor algum dos volumes do autor.

Desse modo, a concepção artística do escritor já estava definida no primeiro livro, a despeito de seu pesar pelo abandono de alguns trabalhos que lhe eram caros, como é o caso dos contos do Grão Mogol. O sacrifício, no entanto, confere ao autor uma “unidade substancial e formal”, logo reconhecida pela crítica, nas palavras de Álvaro Lins (1948).

Feita essa constatação, resta-nos perguntar em que aspectos as *Histórias do Grão Mogol* fogem à concepção uniforme da obra muriliana canônica. Essas respostas nos ajudarão a compreender em que consiste a sua “forma de construção lançada sempre com as mesmas bases”, bem como a sua “maneira única de tratar os seus temas” (LINS, 1948).

É justamente isso que nos propomos a fazer nas páginas seguintes.

3.3 FORMA DE CONSTRUÇÃO

Como dissemos, a unidade formal e temática é uma das características constantemente mencionadas pela crítica para a descrição e a interpretação da obra muriliana canônica. Apontada desde o artigo precursor de Álvaro Lins (1948), essa característica foi observada por diversos outros críticos, dentre os quais destacaríamos Jorge Schwartz (1981) e Eliane Zagury (1971).¹¹³

Sem dúvida, os contos canônicos de Murilo formam um conjunto homogêneo, o que se torna ainda mais evidente se os compararmos com os trabalhos esparsos do escritor. Isso porque as *Histórias do Grão Mogol*, além de apresentarem aspectos que fogem à “concepção uniforme do autor” – observada por LINS (1948), em *O ex-mágico (1947)* –, possuem, enquanto conjunto, uma diversidade interna muito grande. E essa diversidade se dá tanto na forma, quanto no conteúdo.

Sabemos que, a rigor, é impossível separar as questões formais das temáticas. Mas, para fins de análise, trataremos dessas questões separadamente, iniciando aqui o nosso estudo sobre a “Forma de construção” dos textos esparsos de Murilo.

De modo mais específico, vamos analisar basicamente dois problemas formais: a variedade de construção nas *Histórias do Grão Mogol*, que nos leva a percorrer os limites difusos entre o conto e a crônica; e o estilo, no que diz respeito ao uso da linguagem coloquial ou padrão.

Do ponto de vista temático, vamos iniciar a análise a partir do tema do relacionamento amoroso, recorrente nos esparsos e canônicos, buscando examinar os diferentes tratamentos dados ao tema para, em seguida, relacioná-lo ao sentido mais geral da obra muriliana.

Antes de tudo, é preciso esclarecer um pouco melhor a escolha dos vinte e três trabalhos aqui reunidos, levando-se em conta a questão do gênero literário. Na apresentação, justificamos nossa escolha, a partir dos seguintes critérios: textos esparsos de Murilo Rubião, em prosa, predominantemente narrativos e ficcionais. E tais critérios, conforme

¹¹³ Na primeira parte da nossa dissertação de mestrado, investigamos o percurso da obra muriliana canônica, juntamente com a sua recepção crítica, comentando, dentre outros, os estudos de Lins, Schwartz e Zagury. Ainda em nosso mestrado, buscamos destacar também a idéia da variedade de cada narrativa, dentro da unidade maior, formada pelo conjunto dos *Contos reunidos (1998)*. Conforme observamos, essa variedade nos parece relevante para a compreensão do sentido geral da ficção de Murilo, o que não significa, porém, que neguemos a unidade da obra canônica (FURUZATO, 2002).

mencionamos, foram definidos para que nos detivéssemos sobre os esparsos cuja relação com a obra muriliana canônica fosse mais direta.

Assim, excluímos da edição crítica: os poemas, os artigos de crítica literária, os textos auto-referenciais e as crônicas. E, de fato, pensamos ter selecionado os esparsos que melhor possibilitam a compreensão de nosso autor, nos aspectos que mais interessam aos estudos literários.

No entanto, faltou reconhecer que, na literatura moderna, a classificação dos textos em gêneros é sempre questionável. E, quando se trata de publicações na imprensa, o baralhar dos gêneros parece se tornar ainda maior.

Em nossos anexos, por exemplo, podemos pensar inicialmente no caso de “Mário de Andrade, Minas e os mineiros”. Embora tenhamos classificado esse texto como artigo de crítica, suas características nos permitiriam classificá-lo como reportagem, uma vez que se trata mais de um relato sobre a visita do escritor paulista a Belo Horizonte do que de uma análise propriamente dita de sua obra.

Outra classificação problemática seria a de “Lirismo de fim de semana”, uma mistura de crônica, artigo literário e texto auto-referencial, pois Murilo o inicia por divagações, assumindo um “ar de coisa sem necessidade”, com aquela “composição aparentemente solta”, típica da crônica de jornal (CANDIDO, 1978). Em seguida, ao se defender das acusações feitas por Rose Sauvage, passa a analisar uma determinada expressão literária, que, por sinal, é a sua própria.

Vale citar ainda “Fernando Tavares Sabino”, em que Murilo anuncia o lançamento do livro de contos *Os grilos não cantam mais*, buscando apontar as características da ficção do amigo e colega de redação na *Folha de Minas*. No entanto, mais do que fazer crítica literária ou resenhar o livro, o articulista narra uma porção de episódios pitorescos a respeito de Sabino e do seu convívio com ele (RUBIÃO, 1941).¹¹⁴

Poderíamos nos estender mais em nossos comentários sobre os anexos, abrangendo não só a questão sobre os gêneros literários, mas também as de natureza biográfica, histórica, crítica, etc. No entanto, isso acabaria nos afastando dos propósitos desta pesquisa.

¹¹⁴ É curioso observar, por exemplo, o relato de episódios ocorridos em 1939, como se pertencessem a um passado remoto, sendo que a publicação do artigo é de 1941. Essa nostalgia de acontecimentos tão recentes parece revelar a juventude do autor do texto, cuja idade era de 25 anos (ver anexos).

Com as observações acima, admitimos a precariedade da classificação de gênero utilizada até aqui, embora, para as nossas finalidades – selecionar os esparsos que melhor possibilitem uma discussão sobre o trabalho literário de Murilo –, essa classificação tenha sido satisfatória. E o importante agora é voltarmos nossa atenção para as questões formais nas *Histórias do Grão Mogol*.

É provável que, entre nós, a definição mais célebre para o conto enquanto gênero literário seja a de Mário de Andrade (1944), segundo a qual “sempre será conto aquilo que seu autor batizou com o nome de conto”.

Nesse caso, bastaria seguir o sistema de arquivamento do próprio Murilo, para saber quais, dentre os seus esparsos, deveriam ser classificados como “Contos” e quais como “Outras publicações”. E parece ter sido esse o critério adotado por OLIVEIRA (1968), em seu já mencionado TCC de Biblioteconomia.

De fato, a afirmação de ANDRADE (1944) e a opção de OLIVEIRA (1968) não deixam de ser bastante sensatas, uma vez que a definição teórica para o conto apresenta tanta dificuldade que muitos autores acabam chegando a conclusões como a de Nádya Battella Gotlib (1988).

Resumidamente, segundo GOTLIB (1988), a teoria se vê diante de uma imensa diversidade de realizações literárias dignas de serem denominadas como conto. Assim, em sua tentativa de enumerar as características do gênero, as definições teóricas acabam se tornando tão diversas quanto as próprias realizações artísticas que buscam definir.

Dito de outro modo, ao admitir a impossibilidade de encontrar regras gerais, os estudos que se queiram menos restritivos acabam por descrever as principais tendências de realização do conto, através da história da literatura, o que não deixa de ser interessante, embora represente um paradoxo para a teoria, pois a idéia de gênero implica na possibilidade de se encontrar características comuns.

Em nossa pesquisa, porém, não se trata de abordar o problema do ponto de vista teórico, mas de investigar o escritor em seu processo de experimentação, exercitando diferentes modos de ficção em prosa, até definir sua unidade formal.

A principal tarefa, para nós, consiste em comparar o conjunto de esparsos, em seus mais diversos aspectos, com a ficção canônica, cujo valor literário reconhecemos como sendo maior. Se, pela comparação, conseguirmos explicar em que consiste essa diferença de valor, teremos compreendido algo de relevante sobre a obra canônica de Murilo.

E é nesse sentido que nos interessa a discussão sobre o gênero literário, uma vez que ela nos ajuda a perceber algumas diferenças fundamentais entre as *Histórias do Grão Mogol* e os trabalhos canônicos do autor. Isso porque uma das questões que logo se destaca é o fato de alguns esparsos apresentarem características típicas da crônica de jornal, o que não ocorre com os *Contos reunidos*.

Necessitamos inicialmente de uma breve fundamentação teórica para caminhar com alguma segurança pelas fronteiras entre o conto e a crônica. A partir dessa base, faremos um levantamento das características de crônica encontradas nas narrativas da presente edição. Depois voltaremos a tratar do conto enquanto gênero, para levantar outras diferenças entre os esparsos e os canônicos.

Dentre os estudos sobre a crônica, o de Jorge de Sá (2005) mostra-se bastante adequado para os nossos propósitos. Tomando o cuidado de observar que a linha divisória entre conto e crônica é, às vezes, muito tênue, SÁ (2005) considera que a diferença básica entre os dois gêneros seria a “densidade” maior do conto:

Enquanto o contista mergulha de ponta-cabeça na construção do personagem, do tempo, do espaço e da atmosfera que darão força ao fato ‘exemplar’, o cronista age de maneira mais solta, dando a impressão de que pretende ficar na superfície de seus próprios comentários, sem ter sequer a preocupação de colocar-se na pele de um narrador, que é, principalmente, personagem ficcional (como acontece nos contos, novelas e romances). Assim, quem narra uma crônica é o seu autor mesmo, e tudo o que ele diz parece ter acontecido de fato, como se nós, leitores, estivéssemos diante de uma reportagem. (SÁ, 2005, p.09)

A comparação da crônica com a reportagem não é em vão, uma vez que ambos os gêneros são jornalísticos e, sendo assim, suas características sofrem influência do veículo de publicação.

Em síntese, dentre as características do gênero, podemos apontar: 1) a aparência de menor elaboração ficcional da crônica em comparação com o conto, conforme a citação

acima; 2) o caráter de transitoriedade da crônica, feita para durar tanto quanto o jornal, “essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é utilizada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha”, segundo as palavras de Antonio Candido (1978); 3) a linguagem coloquial; 4) a aparência de diálogo com o leitor que às vezes o texto assume; e 5) por fim, a principal característica, ou seja, o fato de seu assunto estar geralmente relacionado a um pequeno acontecimento cotidiano.

Uma última observação, antes de passarmos para a análise das *Histórias do Grão Mogol*, diz respeito ao fato de a transitoriedade da crônica variar muito, conforme o texto em questão. Nas palavras de SÁ (2005), quando um cronista seleciona seus trabalhos para uma publicação em livro, ele descarta as crônicas que envelheceram, “porque ficaram excessivamente ligadas a um acontecimento datado e situado, hoje sem nenhuma importância”.

De modo semelhante, ao organizarmos esta edição, também selecionamos, dentre os esparsos, aqueles cuja transitoriedade nos pareceu menor, tendo em vista a comparação com a obra canônica.

A questão é que os nossos critérios de seleção – esparsos de Murilo, em prosa, predominantemente narrativos e ficcionais – podem englobar tanto os contos quanto as crônicas. E, nesse caso, a seleção foi feita levando-se em conta esse grau de transitoriedade e não o gênero literário. Foi por isso que selecionamos, por exemplo, “A arte de conquistar as mulheres”, descartando “Cordisburgo – trailer” e “Ladrões mineiros”.

Feitas essas considerações, façamos um levantamento das características típicas de crônicas que encontramos nas *Histórias do Grão Mogol*, seguindo a seqüência em que elas estão organizadas em nossa edição.

Em “As primeiras ilusões de 1941”, encontramos, desde o título, uma referência ao tempo narrativo e à data de publicação do texto.

O enredo gira em torno do pessimismo generalizado do narrador-protagonista, identificado ao próprio Murilo: na avenida central da cidade, durante as festas da passagem

de ano de 1940 para 1941, ele dialoga com o Grão Mogol, uma espécie de divindade caricata, misto de Papai Noel e sábio ancião oriental.

E, pelo diálogo, percebemos que a principal desilusão do protagonista é de natureza afetiva. Mais adiante, exploraremos a questão do relacionamento amoroso na obra muriliana, bem como o tratamento dado ao tema em diferentes narrativas. Antes disso, vamos nos deter sobre as características típicas da crônica jornalística, presentes neste texto.

Como vimos pelo breve comentário sobre o estudo de SÁ (2005), a crônica apresenta um grau de elaboração ficcional menor do que o conto, estando mais presa ao contexto de publicação. E tal característica envolve todos os elementos narrativos.

É assim que, neste caso, há uma identificação entre o tempo da narração, o tempo da narrativa e a data de publicação do texto. Em termos lingüísticos, mais especificamente pragmáticos, podemos compreender essa relação temporal da seguinte forma: 1) o enunciado (narrativa) trata de acontecimentos ocorridos na passagem de ano de 1940 para 1941; 2) o momento de enunciação (narração) é posterior, mas não muito distante do tempo do enunciado, como se pode observar pelas expressões “nesse ano que estamos começando” e “o que vale é que este [ano] será muito pior”; e 3) a data de publicação do texto, fevereiro de 1941, coincide aproximadamente com esse período de tempo, ou seja, com o início do ano em questão.¹¹⁵

Essa identificação do tempo ficcional com o real, típica da crônica jornalística, feita para durar tanto quanto o jornal, não ocorre em nenhuma das narrativas canônicas do autor. Vejamos, por exemplo, como se dá a relação temporal em “O ex-mágico da Taberna Minhota”.

O conto se inicia com uma expressão que situa o narrador no presente da enunciação: “Hoje sou funcionário público e este não é o meu desconsolo maior”. Logo na frase seguinte, o texto passa a tratar de acontecimentos anteriores a esse presente: “Na verdade, eu não estava preparado para o sofrimento. (...) Fui atirado à vida sem pais, infância ou juventude” [grifos nossos] (RUBIÃO, 1998, p.07).

Toda a narrativa segue tratando de acontecimentos anteriores ao momento da enunciação, incluindo-se os trechos em que se mencionam datas específicas: “1930, ano amargo” (p.11) e “1931 entrou triste (...)” (p.12). Isso, até o desfecho, quando o narrador

¹¹⁵ cf. FIORIN, 2002.

volta a falar no presente: “Hoje, sem os antigos e miraculosos dons de mago, não consigo abandonar a pior das condições humanas” (p.13) [grifos nossos].

Ora, comparando-se as duas narrativas, nesse aspecto do tempo, é claro que, em ambos os casos, o narrador se situa num momento posterior ao dos acontecimentos narrados. Mas, enquanto no texto esparso há uma proximidade entre os dois tempos, pois o narrador ainda se encontra “nesse ano que estamos começando”; no conto canônico, o intervalo entre o tempo do enunciado e o da enunciação é indefinido, transmitindo-nos a sensação de um texto menos datado, como se o presente da enunciação se renovasse a cada leitura.

E, levando-se em conta que a data de publicação da primeira versão de “O ex-mágico da Taberna Minhota” é junho de 1943, fica ainda mais claro que há um grau de elaboração ficcional maior nessa narrativa, uma vez que o tempo do enunciado é independente do tempo real. Em outras palavras, o tempo narrativo é produto de uma criação artística elaborada, cuja autonomia diante da realidade é maior do que no caso das crônicas em geral.

Já a identificação entre os tempos, em “As primeiras ilusões de 1941”, confere ao texto aquele ar de “composição aparentemente solta”, segundo a expressão de Antonio Candido (1978), sendo que essa menor elaboração ficcional também se observa, como dissemos, em outros elementos narrativos.

É assim que o narrador, em primeira pessoa, identifica-se com o escritor, pois o protagonista é nomeado como Murilo, durante o diálogo com o Grão Mogol. E, em alguns trechos, o texto assume a forma de um diálogo do próprio escritor com seus leitores. Além disso, a linguagem é coloquial, embora o grau de coloquialismo de nosso autor seja sempre muito discreto, conforme discutiremos adiante.

Por fim, a matéria narrada está relacionada com um episódio trivial, a partir do qual se estabelece uma reflexão mais geral sobre a vida. Nesse caso, o episódio é a passagem de ano, que, embora tenha o seu valor simbólico, não deixa de ser banal, ocorrendo a todos e se repetindo regularmente.

Cabe observar aqui que nenhuma das características acima está presente nos trabalhos canônicos de Murilo. Pensemos, mais uma vez, no exemplo de “O ex-mágico da Taberna Minhota”: não há referência direta ao leitor; também não há identificação entre

narrador e autor, uma vez que o conto é narrado pelo ex-mágico; a linguagem é simples, mas não coloquial; a matéria narrada, por sua vez, constrói-se pela curiosa combinação entre acontecimentos cotidianos e extraordinários, gerando aquele efeito de estranheza que podemos chamar de fantástico.

Ora, levando-se em conta apenas esse critério, da presença ou ausência de características típicas da crônica jornalística, observamos, portanto, inúmeras diferenças entre “As primeiras ilusões de 1941” e a obra canônica de um modo geral.

Por outro lado, não se pode dizer a respeito desse texto esparso, conforme o declara SÁ (2005) a respeito da crônica, que o acontecimento narrado “parece ter acontecido de fato, como se nós, leitores, estivéssemos diante de uma reportagem” (p.09).

Isso porque o grau de elaboração ficcional de “As primeiras ilusões de 1941” fica evidente pela presença do Grão Mogol, cuja natureza fora do comum nos permite considerá-lo um antecessor do ex-mágico, do pirotécnico Zacarias e de tantos outros seres extraordinários do universo muriliano.

Trata-se do primeiro trabalho de Murilo com o personagem, inaugurando a série de cinco narrativas “gramogolinas”, para usar uma expressão cunhada pelo próprio autor¹¹⁶. Também cabe observar aqui que, nos *Contos reunidos*, não há nenhum personagem que apareça em mais de uma narrativa.

E é justamente esse caráter ficcional de “As primeiras ilusões de 1941” que justifica a sua inclusão em nossa edição crítica. Mas ainda voltaremos a esse texto, para tratar de questões temáticas.

Quanto às crônicas esparsas descartadas, trata-se de um tipo de narrativa tão diversa dos contos canônicos de Murilo, que a comparação não revelaria nada além de diferenças óbvias. Basta uma rápida leitura em nossos anexos, para que se perceba, a respeito dos textos descartados, aquilo que SÁ (2005) afirma sobre as crônicas que envelhecem, por ficarem “excessivamente ligadas a um acontecimento datado e situado, hoje sem nenhuma importância” (p.19).

¹¹⁶ A expressão aparece em “Eu, o Grão Mogol e os mandarins”: “Pelos leis gramogolinas as vítimas dos pagãos chineses têm direito a um lugar no paraíso de Grão Mogol”. Trata-se provavelmente do único neologismo de Murilo em toda sua obra.

Voltemos, então, ao nosso levantamento de características próprias à crônica nas *Histórias do Grão Mogol*, deixando que eventualmente outros pesquisadores confirmem ou não a nossa declaração a respeito dos nossos anexos.

Em nossa edição, outro trabalho interessante nesse levantamento de características de crônica é “Procura-se um faraó”, cujo título nos remete à marchinha de carnaval “Faraó”, de 1941, composta por Vicente Paiva e Sá Roris, sendo que as outras duas músicas mencionadas pela narrativa também foram lançadas no carnaval do mesmo ano: o samba “Helena, Helena”, de Antônio de Almeida e Constantino Silva; e a valsa “Nós queremos uma valsa”, de Antônio Nássara e Eratóstenes Frazão.

Esses dados são relevantes, porque nos permitem perceber uma relação de tempo semelhante à apontada no esparso que acabamos de analisar. Isso porque “Procura-se um faraó” foi publicado em 09 de março de 1941, ou seja, poucos dias depois do carnaval em que foram lançadas as canções acima. E o enredo trata justamente de um episódio ocorrido durante um baile carnavalesco.

A narrativa se estrutura na forma de um diálogo dentro do outro.¹¹⁷ No diálogo externo, faz-se referência ao episódio principal, que consiste numa disputa entre dois homens pela companhia da mesma mulher, durante o baile. E essa disputa, por sua vez, também ocorre na forma de um diálogo.

O tempo da enunciação, portanto, coincide com o momento em que ocorre o diálogo externo. Assim, levando-se em conta que esse diálogo ocorre depois do carnaval de 1941 e que a publicação do texto é de 09 de março do mesmo ano, podemos perceber a proximidade entre os dois tempos: como, em 1941, a quarta-feira de cinzas caiu no dia 05 de março e o texto foi publicado no domingo seguinte, o diálogo externo supostamente só pode ter ocorrido em algum momento entre os dias 06 e 09 de março.

¹¹⁷ “O bebê de tarlatana rosa”, de João do Rio, lembra um pouco a estrutura de “Procura-se um faraó”: um diálogo externo, em que um personagem narra uma aventura ocorrida no carnaval. Mas o acontecimento extraordinário que envolve o protagonista de João do Rio com a personagem título talvez aproxime essa narrativa mais de um conto fantástico “tradicional”, nos termos em que o definiria Todorov, do que da obra canônica de Murilo ou do esparso em questão.

Já o tempo do enunciado é duplo, coincidindo com cada um dos diálogos, pois a história ocorre nos dois momentos em que se dão as conversas. O tempo do diálogo externo, como dissemos, coincide com o momento da enunciação. E o tempo do diálogo interno é anterior em alguns dias, correspondendo ao momento do baile.

Há, portanto, uma proximidade entre os dois tempos do enunciado e o tempo real, apesar de o próprio texto dizer que o “carnaval já vai tão longe”.

Ora, é evidente que a percepção daquilo que é próximo ou distante no tempo é subjetiva, mas o que nos interessa aqui é o fato de a história se passar apenas alguns dias antes da data de publicação do texto. Em outras palavras, o que importa é que a narrativa em questão apresenta um tipo de proximidade entre o tempo ficcional e o real que, como vimos, costuma caracterizar a crônica jornalística.

Quanto às outras características de crônica, em “Procura-se um faraó”, não há exatamente um diálogo com o leitor, mas com um interlocutor indefinido. E há também uma referência a interlocutores, no plural, na expressão “tenham paciência”.

A semelhança entre narrador e autor, nesse caso, limita-se ao fato de o narrador ser bacharel em Direito, dado recorrente na obra de Murilo. Sobre a linguagem, ela é coloquial apenas no segundo diálogo, mas esse coloquialismo limita-se ao uso de algumas poucas expressões populares.

A matéria narrada, por sua vez, está relacionada com um acontecimento corriqueiro de uma data específica. E esse acontecimento, ao contrário do que ocorre com os contos canônicos, é bastante verossímil.

Por fim, do ponto de vista temático, ou melhor, do tratamento do tema, esta narrativa talvez seja uma das que mais se diferenciem da obra canônica de Murilo, conforme discutiremos mais tarde.

Outra das *Histórias do Grão Mogol* que também se passa no carnaval é “Maria, da família dos monstros”. Nesse caso, porém, não ocorre o mesmo tipo de relação temporal que apontamos nos dois textos anteriores. Afinal, a história se passa num carnaval qualquer, cujo ano é indefinido. Não se pode afirmar nada a respeito do intervalo entre o momento da

enunciação e o do enunciado. E, uma vez que não sabemos o ano em que se passa a história, também não é possível estabelecer a relação entre o tempo do enunciado e a data de publicação do texto.

Há, no entanto, algumas características que aproximam a narrativa de seu contexto de produção, como, por exemplo, a referência a Betim, município próximo a Belo Horizonte. O espaço narrativo, portanto, possui uma relação de proximidade com o espaço real, em que vive o escritor e onde o texto é publicado.

Além disso, há dois dados que nos permitem identificar o narrador-protagonista ao próprio Murilo. A primeira é o fato de ambos trabalharem na *Folha de Minas*. E a segunda é a idade do protagonista que, segundo a estimativa de seu interlocutor, coincide com a do autor do texto: “- Não é possível, o senhor tão moço! Parece ter no máximo vinte e cinco anos, disse com os olhos arregalados”.

Ora, em abril de 1941, data de publicação de “Maria, da família dos monstros”, Murilo estava a pouco mais de um mês de completar 25 anos.

A linguagem utilizada no texto é padrão, com o uso de uma ou outra expressão coloquial. E, por fim, a matéria narrada está relacionada com um acontecimento cotidiano, uma conversa durante uma viagem de trem. Mais adiante, voltaremos às questões da linguagem, do tema e do tratamento do tema.

Outro exemplo interessante de narrativa esparsa que também apresenta características de crônica é “Inácia não era um chuchu”, texto publicado em setembro de 1941.

O enredo trata de um caso ocorrido com o protagonista e sua então namorada Inácia. O casal vai à sorveteria e, na hora de pagar a conta, o homem alega ter perdido uma nota de dez mil réis. A mulher acaba assumindo as despesas, mas logo conta o episódio às amigas, o que faz com que o homem se torne motivo de riso.

Durante o relato, o narrador nos confessa que, na verdade, não perdera a cédula de dez mil réis, mas que alegara tê-la perdido, por carregar, na ocasião, apenas dois mil réis

em seu bolso, imaginando que a quantia fosse suficiente. O problema foi que, Inácia, ao invés de se contentar com um sorvete simples, pedira as “especialidades da casa”:

Quando veio a conta, tive de dar o golpe do azar. Meti a mão em todos os bolsos, passei, repetidamente, a ponta dos dedos na raquítica cédula de dois e confessei – muito melancolicamente – que os deuses dos objetos achados e perdidos estavam contra mim.

Como características de crônica, a narrativa apresenta: 1) a aparência de diálogo com o leitor; 2) a referência ao veículo de publicação, ou seja, a revista *Belo Horizonte*; 3) a identificação do narrador com o autor, pois, além de Murilo ser nomeado diretamente, há uma referência à data de seu nascimento; 4) a identificação de personagens com pessoas reais, no caso, Jair Rebelo Horta e Fernando Sabino; 5) o uso de linguagem coloquial, embora, como sempre nos textos de Murilo, isso se dê de forma muito moderada; e 6) o episódio cotidiano como assunto do texto.

O mais interessante, porém, é observar o modo como esse texto antecipa dois procedimentos narrativos que Murilo explorará em sua obra canônica, obtendo resultados muito melhores. Um desses procedimentos é o baralhamento do tempo narrativo que, nos *Contos reunidos*, também ocorre em “Mariazinha”, “A flor de vidro” e “Epidólia”, apenas para citar alguns exemplos. O outro é o do narrador que se desmente no decorrer da narrativa, procedimento que na obra canônica também ocorre, por exemplo, em “D. José não era” e “Ofélia, meu cachimbo e o mar”.¹¹⁸

No caso de “Inácia não era um chuchu”, o baralhamento temporal é obtido justamente pelo fato de o narrador ficar se desmentindo, por diversas vezes no decorrer do texto, a respeito do tempo em que a história teria ocorrido. Mas, apesar disso, a narrativa é bastante datada, ou seja, presa ao seu contexto de publicação. E isso se deve justamente às suas características de crônica.

Outros motivos que tornam esse texto datado são, em primeiro lugar, o fato de se tematizar o uso de gírias, cuja atualidade se perde rapidamente; e, em segundo, o fato de tratar da unidade monetária brasileira que, desde então, já sofreu diversas substituições.

¹¹⁸ Essas narrativas são analisadas mais detidamente em nossa dissertação de mestrado: (FURUZATO, 2002).

Já “A arte de conquistar as mulheres” nos interessa, acima de tudo, pelo tema, cuja posição na ficção muriliana parece-nos central, possibilitando a compreensão do sentido mais amplo da obra de nosso autor.

Por ora, vamos nos deter em apontar as características típicas de crônica no texto em questão: 1) a aparência de diálogo com o leitor; 2) a referência ao veículo de publicação; 3) a identificação entre o narrador e o autor do texto, na figura do jornalista; 4) a linguagem coloquial no diálogo; e 5) a escolha de um episódio cotidiano como ponto de partida para uma reflexão de caráter mais geral.

Com relação ao episódio – o reconhecimento de um “mulato feio, desengonçado, mal vestido”, como proprietário de uma carteira perdida, na qual havia “cinco retratos de mulheres, cada qual com uma dedicatória mais apaixonada” –, é interessante observar como, embora nos faltem elementos para julgar a veracidade de tal acontecimento, ele é construído de modo verossímil, coisa que não ocorre em nenhum dos contos canônicos.

Levando-se em conta suas características de crônica, as diferenças entre “A arte de conquistar as mulheres” e os *Contos reunidos* de um modo geral são bastante claras. O tema, porém, justifica a sua inclusão em nossas *Histórias do Grão Mogol*.

Um trabalho bem diferente de todos, do ponto de vista formal, é “Carta à Lúcia”, cujo título já nos revela a natureza dessa diferença. De fato, trata-se de uma carta, assinada com as iniciais A.S.G. e endereçada a uma “gentil amiga”, nomeada apenas no título.

A carta não só se inicia com a justificativa do remetente pelo atraso em escrever, o que seria apenas um lugar comum, como é inteiramente utilizada para esse fim. E, como se fosse pouco, a justificativa não podia ser menos convincente, nem mais incomum: “Agora que estou lúcido, sinto que os culpados foram, por ordem cronológica: o Grão Mogol, os pardais e... (se eu não acertar desta vez, mordam-me os pardais)... as andorinhas”.

Também é importante observar que, durante a justificativa, o autor da carta chega a anunciar algo importante a ser dito. E esse algo, como costuma ocorrer em outros trabalhos

de Murilo, acaba não sendo revelado. Trata-se de uma forma de jogar com a expectativa do leitor que, muito provavelmente, o contista mineiro deve ter apreendido com Machado de Assis.

Outro aspecto interessante é a referência ao Grão Mogol, que nos leva a interpretar o texto relacionando-o com o tema geral das narrativas gramogolinas, ou seja, o relacionamento amoroso. A questão temática de “Carta à Lúcia”, portanto, será discutida mais adiante, juntamente com a dos demais textos da série.

Por ora, vejamos como, embora se trate de uma correspondência, este trabalho de Murilo também apresenta características de crônica. Há, por exemplo, no corpo da própria carta, a identificação entre personagens e pessoas reais, através da referência a Floriano de Paula e Jair Rebelo Horta, diretores da *Folha de Minas* e conseqüentemente colegas de trabalho de Murilo.

A linguagem, por sua vez, apresenta apenas algumas expressões coloquiais, como “batata”, “bolas” e “grogue”, mantendo-se, na maior parte do tempo, no padrão formal.

Por fim, a nota acrescentada depois da carta confere ao trabalho como um todo aquele aspecto de “composição aparentemente solta” (CANDIDO, 1978), como se o escritor estivesse, de fato, aproveitando uma situação real – o fato de ter encontrado essa carta incomum –, para compor sua crônica.

E talvez não seja desnecessário dizer que esse tipo de recurso não é utilizado em nenhum dos contos canônicos.

Também é interessante o que ocorre com “Os foguetes virão depois”, publicado pela *Folha de Minas*, em novembro de 1941. Além de características de crônica já encontradas em outros trabalhos esparsos, esse texto apresenta um dado inédito.

Como características de crônica, podemos apontar: 1) a aparência de diálogo com o leitor; 2) a referência a dados espaciais concretos, como o hospital Raul Soares e a Praça da Liberdade, que nos remetem ao local onde vive o autor do texto; e 3) a referência à imprensa como veículo de publicação.

O dado novo é a citação a outro texto do próprio Murilo, publicado em junho de 1941, na mesma *Folha de Minas*. O narrador-protagonista retoma o episódio relatado em “A filosofia do Grão Mogol”, para dar continuidade às suas desventuras com a namorada Emília.

É interessante observar ainda que, embora “Os foguetes virão depois” seja uma espécie de continuação de “A filosofia do Grão Mogol”, o texto de junho praticamente não apresenta características de crônica, com exceção do vocativo “senhores”, dirigido aos leitores, enquanto que o texto de novembro é bem mais preso ao seu contexto de publicação.

Juntamente com a análise temática, abordaremos outras questões sobre a “Forma de construção”, aprofundando os aspectos por ora observados.

3.4 LINGUAGEM

Em nosso estudo comparativo entre as *Histórias do Grão Mogol* e os *Contos reunidos*, o segundo aspecto formal a ser analisado diz respeito à linguagem.

Descrivendo a obra canônica, a crítica de um modo geral costuma caracterizar a linguagem de Murilo como “simples e discreta” (LINS, 1948), “despojada, concisa e prosaica” (COELHO, 1966) ou ainda destacar sua “transparência” (ARRIGUCCI, 1974).

Alfredo Bosi (1997), por sua vez, situa o contista no grupo dos escritores mineiros, posteriores à Segunda Fase do Modernismo, que “conservam o gosto da correção gramatical”, apresentando como traço comum o “fraseio vernáculo mais ortodoxo”.

De fato, basta uma rápida leitura dos *Contos reunidos*, para que se perceba como Murilo escreve com clareza, utilizando períodos relativamente curtos, com vocabulário simples, mas formal.

Vejamos, a título de ilustração, o trecho inicial de “O ex-mágico da Taberna Minhota”:

Hoje sou funcionário público e este não é o meu desconsolo maior.

Na verdade, eu não estava preparado para o sofrimento. Todo homem, ao atingir certa idade, pode perfeitamente enfrentar a avalanche do tédio e da amargura, pois desde a meninice acostumou-se às vicissitudes, através de um processo lento e gradativo de dissabores (RUBIÃO, 1998, p.07).

É a ampla ocorrência de expressões como “desconsolo”, “avalanche do tédio e da amargura”, “vicissitudes”, “processo lento e gradativo de dissabores”, dentre outras igualmente formais, que caracteriza o “fraseio vernáculo mais ortodoxo” no estilo muriliano.

Outra característica marcante nesse estilo é a sua estrutura argumentativa, em contraste com o conteúdo extremamente subjetivo ou absurdo. No parágrafo acima, além da cômica pressuposição de que o funcionalismo público seja um “desconsolo”, a subjetividade do assunto – o sofrimento humano – contrasta com o encadeamento argumentativo das orações. E a continuação do trecho nos permite observar melhor o

raciocínio do narrador: “Tal não aconteceu comigo. Fui atirado à vida sem pais, infância ou juventude” (p.07).

Podemos perceber, assim, que se trata de uma exposição bastante lógica, composta basicamente dos seguintes passos: a) Ser funcionário público é um desconsolo, embora, para o protagonista, esse não seja o maior; b) Todo homem pode enfrentar o sofrimento, porque se acostuma com isso, através de um lento processo iniciado na meninice; e c) No entanto, pelo fato de não ter tido “infância, passado ou juventude”, o protagonista se considera despreparado para sofrer.

Até aqui é possível supor que a “ausência de infância”, na vida da personagem, tenha um sentido figurado. Mas logo percebemos que a expressão deve ser interpretada literalmente:

Um dia dei com os meus cabelos ligeiramente grisalhos, no espelho da Taberna Minhota. A descoberta não me espantou e tampouco me surpreendi ao retirar do bolso o dono do restaurante. Ele sim, perplexo, me perguntou como podia ter feito aquilo (RUBIÃO, 1998, p.07).

Questionado pelo dono do restaurante sobre a natureza desse truque tão espantoso, o mágico apresenta uma resposta evasiva, mas igualmente fundamentada do ponto de vista lógico: “O que poderia responder, nessa situação, uma pessoa que não encontrava a menor explicação para sua presença no mundo? Disse-lhe que estava cansado. Nascera cansado e entediado” (p.07).

De fato, não deixa de ser coerente que, diante de um nascimento tão inexplicável, abrupto e disparatado, o protagonista não se surpreenda por não compreender o resto.

Quanto ao cansaço e ao tédio, talvez se trate de uma vocação inata para o funcionalismo público, símbolo do trabalho sem sentido. E, conforme observou ARRIGUCCI (1987), baseando-se na análise de SARTRE (1985) sobre Kafka, o trabalho cuja finalidade se desconhece representa o absurdo moderno da rebelião dos meios contra os fins.

Mas, voltando à questão da linguagem, o que nos interessa aqui mais especificamente é a combinação de fatores que leva críticos como Rui Mourão (1975) a destacar, na obra de Murilo, o contraste entre a linguagem “policuada, disciplinada,

despojada – rigorosamente enquadrada na lógica gramatical mais cristalina” e a temática, baseada em “uma invenção de mundo fantasista, alucinada e ingovernável”.

E ARRIGUCCI (1987) observa ainda como esse mesmo contraste gera um efeito de “espanto congelado”, uma vez que o disparate logo acaba incorporado à lógica – ou ao absurdo generalizado – da narrativa. É o que ocorre, no caso do ex-mágico, quando o espanto inicial do dono do restaurante simplesmente se dilui na seqüência do conto: “Sem meditar na resposta, ou fazer outras perguntas, ofereceu-me emprego e passei daquele momento em diante a divertir a freguesia com os meus passes mágicos” (p.08).

Assim, o empresário, tendo encontrado uma função para o mágico em seus negócios, simplesmente deixa de questionar o mistério que envolve o estranho protagonista.

Até aqui, esse breve exame serve apenas como confirmação sobre o que já foi dito a respeito da linguagem do autor e sobre o efeito gerado pela combinação entre linguagem e tema, nos *Contos reunidos*.

Ora, e uma vez que o estilo de Murilo é bastante homogêneo, resta apenas uma rápida observação sobre os diálogos das personagens. Em primeiro lugar, cabe apontar a padronização no modo de representação do discurso direto, sempre iniciado por travessão e sem o uso de aspas. Além disso, podemos perceber que os diálogos são geralmente curtos e não muito numerosos, limitando-se, na maior parte dos contos, a algumas poucas frases.

Quanto ao registro, as personagens costumam manter o mesmo tom formal do narrador, com algumas poucas exceções, como é o caso do uso de expressões como: “tá”, “tou”, no lugar de “está”, “estou”, em “A casa do girassol vermelho”, por exemplo; ou “diabo” e “bolas”, como interjeição, em “Os três nomes de Godofredo” e “O bloqueio”. Enfim, pode haver um ligeiro relaxamento no grau de formalidade das falas, embora isso seja raro.

Já nas *Histórias do Grão Mogol* a linguagem é menos homogênea. No que diz respeito ao registro, a maioria das narrativas segue o mesmo padrão formal que, mais tarde, iria se firmar como o estilo do autor, em seus contos canônicos. Há, no entanto, alguns esparsos nos quais Murilo se arrisca a utilizar algumas expressões coloquiais e, inclusive, gírias da década de 1940.

Esse é o caso de sete, das vinte e três narrativas. A saber: “As primeiras ilusões de 1941”, “Procura-se um faraó”, “Maria, da família dos monstros...”, “Eu, o Grão Mogol e os

mandarins”, “O mundo termina na Rua das Magnólias”, “Inácia não era um chuchu” e “A arte de conquistar as mulheres”.

É curioso observar, por exemplo, a ocorrência de expressões como: “ora, bolas!”, “pílulas!”, “ora, pílulas!”, “borra-botas”, “batata!”, “meia-pataca”, “baratinha”, “do barulho”, dentre outras que caíram em desuso.

Das narrativas mencionadas acima, “Inácia não era um chuchu” merece um comentário à parte. Isso porque, além de o título já apresentar um termo coloquial em desuso, o próprio narrador faz considerações a esse respeito: “Inácia era um chuchu (o termo equivalia ao ‘boa’ de hoje). Não! Estou aprontando uma confusão dos diabos! Quando a conheci não existia ainda este adjetivo, filho de outro adjetivo”.

Ora, sabemos que a língua muda através do tempo e também que essa mudança é maior no caso da linguagem popular. Tanto é que os esparsos em que Murilo emprega termos coloquiais, como “Inácia não era um chuchu”, parecem mais datados que os demais. Mas essa mesma narrativa ainda nos permite apontar outra característica que pode tornar os esparsos ainda mais presos ao seu contexto de publicação. Trata-se da referência à unidade monetária então em uso no Brasil – um país marcado pela instabilidade econômica crônica, em que a noção do valor da moeda corrente, em cada época, exige um conhecimento à parte.

Podemos observar ainda uma ligeira diferença entre as vozes das personagens e a do narrador. Tanto num caso quanto no outro, o escritor se permite utilizar uma linguagem mais coloquial do que a dos contos canônicos. Mas, quando se trata da voz do narrador, é interessante observar, por exemplo, que algumas das expressões coloquiais vêm entre aspas, como é o caso de “bodocadas”, em “Margarida e outras reticências”; e “amigos da onça”, em “As primeiras ilusões de 1941”. Em ambos os casos, as aspas parecem indicar uma espécie de escrúpulo, por parte de Murilo, pela falta de formalidade. No entanto, também em “As primeiras ilusões de 1941”, o narrador emprega o termo “pequenas”, no sentido de “moças”, sem as aspas, o que indica uma falta de padronização nos critérios do contista.

Essa mesma falta de padronização fica ainda mais evidente ao observamos o modo de representação do discurso direto, que pode seguir critérios diferentes numa mesma narrativa, como é o caso, por exemplo, de “Procura-se um faraó”. No texto original, as falas das personagens às vezes vêm indicadas por aspas; outras vezes, por travessão, sem aspas; e

ainda, por travessão e aspas ao mesmo tempo. E a própria voz do narrador aparece, em alguns trechos, iniciada por travessão.

Outro aspecto igualmente relacionado com o discurso direto, nas *Histórias do Grão Mogol*, e que foge ao estilo posteriormente estabelecido pelo escritor, são as longas falas de algumas personagens, como é o caso de D. Eudóxia, em “O mundo termina na Rua das Magnólias”; e do protagonista, em “Eunice e as flores amarelas”.

Já em “A arte de conquistar as mulheres”, Josefino é representado, pela fala, como sujeito de pouca instrução, quando diz: “Num sei, seu moço”. E esse tipo de representação não ocorre nas narrativas canônicas.

Outro dado curioso é o uso da expressão “gramogolinas”, no sentido de “relativo a Grão Mogol”, em “Eu, o Grão Mogol e os mandarins”. Trata-se provavelmente do único neologismo criado por Murilo em toda sua carreira literária.

Sintetizando o que foi dito acima, podemos observar, na linguagem dos esparsos, um grau de formalidade um pouco menor do que o dos canônicos, especialmente quando se trata da representação do discurso direto.

De qualquer modo, essa característica está longe de aproximar o autor daquela busca da linguagem popular, própria dos escritores modernistas da primeira fase. E não custa observar também que Murilo está ainda mais distante do experimentalismo de Guimarães Rosa ou de Clarice Lispector, ambos contemporâneos seus.

Levando-se em conta que uma das características de Murilo é o hábito de reescrever seus contos, poderia parecer que, nesse processo de reescrita, a linguagem fosse adquirindo um grau de formalidade maior. E, sendo assim, aqueles trabalhos que se tornaram canônicos teriam uma linguagem mais formal, por terem sofrido mais modificações do que os esparsos abandonados. Mas não se trata disso, pois basta observar as primeiras versões de contos como “O ex-mágico da Taberna Minhota”, “O pirotécnico Zacarias” e “Mariazinha”, para percebermos que tais narrativas, desde o início, são concebidas em registro formal.¹¹⁹

É como se, no início, Murilo tivesse experimentado uma ligeira variação no grau de formalidade da linguagem, até adotar, como estilo, o “fraseio vernáculo mais ortodoxo”, observado por BOSI (1997).

¹¹⁹ Disponibilizamos, em anexo, a primeira versão de “O pirotécnico Zacarias”.

E, se levarmos em conta que o padrão formal dos *Contos reunidos* acaba gerando um efeito significativo sobre o leitor, quando essa linguagem se combina com o fantástico, podemos concluir que o rigor maior no controle da linguagem foi uma conquista importante de Murilo no decorrer da sua carreira. E o mesmo pode ser dito a respeito de outros aspectos na concepção artística do escritor, tais como o desenvolvimento dos temas e seu modo de tratamento.

É o que veremos a seguir.

3.5 O TEMA DO RELACIONAMENTO AMOROSO

Concentraremos o nosso estudo temático das *Histórias do Grão Mogol* no problema do relacionamento amoroso, uma das questões mais presentes nos trabalhos murilianos da fase anterior a *O ex-mágico* (1947). Isso porque, a partir das variações sobre o tema do amor – ou da sua impossibilidade –, podemos compreender o modo de funcionamento de todos os demais temas.

É evidente que a ficção de Murilo, seja esparsa ou canônica, não trata exclusivamente da questão afetiva, mas o que buscaremos demonstrar aqui é o nexo existente entre uma impossibilidade de realização afetiva do sujeito e uma impossibilidade generalizada, que definiria a obra de nosso autor.

Como diria Eliane Zagury (1971), a unidade da obra do contista se deve à constatação de uma “determinada relação absurda na vida”. E essa constatação gera um absurdo temático, englobando as “dicotomias essenciais do homem”: “vida-morte”, “indivíduo-sociedade” e “amor-incomunicabilidade”.

Partindo da mesma hipótese de ZAGURY (1971), buscaremos descrever essa concepção de mundo baseada no absurdo, mas adotando um ponto de vista diferente do que a pesquisadora denominou de “dicotomias essenciais do homem”. O que procuraremos demonstrar é o modo como os contos de Murilo, vistos em conjunto, ilustram uma impossibilidade generalizada de realização do ser humano, em diversos aspectos: amoroso, profissional, político, artístico, religioso.

As *Histórias do Grão Mogol*, embora careçam da sofisticação técnica dos textos posteriores – fugindo, nesse sentido, da unidade da obra muriliana, tantas vezes mencionada pela crítica –, já apresentam uma proximidade temática com os contos canônicos, mesmo que se detenham exageradamente na terceira dicotomia apontada por ZAGURY (1971).

Assim, depois de analisar essa impossibilidade de realização amorosa do sujeito, nas narrativas esparsas, buscaremos ampliar o nosso estudo, procurando explicar como se estabelece a relação entre o tema amoroso e o sentido mais geral da obra de Murilo.

Partindo da questão do relacionamento amoroso, vamos levantar traços temáticos recorrentes na ficção muriliana. Feito esse levantamento, procuraremos analisar quais

desses traços também fazem parte do sentido geral da ficção canônica e quais aparecem exclusivamente nos esparsos.

É preciso observar ainda que a presença da questão amorosa não exclui que outros temas sejam tratados pela mesma narrativa. Do contrário, é justamente essa possibilidade de combinação temática, com diferentes tratamentos, que permite a Murilo abordar insistentemente as mesmas questões, sem esgotar o seu potencial criativo.

Como já dissemos, a obra muriliana canônica é nitidamente superior aos textos esparsos. Mas essa superioridade, conforme esperamos demonstrar, representa muito mais um desenvolvimento do que um abandono dos temas caros ao escritor.

Uma vez que a questão amorosa se define pela sua impossibilidade, nada mais adequado do que analisá-la de acordo com a causa dessa impossibilidade, ou seja, do motivo que impede a plena realização amorosa do sujeito. E isso será feito, procurando-se adotar o ponto de vista do protagonista em cada narrativa.

Para facilitar nossa apresentação, dividimos as *Histórias do Grão Mogol* nos seguintes sub-temas: 1) “A arte de conquistar as mulheres”, 2) “O celibatário”, 3) “A aliança rompida”, 4) “Impedimentos de outra ordem” e 5) “Limitações da realização amorosa”.

Essa classificação não é rigorosa nem excludente, mas segue uma seqüência que, a nosso ver, ajuda a visualizar o conjunto de narrativas esparsas de Murilo, a partir do tema do relacionamento amoroso. Vejamos, então, como isso ocorre.

3.5.1 A ARTE DE CONQUISTAR AS MULHERES

Como vimos, “A arte de conquistar as mulheres” é um dos esparsos que mais apresenta características de crônica, diferenciando-se claramente dos *Contos reunidos* no aspecto formal. Assim, a inclusão desse trabalho em nossa edição crítica deve-se principalmente ao assunto, anunciado no título, que possibilita uma boa introdução para o estudo sobre o relacionamento amoroso na obra muriliana.

O enredo é bastante simples: Josefino da Silva, um mulato “feio, desengonçado, mal vestido”, supostamente desprovido de qualidades que geralmente atraem as mulheres, apresenta-se como proprietário de uma carteira, anunciada como perdida pelo jornal onde trabalha o narrador-protagonista.

A carteira, dentro da qual se encontram cinco retratos de belas mulheres, com dedicatórias apaixonadas e endereçadas a Josefino, é descrita com exatidão pelo rapaz, contrariando as expectativas do jornalista, que, surpreso com o acontecimento, apresenta-nos sua breve reflexão sobre “A arte de conquistar as mulheres”.

Antes do episódio da carteira, o personagem principal considerava que a maior qualidade de um homem, na conquista amorosa, seria a fama, mais do que a beleza ou o porte atlético: “As mulheres, em geral, amam os homens ousados, àqueles que, estando a seu lado, servem de motivo de inveja às suas rivais ou companheiras”.

Para sustentar a tese acima, o narrador cita um longo trecho dos irmãos Goncourt, como argumento de autoridade. Mas Josefino seria uma prova em contrário a tal tese, pois o protagonista não reconhece, no proprietário da carteira, “qualquer dos característicos que geralmente se emprestam aos homens procurados pelas mulheres”.

Questionado sobre o seu segredo na arte da conquista, Josefino responde num tom bastante simplório: “- Num sei, seu moço. Uns dizem que eu tenho a bossa...”

Ora, levando-se em conta o sentido da palavra “bossa” – definida, pelo dicionário, como “atributo ou qualidade peculiar a pessoa ou coisa, que faz que elas agradem, chamem a atenção, se distingam de uma ou de outra”¹²⁰ –, a resposta de Josefino nada esclarece sobre o seu segredo.

¹²⁰ *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986.

E então o jornalista, considerando-se desprovido dessa qualidade inexplicável, “a bossa”, conclui desolado, com o dito popular: “Quem nasce para dez réis não chega a vintém”.

É interessante observar, primeiramente, que o problema da conquista amorosa se expressa aqui como **reflexão conceitual** e não como experiência vivida pelo protagonista. Como veremos, essa forma de tratar os conflitos acima de tudo como conceitos, sem materializá-los na situação narrada, vai se repetir em outras *Histórias do Grão Mogol*.

Além disso, é importante notar como essa reflexão, ao invés de esclarecer algo sobre o problema proposto pela narrativa, leva à **incompreensão**. Afinal, a noção inicial do protagonista sobre “A arte de conquistar as mulheres” é questionada pelo caso Josefino, sem que se coloque outra idéia em seu lugar. Essa observação é importante, porque a incompreensão generalizada também caracteriza a concepção de mundo que está por trás da obra muriliana.

Outro aspecto relevante é a postura do jornalista, que se vê aqui como vítima de um problema sem solução, considerando-se desinteressante para as mulheres, por não ter “a bossa”, nem poder adquiri-la. Essa falta de solução ou **fatalidade** que envolve o protagonista é outro traço recorrente na ficção de nosso autor.

Cabe acrescentar que os três aspectos mencionados acima não se limitam apenas ao problema do relacionamento amoroso, associando-se também a outros temas. E, enquanto o primeiro traço é recorrente apenas nos textos esparsos, os dois últimos dizem respeito à obra muriliana como um todo.

Quanto ao motivo que impossibilita o sujeito de se realizar afetivamente, se fizéssemos essa pergunta diretamente ao protagonista, a sua resposta, dada pelo próprio texto, seria algo como: “as mulheres não me querem”. O homem se sente **vítima de uma rejeição**. E, no caso, não há uma mulher específica que o rejeite, tratando-se, portanto, de uma **rejeição generalizada**.

Esses dois aspectos, que dizem respeito apenas ao problema do relacionamento amoroso, também ocorrem em outras narrativas murilianas, conforme veremos.

Outra narrativa esparsa em que o homem se sente rejeitado pelas mulheres de um modo geral é “As primeiras ilusões de 1941”, primeiro texto com o personagem Grão Mogol. Mas agora, além desse motivo para a impossibilidade de realização afetiva do sujeito, há outro aspecto a ser considerado.

Inicialmente, o conto nos apresenta o narrador-protagonista, cético com relação ao clima de otimismo que costuma acompanhar a passagem de ano. Esse protagonista, identificado ao próprio Murilo, queixa-se de uma rotina desprovida de sentido, do fato de não atrair a atenção das mulheres bonitas e de ser obrigado a aturar os falsos amigos, problemas que não deixariam de atormentá-lo com o início do novo ano. Mesmo assim, dirige-se à Avenida, para participar dos festejos.

E é nesse cenário que o Grão Mogol surge pela primeira vez: “Não sei se os meus leitores o conhecem. Mas desde já fiquem sabendo, para seu governo, que nada no mundo se resolve sem que ele dê o seu parecer. Que, aliás, são os piores do mundo”.

Sendo uma mistura caricata de divindade oriental e imperador polígamo, o personagem reaparece em outros textos esparsos, geralmente relacionados com o tema do celibato. Nessa primeira narrativa, porém, o problema é um pouco diferente.

Como dissemos, o Grão Mogol surge diante de Murilo, encontrando-o desiludido com o ano que passou. E então lhe sugere que faça apenas um pedido ao “Papai Noel”:

- Faltou-lhe fé, meu filho. Você pediu coisas impossíveis, pediu demais. Faz agora um pedido só, que tenho certeza que ele atenderá.

- Tá bem, velho Mogol. Eu quero ‘Ela’.

Após um breve questionamento sobre quem viria a ser “Ela”, o Grão Mogol compreende o pedido do protagonista e comenta:

- Não adianta, velho Murilo. Tenho hoje noventa anos e quarenta mulheres e já tive quarenta anos e noventa mulheres. No entanto nunca consegui encontrar uma mulher que fosse ‘Ela’. Todas eram parecidas, tinham qualquer coisa ‘Dela’, mas não eram ‘Ela’.

Em seguida, aconselha a Murilo que refaça o seu pedido, limitando-se a algo possível. E a isso, o protagonista lhe responde: “- Então, meu Mogol, eu quero... Eu quero... Eu quero uma estrela!”

Logo a narrativa se conclui, com uma previsão extremamente negativa para o ano que inicia, sendo que o pessimismo do texto não poupa os seus leitores.

Conforme observamos, a principal desilusão do protagonista é de natureza afetiva, devido à impossibilidade de encontrar “Ela”. Mas, seguindo o mesmo raciocínio da análise anterior, se perguntássemos ao personagem sobre o porquê da impossibilidade de sua realização afetiva, talvez ele respondesse, como no início da narrativa: “as mulheres bonitas não me querem”.

Inicialmente, portanto, apresentam-se dois dos tópicos já levantados: o do homem como **vítima de uma rejeição**, sendo que essa **rejeição é generalizada**. Mas agora o problema é um pouco mais complexo, pois não bastaria ao protagonista que “as mulheres bonitas” o quisessem. Afinal, ele não deseja qualquer mulher bonita e nem mesmo uma mulher específica, mas deseja ninguém mais, ninguém menos do que “Ela”, ou seja, uma mulher ideal. E a **idealização da mulher**, como veremos, é outro traço temático recorrente na obra muriliana.

Na impossibilidade de encontrar esse ser perfeito, do qual todas as mulheres são uma projeção imperfeita, como no mito da caverna de Platão, o protagonista não hesita em pedir “uma estrela”¹²¹, dando a entender que prefere continuar desejando o ideal e impossível a contentar-se com a realidade possível, mas imperfeita.

Cabe aqui um parêntese, para observarmos a enorme diferença no tratamento desse mesmo tema – o desejo amoroso por um ser perfeito –, em um conto de Machado de Assis. Essa comparação é pertinente, porque a crítica de um modo geral costuma apontar a influência de Machado sobre Murilo. Mas, a nosso ver, há muito mais diferenças do que semelhanças entre os dois autores, no que diz respeito à concepção de mundo por trás da obra.

¹²¹ Sobre a recorrência dos astros celestes na obra de Murilo, ver o nosso trabalho de mestrado (FURUZATO, 2002).

O conto machadiano ao qual nos referimos é “Trio em lá menor”, do volume *Várias histórias* (1896), narrativa que nos apresenta o triângulo amoroso entre Maciel, Miranda e Maria Regina, a moça cortejada pelos dois homens.

Maciel é jovem, bonito e bondoso. Sua bondade é tanta que ele chega a arriscar a vida, para salvar um menino de ser atropelado pela carruagem em que Maria Regina se encontra. Mas, como ninguém é perfeito, o rapaz é bastante tolo. Sua conversa, que gira em torno de fofocas e futilidades de madames, agrada a avó de Maria Regina, mas não agrada a própria moça. Miranda, por outro lado, tem muita inteligência e os mesmos gostos musicais de Maria Regina. No entanto, é velho, feio e amargurado.

A moça, por sua vez, quando está na presença de um, imagina o outro, compondo um terceiro homem, que combine as qualidades de ambos. E, assim, nunca se decide por nenhum deles, pois não se satisfaz com as limitações da realidade. Com o passar do tempo, a sua indecisão acaba afastando os dois pretendentes. E então, numa noite, vendo-se sozinha, a protagonista se entrega a devaneios:

Tinha lido de manhã, em uma notícia de jornal, que há estrelas duplas, que nos parecem um só astro. Em vez de ir dormir, encostou-se à janela do quarto, olhando para o céu, a ver se descobria alguma delas; baldado esforço. Não a descobrindo no céu, procurou-a em si mesma, fechou os olhos para imaginar o fenômeno; astronomia fácil e barata, mas não sem risco. O pior que ela tem é pôr os astros ao alcance da mão; por modo que, se a pessoa abre os olhos e eles continuam a fulgurar lá em cima, grande é o desconsolo e certa a blasfêmia. Foi o que sucedeu aqui. Maria Regina viu dentro de si a estrela dupla e única. Separadas, valiam bastante; juntas, davam um astro esplêndido. E ela queria o astro esplêndido. Quando abriu os olhos e viu que o firmamento ficava tão alto, concluiu que a criação era um livro falho e incorreto, e desesperou (ASSIS, 1992, p.524).

É interessante observar como, tanto em Murilo quanto em Machado, a estrela representa o objeto do desejo, perfeito e inacessível. Mas a atitude do narrador machadiano é muito diferente, como se pode perceber pela seqüência:

Sonhou que morria, que a alma dela, levada aos ares, voava na direção de uma bela estrela dupla. O astro desdobrou-se, e ela voou para uma das duas porções; não achou ali a sensação

primitiva e despenhou-se para outra; igual resultado, igual regresso, e ei-la a andar de uma para outra das duas estrelas separadas. Então uma voz surgiu do abismo, com palavras que ela não entendeu.

– É a tua pena, alma curiosa de perfeição; a tua pena é oscilar por toda a eternidade entre dois astros incompletos, ao som desta velha sonata do absoluto: lá, lá, lá... (pp.524-5)

Como se vê, o narrador machadiano assume uma atitude distanciada, que lhe permite escutar e reproduzir essa “voz que surgiu do abismo”. Já o narrador-protagonista de “As primeiras ilusões de 1941” é o próprio sujeito que, frustrado em seu desejo pela mulher ideal, acaba defendendo a idéia de que a infelicidade seja inevitável: “grande é o desconsolo e certa a blasfêmia”. Retomando a nossa análise, trata-se da mesma **fatalidade** apontada na narrativa anterior.

E é interessante observar como, partindo de uma insatisfação pessoal do protagonista, com a rotina e com os relacionamentos pessoais – falsos amigos e frustração amorosa –, o pessimismo da narrativa se expande até atingir a tudo e a todos, como uma espécie de **condenação da espécie humana** da qual ninguém escapa, transformando-se em “cem mil motivos de infelicidade” para todos.¹²²

A idealização, em sentido mais geral, mas envolvendo também a questão do relacionamento amoroso, é o tema de “Os dois mundos de João Quatorze”. A narrativa em 3ª pessoa retrata o personagem título, funcionário público e morador da pensão de D. Lindoca, durante uma ressaca alcoólica tão violenta que chega a lhe provocar “um medo atroz de morrer”.

Ao cotidiano banal de João na Secretaria – “onde perpetrava alguns versos entre a leitura de um romance sentimental (...) ou de um tratado de filosofia” –, opõem-se conflitos tão diversos quanto: a existência ou não de Deus; a ausência da “mulher amada”; os “problemas econômicos, administrativos e financeiros do país”; a “maneira de contentar

¹²² É claro que também há uma certa comicidade nesse pessimismo. E, mais adiante, abordaremos essa questão da mistura de tragicidade e comicidade no tratamento dos temas murilianos.

certos credores impertinentes”; “as vantagens e desvantagens do matrimônio”; a paixão pela “menina da Rua Pernambuco”, etc.

Tudo isso passa pela cabeça do protagonista, durante suas noites mal dormidas, sem que ele encontre resposta para qualquer um desses “problemas insolúveis da vida”. Mas, enquanto delira em sua violenta ressaca, João acredita ter finalmente chegado ao fim dos seus tormentos, refugiando-se na imagem materna de D. Lindoca.

No desfecho, a dona da pensão aparece em seu quarto, trazendo-lhe chá e ministrando-lhe os últimos cuidados da noite:

Quando ela fechou a porta de mansinho, João Quatorze cerrou os cílios e dormiu por muito tempo, sonhando, delirando...
(...)

Nessa noite, em seus sonhos, não apareceram canhões, todas as mulheres eram brancas. Brancas também eram as bandeiras. Enfim, descera sobre o seu corpo a paz das noites infinitamente tranqüilas.

Longe de estar dentre os melhores trabalhos do autor, “Os dois mundos de João Quatorze” apresenta, de forma bastante clara, algumas limitações recorrentes nos esparsos, que foram superadas nos canônicos – o que nos permite apontar para questões extremamente relevantes para esta pesquisa. Mas vamos iniciar a discussão pela análise mais específica do tema amoroso.

Como vimos, João Quatorze nutre uma paixão por uma determinada “menina da Rua Pernambuco”. Ele a vê diariamente, na volta da Secretaria, sem saber nem mesmo o seu nome. E, além dos “olhos verdes” da menina, característica logo destacada pelo narrador, há outros elementos mínimos, mas significativos: “Talvez não fossem somente os olhos que o atraíam, mas o mistério que a rodeava e, sobretudo, o contraste de sua figura esguia e melancólica com a suave alegria do jardim”.

A partir dessa imagem estereotipada de criatura frágil e inacessível, o protagonista inventa uma história cada vez mais aprimorada para a desconhecida, “acrescentando um detalhe ou outro, conforme a sua momentânea disposição de espírito”, até o ponto de lhe arranjar um nome de rainha inglesa, “Elizabeth”.

E o desejo pela garota se mistura com o receio de, ao aproximar-se dela, descobri-la “banal e fútil como todas as mulheres”. Diante dessa possibilidade, conforme nos explica o

narrador, João Quatorze se odiava, “imprecando contra o pensamento que o levava a exigir do mundo exterior a reprodução perfeita das imagens criadas no seu confuso mundo interior” – dualidade que justificaria o título do conto [grifos nossos].

Nesse caso, portanto, fica evidente o motivo que impede a realização amorosa do sujeito, pois ele ama, acima de tudo, uma imagem idealizada que criou para a mulher e, considerando que a pessoa real não deve corresponder à imagem criada, acaba nem se aproximando dela.¹²³

De modo semelhante ao que ocorre em “As primeiras ilusões de 1941”, a **idealização da mulher** se apresenta como um dos traços temáticos de “Os dois mundos de João Quatorze”. Nos dois casos, a mulher ideal é uma ilusão, mas a diferença é que, na narrativa em questão, o homem idealiza uma mulher que conhece apenas de vista; enquanto na anterior o protagonista desejava “Ela”, um ser ainda mais abstrato, dissociado de qualquer pessoa específica.

Outra mulher por quem João Quatorze se sente atraído é D. Lindoca, “uma quarentona ainda bastante desfrutável”. E, conforme mencionamos, a proprietária da pensão lhe aparece, no desfecho, como um refúgio para todos os seus conflitos. Nesse caso, porém, o desejo amoroso está misturado à busca de proteção materna: “Sempre doce, suave, uma mãe, a D. Lindoca! A cuidar de seus hóspedes como se fossem os seus próprios filhos”.

Além disso, agora não nos cabe perguntar sobre quais os motivos que impossibilitam a realização amorosa do sujeito, porque tudo se passa em meio aos seus delírios, inclusive a própria manifestação do desejo.

E há também a copeira da pensão, “Joana, uma mulatinha pernóstica”, que aparece junto às imagens de “mulheres brancas”, “bandeiras, canhões, homens enormes de barbas brancas”, nos sonhos agitados do protagonista. Joana, porém, mencionada apenas de passagem, não chega a exercer uma função significativa para o tema amoroso na narrativa.¹²⁴

¹²³ A atitude do contista no tratamento do tema nos faz lembrar os comentários de Mário de Andrade, em seu ensaio “Amor e medo”, sobre os poetas do nosso Romantismo, em que o escritor paulista relaciona a idealização do amor com o medo, associando a poesia ultra-romântica a traços psicológicos tipicamente adolescentes (cf. ANDRADE, 1974).

¹²⁴ A nosso ver, se foi intenção do escritor abordar aqui o tema do racismo, isso não se dá de modo satisfatório. É interessante observar que, dentre os seus inéditos, há uma narrativa intitulada “A avó”, que trata mais diretamente do racismo. Mas, infelizmente, esse trabalho permaneceu inacabado. Na obra canônica, o racismo é tratado de passagem, em contos como “A casa do girassol vermelho” e “A fila”.

Quanto ao **nexo entre o tema amoroso e a idealização, num sentido mais geral**, o próprio narrador aponta essa relação, ao considerar que a “menina de olhos verdes” representava, para o protagonista, o “símbolo de sua tortura, querendo o mundo à semelhança de suas idéias”; enquanto que a dona da pensão seria “a única realidade palpável que se lhe deparava ao olhar cansado pela monotonia de paisagens inexistentes”.

Mais uma vez, portanto, o texto busca esclarecer o que seriam esses “dois mundos de João Quatorze”: de um lado, a “menina da Rua Pernambuco”, representando o mundo ideal; de outro, D. Lindoca, o mundo material.

No entanto, não se trata aqui de uma oposição semelhante à concebida por Platão, na célebre “teoria das idéias”. Isso porque a mulher ideal, no caso, é uma criação individual do protagonista e a sua existência é ilusória, ao contrário do que ocorre com o “mundo das idéias” de Platão, que corresponde ao “âmago da realidade em seu sentido mais abstrato” (MARCONDES, 2001).

Para o filósofo grego, como sabemos, o mundo das idéias é o mundo das “realidades abstratas, perfeitas, eternas, imutáveis, inteligíveis”. Sendo assim, o mundo ideal é mais verdadeiro que o material, uma vez que este último é composto, por sua vez, de “objetos naturais, particulares, concretos, imperfeitos, mutáveis, perecíveis”. E a filosofia, através da dialética, teria como finalidade levar o homem ao conhecimento do mundo mais verdadeiro, das realidades inteligíveis (MARCONDES, 2001).

Já no texto de Murilo, o mundo ideal é subjetivo e corresponde àquilo que o protagonista deseja como real, mas reconhece como impossível, tanto que evita se aproximar da “menina da Rua Pernambuco”, para que a imagem idealizada da mulher não se desfaça, frustrando o desejo.¹²⁵

A “realidade palpável”, por sua vez, representada pela dona da pensão, só se constitui como solução para os conflitos de João, quando vista através dos seus delírios, ou seja, quando também se transforma em ilusão.

¹²⁵ O *Dicionário de Filosofia*, ABBAGNANO (2000), aponta três definições para “ideal”, conforme sua correspondência a: 1) “o primeiro significado de Idéia, designando o que é formal ou perfeito no sentido de pertencer à Idéia como forma, espécie ou perfeição”; 2) “o segundo significado de Idéia, significando o que não é real, porque pertence à representação ou ao pensamento”; e 3) “o termo ideal, designando o que é perfeito, mas irreal”. Nesse sentido, enquanto o “idealismo platônico” diz respeito à primeira definição; o idealismo, nas duas narrativas de Murilo, corresponde à terceira.

E outros elementos do texto representam essa mesma dualidade. De um lado, temos a religiosidade, a afetividade, a imaginação, o sonho, a fuga da realidade, como elementos que dizem respeito ao “confuso mundo interior” do protagonista. Do outro, há uma porção de elementos que dizem respeito ao mundo exterior e ao lugar ocupado por João, nessa realidade conturbada: a profissão, como funcionário de uma Secretaria; a condição de morador de um quarto de pensão com “duros colchões”; os “credores impertinentes”; os “problemas econômicos, administrativos e financeiros do país”; a guerra, que surge em sonho, nas imagens de “canhões, bandeiras, homens enormes de barbas brancas”.

Desse modo, de um lado, temos o mundo idealizado e confuso do protagonista; e, de outro, uma realidade opressora em que o indivíduo, completamente impotente, ocupa uma posição social medíocre. E é curioso observar como o narrador, a despeito da confusão interior de seu personagem, procura explicar tudo, inclusive aquilo que foge à compreensão do protagonista: “João Quatorze de Azevedo não compreendera ainda até onde poderia ser levado pela sua improvisada intelectualização, nascida do desequilíbrio entre dois mundos que não compreendera suficientemente”. [grifos nossos]

Dessa explicação, cabe destacar, além do desequilíbrio entre os “dois mundos”, a noção de que o tormento do protagonista está relacionado com a sua falta de compreensão, como se observa pelos trechos grifados. Mas logo voltaremos a esse ponto.

De qualquer modo, a dissolução aparente do conflito começa com o pensamento de que a vinda da dona da pensão esteja próxima, ou seja, inicia-se pela expectativa de um contato afetivo, confirmando a posição central do tema amoroso na narrativa: “Agora mesmo ela viria com o chá. Só de pensar nisso, João Quatorze sentiu-se melhor. Teve impressão que, sentada em sua cama, ela estava ajeitando os cobertores. Sentiu nos seus, os olhos doces de D. Lindoca.”

Depois dessa primeira sensação de alívio, João abre mão da paixão pela “menina da Rua Pernambuco”, como se estivesse optando pela “realidade palpável”. E, logo em seguida, passa a acreditar que todos os seus “problemas insolúveis” estivessem resolvidos:

Deus existia, não podia deixar de existir. Não eram rudes os sentimentos dos homens. Muito menos corruptos e insinceros. A vida não era miserável, tudo era bom. Só eram execráveis os medonhos tratados de filosofia, que em vão tentara entender. Cheios de Kant, um velho cacete e presumido, que levara a vida

inteira pensando se devia casar ou não e reduzira toda a sua vida a uma série de hábitos cansativos.

Podemos observar acima algumas questões centrais para a obra muriliana canônica, tais como o **agnosticismo**, a **misanthropia** e o **questionamento da racionalidade**, que não representa uma saída satisfatória para os “problemas insolúveis da vida”. No trecho acima, tais conflitos parecem resolvidos, mas trata-se de uma resolução apenas aparente, pois tudo ocorre somente no delírio do protagonista.

No entanto, o que importa destacar é que esses **conflitos se expressam**, acima de tudo, **como conceitos**, enquanto que, nos *Contos reunidos*, esses mesmos conflitos vêm **materializados na situação vivida pelo protagonista** ou ainda na própria **estrutura narrativa**.

É assim, por exemplo, que, na obra canônica, as epígrafes bíblicas, usadas sistematicamente, anunciam um possível sentido religioso para a narrativa. Mas esse sentido não é confirmado pelo relato propriamente dito. E o choque entre o texto bíblico e a ficção muriliana expressa justamente o agnosticismo do autor, como observa José Paulo Paes (1990):

não será difícil, a leitor mais atento dos contos de Murilo Rubião, perceber no fantástico em que têm eles a sua mola mestra, tanto quanto na indisfarçada descontinuidade entre seu conteúdo laico e as epígrafes religiosas que os encimam, a marca por excelência de uma dessacralização incompleta do mundo e do homem (p.121).

De acordo com o raciocínio de PAES (1990), o “resíduo de religiosidade” na ficção de nosso autor corresponde ao fantástico de Todorov, definido como uma hesitação “entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural” para um determinado acontecimento insólito do relato.

Desse modo, a problematização sobre a existência ou não de Deus – que aparece explicitamente como um dos conflitos de João Quatorze – é expressa, na obra canônica, através da própria estrutura do texto. E, conforme procuraremos demonstrar, o agnosticismo é um dos principais aspectos na concepção de mundo por trás da obra muriliana.

A corrupção e a falta de sinceridade dos homens, por sua vez, bem como a rudeza de seus sentimentos, estão presentes nas mais diversas situações narradas. Basta lembrarmos da arbitrariedade da Justiça, em contos como “A cidade” ou “Botão-de-Rosa”; das relações de dominação, em “A casa do Girassol Vermelho” ou “Bárbara”; da hipocrisia nas amizades e nos laços familiares, em “O bom amigo Batista” ou “Aglaiá”.

Enfim, a obra canônica está repleta de situações que materializam essa precariedade nos relacionamentos humanos. E, como consequência disso, há também os inúmeros casos de misantropos, no universo muriliano, dentre os quais, o mais exemplar é “Alfredo”.

Quanto aos “medonhos tratados de filosofia”, ilustrados aqui na figura de Immanuel Kant (1724-1804), eles parecem representar a impossibilidade de o homem compreender racionalmente uma porção de questões fundamentais para a sua própria existência.

Afinal, o filósofo prussiano, cuja obra mais conhecida é a *Crítica da razão pura*, examina os “limites da razão teórica”, considerando, por exemplo, que questões como “a infinitude do cosmo”, “a perfeição de Deus” e “a imortalidade da alma” são objetos de um uso especulativo da razão, não podendo ser respondidas “da mesma maneira como são respondidas as questões da física e da matemática” (MARCONDES, 2001):

Contudo, já no Prefácio à primeira edição da *Crítica da razão pura*, Kant admitia que a razão humana se coloca questões que não pode evitar, porque provêm de sua própria natureza, mas que tampouco pode responder, porque ultrapassam totalmente sua capacidade cognitiva (MARCONDES, 2001).

Ora, o que João Quatorze parece não compreender é justamente isso, quando busca resolver, com a sua “improvisada intelectualização”, aquilo que não cabe à “razão pura”. E, no texto que estamos analisando, os conflitos aparecem como conceitos, explicados a todo instante pelo narrador, o que gera uma inconsistência interna na narrativa: pois se trata de uma tentativa de explicação racional sobre a insuficiência da razão como meio de explicação para alguns problemas essenciais do homem.

Já a maneira desenvolvida pelo autor, nas narrativas canônicas – ao tratar dos mesmos conflitos, materializando-os no absurdo das situações vividas pelos personagens ou

na estrutura narrativa –, é muito mais coerente com uma literatura que apresenta, dentre os seus temas, a insuficiência da razão.

Sintetizando o que foi dito acima, a análise de “Os dois mundos de João Quatorze” acrescenta, ao nosso estudo temático, os seguintes aspectos: 1) o nexo entre a **idealização da mulher** e a **idealização num sentido mais geral**; 2) os temas mais gerais do **agnosticismo**, da **misanthropia** e do **questionamento da racionalidade**; 3) a **expressão conceitual desses conflitos**, na voz do narrador, gerando uma inconsistência interna nas *Histórias do Grão Mogol*; e 4) a **materialização dos mesmos conflitos** nas **situações narradas** e na **estrutura narrativa**, como solução encontrada pelo autor, em sua obra canônica, para a inconsistência que apontamos nos esparsos.

Como contraponto à mulher idealizada, temos a mulher maligna, causadora dos sofrimentos do narrador-protagonista, em “Eunice e as flores amarelas”. O conto se inicia com a esperança do homem de encontrar refúgio para tais sofrimentos, na calma de seu quarto, com o “velho pijama de listras vermelhas e brancas” e a leitura de um livro.

Mas a tentativa é malograda pela imagem de Eunice, num retrato pintado a óleo pelo protagonista. A imagem vai se misturando às letras do livro e, aos poucos, perdendo o ar melancólico que o pintor lhe dera, enquanto a melancolia do homem aumenta gradativamente.

Então a própria Eunice lhe aparece, como uma assombração, com “os lábios descerrados num sorriso sardônico”, a ostentar “as suas formas lascivas e sensuais”. Em seguida, a imagem some por entre as paredes do quarto, em meio a uma gargalhada estridente.

Não se contendo mais de agonia, o protagonista se põe a beber de modo compulsivo. E, a partir desse momento, ocorre uma seqüência de episódios disparatados que não possui quase nenhuma relação com o conflito inicial, tanto que Eunice só volta a ser mencionada algumas páginas adiante, quando surge rapidamente, para logo se deixar levar “por um gigante, misto de gorila e homem”.

Pouco depois, em longo monólogo, o protagonista explica à estrela Dalva em que consiste o seu tormento. Antes de conhecer Eunice, ele vivia tranqüilamente, “sem ambições ou desejos irrealizáveis”, retratando apenas animais e flores. Isso, até que se vê forçado pela personagem título a transportá-la para um quadro, tarefa que consiste num “trabalho doloroso e cansativo”, uma tentativa de “dar alma a uma mulher que só possuía carnes”.

E esse processo o transforma num sujeito atormentado, como se a alma dada à mulher fosse a sua própria: “- Ao acabar minha obra, do meu ser antigo restavam somente músculos crispados e pensamentos dolorosamente melancólicos. O meu próprio espírito eu deixara naquela maldita tela”.

O protagonista pede então ao astro celeste que o liberte de sua dor ou, na impossibilidade de ser atendido, que “tire a vida à Eunice”. Como resposta, a estrela Dalva lhe promete, não só acabar com o seu sofrimento, como também dar um fim a tudo mais: “E nunca mais – a sua voz ainda estava mais comovida – haverá flores amarelas, nem Eunices, nem mundos”.

E então a narrativa se conclui com aquele lugar comum que, ao misturar sonho com realidade, possibilita uma justificativa “naturalista” para os absurdos relatados: “Satisfeito, voltei para a minha casa e agora não sei se estou dormindo ou se foi o mundo que se acabou”.

A esse respeito, cabe aqui um comentário de Humberto Werneck (1992). Em seu interessante estudo sobre a relação entre os escritores mineiros e a imprensa, ele lembra o episódio ocorrido com a publicação de “A filosofia do Grão Mogol”, na *Folha de Minas*. Na ocasião, o editor do suplemento literário do jornal, Floriano Peixoto de Paula, considerando o conto completamente inverossímil, acrescentou, sem a permissão do autor, uma cena em que o protagonista acorda ao final da narrativa.

Assim, “talvez escaldado pelo episódio com Floriano de Paula”, Murilo teria apresentado a idéia inicial de outro conto, “Eunice e as flores amarelas”, a Fernando Sabino, compondo a história toda como se fosse um sonho. E Sabino, então com apenas dezesseis anos, teria dito: “Tira o sonho e escreve o conto”. Um “tiro certo” de Sabino, conforme a opinião de WERNECK (1992), que considera “Eunice e as flores amarelas” o trabalho com o qual o Murilo “embicaria definitivamente para o realismo mágico”.

Embora a suposição de WERNECK (1992) seja inconsistente, pelo fato de a primeira publicação de “Eunice” ser anterior à única versão de “A filosofia do Grão Mogol”, o episódio como um todo é relevante.¹²⁶

Em primeiro lugar, porque revela como, desde o início, os textos de Murilo causavam estranheza em seus leitores, inclusive entre os próprios colegas de trabalho. Em segundo, porque reflete a hesitação do escritor iniciante, que busca diminuir a estranheza de sua ficção, na tentativa de ser aceito mais facilmente. Tanto é que, tendo ou não seguido um “tiro certo” de Sabino, ainda restou o desfecho chavão que apontamos acima.

Além disso, ainda que “Eunice e as flores amarelas” tenha sido sabiamente descartado no processo de seleção para a publicação do livro de estréia, trata-se, de fato, de um trabalho importante na trajetória do autor. Considerado por ele como o seu primeiro conto “simbólico” e um dos seus “três caminhos melhores” – sendo os outros dois “O ex-mágico da Taberna Minhota” e “O pirotécnico Zacarias” –, o texto em questão foi o único, dentre os esparsos de ficção, a ser submetido ao exame de Mário de Andrade, como anexo a uma carta de 1943.¹²⁷

Em resposta, o escritor paulista, admitindo a dificuldade em opinar sobre o gênero desenvolvido por Murilo, tece o seguinte comentário:

Confesso que não consegui me interessar muito por este conto [‘Marina, a intangível’], e ainda menos pelo da ‘Eunice e as flores amarelas’. Neste a escolha dos elementos briga de tal forma com a fantasia e suas conseqüências, que quase todos os elementos ficam por assim dizer banais (ANDRADE apud MORAES, 1985).

De fato, o enredo se perde numa sucessão de acontecimentos extraordinários e gratuitos, que apenas desviam a nossa atenção do conflito central. É como se Murilo desrespeitasse o tempo todo aquele célebre conselho de Tchêkhov sobre a necessidade de contenção, para a composição de um bom conto:

¹²⁶ A primeira versão de “Eunice e as flores amarelas” foi publicada em maio de 1941. E única versão de “A filosofia do Grão Mogol”, em 08 de junho do mesmo ano.

¹²⁷ (cf. MORAES, 1985). Outros dados que destacam essa narrativa, dos demais esparsos, já foram mencionados na “Trajetória” das *Histórias do Grão Mogol*. Além de “Eunice e as flores amarelas”, o único esparso mostrado a Mário de Andrade foi o artigo que trata da visita do escritor modernista a Belo Horizonte (anexo).

Tudo o que não tiver relação com ela [a história] deve ser impiedosamente jogado fora. Se, no primeiro capítulo, se disser que da parede pendia uma espingarda, no capítulo segundo ou terceiro alguém a deve disparar sem falta (TCHÉKHOV apud MAGALHÃES JR., 1972, p.290).

Ora, quando pensamos na obra muriliana canônica como um todo, somos levados a concordar com Jorge Schwartz (1981), quando o crítico constata que a ficção de nosso autor é marcada pelo absurdo generalizado.

Por outro lado, pensando em cada um dos contos separadamente, podemos perceber que esse absurdo, embora generalizado, gira em torno de um conflito central, mantendo a contenção narrativa própria do conto moderno, conforme a concepção de Tchekhov.

É assim, por exemplo, que todos os elementos de “O ex-mágico da Taberna Minhota” giram em torno do desconsolo do protagonista, cuja capacidade de fazer mágicas, inicialmente fora de seu controle, acaba anulada pela atividade burocrática. E tudo é concebido em função dessa trama, fazendo de todo o texto uma “máquina infalível destinada a cumprir sua missão narrativa com a máxima economia de meios”, como diria Julio Cortazar (1974), em sua reflexão sobre o conto contemporâneo.

Em “O pirotécnico Zacarias”, por sua vez, o conflito essencial é a condição paradoxal de morto-vivo em que se encontra o personagem título. A história, como um todo, funciona para definir tal condição, intensificando os seus aspectos contraditórios, ou seja, aumentando o paradoxo. A esse respeito, é interessante comparar a primeira versão do conto, de abril de 1943, com a versão canônica, observando a quantidade de cortes que o texto sofreu no processo de reescrita¹²⁸.

Voltando a “Eunice e as flores amarelas”, é fácil perceber que a sucessão de acontecimentos extraordinários pouco ou nada tem a ver com o conflito central, ou seja, com o fascínio que a personagem título exerce sobre o protagonista.

Por outro lado, a valorização desta narrativa, por parte do autor, como um dos caminhos que ele teria encontrado para a sua ficção, parece se justificar pela combinação de três ingredientes: 1) a linguagem formal, 2) o tom, entre o trágico e o cômico, e 3) o fantástico.

¹²⁸ A primeira versão do conto se encontra em anexo. Merece especial atenção o longo trecho referente ao necrológio, inteiramente cortado na versão canônica.

No que diz respeito ao tema amoroso, essa narrativa acrescenta, ao nosso estudo, a figura da **mulher maligna**, associada à sensualidade e aos prazeres da carne, em oposição à pureza da alma. E, conforme observou Eliane Zagury (1971), a respeito de outras mulheres murilianas, como Mariazinha e Bárbara, Eunice representa, de modo ainda mais evidente, a “perdição do homem”.

Trata-se de uma representação cuja origem se perde nas raízes de nossa cultura, remontando à Bíblia, como nos lembra ZAGURY (1971), e à mitologia grega, conforme o célebre estudo de Mario Praz (1996). Cabe citar aqui um breve trecho da descrição de Sainte-Beuve, citada por PRAZ (1996), sobre a beleza desse tipo de mulher fatal:

é uma real beleza, conquanto esmagadora e toda feita de carne, uma beleza que parece remontar em linha direta às filhas das raças decaídas, que não se julga face a face e em conversa de viva voz, como convém ao homem, e sim de longe, ao acaso da nuca e dos rins, como faria o relancear dos olhos do caçador às feras selvagens (...) (SAINTE-BEUVE apud. PRAZ, 1996, p.181)

De fato, no caso de Eunice, embora ela seja “uma mulher que só possuía carnes”, sua imagem não é vista senão como um espectro. E, ao contrário do que ocorre com grande parte das mulheres malditas da tradição literária, como é o caso das musas de Baudelaire, a personagem de Murilo se destaca mais pelo sofrimento que causa no homem do que pelo fascínio exercido sobre ele.

De certo modo, também se trata do mesmo conflito, que já observamos, entre mundo ideal e mundo material, sendo que, nesse caso, o domínio da mulher sobre o homem representa uma espécie de vitória do mundo material.

Essa mesma oposição entre corpo (material) e alma (ideal) também ocorre em “Marina, a intangível”, mas de forma bem menos ingênua. Outra característica comum entre as duas narrativas é a tematização sobre a insuficiência da arte, representada em “Eunice”, pela pintura; e em “Marina”, pela poesia e pela música. No primeiro caso, a pintura seria uma tentativa malograda de “dar alma a uma mulher que só possuía carnes”. No segundo, o poema “irremediavelmente composto”, em homenagem a Marina, é “feito de pétalas rasgadas e sons estúpidos”.

Uma última questão que vamos destacar, em “Eunice e as flores amarelas”, diz respeito à referência direta a Machado de Assis:

Quando resolvi a parar, a fim de tomar um pouco de fôlego, minha alma era um buquê de flores amarelas, iguais àquelas que tanto incomodaram o meu dileto amigo Brás Cubas.

No entanto, a minha presença de espírito, que sempre foi superior à do meu querido Brás, levou-me a arrancar da alma as malditas flores e jogar aos homens as suas pétalas.

Nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, a “flor amarela, solitária e mórbida” surge quatro vezes, representando uma espécie de melancolia ou sentimentalismo. A primeira referência a ela se dá no capítulo XXV, quando Brás Cubas volta ao Rio, depois de estudar na Europa, e encontra a mãe à beira da morte. Após o falecimento da mãe, Brás retira-se numa casa da família na Tijuca. E é nesse contexto que o narrador faz a primeira referência à “flor amarela”: “Renunciei tudo; tinha o espírito atônito. Creio que por então é que começou a desabrochar em mim a hipocondria, essa flor amarela, solitária e mórbida, de um cheiro inebriante e sutil”.

A segunda referência ocorre no capítulo XXVIII, quando seu pai procura convencê-lo a abandonar o exílio, para casar com a filha do Conselheiro Dutra e seguir carreira política. O comentário do protagonista, sobre essa conversa, ilustra a oposição entre a “flor amarela” e o “amor da nomeada”:

E [o pai] foi por diante o mágico, a agitar diante de mim um chocalho, como me faziam, em pequeno, para andar depressa, e a flor da hipocondria recolheu-se ao botão para deixar a outra flor menos amarela, e nada mórbida, – o amor da nomeada, o emplasto Brás Cubas. (ASSIS, 1992, p.550)

A terceira referência à flor amarela ocorre no capítulo LXI, logo depois que Quincas Borba furta o relógio de Brás Cubas:

Jantei triste. Não era a falta do relógio que me pungia, era a imagem do autor do furto, e as reminiscências de criança, e outra vez a comparação e a conclusão. Desde a sopa, começou a abrir em

mim a flor amarela e mórbida do capítulo XXV, e então jantei depressa, para correr à casa de Virgília (ASSIS, 1992, p.575).

Saindo à rua, Brás torna ao Passeio Público para ver se reencontra Quincas Borba, concebendo o projeto de regenerar o ex-companheiro de colégio, “de o trazer ao trabalho e ao respeito de sua pessoa”. Mas Quincas já não se encontra no local e, logo no capítulo seguinte, o projeto é simplesmente esquecido pelo protagonista, que encontra refúgio em “cinco minutos de uma contemplação mútua” com Virgília.

Nos três casos, portanto, a “flor amarela” representa o oposto da vida social, sendo: no primeiro caso, o exílio; no segundo, um sentimento oposto ao desejo de projeção; e, no terceiro, um tipo de compaixão bastante superficial pelo companheiro marginalizado.

A última referência é feita no capítulo **LXXXI**, que trata da reconciliação de Brás Cubas com a irmã, Sabina, e o cunhado, Cotrim.¹²⁹ Depois de uma suposta comoção de Brás Cubas com a reconciliação, a flor amarela aparece no seguinte comentário à insensibilidade da irmã: “Os olhos dela estavam secos. Sabina não herdara a flor amarela e mórbida. Que importa? Era minha irmã, meu sangue, um pedaço de minha mãe, e eu disse-lho com ternura, com sinceridade...”.

Nesse caso, portanto, a flor parece representar apenas um sentimentalismo piegas e, ao mesmo tempo, hipócrita.

No caso da narrativa muriliana, as flores amarelas não deixam de representar a melancolia do protagonista. No entanto, o efeito é muito diferente, pois, se concordarmos com Roberto Schwarz (2000), o sentido do romance machadiano é essencialmente o de desmascarar a classe dominante brasileira à época de Machado de Assis. Já no conto de Murilo, o sentido é muito diverso, pois, embora o narrador também seja irônico, essa ironia é mais amargurada, uma vez que não há o mesmo distanciamento emocional que ocorre em Machado.

Em outras palavras, em Murilo, o conflito vivido pelo protagonista é o mesmo que está na concepção de mundo por trás da obra. E a ironia do narrador serve como defesa contra o sentimentalismo piegas. Já em Machado, a chave de interpretação do romance está

¹²⁹ O desentendimento entre eles se dá logo após a morte do pai, devido à disputa pela herança. A reconciliação, por sua vez, está relacionada com o interesse do casal em unir Brás Cubas a Nhã Loló, sobrinha de Cotrim.

em percebermos que o narrador se constrói como um representante da classe dominante que depõe contra si.

3.5.2 O CELIBATÁRIO

No sub-tema anterior, examinamos algumas narrativas em que a realização afetiva do homem não se viabiliza, devido a diferentes motivos. Em “A arte de conquistar as mulheres”, o protagonista se apresenta como um homem que não é desejado pelas mulheres e que não compreende os fundamentos da “arte da conquista”. Em “As primeiras ilusões de 1941”, além de não se considerar um sujeito atraente para as mulheres bonitas, o protagonista expressa o desejo por “Ela”, a mulher ideal. E o conflito entre ideal e real, que leva à frustração, tanto no aspecto afetivo, quanto num sentido mais geral, é o tema de “Os dois mundos de João Quatorze”. Por fim, “Eunice e as flores amarelas” apresenta-nos o oposto da mulher idealizada, ou seja, a mulher decaída e maligna, como fonte de tormentos para o protagonista.

Agora veremos um grupo de narrativas que tratam de relacionamentos amorosos mais concretos e prosaicos, que são rompidos, devido ao fato de o homem rejeitar o casamento: a namorada cobra que ele se comprometa a casar, mas ele não assume esse compromisso; e, em alguns casos, essa cobrança é comparada à cobrança de dívidas financeiras. São quatro narrativas que apresentam o Grão Mogol como personagem: “A filosofia do Grão Mogol”, “Eu, o Grão Mogol e os mandarins”, “Carta a Lúcia” e “Os foguetes virão depois”.

Em seguida, vamos analisar uma narrativa que apresenta uma visão do casamento que justificaria a atitude do homem em rejeitá-lo: “O mundo termina na Rua das Magnólias”.

Em “A filosofia do Grão Mogol”, o protagonista se vê pressionado pela namorada, Emília, a assumir o compromisso do matrimônio. Ele procura se defender, apresentando argumentos de todo tipo: cita Machado de Assis, a 2ª Guerra, a Bíblia, a dificuldade de sustentar os filhos, etc.

Mas, como Emília não se deixa enganar por tais palavras, o protagonista só encontra saída para a situação embaraçosa, quando se declara “sectário da religião do Grão Mogol”, a quem seria “vedado casar com uma mulher somente”:

- Não estou mentindo. Somos obrigados a seguir o exemplo do Mestre. Quando ele tinha quarenta anos possuía noventa mulheres e ao chegar aos noventa anos, quarenta esposas. Portanto, eu que tenho apenas trinta, devo ter direito, pelo cálculo das probabilidades (que nunca foi uma pilhéria), a cento e quinze mulheres.

Diante de tal declaração, Emília fica atordoada. E, então, como uma espécie de embrião do que posteriormente seria denominado fantástico, surge o cortejo de Maria Inês e mais cento e quatorze mulheres, surgidas não se sabe de onde, todas elas seguidoras do Grão Mogol.

O desfecho da única versão disponível – acrescentado por Floriano Peixoto de Paula, sem a autorização do autor, como indicamos anteriormente –, busca resgatar a verossimilhança da narrativa, associando a história a um sonho do personagem-narrador.

Independentemente do desfecho e embora “A filosofia do Grão Mogol” seja um conto nitidamente inferior aos canônicos, podemos observar, nesse texto de Murilo, alguns aspectos que serão reaproveitados em sua obra canônica.

A imagem do cortejo circense, por exemplo, vai reaparecer em “Marina, a intangível” – narrativa cuja complexidade se deve, em grande parte, à questão da metalinguagem, conforme análises de SCHWARTZ (1981) e ARRIGUCCI (1974). Mas, em “A filosofia do Grão Mogol”, o tom é meramente cômico, havendo uma desproporção muito grande entre a intensidade do conflito central – evitar o casamento – e os temas invocados pelo protagonista: guerra, fome, miséria, expulsão do paraíso.

As referências a Machado de Assis e aos discursos religioso, histórico e político funcionam aqui apenas como artifício cômico, na tentativa do protagonista de se esquivar do compromisso.

Já na obra canônica, o acúmulo de referências adquire uma função crítica, ao ser incorporado pela narrativa como um todo, que acaba funcionando como um discurso formado por “detritos da cultura do mundo contemporâneo”, ou seja, são fragmentos destituídos de sentido, que representam o atual estado a que chegou a cultura. Essa questão foi analisada por nós, para o posfácio de um dos três volumes da obra muriliana, na recente edição da Companhia das Letras (ARÊAS e FURUZATO, 2007).

Quanto à crítica contra o casamento, ela será mantida na obra canônica, sendo desenvolvida, de forma mais contundente, como um ceticismo extremo a respeito do relacionamento amoroso e humano de um modo geral.

Basicamente, portanto, há duas diferenças fundamentais entre a obra canônica e os contos esparsos: a forma de construção e o tratamento do tema.

No que diz respeito à forma de construção, continuaremos a examinar esse aspecto no decorrer de nossas análises. Sobre o tratamento do tema, Mário de Andrade já declarou, a respeito da obra de Murilo, que uma de suas características é o “humorismo áspero, revoltado” ou o “sarcasmo maltratante” (ANDRADE apud MORAES, 1985). De fato, é esse o tom predominante da obra canônica, que ainda não se encontra plenamente desenvolvido nos esparsos.

Em “A filosofia do Grão Mogol”, o tratamento meramente cômico do tema está longe de atingir o “sarcasmo maltratante” tipicamente muriliano. A esse respeito, o conceito de humor, de Celestino Fernández de la Vega (1967), é bastante esclarecedor.

Para VEGA (1967), o humor não se restringe apenas ao objetivo de produzir o riso. Situado entre a tragédia e a comédia, o conflito humorístico seria um “esforço para não perder a cabeça”. Explicando melhor, diante de um determinado conflito narrativo, tanto a tragédia quanto a comédia apresentariam soluções afetivas, respectivamente, o pranto e o riso. Já o conflito humorístico seria um “jogo de circunstâncias atenuantes” que permite o distanciamento do leitor:

Nadie que comprenda se puede reír tranquilamente de D. Quijote, pues en cualquiera de sus cómicas frustraciones hay un reverso doloroso de buenas intenciones fallidas o nobles esfuerzos mal pagados; pero tampoco es posible la plena compasión e identificación con el héroe manchego como si se tratase de un héroe trágico, pues su catadura y el aspecto cómico de algunos móviles de su conducta son innegables (p. 63).

É esse o tipo de humor produzido por Murilo, em sua obra canônica. Não por acaso, ele descarta, dentre os esparsos, tanto as narrativas meramente cômicas, quanto as meramente trágicas. E, sendo assim, fica fácil entender por que o contista considera ter superado os temas relacionados com o personagem Grão Mogol, uma vez que o tratamento temático dessas narrativas é, sobretudo, cômico.

“Eu, o Grão Mogol e os mandarins” se inicia com uma discussão entre o protagonista e sua namorada Eunice, que cobra do companheiro uma demonstração de afeto. Mas a resposta do protagonista, mais uma vez, é marcada pelo non-sense: “- Ora, que pergunta! Se gosto de alguma coisa na vida? Gosto sim ‘senhora’. Gosto de mandarins, de me despedir de alguém da janela de um trem e de esquecer”.

Diante da resposta, Eunice se aborrece e abandona o companheiro, que inicialmente se surpreende com a reação da mulher, mas logo “dá de ombros” e continua o seu caminho. Em seguida, o protagonista se encontra com um mandarim e trava com ele um diálogo igualmente non-sense. E então o mandarim, irritado, envia o seu interlocutor para o “palácio do Grão Mogol, que fica um pouco acima das nuvens”.

Chegando lá, o protagonista se depara com credores, agiotas e moças casadeiras. E, diante de tal circunstância, ameaça fazer greve de fome. O Grão Mogol, então, proíbe a existência “daquelas incômodas pessoas”, até que, um mês depois, o personagem principal volta a se queixar, mas agora justamente da inexistência de “notas promissórias, agiotas e mulheres casadeiras”. Perdendo a paciência, o Grão Mogol o expulsa do seu palácio e o envia de volta a “este ignóbil mundo”.

Com relação ao tratamento cômico, a observação é a mesma que cabe ao conto anterior, ou seja, a de que o autor vai desenvolver, na obra canônica, um outro tipo de humor, mais de acordo com o conceito de VEGA (1967).

Outro aspecto que faz com que essa narrativa não se sustente e, conseqüentemente, seja descartada por Murilo, diz respeito à dispersão do conflito central. Isso porque o desentendimento do casal, que poderia se constituir como conflito, logo se dilui quando o homem “dá de ombros”. E a seqüência da narrativa não estabelece nenhum outro conflito que sustente a tensão necessária ao conto, pois, como diria CORTÁZAR (1974) – em seu célebre ensaio, já comentado na análise de “Eunice e as flores amarelas” –, o contista deve “vencer por nocaute”.

Outro trabalho esparsos de Murilo que faz parte do conjunto de textos sobre o Grão Mogol é “Carta a Lúcia”. Trata-se de uma carta, supostamente encontrada pelo cronista, que decide publicá-la no jornal. O suposto autor da carta, identificado apenas pelas iniciais A.S.G., anuncia um assunto importante, a ser tratado com a destinatária Lúcia, mas acaba simplesmente não revelando tal assunto.

Pela referência ao Grão Mogol, podemos supor que ele esteja se esquivando de assumir um compromisso com a moça, uma vez que as narrativas gramogolinas giram em torno desse tema.

Há ainda a simbologia associada a duas espécies de aves. Os pardais parecem representar o aspecto prosaico e cotidiano da vida humana, marcada por conflitos como as disputas pela sobrevivência e procriação da espécie. As andorinhas, por sua vez, representariam a liberdade. Elas “vão e voltam”, assim como o autor da carta, que se esquivava do compromisso com a moça e cujo procedimento discursivo é um rodeio sobre um determinado assunto que nunca se revela.

Esse procedimento de fugir do assunto possui semelhança com a atitude do protagonista, em outros contos do Grão Mogol – como “A filosofia do Grão Mogol” e “Os foguetes virão depois”. Nessas narrativas, o homem se encontra pressionado a assumir um compromisso mais sério com a namorada e, contra essa decisão, enumera uma porção de argumentos disparatados.

Outra narrativa esparsa em que se anuncia algo que acaba não sendo revelado é “Os lábios de Isaurinha”. Logo no início, o narrador diz: “Meu Deus! Fui eu que pedi e não devia ter pedido!” – mas, durante toda a narrativa, não revela que pedido seria esse.

O artifício funciona como uma espécie de brincadeira do narrador, que cria uma expectativa sobre o leitor, para depois frustrá-la. Lembrando mais uma vez que Murilo se inspirava em Machado, é interessante lembrar o que ocorre, por exemplo, com o conto machadiano “Linha reta, linha curva”, em que há uma narrativa intercalada no meio da história, sobre um homem misantropo e um macaco. Essa narrativa interna – que, em peças clássicas como *Hamlet*, seria uma espécie de metáfora da história como um todo – parece simplesmente uma forma de o narrador pregar uma peça no leitor. Ela se apresenta como se

fosse um símbolo de algum sentido mais profundo da história, mas acaba não revelando nada. E, além disso, é simplesmente interrompida de modo abrupto.

Podemos estabelecer também um paralelo com a volubilidade do narrador machadiano das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* – que, segundo Roberto Schwarz (2000), “muda de assunto, opinião ou estilo quase que a cada frase”, divertindo-se à nossas custas. Mas o célebre estudo de Schwarz demonstra que a volubilidade do narrador machadiano, nas *Memórias*, representa a arbitrariedade da classe dominante brasileira, conforme já comentamos.

Quanto ao narrador muriliano dos contos do Grão Mogol, sua atitude esquiva corresponde apenas à fuga do compromisso, com finalidade cômica. E o anúncio de algo que não se revela acaba funcionando, como dissemos, apenas como uma brincadeira com a expectativa do leitor.

Já nos contos murilianos canônicos, esse “desrespeito à coerência” no discurso narrativo torna-se mais complexo. Isso porque, quando o narrador também é o protagonista da história, sua consciência dos fatos narrados torna-se tão parcial e contraditória quanto a dos próprios personagens alienados. É o que ocorre, por exemplo, em “A noiva da casa azul” e “Os três nomes de Godofredo”. Em ambos os casos, o passado vai sendo revelado ao narrador-protagonista, no decorrer da própria intriga. Desse modo, o procedimento formal – falta de consciência do narrador a respeito dos fatos narrados – também corresponde, para usarmos uma expressão de Schwarz, a uma “matriz prática”: a fragmentação e o descentramento do sujeito moderno e pós-moderno.

Em “Os foguetes virão depois”, última das narrativas gramogolinas, o narrador-protagonista retoma o enredo de “A filosofia do Grão Mogol”, dizendo que, após o cortejo das sectárias do Grão Mogol, teria feito as pazes com Emília e retomado o namoro com a moça, que não mais teria voltado a falar em casamento.

Tudo ia bem, até que, “numa escura noite de Setembro”, o rapaz aceita um convite para jantar com a família da namorada. Durante o jantar, embriagado por “vapores alcoólicos” e envolvido pelo clima festivo, ele acaba “com uma aliança na mão direita”.

Apavorado, procura a ajuda do Grão Mogol, que, ao vê-lo noivo, lhe diz que só resta uma coisa a fazer: “soltar foguetes”. E então o protagonista sai soltando foguetes e gritando pelas ruas, até ser detido pela polícia e internado num hospício. A narrativa é, então, apresentada como uma justificativa para a sua internação no hospital psiquiátrico: ele teria fingido que era louco apenas para escapar ao noivado.

Com relação ao celibato, “Os foguetes virão depois” pouco acrescenta ao que foi comentado em nossas análises anteriores, pois o tema é basicamente desenvolvido no mesmo tom. Mas há outra questão temática que deve ao menos ser apontada aqui, uma vez que será reaproveitada na obra canônica: a degradação da arte.

Em sua reação ante a ameaça do casamento, o protagonista sai pelas ruas “sobraçando várias glosas de foguete” e dançando ao som do seu próprio assovio. Contra a suposta acusação de que o seu assovio estaria desafinadíssimo, ele se defende, declarando possuir um diploma “conquistado com distinção na Faculdade Nacional de Assovio”. E o seu relato como um todo seria tanto uma defesa do “simbolismo poético” de sua reação contra o casamento, quanto uma prova de sua saúde mental.

Pouco adiante, relembando a discussão que tivera com Emília e que teria servido de matéria para “A filosofia do Grão Mogol”, o narrador considera que as suas palavras, na ocasião, consistiriam em: “Argumentação muito bem feita e estribada na Bíblia e no Alcorão e em outros livros tidos como sérios”.

Por fim, há uma citação das célebres palavras de Antônio Conselheiro, “um dos primeiros discípulos de Grão Mogol”: “Em 1898 haverá muitos chapéus e poucas cabeças”. E as palavras do líder de Canudos são citadas, pelo narrador, como uma ameaça profética contra “alguém que ainda duvide da verdade destas minhas declarações, ou ponha em dúvida os meus dotes de dançarino ou a autenticidade do meu diploma de assoviador”.

Ora, nesse caso, o nivelamento de referências tão disparatadas – quanto o assovio, a Bíblia, o Alcorão e Os sertões –, mais do que produzir uma visão degradada da arte ou dos “livros tidos como sérios”, serve para construir a imagem de um narrador-protagonista que não deve ser levado a sério.

Mas, na obra canônica, a degradação da arte atinge um nível crítico maior, pois a fragmentação da estrutura narrativa, já comentada acima, é uma forma de questionar o pressuposto realista/naturalista sobre a possibilidade de representação fiel da realidade. O

escritor moderno admite que o real não pode ser compreendido em sua totalidade e que a linguagem não é suficiente para representar o real.

Sendo assim, a literatura se aproxima às vezes de formas vazias ou desconexas, como em “Marina, a intangível”, em que o poema composto para a personagem título é “feito de pétalas rasgadas e de sons estúpidos”.

Apenas para finalizar a análise de “Os foguetes virão depois”, outro aspecto que merece ser mencionado aqui diz respeito ao título. Ao contrário do que ocorre nas narrativas em que se anuncia algo que não se cumpre, como vimos na análise de “Carta à Lúcia”, os foguetes do título aparecem diversas vezes durante a história, mas, no desfecho, são novamente anunciados, como se não tivessem aparecido: “E, quanto aos foguetes, não tenham pressa, eles virão depois”.

Além disso, o sentido da palavra não é muito claro, pois sofre alterações durante o texto, nas expressões: “glosas de foguetes”, “foguetes de lágrimas”, “fogos que lancei aos ares”, “soltar foguetes”. Nos dois últimos casos, a palavra corresponde a “fogos de artifício”. Mas, nos dois primeiros, o sentido não corresponde a nenhuma das definições do dicionário, servindo para reforçar o tom enigmático do desfecho.

Assim, embora a narrativa como um todo seja fraca, “Os foguetes virão depois” não deixa de apresentar recursos interessantes, que revelam uma atitude de experimentação por parte do escritor.

Em “O mundo termina na Rua das Magnólias”, temos uma visão do casamento que justificaria o comportamento esquivo dos protagonistas das narrativas anteriores. O conto se inicia com a chegada de D. Eudóxia, ao armazém do senhor Nicolau, onde é ansiosamente aguardada por outras senhoras da Rua das Magnólias. Isso porque todas esperam que D. Eudóxia esteja a par das últimas fofocas sobre a separação recente entre Cardoso e Arlete – como, de fato, está. E grande parte do texto de Murilo se constrói em função desse episódio, narrado pela própria personagem.

Terminado o relato, a atenção do narrador muriliano volta-se para o dono do armazém, senhor Nicolau, preso a um casamento infeliz com D. Maricota – mulher

dominadora, mesquinha, fofoqueira e provinciana. Mesmo sem prestar muita atenção nas palavras das velhas carolas, o episódio traz, a Nicolau, recordações de quando, casado há pouco tempo, uma prima de sua esposa viera, da capital, passar uns tempos com eles.

Em questão de dois meses, Nicolau e Sílvia – moça bonita, instruída e compreensiva – logo se apaixonam. E ela o convida para morarem juntos na capital, sendo que o pobre Nicolau, por medo da esposa, não aceita a proposta.

No desfecho, os devaneios do dono do armazém são interrompidos por D. Maricota. E então ele se vê novamente preso à Rua das Magnólias, “a única rua existente no mundo”, compreendendo que “a Avenida era um mito, uma história inventada pela bondade de Sílvia...”.

Assim, além do conflito central, que gira em torno do casamento retratado como um mundo sem saída, a narrativa nos apresenta uma crítica de costumes – um tanto óbvia –, no retrato das velhas fofoqueiras e carolas. O tom é levemente melancólico, mas não chega a ser tão piegas quanto em “Margarida e outras reticências”. Por outro lado, a narrativa não apresenta a tensão necessária para que o conto funcione.

A questão aqui é que Murilo busca representar, de forma “realista”, o “mundo fechado” que, na obra canônica, ganha em intensidade com o artifício do fantástico, da ironia amargurada, da violência, da hipérbole.

Em “O mundo termina na Rua das Magnólias” podemos observar, por exemplo, que o conflito central é representado enquanto conceito, como ocorre no seguinte trecho:

Arlete fizera bem trocando o marido pelo cachorro (Um cachimbo ou um cachorro ainda valem mais do que o melhor dos seres humanos). Cardoso, que tinha o mesmo gênio açambarcador de Maricota, acabaria por reduzi-la à escravidão. [grifos nossos]

Ora, em “Ofélia, meu cachimbo e o mar”, o sujeito vive justamente com uma cachorra e um cachimbo, sonhando com horizontes mais amplos do que o das montanhas, em que vive afastado dos demais seres humanos. Em “Bárbara”, por sua vez, o narrador-protagonista é mais do que reduzido à escravidão, em seu relacionamento doentio com a esposa.

Como já observamos nas análises de “A arte de conquistar as mulheres” e “Os dois mundos de João Quatorze”, a limitação dos contos esparsos de Murilo se deve, em grande

parte, ao fato de os conflitos se expressarem conceitualmente, ao invés de se materializarem na situação vivida pelas personagens ou na própria estrutura narrativa.

Em “O mundo termina na Rua das Magnólias” isso também fica bastante claro, quando, por exemplo, o narrador diz, a respeito do senhor Nicolau: “Reduziram-lhe a simples espectador daquelas conversas imbecis que se prolongavam pelo dia adentro (...)”.

O caso aqui é que o homem se sente impotente para transformar a situação que o oprime. Mas, nos contos canônicos, isso é representado com muito mais habilidade, pois, sem que o narrador o diga diretamente, a impotência do herói muriliano é evidenciada pelo próprio conflito narrativo. Assim, segundo ARRIGUCCI (1987), o protagonista muriliano canônico se torna “vítima de um destino que o leva a indignar-se ou esbravejar apenas numa esfera reduzida, onde todo ato se prova inócuo e cada gesto só desenha a mesma potência”.

É assim que a falta de saída da Rua das Magnólias é retomada de modo muito mais contundente em “O bloqueio”, por exemplo, que também trata de um conflito matrimonial, mas leva o protagonista a viver o confinamento em seu grau mais extremo.

Um último aspecto a ser observado aqui diz respeito à compreensão que, nessa narrativa esparsa, o protagonista tem do seu próprio conflito. Como vimos acima, no desfecho, o senhor Nicolau “compreendeu que a Rua das Magnólias era a única existente no mundo e que a Avenida era um mito, uma história inventada pela bondade de Sílvia”. [grifo nosso]

Ora, mas, na obra canônica, o conflito ganha em intensidade justamente porque a alienação dos personagens e do narrador é tal que, em “Os comensais”, por exemplo, Jadon se transforma num autômato: “Os braços descaíram e os olhos, embaçados, perderam-se no vazio”. E, em “Elisa”, o protagonista, “completamente idiotizado” simplesmente repete a pergunta da irmã: “- Sim, como poderá?”.

Sintetizando o que foi dito a respeito desse grupo de contos esparsos, podemos dizer que eles acrescentam – à concepção do autor, por trás da obra, a respeito do relacionamento

amoroso – a idéia de que o compromisso destrói a beleza do relacionamento, opinião relativamente comum a respeito do tema e passível de tratamento cômico ou trágico.

Em nossas análises, observamos também que a crítica ao casamento e aos relacionamentos amorosos – e humanos de um modo geral – é uma constante na obra muriliana canônica, sendo tratada de modo muito mais contundente em contos como: “Bárbara”, “O bloqueio”, “Mariazinha”, “Petúnia”, “Agliaia”.

Além disso, vimos que, do ponto de vista técnico, não é difícil compreender por que tais narrativas foram descartadas por Murilo. Em primeiro lugar, porque algumas narrativas não mantêm a **tensão necessária aos contos**, aspecto que pode ser observado especialmente em “Eu, o Grão Mogol e os mandarins”, em que não há propriamente um conflito central, permitindo-nos perceber que, nessa fase, Murilo ainda não dominava completamente as regras de funcionamento do conto, enquanto gênero. Em segundo lugar, porque o tom meramente cômico, predominante nas narrativas do Grão Mogol, foge ao tratamento que Murilo daria às suas narrativas canônicas, a saber, o **humor**, no sentido em que o concebe **VEGA (1967)**. Além disso, o enredo dos esparsos é predominantemente linear, enquanto que os canônicos, muito mais **fragmentados**, adequam-se melhor a expressar os conflitos tematizados por Murilo, tais como a **alienação** e a **degradação da arte e da cultura**.

Observamos ainda que, nas *Histórias do Grão Mogol*, Murilo já experimenta o artifício tipicamente machadiano do **narrador que joga com a expectativa do leitor**. Nos esparsos, porém, esse artifício parece não ter maiores conseqüências, enquanto que, nos canônicos, a **expectativa do próprio narrador-protagonista** é colocada em jogo, representando a **falta de consciência que ele tem dos fatos narrados**.

3.5.3 A ALIANÇA ROMPIDA

Conforme estamos vendo, as principais questões que fazem com que os esparsos sejam inferiores aos canônicos estão relacionadas com o **tratamento do tema** e com a **estrutura narrativa**.

Com relação ao tratamento do tema, dissemos que o “humorismo áspero” muriliano da obra canônica aproxima-se do conceito de **VEGA (1967)**, para quem o **humor** se situa **entre a tragédia e a comédia**. O humor, nesse sentido, não permite nem o “riso tranqüilo” da comédia, nem a plena compaixão e identificação com o conflito sofrido pela personagem trágica.

Já nos esparsos, o tratamento do tema ora se aproxima da comédia, buscando produzir o “riso tranqüilo”; ora, da tragédia – e, então, a narrativa só funciona quando nos identificamos com o conflito, o que se torna difícil, na maior parte dos casos, pois o sentimentalismo é exagerado.

Quanto à estrutura narrativa, observamos que a **fragmentação** – explorada habilidosamente por Murilo, em seus *Contos reunidos* – é mais adequada para a abordagem de **temas como a loucura, a alienação e o descentramento do sujeito**; enquanto que, nos esparsos, mesmo quando os temas são os mesmos, a **estrutura dos contos** é **predominantemente linear**, o que resulta numa **incompatibilidade entre conteúdo e forma**.

Grosso modo, isso é o que ocorre nos dois grupos de narrativas já analisados, lembrando aqui que a classificação foi feita a partir do tema do relacionamento amoroso: no primeiro grupo, há o desejo, por parte do homem, mas esse desejo não se concretiza; e, no segundo, o relacionamento é interrompido, porque a mulher pressiona o companheiro, que faz de tudo para evitar o casamento.

Neste novo grupo de narrativas, que chamamos de “A aliança rompida”, a realização amorosa agora é impossibilitada por vontade da mulher, que rompe com o parceiro. Quanto aos motivos que fazem com que este grupo de textos seja inferior aos canônicos, as observações são basicamente as mesmas, o que nos permite ser mais breves em nossas análises, detendo-nos apenas nos aspectos mais relevantes.

Em “O mundo tem duas faces”, o protagonista Agamênon busca o alheamento do mundo, devido a uma decepção amorosa, no caso, o relacionamento rompido pela mulher que prometera esperá-lo num lugarejo distante de Minas.

O tratamento do conflito é feito de forma trágica, no sentido concebido por VEGA (1967), conforme sintetizamos acima. E é essa tragicidade que, inclusive, justificaria o nome do protagonista.

Embora o narrador seja em 3ª pessoa, o conto é profundamente marcado pela subjetividade e pelo egocentrismo. É como se o protagonista fosse um ultra-romântico, que buscasse a alienação como saída para o sofrimento, através do alheamento ao tempo. Mas esse alheamento é apenas mencionado conceitualmente, sem que tenha maiores conseqüências sobre a estrutura do texto.

Além disso, a trama é mal formulada, apresentando incoerências, tais como o fato de Agamênon considerar a preferência de Madalena por um velho rico de setenta anos uma espécie de causa para a prostituição.

Em “Elvira e outros mistérios”, João parte de Manacá para a cidade grande, em busca de dinheiro, para casar com Elvira. Ela promete esperá-lo, mas rompe o compromisso, casando com Adolfo Correia. E, então, o protagonista, que já era “um idiota”, enlouquece completamente.

O estilo do texto é bastante lírico, aproximando-se da linguagem poética, mas o tratamento do tema é ingênuo demais. E, como a narrativa é concebida nos mesmos termos trágicos já apontados, acaba não funcionando.

Comentando o livro de estréia de Murilo, *O ex-mágico*, Sérgio Milliet (1947) observou que uma das características do narrador muriliano seria a “atitude de controle e desconfiança”, gerada pelo “medo da banalidade piegas”. Pois é justamente essa atitude que falta ao narrador de “Elvira e outros mistérios” e de outros textos esparsos.

Na busca pela definição do tom adequado para o narrador muriliano, é interessante observar o que acontece em “Confidências de Natal”. Da primeira versão, intitulada “Mariazinha não voltou”, para as duas seguintes, ambas com o título que aparece em nossa edição, a diferença básica é a inserção da epígrafe bíblica e de dois pequenos trechos, sendo um, logo no início do texto; e outro, no desfecho¹³⁰.

Essa modificação produz um caráter mais enigmático à narrativa, quebrando, ao mesmo tempo, o “sentimentalismo ameaçador” – para usarmos mais uma expressão de MILLIET (1947) –, pois aqui o tema também é o da “aliança partida”, tratado de modo nostálgico: Manuel, o narrador-protagonista, relembra Mariazinha, a primeira namorada, que partiu para São Paulo e prometeu voltar, mas nunca mais foi vista.

Outra maneira de quebrar esse sentimentalismo é o modo como Murilo mistura, aos ingredientes líricos, uma violência brutal contra as personagens; nesse caso, pela degradação, através da doença, tratada com uma total falta de piedade. É assim, por exemplo, que o narrador observa que a tuberculose do antigo noivo de D. Inácia causava admiração às mocinhas românticas. E, na seqüência, a mistura de lirismo e sarcasmo se mantém:

Ah! D. Inácia! Se a senhora não tivesse morrido de tifo, estaria hoje decepcionada.

A nossa história não acabou em casamento, minha melancólica D. Inácia. Não. Acabou em saudade. Ou num reumatismo, que ainda hoje é a minha recordação mais insistente de todas as noites frias em que, ao lado de Mariazinha, eu pensava trazer o mundo dentro dos olhos.

Assim, embora ainda estejamos longe do tratamento de temas desenvolvido pelo escritor em seus contos canônicos, o sarcasmo e a inserção de motivos religiosos degradados já apontam para o caminho que Murilo trilharia, mais tarde, com grande segurança.

¹³⁰ A epígrafe é: “*E aquele, que se não achou escrito no livro da vida, foi lançado no tanque de fogo*” (Apocalipse, XX – 15). O primeiro trecho é: “*Nesta noite de Natal, leio a Bíblia e, não sei por que razão, me vem à memória a primeira namorada*”. E o segundo: “*Sim. Acabo de engolir a Bíblia*”. A versão completa de “Mariazinha não voltou” encontra-se em nossos anexos.

Em “Maria da família dos monstros”, o interessante a observar é que, mudando o ponto de vista do narrador-protagonista, o tom muda, passando do sentimentalismo piegas, para o cômico.

Nessa narrativa, a vítima do abandono não é mais o protagonista, mas seu companheiro de viagem, um rapaz de 19 anos, que insiste em aborrecê-lo, contando-lhe suas desventuras sentimentais: o jovem teria sido abandonado pela namorada, Maria, que, forçada pela família, trocara-o por um seu primo, rico fazendeiro.

Mas o conflito central, nesse caso, é o aborrecimento do protagonista, forçado a aturar tão longo desabafo sentimental. Sua paciência se esgota no momento em que o interlocutor ameaça ler “umas humildes estrofes que fizera para Maria”.

Então o protagonista pede a palavra, para narrar sua única história de amor. Ele também teria vivido a mesma situação: fora abandonado pela namorada, que tinha sido igualmente forçada pela família – “formada de monstros como a da sua amada” – a escolher um namorado rico. Mas, diante disso, teria ido buscar a namorada “quase à força”, para casar com ela, estando agora casado e com oito filhos.

À porta do trem, o protagonista ainda grita ao companheiro, que segue viagem: “- E sabe com quem eu sou casado? Com a sua namorada, a Maria da família dos monstros!”. E o narrador então conclui: “Não pude ver a sua cara porque ele não chegou à janela e o trem partia segundos depois, dando vaias no seu shá-shá irônico”.

Assim, o texto consiste em uma ridicularização das narrativas amorosas e da poesia sentimental. Há, além disso, uma relação de semelhança com outros esparsos, como “Procura-se um faraó”, pela eloquência, que também é uma característica de alguns personagens canônicos, como o pirotécnico Zacarias. Mas, nos esparsos, a eloquência leva a um desfecho vitorioso para aquele que a possui; enquanto que, no caso do pirotécnico, ele até convence os jovens a não o abandonarem na estrada, mas permanece um sujeito marginalizado, como os personagens murilianos típicos.

Outro aspecto interessante, nessa comparação, é que, em “Maria da família dos monstros”, o escritor parte de uma frase feita – “eles são uns monstros” –, para criar um efeito cômico. Nos canônicos, por sua vez, Murilo vai transformar seus personagens

literalmente em monstros ou quase-monstros – como ocorre com “Bárbara”, “Alfredo”, “O homem do boné cinzento”, as Petúnias, os filhos de Aglaia, etc. –, produzindo uma obra cujos efeitos vão muito além de uma simples piada.

O tom também é meramente cômico em “Inácia não era um chuchu”. E, apesar de o narrador desviar-se do assunto e se contradizer a todo instante, o enredo é bastante simples, podendo ser resumido de modo linear: o narrador-protagonista vai à sorveteria com a namorada, tendo apenas uma nota de dois mil réis no bolso. Na hora de pagar a conta, o valor ultrapassa em muito o esperado. E então ele finge ter perdido uma nota de dez mil. Diante disso, a namorada paga a conta, mas rompe o relacionamento, ridicularizando-o depois, diante das amigas.

Na comparação com os canônicos, cabe lembrar de “D. José não era”, uma espécie de anti-fábula, considerada, por Alexandre Eulálio (1965), como “uma das melhores páginas de Murilo”.

Como dissemos, em “Inácia não era um chuchu”, o narrador é contraditório, na medida em que nega a si próprio, como o faz no caso da data em que teria ocorrido o episódio narrado. Mesmo assim, ainda é possível visualizar uma linearidade, por trás desse procedimento narrativo.

Já em “D. José não era”, a identidade do personagem título se define por um conjunto de fragmentos que não se encaixam, como se fossem peças de diferentes quebra-cabeças. Conforme observamos em nossa dissertação de mestrado, a impossibilidade de fixarmos a identidade de D. José nos remete à própria crise de identidade do sujeito moderno.¹³¹

E basta comparar os títulos desses contos, para perceber que, em “Inácia não era um chuchu”, a personagem-título se define pela negação de uma qualidade; em “D. José não

¹³¹ (FURUZATO, 2002, p.136). Para Stuart Hall, o conceito de sujeito, originado no Iluminismo, sofre cinco deslocamentos básicos, que resultam na crise do sujeito moderno e pós-moderno. Esses cinco deslocamentos seriam: a psicanálise, o pensamento de Althusser, o estruturalismo, o pensamento de Foucault e o feminismo. (HALL, 2006).

era”, por sua vez, o protagonista se define pela negação da própria existência. Sendo assim, a contradição adquire uma intensidade muito maior nos contos canônicos.

Na análise de “Carta a Lúcia”, observamos um curioso procedimento narrativo: o autor da carta anuncia um importante assunto a ser tratado com a destinatária, mas, até o fim do texto, simplesmente não revela do que se trata.

Um procedimento semelhante pode ser observado em “Os lábios de Isaurinha”, cujo protagonista fala diversas vezes sobre um pedido que teria feito à personagem título, revelando-o apenas pela negação: “Não. Não lhe fiz qualquer proposta indecorosa, nem a pedi em casamento”.

Isso é relevante, porque o pedido é apontado como algo central para a compreensão dos fatos: “Agora, quando muitos anos já se passaram, e só me resta o arrependimento, tento reconstituir os fatos, e fico na mesma. Apenas uma coisa se me afigura bem clara: não devia ter pedido”.

Desse modo, somos levados a crer que a intenção do contista era a de causar estranheza, pois, ao mesmo tempo em que o protagonista considera o tal pedido como a provável causa do seu rompimento com Isaurinha, esse pedido acaba não sendo revelado.

Ora, mas o conto não funciona, devido a uma inconsistência narrativa, pois os fatos são reconstituídos com clareza suficiente, para que sejam compreendidos, sem que se saiba a natureza do pedido. Afinal, Isaurinha era disputada pelo protagonista e por Enoch. Durante uma discussão, o protagonista sugere que o par formado pela personagem título com o rival seria “digno de uma exposição de animais”. Então, a mulher se ofende e troca de namorado. Em outras palavras, a intriga é linear demais, para que o pedido não revelado se constitua como um verdadeiro enigma, ao contrário do que ocorre com a obra canônica, cujo aspecto enigmático é justamente o que nos desafia a interpretá-la e reinterpretá-la.

Quanto ao tratamento do tema, o conflito central aqui também é o do relacionamento amoroso, marcado pelo sentimentalismo e pela nostalgia. E, como temos observado, esse ainda não é o tratamento temático que dará unidade à obra muriliana canônica.

A série de insucessos amorosos do narrador-protagonista de “Reflexões de um zero” é apenas um dentre os motivos que justificam o título da narrativa. Isso porque o protagonista, tendo nascido pobre e de pai desconhecido, chega ao final da história em situação ainda pior: abandonado pela esposa, que foge com o Chico Padeiro; esquecido pelos filhos; órfão, desempregado, faminto; e, como se não bastasse, dado a “preocupações metafísicas”.

Em vários aspectos, esse conto se assemelha mais aos canônicos do que ocorre com os demais esparsos. Sendo predominantemente cômico, o tom da narrativa o aproxima do humor, conforme o conceito de VEGA (1967), devido à intensidade da desgraça que envolve o personagem-narrador. O tema do funcionalismo público é outro aspecto que já aparece aqui e será retomado pelo escritor, em seus *Contos reunidos*, principalmente em “O ex-mágico da Taberna Minhota”¹³².

Há ainda a presença do discurso religioso, desde a utilização, como epígrafe, de um versículo do *Gênesis*, referente ao episódio do fruto proibido. A referência bíblica é retomada, no corpo da narrativa, pelo desejo, jamais alcançado, que o protagonista tem de provar uma maçã; e, outra vez, no desfecho: “E desse dia em diante fugi aos livros e aos pensamentos, pois retornara aos primórdios da humanidade. Sim, senhores. Eu sou a segunda vítima da maçã”.

Cabe lembrar aqui que o modo enigmático como os contos canônicos dialogam com o texto bíblico tem sido um dos maiores desafios para a crítica muriliana. Mas há uma diferença essencial entre esse esparsos e a obra muriliana canônica, pois as “Reflexões de um zero” podem ser facilmente interpretadas de forma alegórica, sendo que a alegoria anula o efeito fantástico – como já observou TODOROV (1975).

É assim que, quanto ao fato de o protagonista ser um “zero”, já vimos que o seu insucesso – imposto de modo determinante, desde a sua origem – explica o uso da expressão. E praticamente toda a narrativa vai se basear na mesma idéia: os excluídos são “zeros”; os privilegiados, “números”. A maçã, por sua vez, “fruto do conhecimento do bem

¹³² (cf. ARRIGUCCI, 1987).

e do mal”, é sempre associada aos “números”, pois, conforme o próprio texto: “Um zero nunca deve pensar!”. Desse modo, o “zero” provavelmente se considera a “segunda vítima da maçã”, por ter sido duplamente expulso: a primeira vez, do Paraíso; e a segunda, da própria humanidade, por lhe ser vedado o conhecimento.

“Memórias de um calígrafo” é outra narrativa esparsa em que o insucesso amoroso do protagonista – rejeitado por sua “vênus oxigenada”, que o troca por um amigo – não chega a ser o conflito central. Nesse caso, aliás, nem há exatamente um conflito central, mas a descrição de uma situação alienada: o escrevente de um escritório de seguros que se considera um artista, por receber elogios dos colegas de trabalho, devido à sua bela caligrafia.

O tom, predominantemente cômico, chega a ter algo de trágico, uma vez que o ponto de vista é o do próprio alienado. Mas essa alienação não é suficientemente intensa, a ponto de impossibilitar o calígrafo do convívio social, como ocorre em “O bom amigo Batista”.

Pela questão da falsa amizade, também se trata de uma espécie de antecessor de “O bom amigo Batista”, com a diferença de que o calígrafo – um parente de *Bartleby*, de Melville – faz referência à arte degradada, enquanto que o Batista remete ao cristianismo.

Nas “Memórias de um calígrafo”, também há referências à Bíblia pelo nome de Malaquias, um dos profetas, além, é claro, da epígrafe. Mas o caso é que, neste esparso, o tema principal, da loucura, é tratado de forma muito ingênua, de modo muito óbvio. Isso porque a personagem não convence em sua estupidez. E, sendo uma narrativa em 1ª pessoa, fica a impressão de que o narrador não foi suficientemente bem construído.

Além disso, a estrutura é perfeitamente linear, ou seja, a falta de compreensão que o personagem tem da realidade não atinge a composição a ponto de o leitor ver com os olhos do protagonista, do ponto de vista alienado, como ocorre nos canônicos em geral.

Pensemos, por exemplo, num louco clássico, como o D. Quixote: para ele, de fato, os moinhos são gigantes e suas aventuras acontecem de acordo com isso. Há, portanto, uma coerência interna que envolve todos os aspectos da narrativa. A revelação da loucura de D.

Quixote, para o leitor, é feita pelo narrador em 3ª pessoa; a mesma revelação, para o próprio protagonista, é a sua morte.

No caso do calígrafo de Murilo, pela sua própria fala, percebemos que ele não está completamente convencido de seu talento, nem da sinceridade de seus amigos. Se estivesse, não seria tão fácil perceber o quanto está iludido, uma vez que o único ponto de vista apresentado é o dele.

Sendo assim, “Memórias de um calígrafo” confirma as limitações que viemos apontando no grupo de textos esparsos: não há intensidade suficiente no conflito; o tom ainda não é o do “sarcasmo maltratante” tipicamente muriliano; e a estrutura narrativa linear não condiz com a consciência parcial que o narrador tem da realidade.

Por outro lado, os temas são basicamente os mesmos que o escritor vai desenvolver em sua obra canônica: a falsa amizade, o amor medíocre, o rebaixamento da arte, a burocracia como símbolo do trabalho destituído de sentido.

Neste sub-grupo de narrativas, confirmamos a diferença entre os esparsos e canônicos, quanto ao **tratamento do tema**: predominantemente **trágico ou cômico**, nas *Histórias do Grão Mogol*; e mais de acordo com o **humor** de VEGA (1967), nos *Contos reunidos*.

Mas a **busca** do escritor, **pelo tom adequado** para a sua obra, pode ser observada através das **diferentes versões dos esparsos**. É o que ocorre, em “Mariazinha não voltou”, posteriormente intitulado “Confidências de Natal”, cujas modificações revelam uma “atitude de controle e desconfiança” contra o “sentimentalismo ameaçador” (MILLIET, 1947).

Ainda com relação ao **tratamento do tema**, observamos, em “Maria da família dos monstros”, que o **tom trágico** pode sofrer uma **inversão completa**, tornando-se **cômico**, com a **mudança de ponto de vista**. Nessa narrativa, uma vez que o personagem-narrador vê o conflito de fora, sendo obrigado a escutar um longo relato passional de seu companheiro de viagem, o sentimentalismo se transforma em zombaria.

Outra questão que esse sub-grupo temático confirma é a diferença entre a **estrutura narrativa** dos esparsos com relação aos canônicos: mais **linear**, nos primeiros; mais

fragmentada, nos segundos. Vimos também que a maneira como o **narrador** e os **personagens** se constroem, de modo muito mais **contraditório e dispersivo**, nos *Contos reunidos*, remete à questão da **crise de identidade do sujeito moderno e pós-moderno**.

Por fim, em “Memórias de um calígrafo”, vimos um exemplo de **narrativa alegórica**, que não ocorre na obra canônica, pois o desvendamento da alegoria acaba anulando o efeito de “espanto congelado” (ARRIGUCCI, 1974).

3.5.4 IMPEDIMENTOS DE OUTRA ORDEM

Nos três capítulos anteriores, vimos narrativas em que o relacionamento amoroso não se viabiliza por motivos relacionados com a vontade da mulher ou do homem, ou seja, um deles não deseja a concretização do relacionamento. Agora, veremos outros tipos de impedimento, tais como a loucura, a morte e a timidez excessiva.

Em “O outro José Honório”, o conflito central é o do amor idealizado pelo homem e impedido pela loucura da mulher desejada. Paralelamente, temos a situação do amigo do narrador-protagonista, José Honório, que conta histórias desconexas, misturando elementos de contos de fadas com dados atuais, como ônibus e trens.

Dentre os ouvintes de Honório, temos: o protagonista; as crianças, que o acompanham ansiosas; e os rapazinhos, que “não mais acreditam em duendes e príncipes encantados” e o consideram louco. No desfecho, percebemos que o “Outro José Honório” do título seria o próprio protagonista, devido ao modo ingênuo com que ele se relaciona com a realidade.

Como os demais esparsos, este conto é bastante inferior aos canônicos, embora a o ceticismo generalizado que está por trás da obra seja semelhante nos dois casos. A falha aqui, mais uma vez, está na insuficiência de o contista iniciante transformar, em arte, alguns conceitos relacionados com a sua concepção de mundo.

Isso porque, ao invés de criar uma situação ficcional que nos transmita a sensação do conflito central – sensação de absurdo, ceticismo, loucura –, procura nos explicar esse conflito conceitualmente, no discurso narrativo.

É o que ocorre, por exemplo, quando, depois de dizer que os rapazinhos consideram José Honório um “idiota”, o narrador acrescenta: “No entanto ele não é nada disso. Se acredita no que conta, há outros que acreditam em idéias, filosofias, doutrinas, amor, mulheres...”.

Ora, nos contos canônicos, a racionalidade – “idéias, filosofias, doutrinas” – é questionada de modo muito mais contundente através do fantástico, da fragmentação e das contradições, no discurso narrativo e na construção de personagens e demais elementos, tais como o tempo e o espaço. E o pessimismo diante dos relacionamentos humanos – “amor, mulheres” –, como já dissemos, aparece materializado nas mais diversas situações narradas.

Outro aspecto que, em “O outro José Honório”, enfraquece a tensão do conto é o ponto de vista do narrador, externo ao cerne do conflito, pois aqui ele não é o louco propriamente dito, mas um personagem que o observa.

Assim, embora a narrativa interna, criada pelo personagem José Honório, seja fragmentária, o conto propriamente dito não o é. E basta compará-lo, por exemplo, com “D. José não era” – narrativa canônica que também parodia os contos de fadas –, para perceber o quanto Murilo se aperfeiçoou em seu percurso que vai dos esparsos aos canônicos.

“Noêmia e o arco-íris” é outro esparsos em que a loucura surge como impedimento para a realização amorosa. Mas, ao contrário do que vimos em “O outro José Honório”, aqui o conflito central é a doença mental do próprio protagonista, que se considera um cientista em busca da salvação para a humanidade.

Do ponto de vista formal, chama atenção, nos diálogos, que apenas a voz do protagonista apareça, com a de seu interlocutor sendo representada indiretamente. Outra questão é que a enunciação é concomitante aos fatos narrados, ou seja, o processo de narrar se dá ao mesmo tempo em que ocorrem tais fatos, juntamente com o suposto diálogo entre o protagonista e as demais personagens, Inácio e Noêmia. Ambos os artifícios são experimentais e, sendo assim, devem ser destacados.

No entanto, embora o conflito central seja a loucura, a lógica narrativa é linear. Em outras palavras, a loucura é tematizada e implica em conceitos evidentemente falsos sobre a realidade, mas a estrutura narrativa em si, como nos demais esparsos, não chega a ser afetada.

Na visão alucinada do protagonista, cores e números aparecem como uma espécie de sistema simbólico que explicaria o mundo. O arco-íris – recorrente na obra canônica – surge aqui como resposta para os “estudos e reflexões” do protagonista: “Ah! Descobri! É o arco-íris. Nós precisamos dele. A harmonia das cores dará aos homens a felicidade! É o arco-íris. Nós necessitamos dele, Noêmia!”.

E não custa lembrar que, na Bíblia, é justamente esse o símbolo da aliança de Deus com os homens. Isso é relevante porque aponta para uma possibilidade de interpretação

para o simbolismo de “Noêmia e o arco-íris”, revelando uma espécie de “moral da história”: aqueles que acreditam que a felicidade está na aliança de Deus com os homens podem ser considerados loucos.

Como vemos, a simplicidade da narrativa a distancia muito da obra muriliana canônica, ainda mais se levarmos em conta o sentimentalismo piegas no tratamento do tema.

Em “Og e os dois olhos de Amelinha”, o casal formado pelos personagens-título é separado pela morte de Amelinha. Desde o falecimento da namorada, Og deixa de falar com qualquer outra pessoa que não seja o seu irmão, o personagem-narrador. Este, por sua vez, vê-se obrigado a escutar, de Og, sempre as mesmas histórias sobre o seu romance com Amelinha. O objetivo de Og, no entanto, é aprender o alfabeto Morse, para simplesmente deixar de falar. Mas, dotado de pouca inteligência, o rapaz vem freqüentando a “Escola de Telegrafia para Amadores”, há dez anos, sem muito sucesso.

Uma vez que os temas principais de “Og e os dois olhos de Amelinha” são a misantropia, a loucura e a morte, a narrativa poderia facilmente cair no sentimentalismo piegas, como ocorre com grande parte dos esparsos. Mas não é o caso aqui, pois o sarcasmo do narrador e o non-sense dos diálogos prevalecem sobre o tom trágico.

De qualquer modo, o conto acaba não funcionando, pois não há nenhum conflito narrativo. Nesse sentido, é interessante observar que o personagem-narrador, embora se compadeça da demência de Og, não se coloca do ponto de vista do alienado, mas também não se opõe a ele.

Na obra canônica, há outros personagens-narradores que também ocupam uma posição semelhante à do irmão de Og. É o que ocorre, por exemplo, em “Bruma (a estrela vermelha)” e “Alfredo”. Mas, em ambos os casos, há um conflito que sustenta a tensão necessária ao conto.

Em “Bruma”, o narrador julga que seu irmão – cujo nome também é Og – deve ser internado num hospício, pois ele tem visões de “astros policrômicos”, em plena luz do dia. E a oposição entre os irmãos é ainda mais intensa, devido ao triângulo amoroso formado

entre eles e a personagem-título. O conflito só se resolve no desfecho, quando o narrador, completamente desolado, se vê diante de um astro, como os que eram descritos por Og.

O personagem-narrador também não é exatamente o ser “fantástico”, em “Alfredo”, mas compartilha do mesmo sentimento do irmão. A maior implicação disso é que a própria narrativa incorpora, em sua forma de composição, o ponto de vista do alienado, daquele que não se comunica com seus semelhantes e que se sente incapaz de conviver com eles. O conflito narrativo, portanto, é gerado a partir desse sentimento, que leva os dois irmãos a se isolarem do mundo.

Sendo provavelmente um dos contos mais ingênuos de Murilo, “Margarida e outras reticências” apresenta um caso de relacionamento amoroso que não se realiza por timidez excessiva dos personagens. O amor entre o jardineiro Odorico e a prostituta Margarida é tão inocente que nenhum dos dois consegue comunicá-lo ao outro.

À pureza dos dois enamorados, opõe-se a figura do cafetão, cujo simples nome, João Carniceiro, mencionado apenas de passagem, já é suficientemente grotesco para visualizarmos o esquema maniqueísta. E a Rua das Magnólias surge aqui como símbolo do mundo sem saída, no qual Margarida se vê irremediavelmente presa, sem saber como chegou a tal situação:

Mas o passado de Margarida é confuso e tedioso. Ela não compreende porque é obrigada a seguir um destino que não escolheu. Em nada de sua vida encontra explicação. Mesmo a razão por que se entregara ao João Carniceiro, nunca lhe fora desvendada. Continuava passando de mão em mão, sem saber para onde era levada. E a sua timidez não permitia mais do que uma leve esperança num amor que estava custando a chegar.

Além do sentimentalismo excessivo, que distancia essa narrativa da obra canônica muriliana, há novamente o conflito explicado pelo narrador através de conceitos: “Mas o passado de Margarida é confuso e tedioso. Ela não compreende porque é obrigada a seguir um destino que não escolheu”.

Nos contos canônicos, o passado dos personagens torna-se infinitamente mais incompreensível, ao ser traduzido por situações narrativas com a do ex-mágico, que subitamente se vê “atirado à vida sem pais, infância ou juventude”; ou de Godofredo, que não se lembra de seus sucessivos casamentos nem sequer de ter assassinado suas esposas.

E, se Margarida vive “passando de mão em mão, sem saber onde era levada”, na obra canônica, a falta de compreensão e a conseqüente impotência se traduzem pelas transgressões da causalidade, do tempo, do espaço, da identidade, artificios que examinamos detalhadamente em nosso mestrado (FURUZATO, 2002). São essas mesmas transgressões, como observou ARRIGUCCI (1987), que também produzem o clima onírico, envolvendo o leitor numa espécie de pesadelo.

Além disso, a situação narrativa do personagem impotente diante do seu destino se desenvolve de modo muito mais amplo, nos *Contos reunidos*, retratando o absurdo generalizado: no “autoritarismo social e familiar”, na “sociedade burocratizada”, nos “desencontros amorosos, profissionais ou artísticos dos personagens, em constante e frustrada tentativa de realização” (ARÊAS e FURUZATO, 2007).

Desse modo, a impotência do herói muriliano passa a representar uma situação muito mais concreta, do homem alienado, que não é sujeito da própria História (ARRIGUCCI, 1987).

Assim, o escritor se desenvolve tecnicamente, ao mesmo tempo em que amadurece do ponto de vista temático, transformando os seus temas em arte, na medida em que supera os conflitos pessoais, para representar os conflitos que são comuns aos homens de seu tempo.

Nas quatro narrativas acima, apesar do desejo recíproco entre o homem e a mulher, o relacionamento amoroso não se concretiza, devido a impedimentos de outra ordem, tais como: a loucura, a morte e a timidez excessiva. É como se, em conjunto, as possibilidades de realização amorosa do protagonista muriliano fossem se fechando.

Isso é relevante porque a obra muriliana canônica funciona de modo semelhante, sendo que, ao invés de se limitar à questão amorosa – como ocorre de forma obsessiva nos

esparcos –, o conjunto dos *Contos reunidos* nega a possibilidade de realização do protagonista de modo muito mais amplo. Diante desse ceticismo generalizado, resta o absurdo e a utopia nostálgica, anunciada pelas epígrafes.

Do ponto de vista mais técnico, confirmamos as mesmas diferenças já observadas entre os esparcos e os canônicos, quanto à estrutura narrativa e ao tratamento do tema.

3.5.5 LIMITAÇÕES DA REALIZAÇÃO AMOROSA

As duas narrativas a seguir são muito diferentes entre si: enquanto a primeira delas foge completamente ao padrão dos contos murilianos, em vários aspectos; a segunda, de todos os textos esparsos, é a que mais se aproxima da unidade da obra muriliana canônica.

No que diz respeito à realização amorosa, incluímos as duas narrativas no mesmo grupo por motivos diferentes. No primeiro caso, porque se trata da conquista de uma companheira apenas para um baile de carnaval, o que não deixa de ser uma limitação, se pensarmos na concepção de amor que está por trás da maior parte dos esparsos. No segundo, porque, embora o protagonista seja bem-sucedido em suas conquistas afetivas, isso não é o suficiente para ele e, além disso, porque a sua condição se altera no decorrer da intriga, como veremos.

“Procura-se um faraó” retrata dois homens que disputam a companhia da mesma mulher, durante um baile de carnaval: de um lado, o personagem-narrador, vencedor da disputa, é um sujeito que possui habilidade retórica e um tipo de humor non-sense; seu antagonista, por sua vez, representa o senso comum.

Além de ser uma espécie de crônica, conforme já analisamos no presente trabalho, o texto é muito distante do estilo que Murilo desenvolveu posteriormente, devido a diversos aspectos, tais como: a linguagem mais coloquial; o tom “otimista”, por adotar o ponto de vista do vencedor; e a tematização do relacionamento casual, por tratar da conquista de uma companhia apenas para um baile carnavalesco.

Sendo assim, os motivos para a exclusão desse esparso, na seleção de textos feita pelo autor, para a publicação de seu livro de estréia, são mais do que claros, pois “Procura-se um faraó”, de 1941, é um trabalho muito distante do estilo que o escritor buscava para a sua obra.

Já “As unhas”, redigido em 1950, é o único dentre os esparsos a ser escrito depois da publicação de *O ex-mágico* (1947). Não por acaso, é o que mais se aproxima do estilo muriliano canônico, a essa altura, já bem definido.

Narrado em terceira pessoa, o conto nos apresenta Henrique Canavarro, um homem bem-sucedido, tanto socialmente, quanto em suas conquistas amorosas. Do ponto de vista psicológico, Canavarro busca manter o máximo de controle sobre tudo e todos à sua volta.

E, enquanto se prepara para “o maior baile da temporada”, sua concentração sobre si mesmo é tanta que considera todo o resto sem importância, não chegando a perceber o perfume de uma flor noturna a penetrar pela janela do quarto. Isso porque o vaidoso protagonista se encontra muito ocupado, procurando calcular o modo de chamar o máximo de atenção possível:

Mesmo sabendo ser a figura central da festa, desejava que a sua apresentação nela fosse qualquer coisa de espetacular. Queria assombrar a viúva Petúnia, amesquinhar os outros homens, que o invejavam e se empenhavam em diminuir-lhe as qualidades.

Reviu as frases que selecionara para dizer aos convivas mais importantes e, principalmente, as que escolhera para a viúva, a sua mais recente conquista.

Concluindo que sua ausência no baile causaria mais sensação do que qualquer outra coisa que fizesse, Canavarro decide simplesmente não ir. E então se despe, contemplando-se no espelho, com o mesmo esmero com que se vestira. Mas, já deitado, percebe que as unhas, cortadas à tarde pela manicura, estavam novamente crescidas.

Inicialmente, o protagonista não dá muita atenção ao fato e, embora intrigado, simplesmente corta as unhas, deitando-se logo em seguida. No entanto, poucas horas depois, um novo crescimento exagerado das unhas tira-lhe o sono. Diante disso, pensa em procurar ajuda médica no dia seguinte, mas o seu orgulho o impede, pois se o caso viesse a público, sua imagem estaria arruinada.

Com o passar do tempo, o fenômeno vai adquirindo proporções cada vez maiores, a ponto de Canavarro ir perdendo tudo o que mais valoriza: a pretexto de doença, isola-se em casa; buscando manter o segredo longe de todos, despede os criados; por fim, deixa de tomar banho e descuida-se da aparência, para se ocupar apenas em cortar as unhas.

Não suportando mais a situação, o jovem resolve sair pelo mundo, em busca de uma solução definitiva para o problema, mas a longa peregrinação não lhe traz resultado algum.

De volta à sua casa, Canavarro a encontra quase em ruínas, o que lhe traz profunda revolta, levando-o a destruir todos os móveis e objetos que vê pela frente, até cair exausto.

E então, finalmente resolvido a aceitar o destino e deixar que as unhas simplesmente cresçam, o protagonista acaba adormecendo. Mas, para sua surpresa, ao acordar, percebe que elas haviam parado de crescer.

A superação do problema, que ocorre de modo tão inexplicável quanto o seu surgimento, desperta em Canavarro a esperança de reconquistar o destaque nos círculos sociais. Sua esperança, porém, dura pouco, pois, olhando-se ao espelho, diante de si surge a imagem de um rosto profundamente envelhecido: “Rugas e amargura estavam impressas ali”.

O desfecho, então, coloca-nos diante daquela nostalgia enigmática tão tipicamente muriliana:

Arrastou-se até a janela do seu quarto. Uma noite fria e cheia de astros. Sentiu, em plenos pulmões, o perfume intenso de uma flor noturna. Reminiscências antigas chegaram-lhe ao coração. Dos seus olhos começaram a descer as lágrimas e foi sacudido por soluços fortes. Quando alçou os olhos até o jardim abandonado, procurando a flor que tanto recendia, encontrou-o cheio de flores, alegre como somente o fora na sua longínqua infância.

Assim, na situação inicial, temos um personagem que busca controlar tudo obsessivamente, incluindo aos outros e a si mesmo. Nessa obsessão pelo poder, Canavarro representaria o extremo oposto do personagem muriliano típico, aquele que é cegamente levado pelos acontecimentos. Mas então um fenômeno fantástico – tal qual o instinto reprimido que retorna, no célebre estudo de FREUD (1976) – impõe-se sobre o protagonista, transformando-o em mera vítima do destino, como ocorre com os demais protagonistas de Murilo.

O ciclo repetitivo e hiperbólico com que o fenômeno acontece é semelhante ao de tantos outros contos canônicos, tais como: o desfecho em “Petúnia”, cujo protagonista se vê condenado a “desenterrar as filhas, retocar o quadro, arrancar as flores” (RUBIÃO, 1998, p.186); os partos de “Aglaia”, em ritmo cada vez mais desenfreado; os andares de “O edifício” sendo construídos um após o outro, infinitamente.

Outra semelhança com a obra canônica pode ser apontada na transgressão da linearidade cronológica, que leva Canavarro a envelhecer subitamente, assim como a

reencontrar, logo em seguida, o jardim “cheio de flores, alegre como somente o fora na sua longínqua infância”.

Nos *Contos reunidos*, o mesmo tipo de transgressão também ocorre, apenas para citar alguns exemplos, em “Os comensais”, quando Jadon rejuvenesce, ao ser transformado em autômato; em “Mariazinha”, quando o mês de maio “deu pinotes, esticou-se todo” (p.42); em “A flor de vidro”, cujo tempo é circular.

Por fim, o desfecho é estranhamente lírico, como em “O ex-mágico da Taberna Minhota” e principalmente “A fila” – narrativa em que, voltando ao interior, depois da experiência extremamente opressora na cidade grande, o protagonista Pererico contempla a paisagem do campo e então lhe retornam antigas recordações, apagando-se as do passado recente.

A nosso ver, sobre o desfecho de “As unhas”, também caberiam as mesmas palavras de ARRIGUCCI (1987), em seu comentário a respeito de “A fila”: “O idílio com a natureza possivelmente estava no princípio e estará talvez no fim. No meio, a História se encarrega do pesadelo”.

Desse modo, parecem mais do que claros os motivos que fazem deste esparso um trabalho cujo estilo é muito semelhante ao da obra muriliana canônica. Mas, se é assim, cabe-nos tentar responder, em primeiro lugar, por que Murilo não incluiu “As unhas” nas coletâneas de contos posteriores a *O ex-mágico*. E, além disso, se esta narrativa acrescenta algo à nossa compreensão sobre o conjunto de trabalhos já consagrados do escritor, é interessante investigar em que aspectos isso se dá.

Selecionado por Vera Lúcia Andrade e Ana Cristina Pimenta da Costa Val, dentre outros inéditos de Murilo, disponíveis no Acervo dos Escritores Mineiros, o conto “As unhas” foi publicado em novembro de 1994, no *Suplemento Literário do Minas Gerais*. E, para se compreender essa escolha das pesquisadoras da UFMG, responsáveis também pelo estabelecimento do texto, é importante descrevermos rapidamente o material inédito encontrado no acervo de Murilo.

Além de “As unhas” apresentar características que o aproximam da unidade estabelecida pela obra canônica, conforme procuramos demonstrar na análise acima, este é um dos inéditos que se encontra numa versão mais bem acabada. Como observaram ANDRADE e VAL (1994), o original foi encontrado em seis folhas datilografadas, contendo algumas correções e anotações feitas a lápis pelo autor.

E muitos, dentre os inéditos de Murilo, são constituídos apenas de anotações feitas à mão, muitas delas pouco legíveis. São conjuntos de recortes dos mais diversos tamanhos e tipos de papel, em que o escritor anotava idéias que provavelmente lhe vinham à mente nas mais diferentes situações, sem a menor preocupação de depois ser compreendido por qualquer pessoa que não fosse ele mesmo.

Os textos datilografados, por sua vez, freqüentemente possuem mais de uma versão, sendo impossível saber qual a mais próxima da forma final imaginada pelo escritor. Também é interessante observar que, dentre os inéditos de Murilo, encontram-se planos de livros inteiros, com índice de contos e listas de epígrafes.

No caso de “As unhas”, o texto se encontra, conforme esclareceram as pesquisadoras, numa pasta de arquivo, com o título “A Guerra e as Unhas”, indicando que talvez se tratasse de um projeto maior, cujo desenvolvimento não foi levado a cabo.

Outro ponto importante, também observado por ANDRADE e VAL (1994), é que Murilo escreveu, no original de “As unhas”, a seguinte observação: “explorar o final”, indicando, com isso, que ainda pretendia mexer no texto, antes de uma possível publicação. Para que o texto se aproximasse ainda mais dos demais canônicos, faltaria, por exemplo, acrescentar-lhe uma epígrafe e dividi-lo em trechos menores.

Tudo isso, portanto, explica por que, embora “As unhas” seja tão próximo da unidade da obra canônica, o texto só veio a público postumamente.

Quanto aos aspectos em que esta narrativa acrescenta algo à nossa compreensão sobre os *Contos reunidos*, parece-nos muito relevante o fato de Canavarro ser inicialmente um sujeito bem-sucedido. Como observamos, ele se opõe inicialmente à maioria dos protagonistas murilianos, pois, ao invés de ser controlado pelo destino, o protagonista de “As unhas” é que busca controlar os demais. Mas o fenômeno fantástico faz com que ele perca completamente o controle, inclusive sobre o que já havia conquistado.

Desse modo, a narrativa reforça a nossa hipótese a respeito da concepção de mundo, por trás da obra muriliana. Como conjunto, as narrativas de Murilo ilustrariam uma impossibilidade de realização do ser humano, independentemente da classe social a que pertença: mesmo que o sujeito, em algum momento, seja bem sucedido socialmente e afetivamente, algo lhe ocorre para torná-lo, como os demais, um mero brinquedo nas mãos do destino, destituindo-o da condição de sujeito da história.

Assim, não se trata apenas de uma crítica contra uma organização social injusta, pois a impossibilidade de realização do ser humano atingiria a todos, como se a condenação estivesse na origem da história do homem, tal qual a expulsão do Paraíso.

É assim, por exemplo, que encontramos, dentre os protagonistas murilianos: tanto o funcionário Pererico, quanto os herdeiros “Aglaiá”, do conto homônimo, e Éolo, de “Petúnia”; tanto o engenheiro João Gaspar, de “O edifício”, quanto o músico “Botão-de-Rosa” ou “O ex-mágico da Taberna Minhota”, futuro funcionário público; merecendo destaque a imensa gama de personagens cuja caracterização social não é nada clara; todos eles, de um modo ou de outro, são alienados e impotentes diante dos acontecimentos fantásticos que regem o mundo muriliano.

Assim, embora “As unhas” não apresente como conflito central a impossibilidade de realização afetiva do protagonista, que se considera um vencedor nesse aspecto, esse último esparso de Murilo nos ajuda a compreender o desenvolvimento temático de sua obra.

Nas *Histórias do Grão Mogol*, como vimos, o protagonista muriliano de um modo geral está condenado a se frustrar afetivamente; nos *Contos reunidos*, por sua vez, essa frustração adquire uma intensidade e uma dimensão muito maior, impossibilitando qualquer tipo de realização que possa conferir um sentido para a vida.

4. CONCLUSÃO

Neste trabalho, com o estudo das *Histórias do Grão Mogol*, vimos que Murilo Rubião caminhou muito até se definir como o contista que, com o livro de estréia, *O ex-mágico (1947)*, chamou a atenção da crítica pela unidade e originalidade de sua obra, características que marcaram toda sua trajetória.

Do ponto de vista formal, seus textos esparsos às vezes se aproximam de crônicas, apresentando um grau de elaboração ficcional insuficiente para transformar em arte os conflitos pessoais do escritor.

Outras vezes, os esparsos revelam falta de domínio do autor em manejar as técnicas necessárias ao conto, tais como a intensidade do conflito narrativo e a concisão. É assim, por exemplo, que, em algumas *Histórias do Grão Mogol*, como “Os dois mundos de João Quatorze”, os conflitos são representados conceitualmente; em outras, como “Eu, o Grão Mogol e os mandarins”, parece nem haver um conflito central; e, em outras ainda, como “Eunice e as flores amarelas”, o texto desvia nossa atenção para elementos pouco importantes para o conflito narrativo.

Esses textos esparsos também revelam um Murilo ainda tateante na definição de seu estilo: a linguagem formal, o humorismo maltratante, o fantástico, a visão fragmentada da realidade, o uso das epígrafes bíblicas – nenhum desses traços tão característicos da obra canônica chega a ser explorado com a mesma habilidade que o escritor demonstraria mais tarde.

Do ponto de vista temático, escolhemos investigar, neste trabalho, o ceticismo quanto à possibilidade de realização amorosa, por perceber que esse tema, de aspecto quase confessional, é abordado de modo recorrente pelo contista iniciante.

Retomando o nosso percurso, vimos que, no primeiro grupo de narrativas, o relacionamento amoroso do protagonista não ocorre, porque o homem ou não se sente desejado ou deseja uma mulher idealizada e inacessível. E ainda nesse grupo, encontramos, em “Eunice e as flores amarelas”, a figura da mulher maligna, representante da perdição do protagonista.

Já o homem que foge a todo custo de assumir um compromisso matrimonial é a figura central do segundo grupo de narrativas. Ainda nesse grupo, incluímos “O mundo termina da Rua das Magnólias”, narrativa cujo sentido mais evidente, a crítica ao

casamento, visto como instituição que cerceia a liberdade do indivíduo, justificaria a atitude do celibatário convicto.

No terceiro grupo, examinamos as narrativas em que é a mulher que rompe o relacionamento com o parceiro. E, na seqüência, investigamos também os contos em que esse rompimento não chega a ser o conflito central, como “Memórias de um calígrafo” e “Reflexões de um zero”.

No grupo seguinte, encontramos outros motivos que impedem a realização afetiva, tais como a loucura, a morte e, no caso de “Margarida e outras reticências”, a timidez excessiva, que não deixa de ser uma conseqüência da idealização do relacionamento amoroso.

Por fim, no último grupo, vimos duas narrativas em que a realização afetiva é limitada: “Procura-se um faraó”, porque se trata de um relacionamento casual; e “As unhas”, porque o protagonista, embora bem-sucedido em suas conquistas amorosas, deseja dominar a todos e, no decorrer da intriga, acaba perdendo tudo o que alimenta sua extrema vaidade.

Assim, é como se Murilo buscasse, nessa fase inicial, ilustrar diferentes aspectos que, vistos em conjunto, inviabilizassem qualquer possibilidade de realização afetiva de seus protagonistas, expressando, como dissemos, um tipo de conflito muito ligado à sua vida pessoal.

Já nos contos canônicos, o tema da impossibilidade se desenvolve de tal modo que acaba abrangendo os mais diversos aspectos da vida humana, porque negam ao sujeito tudo aquilo que pode conferir algum sentido à sua existência: amor, religião, arte, ciência, política, profissão, relações familiares, amizades, etc. Em outras palavras, é como se cada conto servisse para negar um ou mais tipos de possibilidade de realização do “herói muriliano”, sendo que, vistos no conjunto, os *Contos reunidos* fechar-lhe-iam todas as portas.

Em nosso mestrado, vimos que, para Álvaro Lins (1948) e Eliane Zagury (1971), a criação literária canônica de Murilo seria a expressão de uma determinada concepção de mundo do autor; e que, segundo José Paulo Paes (1990), tal concepção de mundo seria o agnosticismo, ou seja, a incerteza e a inquietação do escritor quanto à questão filosófica sobre a existência ou não de Deus.

Retomando brevemente o raciocínio de PAES (1990), seu ensaio parte de uma contextualização da obra muriliana no clima existencialista do pós-guerra, detendo-se, em seguida, no exame das epígrafes bíblicas.

O uso sistemático dessas epígrafes, remetendo-nos constantemente ao seu contexto original, sem a devida correspondência no desenvolvimento da intriga, faz com que o mundo descrito por Murilo nos pareça, como também observou Nelly Novaes Coelho (1966): “excessivamente real e lógico”, pela postura fria e racional do narrador e das personagens; mas completamente “despido de sentido”, justamente pelo sentido religioso que se anuncia no início, mas nunca se faz presente.

Do mesmo modo, se observássemos os acontecimentos narrados pela Bíblia, poderíamos notar que eles seriam absurdos, caso não se justificassem pela vontade de Deus, muitas vezes inacessível à compreensão humana. É assim, por exemplo, que o livro de Jó – um dos mais citados pelo contista – narra uma porção de desgraças que ocorrem com um homem exemplar sobre a terra, pois, como sabemos, Satanás desafia o Todo-poderoso a provar o seu “servo Jó”, exatamente por ele ser “íntegro, reto, temente a Deus e afastado do mal” (Jó – I, 8).

Aos nossos olhos, quando o sofrimento aniquila a dignidade de um indivíduo, ainda mais, se ele for virtuoso, isso parece injusto e absurdo. E o mesmo poderia ser dito a respeito da história de Jó, se não houvesse uma explicação de fundo religioso. Sem a fé na existência de uma razão onisciente, que justifique todos os acontecimentos do universo, incluindo as causas do sofrimento humano, a Bíblia não representa muito, além de uma sucessão de episódios extraordinários e enigmáticos. Estaríamos, então, segundo as palavras de PAES (1990), diante do “divino degradado em fantástico”, ou seja, o mesmo princípio em que se baseia o conto canônico de Murilo.

Desse modo, a obra muriliana é a expressão do absurdo, porque o mundo retratado através dela impõe o sofrimento aos seus protagonistas, sem que se encontre uma saída ou qualquer explicação para isso. E esse sentido trágico da obra canônica seria, ainda segundo PAES (1990), uma expressão da “voga existencialista” do pós-guerra, cuja influência afetaria os rumos políticos e culturais do mundo inteiro, incluindo-se a literatura brasileira.

É claro que o existencialismo pressupõe o ateísmo, pois a “angústia de existir” decorreria da necessidade de decidir sobre o que somos a todo instante “sem poder excusar-

nos em nenhuma instância supra-individual – fosse partido, igreja ou ideologia” (PAES, 1990, p.118). Nesse sentido, não se concebe a existência de nada que esteja além da natureza: “O homem faz-se a si próprio, e não consegue fazer-se completamente senão na medida em que se dessacraliza e dessacraliza o mundo. O sagrado é o obstáculo por excelência diante de sua liberdade” (ELIADE apud PAES, 1990, p.121).

Retomando o postulado sartreano, “com sua ênfase na liberdade – e responsabilidade – de o homem fazer-se a si próprio”, o fantástico muriliano ficaria a meio caminho da dessacralização existencialista. Em outras palavras, na ficção do escritor mineiro, o fantástico seria resultado de uma “dessacralização incompleta do mundo e do homem”, gerando uma tensão entre natural e sobrenatural, tanto no enredo de cada conto, quanto na própria relação problemática entre epígrafe e narrativa (PAES, 1990).

E, quando o próprio Murilo declara ser um agnóstico, sem jamais ter conseguido se livrar do “problema da eternidade” (RUBIÃO, 1974), ele estaria nos revelando justamente a concepção de mundo em que se baseia seu trabalho:

Tudo isso lhe transparece nos contos, onde a irrupção do fantástico, do absurdo, do inexplicável – do sobrenatural, numa palavra – pode ser vista como um resíduo de religiosidade, assim como não será descabido atribuir ao agnosticismo tal sobrenaturalidade não apontar para a presença do divino. Trata-se, se assim se pode dizer, de um divino degradado em fantástico (PAES, 1990, p.122).

Desse modo, comparando os textos esparsos de Murilo com seus contos canônicos, percebemos o quanto o escritor avançou no desenvolvimento temático de sua obra, ao conseguir expressar um conflito ligado ao homem de seu tempo, de acordo com o raciocínio de PAES (1990).

E podemos acrescentar que o sentimento de absurdo, expresso através da obra muriliana canônica, ainda nos parece extremamente atual, passadas algumas décadas de seu surgimento, pois umas das principais características destes tempos pós-modernos, conforme Terry Eagleton (2005), é justamente a ausência de um sistema explicativo – seja ele político, filosófico, religioso ou científico – que dê conta de interpretar a realidade:

“Pós-moderno” quer dizer, aproximadamente, o movimento de pensamento contemporâneo que rejeita totalidades, valores universais, grandes narrativas históricas, sólidos fundamentos para a existência humana e a possibilidade de conhecimento objetivo. O pós-modernismo é cético a respeito de verdade, unidade e progresso, opõe-se ao que vê como elitismo na cultura, tende ao relativismo cultural e celebra o pluralismo, a descontinuidade e a heterogeneidade (EAGLETON, 2005, p.27).

É claro que EAGLETON (2005), como crítico marxista, busca encontrar uma resposta politicamente conseqüente para esse ceticismo generalizado, mas a obra literária muriliana não parece caminhar na mesma direção, pois, sem dúvida, os contos canônicos são críticos, na medida em que apontam para a falta de sentido da realidade moderna ou pós-moderna, mas isso não significa uma confiança na função política do trabalho artístico ou intelectual.

As epígrafes bíblicas e demais referências ao texto religioso, que surgem sempre como resíduos, funcionariam apenas como uma espécie de “nostalgia” desses “valores universais”, rejeitados pela pós-modernidade.

Assim, o agnosticismo do autor, mesmo que não encontre uma identificação direta em grande parte dos leitores, produz uma espécie de identificação mais abrangente, uma vez que essa “nostalgia” dos “valores universais” – sejam eles políticos, filosóficos, religiosos, científicos – corresponde a um sentimento mais representativo dos conflitos vividos pelo homem atual.

Ora, mas a discussão sobre a pós-modernidade nos levaria longe do foco desta pesquisa, pois a questão ainda se encontra em pleno desenvolvimento e, mesmo dentre os seus maiores teóricos, como Terry Eagleton (2005) e Frederic Jameson (2007), há controvérsias básicas, como, por exemplo, sobre a periodicização do pós-modernismo¹³³.

Como dissemos na introdução deste trabalho, nosso objetivo não era o de apresentar nenhuma interpretação absolutamente original para a obra muriliana canônica, mas apenas

¹³³ Para JAMESON (2007), o pós-modernismo tem início na década de 60, compreendendo, por exemplo, a Pop Arte, de Andy Warhol. Em alguns trechos de seu estudo, ele chega a mencionar Samuel Beckett como pós-moderno. Já EAGLETON (2005) considera pós-moderno o período que se inicia nos anos 80. E o mesmo Beckett, para EAGLETON (2005), é moderno. É interessante observar também que EAGLETON (2005) valoriza mais os movimentos sociais da década de 60 e a “teoria cultural” das décadas de 60 e 70, considerando o pós-moderno como aquilo que veio posteriormente.

o de argumentar a favor de um sentido já apontado pela crítica, mas não aceito de forma unânime, nem com o devido destaque.

E, se esta pesquisa tiver contribuído para tornar essa interpretação mais convincente, isso ocorre porque os contos esparsos de Murilo permitem perceber, de modo mais claro, o agnosticismo do autor como concepção de mundo por trás de sua obra. Isso porque, sendo mais ingênuas, as *Histórias do Grão Mogol* expressam essa concepção de mundo através de conceitos, como ocorre, por exemplo, em “Os dois mundos de João Quatorze”: “Deus existia, não podia deixar de existir. Não eram rudes os sentimentos dos homens. Muito menos corruptos e insinceros. A vida não era miserável, tudo era bom”.

Desse modo, assim como Manuel Bandeira, em seu *Itinerário de Pasárgada*, declara ter aprendido muito com os maus poetas – mais do que com os bons –, os textos esparsos de Murilo nos permitiriam compreender melhor a obra do escritor mineiro, iluminando o sentido dos seus contos canônicos.

Seja a nossa interpretação satisfatória ou não, acreditamos ter contribuído para o estudo da obra muriliana, pelo fato de tornar os textos esparsos de nosso autor mais acessíveis a todos os futuros pesquisadores que desejem estudá-los com mais competência do que a nossa.

Quanto ao nosso posicionamento, diante do ceticismo pós-moderno, embora seja difícil acreditar numa alternativa contrária à tendência dominante, que – em nome do neoliberalismo e da globalização, reduz tudo à qualidade de mercadoria, incluindo-se a educação e a cultura –, acreditamos na possibilidade de melhoria do ensino, como resultado da somatória de esforços individuais e, com o perdão do lugar-comum, tentamos contribuir com a nossa parte:

“A própria luta para atingir os píncaros basta para encher o coração de um homem. É preciso imaginar Sísifo feliz”. (Albert Camus)

BIBLIOGRAFIA

A) OBRAS DO AUTOR

RUBIÃO, Murilo. *O ex-mágico*. Rio de Janeiro. Universal. 1947.

— *A estrela vermelha*. Rio de Janeiro. Hipocampo. 1953.

— *Os dragões e outros contos*. Belo Horizonte. Editora Movimento-Perspectiva. 1965.

— *O pirotécnico Zacarias*. São Paulo. Editora Ática. 1974.

— *O convidado*. São Paulo. Editora Quíron. 1974.

— *A casa do girassol vermelho*. São Paulo. Editora Ática. 1978.

— *O homem do boné cinzento e outras histórias*. São Paulo. Editora Ática. 1990.

— *Contos reunidos*. São Paulo. Editora Ática. 1998.

— *O pirotécnico Zacarias e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

— *A casa do girassol vermelho e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

— *O convidado e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

B) SOBRE O AUTOR

AGUIAR, Joaquim Alves de. e SCHWARTZ, Jorge. *Murilo Rubião: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios; Panorama da Época (Literatura Comentada)*. São Paulo. Abril Educação. 1982.

ALMEIDA, Ana Maria de. “O prisioneiro da construção e o prisioneiro do livro”. Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 14 de fev. de 1987.

ALVES, Luciene. “Quase ninguém acreditava num suplemento literário em jornal oficial (última entrevista de Murilo Rubião)”. Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 26 de out. de 1991.

AMARAL, Léa Selma. “Duas poéticas: resistência ou ruptura”. *Anais dos 1º e 2º Simpósios em Literatura Comparada da Faculdade de Letras da UFMG*. Belo Horizonte. 1986.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Estética do Absurdo”. *Estado de Minas*. Belo Horizonte. julho de 1951.

ANDRADE, Vera Lúcia. “As metamorfoses de Rubião (posfácio)”. In: RUBIÃO, Murilo. *Contos reunidos*. São Paulo. Editora Ática. 1998.

—, e MIRANDA, Wander Melo. “As visões do invisível”. Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 14 de fev. de 1987.

ARAGÃO, Maria Lúcia. “O fantástico em Murilo Rubião: crítica social e existencial”. *Anais dos 1º e 2º Simpósios em Literatura Comparada da Faculdade de Letras da UFMG*. Belo Horizonte. 1986.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. “Murilo Rubião, o realismo fantástico e as epígrafes bíblicas”. Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 30 de jun. de 1984.

ARÊAS, Vilma e FURUZATO, Fábio Dobashi. “Uma poética da morbidez (posfácio)”. In.: RUBIÃO, Murilo. *O homem do boné cinzento e outros contos*. São Paulo. Companhia das Letras. 2007.

ARRIGUCCI JR., Davi. “O mágico desencantado ou As metamorfoses de Murilo (prefácio)”. In: RUBIÃO, Murilo. Rio de Janeiro. *O pirotécnico Zacarias*. São Paulo. Ática. 1974.

—. “Minas, assombros e anedotas (Os contos fantásticos de Murilo Rubião)”. In: —. *Enigma e comentário*. São Paulo. Companhia das Letras. 1987.

BASSÉRES, Leonor. “Por que não fomos convidados?”. Suplemento Literário do *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 11 de outubro de 1975.

BASTOS, Hermenegildo José. *Literatura e colonialismo: rotas de navegação no fantástico de Murilo Rubião*. Brasília. Edunb: Plano Editora: Oficina editorial do Instituto de Letras – UnB. 2001.

BRUNN-HAJDU, Albert Von. “Murilo Rubião e Franz Kafka: a fenomenologia do poder”. *Revista de estudos universitários*, v. 26 nº 1 – Universidade de Sorocaba (UNISO). Sorocaba. Jun. de 2000.

CAMPOS, Paulo Mendes. “Um conto em 26 anos”. Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 14 de fev. de 1987.

CANÇADO, José Maria. “A luz furtiva de Murilo Rubião”. Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 14 de fev. de 1987.

CARNEIRO, Flávio Martins. *Fogos de artifício*. Tese apresentada ao Departamento de Letras da PUC/RJ para obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira. Rio de Janeiro. 1991. [tese inédita].

CARPEAUX, Otto Maria. “A civilização mineira é um fenômeno vivo”. *Folha de Minas*. Belo Horizonte. 08 de fev. de 1948.

CARVALHO, José Augusto. “Um depoimento pessoal”. Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 14 de fev. de 1987.

CHRYSTUS, Mirian. Murilo Rubião: “O importante é viver” (entrevista). Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 21 de fev. de 1987.

COELHO, Nelly Novaes. “Os dragões e outros contos”. In: —. *O ensino da literatura* (sugestões metodológicas para o curso secundário e normal). São Paulo. F.T.D. 1966.

—. “Murilo Rubião do mágico ao fantástico”. Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 03 de jan. de 1976.

—. “A civilização-da-culpa e o fantástico-absurdo muriliano”. Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 14 de fev. de 1987.

EULÁLIO, Alexandre. “Animais de estimação”. *O Globo*. Rio de Janeiro. 23 de ago. de 1965.

—. “Animais de estimação”. In: —. *Livro involuntário: literatura, história, matéria e modernidade*. Rio de Janeiro. Editora da UFRJ. 1993. pp. 99-101.

FERNANDES, José. “As (en)fiaduras do absurdo”. *Letras em revista* (Instituto de Ciências Humanas e Letras – Universidade Federal de Goiás). Goiânia. jan./jun. de 1990.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. “O absurdo como expressão do fantástico em Murilo Rubião”. *Anais dos 1º e 2º Simpósios em Literatura Comparada da Faculdade de Letras da UFMG*. Belo Horizonte. 1986.

FONSECA, Pedro Carlos L. “O fantástico no conto brasileiro contemporâneo (I e II)” – “Murilo Rubião e a equação fantástica do relacionamento humano (I e II)”. Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 16 de maio de 1981 e 23 de maio de 1981.

FURUZATO, Fábio. *A transgressão do fantástico em Murilo Rubião*. Dissertação (Mestrado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

GOLGHER, Isaías. “O fantástico muriliano: salvar o homem na sua essência”. Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 21 de fev. de 1987.

GOULART, Audemaro Taranto. *O conto fantástico de Murilo Rubião*. Belo Horizonte. Editora Lê. 1995.

—. “A tragicidade nos contos de Murilo Rubião”. Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 07 de fev. de 1987.

GREGOLIN, Maria do Rosário de Fátima V. *Mistério e Esterilidade*. Dissertação apresentada ao curso de pós-graduação em Teoria Literária da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do grau de Mestre em Teoria Literária. Campinas. 1983. [tese inédita].

JOZEF, Bella. Os 70 anos de Murilo Rubião. *Colóquio / Letras* nº 94. Lisboa. Nov. de 1986.

LEÃO, Ângela Vaz. “A recriação textual em Murilo Rubião”. *Anais dos 1º e 2º Simpósios em Literatura Comparada da Faculdade de Letras da UFMG*. Belo Horizonte. 1986.

LIDMILOVÁ, Pavla. “O fantástico e os contos de Murilo Rubião”. Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 07 de set. de 1991.

LINS, Álvaro. “Os contos de Murilo Rubião”. In: —. *Os mortos de sobrecasaca: ensaios e estudos (1940-1960)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

—. “Os novos”. *Jornal da Crítica*. Belo Horizonte, 1948.

LOWE, Elizabeth. “A opção pelo fantástico”. *Revista de Literatura Escrita*. São Paulo: 1979. Ano IV, número 29.

LUCAS, Fábio. “Realidade e Símbolo”. Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 07 de fev. de 1987.

MILLIET, Sérgio. “O ex-mágico”. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 03 de dez. de 1947.

MOURÃO, Rui. “O pirotécnico Zacarias”. *Colóquio / Letras* n° 25. Lisboa. Maio de 1975.

—. “Murilo Rubião: 40 anos de Ex-mágico”. Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 07 de fev. de 1987.

—. “Um discípulo de Machado”. Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 21 de fev. de 1987.

NUNES, Benedito. “O convidado”. *Colóquio / Letras* n° 28. Lisboa. Nov. de 1975.

OLIVEIRA, Ângela Maria Martins Vaz de. *Bibliografia: Murilo Rubião*. Belo Horizonte. Escola de Biblioteconomia da UFMG. 1968.

“Os novos: Murilo Rubião”. *Panorama*. Belo Horizonte, nov. 1947.

PAES, José Paulo. “Um seqüestro do divino”. In.: —. *A aventura literária*. São Paulo. Companhia das Letras. 1990.

PELLEGRINO, Hélio. “Espelho dos escritores”. Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 14 de fev. de 1987.

PEREZ, Renard. “A trajetória de um escritor”. Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 07 de fev. de 1987.

—. “O conto brasileiro contemporâneo I”. Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 06 de jun. de 1987.

PY, Fernando. “Encontros e desencontros com Murilo”. Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 07 de fev. de 1987.

RAMOS, Maria Luiza. “O ex-mágico ou a proposição necessária”. Comunicação apresentada ao XVII Congresso Internacional de Literatura Iberoamericana. 25 a 29 de agosto de 1975. Philadelphia. University of Pennsylvania – U.S.A.

—. “O texto ficcional e a metalinguagem como práticas significantes”. [documento encontrado no Acervo dos Escritores Mineiros – UFMG, como parte da crítica ao livro “O ex-mágico”].

—. “Do fantasma ao fantástico”. Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 30 de jun. de 1984.

—. “Murilo Rubião: texto e metalinguagem”. *Anais dos 1º e 2º Simpósios em Literatura Comparada da Faculdade de Letras da UFMG*. Belo Horizonte. 1986.

RUBIÃO, Murilo. “Auto-retrato”. *Leitura*. Rio de Janeiro. set. de 1949.

—. “Os arquivo implacáveis”. *Suplemento Literário de A Manhã*. Rio de Janeiro. 11 de dez. de 1949.

SANT'ANNA, Sérgio. "Fogos do além". Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. Maio de 2001.

SCHWARTZ, Jorge. *Murilo Rubião: a poética do uroboro*. São Paulo. Editora Ática. 1981.

—. "Obra muriliana - Do fantástico como máscara (prefácio)". In: RUBIÃO, Murilo. *O convidado*. São Paulo. Quíron. 1974.

—. "A ferida exposta de Murilo Rubião". Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 07 de fev. de 1987.

SILVA, Antônio Manoel dos Santos. "Os espaços da solidão". *Anais dos 1º e 2º Simpósios em Literatura Comparada da Faculdade de Letras da UFMG*. Belo Horizonte. 1986.

TEIXEIRA, Maria José. "Quem veio de Carmo de Minas". Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 26 de out. de 1991.

UTEZA, Francis. "Do sofrimento dos dragões ou do fantástico da metafísica". Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 19 de mar. de 1988.

VAL, Ana Cristina Pimenta da Costa. *Recepção crítica da obra de Murilo Rubião*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Minas Gerais para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários – Teoria da Literatura. Belo Horizonte. 2001. [tese inédita].

VERDÃO, Paulo Onofre Freitas. "O edifício": implosão ou construção? (perspectiva da análise do conto "O edifício" de Murilo Rubião). *Anais dos 1º e 2º Simpósios em Literatura Comparada da Faculdade de Letras da UFMG*. Belo Horizonte. 1986.

VOGT, Carlos. "A construção lógica do absurdo". Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 14 de fev. de 1987.

WERNECK, Humberto. “O mágico da palavra”. Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 07 de fev. de 1987.

ZAGURY, Eliane. “Murilo Rubião, o contista do absurdo”. In: —. *As palavras e os ecos*. Rio de Janeiro. Vozes. 1971.

—. “As marcas de um foragido (prefácio)”. In: RUBIÃO, Murilo. *A casa do girassol vermelho*. São Paulo. Ática. 1978.

C) OUTRAS OBRAS DE FICÇÃO

APULEIO, Lúcio. *O asno de ouro*. Rio de Janeiro. Ediouro. 1995.

ASSIS, Machado de. *Obras completas. Vol. I (romance) e Vol. II (conto)*. 8ª impressão. Rio de Janeiro. Nova Aguilar. 1992.

AZEVEDO, Álvares de. *Noite na Taverna*. São Paulo. Ática. 1980.

BALZAC, Honoré de. *A pele de onagro*. trad. Fernando Py. Rio de Janeiro. Ediouro. 1996.

—. *Luiz Lambert*. trad. de Judite Ribeiro. São Paulo. Livraria Martins. 19--.

BECKFORD, William. *Vathek*. trad. Henrique Araújo Mesquita. Porto Alegre. L&PM. 1997.

BORGES, Jorge Luis. *O Aleph*. trad. Flávio José Cardoso. 7ª ed. São Paulo. Globo. 1989.

—. *Ficções*. trad. Carlos Nejar. 6ª ed. São Paulo. Globo. 1995.

—. *Elogio da sombra*. trad. Carlos Nejar e Alfredo Jacques. *Um ensaio autobiográfico*. trad. Maria da Glória Bordini. 5ª ed. São Paulo. Globo. 1993.

—, e GUERRERO, Margarita. *O livro dos seres imaginários*. trad. Carmen Vera Cirne Lima. 7a ed. São Paulo. Globo. 1996.

—, e JURADO, Alicia. *Buda*. trad. Claudio Fornari. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1987.

CAMUS, Albert. *O estrangeiro*. trad. Antonio Quadros. Lisboa. Livros do Brasil. 1980.

CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. trad. de Rosaura Eichemberg. Porto Alegre. L&PM. 1998.

CAZOTTE, Jacques. *O diabo enamorado*. Rio de Janeiro. Imago. 1992.

CHRISTIE. *O caso dos dez negrinhos*. São Paulo. Círculo do Livro. 19--.

CORTÁZAR, Julio. *Bestiário*. trad. Remy Corga Filho. São Paulo. Edibolso. 1977.

—, e DUNLOP, Carol. *Os aeronautas da cosmopista ou uma viagem atemporal Paris-Marselha*. trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo. Brasiliense. 1991.

GARCÍA MARQUEZ, Gabriel. *Cien años de soledad*. Buenos Aires. Sudamericana. 1970.

GOGÓL, Nikolai Vassílievitch. *O capote e outras novelas*. trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1990.

HOFFMANN, Ernst Theodor Amadeus. *Contos Fantásticos*. Rio de Janeiro. Imago. 1993.

JAMES, Henry. *The turn of the screw and the aspern papers*. Hertford. Wordsworth Editions. 1993.

- . *A volta do parafuso*. trad. de Olívia Krähenbühl. Rio de Janeiro. Tecnoprint. 19--.
- KAFKA, Franz. *A metamorfose*. trad. Modesto Carone. São Paulo. Brasiliense. 1985.
- . *Na colônia penal*. trad. Modesto Carone. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1996.
- . *O processo*. trad. Modesto Carone. São Paulo. Companhia das Letras. 1997.
- . *Um artista da fome e A construção*. trad. Modesto Carone. 2a ed. São Paulo. Brasiliense. 1985.
- L'ISLE-ADAM, Villiers de. "Véra". In: *Contes cruel*. Paris. Garnier-Flammarion. 1980.
- MAUPASSANT, Guy de. *O horla e outras histórias*. trad. José Thomaz Brum. Porto Alegre. 1986.
- . *Os melhores contos de Guy de Maupassant*. sel. trad. e intr. de Ondina Ferreira. São Paulo. Círculo do Livro. 19--.
- MÉRIMÉE, Prosper. "A Vénus de Ille" In: *Visão de Carlos XI e outros contos*. Lisboa. Editorial Estampa. 1982.
- NERVAL, Gérard de. *Aurélia*. trad. Élide Valarini. São Paulo. Ícone. 1986.
- . *Aurélia e Pandora*. trad. de Paulo Hecker Filho. Porto Alegre. L&PM. 1997.
- PENTEADO, Jacob (org.). *Obras-primas do conto fantástico*. São Paulo. Martins. 1961.
- POE, Edgar Allan. *Histórias extraordinárias*. São Paulo. Abril Cultural. 1978.
- . *Os assassinatos na rua Morgue; A carta roubada*. trad. Erlene T.V. dos Santos, Ana Maria M. Tatsumi, Samantha Batista. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1996.

—. *The complete tales and poems of Edgar Allan Poe*. Introduction by Hervey Allen. New York. Random House. 1943.

POTOCKI, Jan. *O manuscrito de Saragoça*. trad. de José Sanz. Rio de Janeiro. GRD. 1965.

SCLIAR, Moacyr. *O ciclo das águas*. São Paulo. Círculo do Livro. 1980.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. trad. de Miécio Araujo Jorge Honkis. posfácio de Harold Bloom. Porto Alegre. L&PM. 1996

STEVENSON, Robert Louis. *O médico e o monstro*. trad. de Heloisa Jahn. São Paulo. Editora Ática. 1996.

VEIGA, José J. *Os cavalinhos de Platiplanto*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1975.

—. *A hora dos ruminantes*. Rio de Janeiro. Civilização brasileira. 1976.

WALPOLE, Horace. *O castelo de Otranto*. trad. de Alberto Alexandre Martins. São Paulo. Nova Alexandria. 1996.

D) SOBRE O FANTÁSTICO E O REALISMO MÁGICO

ALAZRAKI, Jaime. *En busca del Unicornio: los cuentos de Julio Cortázar (elementos para una poética de lo neofantástico)*. Madrid. Editorial Gredos. 1983.

ARÁN, Pampa O. *El fantástico literario: aportes teóricos*. S.L. Tauro Producciones. 1999.

BENANDINELLI, Cleonice. “Um conto fantástico”. In: *Estudos de literatura portuguesa*. Lisboa. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1985.

- CASTEX, Pierre. *Anthologie du conte fantastique français*. Paris. José Corti. 1947.
- CESARANI, Remo. *Lo fantástico*. Madrid. Visor. 1999.
- CHIAMPI, Irleamar. *O realismo maravilhoso*. São Paulo. Perspectiva. 1980.
- DORFMAN, Ariel. *Imaginacion y violencia en America (ensayos sobre Borges, Asturias, Carpentier, Garcia Marquez, Rulfo, Arguedas, Vargas Llosa)*. Barcelona. Editorial Anagrama. 1972.
- FARIA, Duarte. *Metamorfoses do fantástico na obra de José Régio*. Prefácio de Eduardo Lourenço. Paris. Fundação Calouste Gulbenkian - Centro Cultural Português. 1977.
- FONSÊCA, Pedro Carlos L. “O conteúdo fantástico d’*A relíquia* e d’*O mandarim*”. In: Centro de Estudos Portugueses. USP – FFLCH. Boletim informativo. 2ª série. Ano 06. nº 08. jan/dez 1980.
- GOMES, Simone Caputo. “Algumas considerações sobre o fantástico num conto português”. In: SUAM (Sociedade Unificada de Ensino Superior Augusto Motta - RJ) – *Revista Letras T.A.* ano 04. nº 04. 1978.
- GOMEZ, Maria Teresa Ramos. *Ficción y Fascinación: literatura fantástica prerromántica francesa*. Valladolid. Secretariado de publicaciones. Universidad, D.L. 1998.
- JORDAN, Mery Erdal. *La narrativa fantástica: evolución del género y su relación con las concepciones del lenguaje*. Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Iberoamericana. 1998.
- LOVECRAFT, H.P. *El horror en la literatura*. Madrid. Alianza Editorial. 1998.
- MENTON, Seymour. *Historia verdadera del realismo mágico*. México. Fondo de Cultura Económica. 1998.

MARLIEU, Joël. *Le fantastique*. Paris. Hachette. 1992.

PAUWELS, Louis e BERGIER, Jacques. *O despertar dos mágicos: introdução ao realismo fantástico*. Tradução de Gina de Freitas. Rio de Janeiro/ São Paulo. Difel. 1977.

PROPP, Vladimir Iakovlevich. *As raízes históricas do conto maravilhoso*. São Paulo. Martins Fontes. 1997.

—. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro. Forense – Universitária. 1984.

RISCO, Antón & otros. “Formas da fantasia”. In: *GRIAL 135*. Santiago de Compostela. Editorial Galaxia. xullo/agosto/setembro – tomo XXXV. 1997.

RODRIGUES-LUIZ, Julio. *The contemporary praxis of the fantastic: Borges and Cortázar*. New York/London: Garland. 1991.

SARTRE, Jean-Paul. “Aminadab o do lo fantastico considerado como un lenguaje”. In: *Escritos sobre literatura, 1*. traducción de Luis Echávarri. Madrid: Alianza; Buenos Aires: Losada. 1985.

STEINMETZ, Jean-Luc. *La littérature fantastique*. Paris. Puf. 1993.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo. Perspectiva. 1975.

VAX, Louis. *A arte e a literatura fantásticas*. Lisboa. Arcádia. 1972.

—. *La séduction de l'étrange*. Paris. Quadrige / PUF. 1965.

ZAGURY, Eliane. *Pequena arqueologia do fantástico no Brasil*. Suplemento Literário de Minas Gerais. Belo Horizonte. 07 de jul. de 1984.

E) BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

ADORNO, T.W. e HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1985.

ALMEIDA, Jorge. “Hermetismo e alienação: considerações sobre Ein Besuch im Bergwerk (Uma visita à mina) de Franz Kafka”. In: DTLLC/FFLCH/USP Revista Magma. out. 1994.

ANDERS, Günther. *Kafka: pró e contra*. São Paulo. Perspectiva. 1969.

ANDRADE, Mário de. “Amor e medo”. In: -. Aspectos da literatura brasileira. São Paulo: Martins, 1974.

—. “Contos e contistas”. In: -. *O empalhador de passarinho*. Belo Horizonte. Itatiaia. 2002.

BADER, Wolfgang. “Exposição de livros alemães no Brasil (cinquenta propostas para tradução)”. Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 30 de maio de 1987.

BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Brasília: INL. 1984.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Rio de Janeiro: Itatiaia Limitada, 1995.

BENJAMIN, Walter. HORKHEIMER, Max. ADORNO, Theodor W. e HABERMAS, Jürgen. *Textos Escolhidos*. São Paulo. Abril Cultural. 1983.

- BÍBLIA sagrada. 5a ed. Editora Ave Maria. São Paulo. 1978.
- BLANCHOT, Maurice. *De Kafka a Kafka*. México. Fondo de Cultura Económica. 1991.
- BORGES, Jorge Luis. *Discussão*. São Paulo. DIFEL. 1985.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo. Cultrix. 1975.
- . “Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo”. In.: -. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo. Cultrix. 1997.
- CALDERÓN, Demetrio Estébanez. *Diccionario de términos literarios*. Madrid. Alianza Editorial. 1996.
- CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes. 2005.
- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. trad. Mauro Gama. Rio de Janeiro. Guanabara. 1989.
- CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. In.: ANDRADE, Carlos Drummond de. [et alii]. *Para gostar de ler: crônicas*. Vol. 5. São Paulo. Ática. 1978.
- . *Formação da Literatura Brasileira*. 2a ed. São Paulo. Livraria Martins Editora. 1962.
- . “Literatura e consciência nacional”. Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 06 de set. de 1969.
- . “Literatura e subdesenvolvimento” e “A nova narrativa”. In: —. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo. Ática. 1989.
- . *Noções de análise histórico-literária*. São Paulo: Humanitas, 2005.

—. “Surrealismo no Brasil”. In: —. *Brigada ligeira e outros escritos*. Rio de Janeiro. Martins. 19 –.

CARONE, Modesto. “Kafka é o Flaubert do século XX”. supl. *Letras Folha de São Paulo*. São Paulo. 01 de fevereiro de 1992.

CARVALHO, André & BARBOSA, Waldemar. *Dicionário biográfico: imprensa mineira*. Belo Horizonte. Armazém de Idéias. 1994

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura e linguagem* (a obra literária e a expressão lingüística). Petrópolis. Vozes. 1994.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

EAGLETON, Terry. . *Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2005.

—. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo. Martins Fontes. 2006.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo. Ática. 2002.

FREUD, Sigmund. “Os chistes e sua relação com o inconsciente”. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro. Imago. 1977.

—. “O estranho”. In: *História de uma neurose infantil e outros trabalhos – edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud vol. XVII (1917-1919)*. trad. Eudoro Augusto Macieira de Souza. Rio de Janeiro. Imago. 1976.

GOTLIB, Natália Battella. *Teoria do conto*. São Paulo. Ática. 1988

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. DP&A. 2006.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo. Ática. 2007

LIMA, Luiz Costa. O paradoxo em Kafka. In: —. *Mímesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2000.

LINHARES, Joaquim Nabuco. *Itinerário da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954*. Belo Horizonte. Fundação João Pinheiro. Centro de Estudos Históricos e Culturais. 1995.

LUCAS, Fábio. *O caráter social da literatura brasileira*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1970.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *A arte do conto*. Rio de Janeiro. Bloch. 1972.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2001.

MORAES, Marco Antonio de (org.). *Mário e o pirotécnico aprendiz* (cartas de Mário de Andrade e Murilo Rubião). Belo Horizonte: Editora UFMG. São Paulo: IEB/USP. São Paulo: Editora Giordano. 1985.

PAES, José Paulo. “O surrealismo na literatura brasileira”. In: —. *Gregos e baianos*. São Paulo. Brasiliense. 1985.

PAULA, João Antônio de. *Livraria Amadeu: os livros e a cidade*. Belo Horizonte. Conceito. 2006.

PEREZ, Renard. O conto brasileiro contemporâneo (I). Suplemento Literário de *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 06 de jun. de 1987.

PRAZ, Mario. *A carne, a morte e o diabo, na literatura romântica*. Campinas. Edunicamp. 1996.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo. Ática. 2005.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. 4ª ed. São Paulo. Duas Cidades. Ed. 34. 2000.

SPAGGIARI, Barbara e PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. trad. e apres.: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo. Perspectiva. 1970.

—. *Estruturalismo e poética*. trad. de José Paulo Paes. São Paulo. Cultrix. 1971.

VEGA, C. F. de la. *El secreto del humor*. Buenos Aires. Editorial Nova. 1967.

WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais*. São Paulo. Companhia das Letras. 1992.

ANEXOS

SUMÁRIO



Murilo Rubião, em imagem do
Acervo dos Escritores Mineiros (UFMG)¹³⁴

A) CRÔNICAS E ARTIGOS

1 – Mário de Andrade, Minas e os mineiros.....	229
2 – Belo Horizonte – trailer.....	232
3 – Cordisburgo – trailer.....	237
4 – Roteiro lírico de Belo Horizonte.....	242
5 – Olhos D’água.....	248
6 – A minha Praça da Liberdade.....	253
7 – Ladrões mineiros.....	259
8 – Fernando Tavares Sabino.....	263
9 – Lirismo de fim de semana.....	268

B) POEMAS

1 – Ausência (poema).....	272
2 – Poema.....	273

C) TEXTOS AUTO-REFERENCIAIS

1 – Uma enquete entre os escritores.....	274
2 – Os arquivos implacáveis.....	276
3 – Auto-retrato.....	278

D) PRIMEIRAS VERSÕES

1 – Mariazinha não voltou.....	279
2 – O pirotécnico Zacarias.....	282

¹³⁴ *O Estado de Minas*. 25 out. 1953. (autor não identificado).

MÁRIO DE ANDRADE, MINAS E OS MINEIROS¹³⁵

Toda época tem os seus revolucionários. Os que não se conformam com os erros do seu tempo, com a mediocridade dos que não conseguem desprender-se dos modelos velhos, sentindo a incapacidade para criar novos.

Assim aconteceu com Mário de Andrade. Surgiu num período em que a nossa literatura estava estagnada, amordaçada pelas caturrices dos gramáticos, pelo formalismo de poetas que da poesia conheciam apenas o metro e a rima (quando conheciam!). Numa época de incultura geral.

Enfiou-se logo na falange dos modernistas. Foi atacado e injuriado por todo o mundo. Coisa, aliás, que sempre acontece com aqueles que têm o desassombro de defender uma idéia nova. A propósito desses ataques por ele sofridos, nos conta, que ao ver a primeira crítica elogiosa do seu livro *Há uma gota de sangue em cada poema*, foi tanta a sua alegria, que saiu para a rua sem saber o que fazer, sem saber aonde ir... Depois o atacaram tanto, que ele não mais se importou com os críticos literários...

Infelizmente, como já dissemos, o modernismo, no Brasil, coincidiu com uma época de incultura geral. E desse movimento que tanto bem fez à nossa literatura, poucos nomes ficaram ao lado desses grandes espíritos que são Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.

Aproveitando a estada em Belo Horizonte, do primeiro desses escritores citados, onde fez duas notáveis conferências, solicitamos dele uma entrevista.

Foi uma conversa longa, onde pudemos admirar no escritor que já era grande demais para nós, as qualidades de homem que ainda não conhecíamos. Ao par da sua prosa brilhante e da sua cultura, geral e imensa, a sua grande bondade no falar dos homens e a sua compreensão desmedida, em falando das coisas da vida.

Encantados com a sua prosa simples e deslumbrante ao mesmo tempo, e a sua acolhedora bondade, principalmente no tratar com os moços, enfileiramo-nos no grupo de rapazes que diariamente conversavam com Mário de Andrade.

E tanta coisa de interessante dele ouvimos, que desistimos da primitiva entrevista, para fixar aqui apenas um apanhado das opiniões e impressões, que nos foi dado ouvir

¹³⁵ *Tentativa*, nº 08. Belo Horizonte. nov. 1939.

desse magnífico autor que já escreveu sobre tudo e em tudo que escreveu, foi mestre. Crítico literário, musical, romancista, poeta, etc. Sempre original, sempre profundo. E nele há tanta honestidade e consciência da arte, que sendo um dos maiores conhecedores da música na América do Sul, nunca deu aula a alunos medíocres, embora altamente remunerado. E mesmo os alunos que se revelavam virtuosos em formação, eram desprezados, para dar lugar aos que podiam criar alguma coisa.

Mário de Andrade tem carinho especial e antigo por Minas e pelos seus intelectuais. É a terceira vez que vem aqui. Na primeira, em 1917¹³⁶, visitou vários lugares, entre os quais Belo Horizonte, Diamantina¹³⁷ e Ouro Preto. Sendo que esta última, ele conhecia de cor, pelas leituras constantes que fizera antes de visitá-la.

Ele nos contou muita coisa dessa viagem. Antes de iniciá-la, fez um estudo completo sobre o nosso Estado. Conhecia toda a sua história, tudo que lhe pudesse interessar na excursão que empreendia com o coração e com o espírito. E também porque, diz ele, “sempre me impressionou a história de Minas, porque nela encontramos as diretivas mestras da nossa formação moral e política”.

Nessa viagem, indo a Diamantina, ficou conhecendo Alphonsus de Guimaraens, que ele considera um dos maiores sonetistas do Brasil. “O qual – diz ele desoladamente – não recebeu de sua época a consagração que merecia. Os críticos receberam os seus versos como os de um poeta qualquer”.

Falando sobre os autores mineiros, o poeta do “Noturno de Belo Horizonte”, que os considera muito individualistas, disse: “Exemplificando o que foi dito por mim, vemos em Carlos Drummond, Emílio Moura e Murilo Mendes (que Mário situa entre os maiores poetas modernos no Brasil) três mundos inteiramente diferentes”. E continuou: “Não há unidade na literatura mineira. E nem sei se haveria necessidade dela. Mas existe aqui uma grande tradição de cultura, a que têm obedecido os literatos de Minas, que, além de serem demasiado sérios e honestos, nunca cultivaram o cabotinismo de certos literatos nossos”.

Mário de Andrade gosta mais da poesia do que do romance mineiro. No entanto, acha que este último é bom. E considera, entre os modernos, Cyro dos Anjos (“menos

¹³⁶ MORAES (1985) assinala “[sic]”, neste trecho, sinalizando que a data da primeira visita do escritor paulista a Minas não foi 1917 e sim em 1919.

¹³⁷ Em MORAES (1985), ao invés de “Diamantina”, aparece “Mariana” (tanto aqui, quanto no trecho seguinte). É provável tenha incorporado correções feitas por Murilo, sobre o documento enviado a Mário de Andrade.

machadiano do que se diz”) autor de um romance definitivo e quase perfeito. Guilhermino é, na opinião dele, outro nome que se está avultando no nosso romance. “Por João Alphonsus, o admirável autor de ‘Galinha Cega’, tenho uma admiração enorme, vinda de muito longe”.

Muita coisa ainda ouvimos de Mário de Andrade. Mas seria impossível, no limitado espaço deste grifo, contar tudo que dele nos foi dado ouvir. Assim, deixamos aqui apenas algumas impressões sobre Minas e seus literatos desse grande escritor que, com a sua grande cultura e não menor bondade, conquistou inteiramente a mocidade mineira, há muito conquistada pelo brilho e pelo valor da sua fulgurante obra literária.

BELO HORIZONTE – TRAILER¹³⁸

1¹³⁹

Belo Horizonte cresceu...

Cresceu tanto que a vista cansada de belo-horizontino de dez anos atrás não se acostuma ao progresso de sua cidade e teima em vê-la com um pessimismo de fazer inveja ao prof. Aníbal Mattos...

- “Belo Horizonte não tem dinheiro, não conhece diversões, seu povo é esquisito e vive se incomodando com a vida alheia... Não tem nada... Nem verduras... O Mercado é uma decoração infeliz...”

Mas apesar de tudo Belo Horizonte continua a crescer... Nos bairros novos, onde os estilos se misturam endiabradamente... Estilo “mourisco”, “colonial”, “missões”, colonial “americano”, “mexicano”, “itabirense” e até “grego”...

Variedades criadas pelos arquitetos locais, como o estilo “silvestre”: uma miscelânea de todos os estilos possíveis, completados por escadas imitando árvores e cipós...

2

As ruas foram asfaltadas, fizeram até um lago cheio de xistossomos¹⁴⁰ na Pampulha.

Porém, no meio dos arranha-céus que vão aparecendo na Avenida (O Ibaté e o Rex são os edifícios mais magros do Brasil!) – o estilo “manuelino” do Conselho Deliberativo permanece inalterado. E ninguém sabe que é manuelino o seu estilo...

No entanto todo mundo lá fora pensa que Belo Horizonte é apenas a cidade onde as mulheres costumam virar homens e os ladrões roubar pernas de borracha a incautos aleijados.

Nem ao menos pensam na nossa desventura, sabendo que as mulheres aqui são escassas e que cada uma que vira homem torna desiludidos quinze prováveis candidatos ao

¹³⁸ *Revista Belo Horizonte*. Belo Horizonte. ago. 1940.

¹³⁹ No original, ao invés de “1”, encontra-se um “0”, sendo que o trecho seguinte é numerado “2”.

¹⁴⁰ Acréscimo da expressão “de chistossomos”, pelo autor.

matrimônio. Não se lembram que um larápio que furta uma perna de borracha terá muitas noites de preocupação por não saber como utilizá-la.

3

E as magnólias?

Falou-se tanto em magnólias quando Belo Horizonte era ainda uma cidadezinha visitada constantemente por intelectuais do Rio, em busca de bons ares. Ou de “ares” de dinheiro... Tudo aqui vivia de “ar”. Até de “ar” mineiro. Tão difícil de ser explicado e enxergado.

E as magnólias?

A Capital que escutava os palpites políticos no “Bar do Ponto” (esse “Bar do Ponto” que hoje é rotisseria e ninguém sabe o que é – nunca houve disso por aqui) – cresceu demais... A vida é vertiginosa nas suas ruas, os prédios subiram muito, ninguém tem tempo para sentir o odor das magnólias.

Os que podiam nos dar notícias delas – os literatos estaduais que nos visitavam – andam preocupados com o dinheiro que todos nós pensávamos estar nas mãos do Coronel Izidoro Cordeiro...

4

Belo Horizonte já é cidade de turismo... Seus moradores não têm mais medo dos “estrangeiros” de outros estados que aqui, aportam. Porque já existe alguma coisa, nesta cidade, cuja história o professor Abílio Barreto começa sentir comprida demais...

Já se pode dar um “cavaco” com os turistas, sem receio – como em tempos idos – de que eles tenham vindo buscar remédio para o pulmão ou venham fugidos da polícia federal...

5

As “escolas” de samba da Pedreira foram esquecidas. O pai de Popó tirou dinheiro na loteria. Popó virou grã-fino e não faz mais sambas. Bebe – em vez da “caninha” bem mineira – uísque, como qualquer cidadão federal.

6

O pirulito da Praça Sete é um anacronismo difícil de ser explicado. Os “novos” da cidade chegam até o cúmulo de chamá-lo obelisco. Com a displicência de quem ignora que ali os destinos do Brasil foram traçados várias vezes, nos discursos inflamados dos revolucionários de 30. Tão inflamados que chegaram a incendiar um jornal do prof. Alberto Deodato!

7

Mas na Praça da Liberdade os cidadãos de cor perderam a liberdade.

Nos bons tempos eles passeavam de um lado e os brancos de outro. Porém naquela época não se namorava na praça. Era só flerte.

Quando apareceram os namorados, os *brancos* passaram para o lado dos pretos, deixando o seu para os pares de pombinhos.

Ninguém sabe para onde foram os negros e a Praça da Liberdade perdeu a sua “cor local”.

As caras invariáveis que apareciam por lá: estudantes a espera de diploma, moças “taludas” que não acreditavam em casamento, desapareceram.

Deram lugar a ginasianos e a “franguinhas” “*made in*” Minas Tênis Clube¹⁴¹...

8

No Parque Municipal, os fotógrafos – ainda são os mesmos da fundação da cidade – sonham com fregueses do interior e moradores de certa rua que a União dos Proprietários quer por força transformar em recanto de amores “platônicos”...

¹⁴¹ No original, a palavra “piscina” aparece riscada e substituída pela expressão “Minas Tênis Clube”.

Mas nem tudo está perdido... Nem sempre as tradições de cidade nova, como a nossa, morrem com a rapidez do progresso.

A Academia Mineira de Letras continua respeitável e imutável, cultuando com amor a mesma aparência que tinha na fundação. Nunca se reúne, não dá posse a membros novos. (Talvez saiba que elementos novos costumam ser inimigos¹⁴² da tradição).

Continua numa sede hipotética que já estive em todos os lugares imagináveis, sem que ninguém soubesse. Mas a ignorância de sua existência pelo público lhe faz bem. E ela quer apenas sossego e o prof. Aníbal Mattos para seu presidente...

Belo Horizonte progride espantosamente...

Tem até uma “Feira Permanente de Amostras”.¹⁴³ (Ah! Descobri! Os pretos estão agora na Praça da Lagoinha).

Mas esse progresso não é fortuito. Tem seus obreiros. Todos os prefeitos que passaram pela administração municipal deixaram alguma contribuição. Houve até um que não contente em melhorar materialmente a cidade, quis educar os contribuintes, inundando as paredes da Prefeitura com este aviso: “É favor tirar o chapéu”. O que trouxe grandes dificuldades para as administrações posteriores, que se sentiram na obrigação de ensinar a ler os contribuintes...

Há outros obreiros do progresso da cidade:

O Sr. Vicente Risola – não se sabe por que “inimigo nº 1” dos proprietários de casas de aluguel – decretou que todo o mundo podia ter casa própria, escrevendo assim, a história do mais belo bairro da Capital.

¹⁴² No original: “elementos novos costumam ser inimigo”.

¹⁴³ Acréscimo da palavra “Feira”, pelo autor.

Agora a cidade tem novo prefeito. Um médico que possui o nome mais complicado do Brasil e que, mandando asfaltar a avenida, mostrou acreditar mais no progresso do que no calor.

11

Mas... E as magnólias? O horizonte belo que deu nome à cidade? Os jardins cheios de rosas, tão decantados pelos poetas municipais, estaduais e federais?

O belo-horizontino tem pressa. Não lhe sobra tempo para ser poeta como antigamente. Hoje a vida é dura nesta Capital, cheia de mentiras e que até dizem¹⁴⁴ ser a única cidade de ruas bem traçadas do mundo...

Belo Horizonte cresceu... cresceu tanto que o Zé dos Lotes já não consegue ser mais dono da metade da Capital...

Dos andares superiores dos altos prédios não é mais possível sentir o odor das magnólias...

E os que vão apressados pelas ruas não podem trazer os olhos fitos nos crepúsculos maravilhosos se estendendo por detrás dessa Barroca que já não existe mais.

É preciso correr, trabalhar, porque não há lugar na cidade para os ociosos. Depois, o bairro, o de Lourdes, ainda não foi pago à Caixa Econômica...

¹⁴⁴ No original: “dizer”. Corrigido, pelo autor, para “dizem”.

CORDISBURGO – TRAILER¹⁴⁵

1

Ao que se sabe, até agora, dois cidadãos descobriram Cordisburgo: eu e o Dr. Lund.¹⁴⁶ Com diferença apenas de detalhes de profissão – fui lá em missão jornalística –¹⁴⁷ ambos nos cansamos, percorrendo a gruta de Maquiné.

Nem por isso achei a coincidência feliz, porque o cavalo que me levou à gruta ainda era o mesmo de que se servira o sábio dinamarquês. E o animal já deveria ser lerdo naquele tempo.

2

Pobre Lund! Pobre Lund! Descontadas todas as tuas infelicidades, ainda foste feliz: o teu cavalo não poderia ser mais descômmodo do que o trem que nos levou a Cordisburgo!

3

A excursão era promovida pelo Touring Clube e todos estavam ansiosos por contemplar as maravilhas de Maquiné. Menos os jornalistas (éramos três) que, sonolentos, tinham grandes esperanças nos quatro dias de descanso que o passeio prometia e um desejo imenso que o assunto para a reportagem fosse escasso.

Os turistas – semblantes espelhando felicidade –¹⁴⁸ de começo acreditaram encontrar em Cordisburgo um grande hotel, com água corrente e loiras hóspedes. Mas, em meio à viagem, apareceu um cidadão que pela segunda vez fazia o passeio e nos revelou que o hotel era pensão, a água pouca, as loiras inexistentes.

Apesar dessa decepção inicial, consolou-nos a idéia de que se o nosso informante voltava lá mais uma vez, pelo menos o clima deveria ser bom.

¹⁴⁵ *Revista Belo Horizonte*. Belo Horizonte. out. 1940.

¹⁴⁶ “Ao” está escrito a caneta, sendo impossível identificar o que seria, na versão original.

¹⁴⁷ No original, este trecho está entre vírgula e ponto-e-vírgula. O autor corrige, usando travessões.

¹⁴⁸ O segundo travessão é acrescentado pelo autor.

Na pequenina estação, os cordisburguenses nos esperavam ao lado de seu prefeito. Pela fisionomia deste¹⁴⁹, vimos logo que o clima era mesmo bom.

Minutos depois, quando penetramos solenes, com pose de turistas (roupas sujas de poeira e caras de quem quer repouso), na pensão S. Pedro, ficamos convencidos que os costumes de Cordisburgo eram ainda melhores que o seu clima: pois até aquela hora não aparecera nenhum orador local para nos saudar.

Um olhar satisfeito foi trocado entre os jornalistas, já inteiramente fãs da cidade e de seus habitantes. Apenas o Dr. Josaphat Penna não parecia muito contente com a recepção: gastara toda a viagem preparando o “improviso” com que iria agradecer as boas vindas do prefeito.

“Fartura” – uma velha papuda, que tem dez filhos e um marido paralítico – apesar de não fazer parte do comitê de recepção, também nos esperava na porta da pensão. Ou esperava as nossas esmolas... (O detalhe é insignificante).

Um turista estendeu-lhe duzentos réis e perguntou se ela conhecera o Dr. Lund.

Fartura mexeu os olhinhos miúdos e disse que o atual farmacêutico era o Dr. Ignácio, um precursor da aviação em Cordisburgo.

Ante a nossa curiosidade “turística”, ela desfiou a história do farmacêutico-voador:

- Um dia, Dr. Ignácio resolveu ir para o céu. Para isso vestiu um camisolão branco, onde se viam duas enormes asas de “anjo” de igreja. Nos ombros levava uma sacola contendo presentes para os habitantes do céu: uma ferradura para o burrico da Sagrada Família, um pegador de chaves para S. Pedro, um par de sapatinhos de lã para o Menino Jesus, um serrote para S. José e ainda outros presentes para outros santos menores.

Reuniu a família, despediu-se de todos e trepou num mamoeiro do quintal.

- E ele conseguiu voar, Fartura?

¹⁴⁹ No original traz: “pelas fisionomias”.

- “Nem um tiquinho... os pecados não deixaram ele ‘aluir’... Depois, onde já se viu gente aluir...”

- Mas avião “alue”, Fartura...

- “É porque tem ‘tempero’ de aluir”.

6

Feliz, Fartura! Explica todas as coisas do mundo pela presença ou ausência de “tempero”!

- “O trem anda porque tem ‘tempero’ de andar. O homem caminha porque tem ‘tempero’ de caminhar”...

Quem nos dera poder explicar tudo dessa maneira – mesmo a maldade dos homens! Talvez encontrássemos um pouco desse “tempero” de felicidade que a vida deu, em boa dose, à pobre e feliz Fartura.

7

O vigário de Cordisburgo é um frade holandês, corado e progressista. Com um chapéu de boiadeiro na cabeça, monta todos os dias o seu burrico bem nutrido e sai atrás das “ovelhas desgarradas”...

Frei “Sinfonia” – esse é o nome que Fartura lhe dá – traz sempre nos lábios um sorriso bom, espelhando toda a grande simplicidade de sua alma pura e santa de fiel servo de Deus.

Talvez não acredite tanto nas artes do diabo, pois, com o dinheiro de seu bolso, deu aos cordisburgueses um cinema e um teatro e não proíbe, bailes na cidade. Pelo contrário, no baile que nos foi oferecido, ele apareceu por alguns minutos e pode comprovar mais uma vez que as festas em Cordisburgo ainda são os passatempos mais inocentes do mundo... Nelas dança-se apenas polcas e Mazurcas...

8

Na inauguração da rodovia que liga a cidade à gruta de Maquiné, houve um discurso. Não estranhamos a ausência de outros, mas somente que o orador¹⁵⁰ começasse a sua oração dizendo estar “muito acabrunhado”. Até o momento não sabemos a causa de seu acabrunhamento. O discurso foi bom e sincero. O orador absolutamente não mentiu quando disse que a estrada era modesta.¹⁵¹

Afinal caminhávamos para Maquiné. Os cavalos que tinham olhado medrosos para o porte gigantesco do Sr. Hugo Salgado, ficaram tranquilos quando viram o simpático e inteligente gerente da Philipps tomar um dos automóveis.

Já dentro da gruta, os excursionistas morriam de fome, pois a hora do almoço passara há muito. Não obstante as frases feitas, engatilhadas com grande antecedência, foram soltadas: “Que obra prima da natureza!”, “Que maravilha!”, etc., etc.

Porém, na volta, os olhos incendiados (por tanta beleza e um pouco pela luz intensa dos fogos de artifício), os estômago gritando valentemente, sorrímos deliciados ante a mesa, cheia de bebidas e comestíveis, que víamos na nossa frente.

Ah! Que decepção! Não fosse o vinho, os jornalistas teriam chorado amargamente: durante o “churrasco” foram feitos nada mais, nada menos do que duzentos discursos!

Quase que foram por água abaixo os bons costumes do hospitaleiro povo de Cordisburgo.

Mais tarde nos explicaram que aquele insólito acontecimento tinha desculpa no excesso de álcool bebido pelos presentes.

A explicação partiu do bondoso frade que, ao falar, já trazia nos olhos e no rosto o perdão por tão mortal pecado.

10

Regresso. Há tristeza e alegria nas fisionomias. As cidades vão cantando nos nossos ouvidos: Sete Lagoas, Santa Luzia, Pedro Leopoldo...

“Uma ocasião namorei uma pequena de Santa Luzia”.

- “Dizem que em Sete Lagoas existem oito lagoas...”

¹⁵⁰ Acréscimo do artigo “o”, antes de “orador”.

¹⁵¹ No original: “Um discurso bom, equilibrado e sincero. Como se... [continuação ilegível].” Trecho estabelecido a partir de mudança feita pelo autor.

Os excursionistas já se conheciam bem e conversavam animadamente, uns com os outros.

Uma senhorita, que cursa o último ano do Conservatório, olha espantada para um dos jornalistas que gosta de Bach e Debussy e considera Picasso e David os dois maiores pintores do mundo.

Mas, ao termo de uma viagem, tudo se concilia. A pequena acha o rapaz excêntrico por não gostar de Chopin e fica admirada por ele ter dito que prefere sambas do morro ao “Noturno” do famoso compositor.

Enquanto a discussão divide as opiniões, o representante de “O Diário”, alheio a tudo, comete pecados veniais, lembrando, cismativamente da pequena que deixou em Cordisburgo. E, ao cabo, ainda comete um mortal, jurando que lá voltará um dia a fim de rever a louca cordisburguense.

ROTEIRO LÍRICO DE BELO HORIZONTE¹⁵²

Quase que há silêncio nas ruas semi-adormecidas de Belo Horizonte. Quase que há namorados encostados nos muros e nas árvores. Não. Há namorados nos portões, por toda a parte. As frases trocadas são as mesmas. Do casal de pretos retintos, do estudante ingênuo ou do pretensiosamente cínico. Todos namoram do mesmo jeito, cometem os mesmos erros de astronomia, soltam inconscientemente os mesmos e surrados trechos de “Romeu e Julieta”. Até os beijos têm o mesmo barulho...

Não. Há silêncio nas ruas semi-adormecidas de Belo Horizonte.

2

Noites bonitas, noites feias, odores de magnólias, de damas-da-noite, de jasmims, de rosas... Nas praças da Liberdade, Raul Soares, Rio Branco, Rui Barbosa, João Pessoa, Lagoinha, nas pracinhas da República e dos Amores (há tantas em Belo Horizonte!)... Sempre o amor... Funcionários, estudantes, soldados, semi-casados, casados, grã-finos, operários... Todos amam, todos choram, todos riem...

3

Que coisa grandiosa, o amor! Hoje namoro, amanhã o noivado, o casamento, os filhos... Aumenta a população da cidade, (o cidadão do Censo Municipal fica pasmado); o sujeito que casou passa a andar mal vestido, a xingar as companhias de bonde, de ônibus, o açougueiro, o diabo... Acha insípido o casamento... Esqueceu-se da poesia do namoro, do noivado... E vive clamando contra a polícia que não se importa com os pares de pombinhos abraçados nos ônibus, nos bondes, no cinema, no escuro, no claro...

É por isso que há tantos apologistas do namoro. Do namoro cheio de mentiras, cheio de promessas irrealizáveis, sem nenhum dos tristes encantos do matrimônio.

¹⁵² *Revista Belo Horizonte*. Belo Horizonte. nov. 1940.

Que amem os namorados! Que aproveitem as mentiras! Enquanto ignorem que um insípido quilo de manteiga custa doze mil réis! Apenas três entradas de cinema! Três entradas de cinema, sexta-feira, estréia de fita no “Brasil”, cheio de pequenas bonitas...

4

Ah! Sexta-feira, estréia de fita no “Brasil”!

Antigamente o cinema número um era, o “Odeon”. (Não fique triste, velho saudosista. Você ainda tem o direito de olhar para as pequenas bonitas que entram no “Brasil”. Se elas não olharem para você, por lhe acharem feio e velho, console-se lembrando daquela pequena de olhos castanhos que você levava ao velho “Odeon”. Porque há sempre na vida da gente uma pequena de olhos castanhos. Deixe de olhar com olhos maus para os moços de hoje, que você também causou inveja aos velhos do seu tempo. Lembre-se da pequena de olhos castanhos... Sem pessimismo, fingindo não saber que hoje ela tem cinco filhas e que foi uma delas que virou – agora mesmo – a cara, fugindo ao seu olhar insistente).

Mas antigamente o cinema número um era o “Odeon”... Depois veio o “Glória”, com estréia de gala, fita de John Gilbert... (Ninguém se lembra mais de John Gilbert e todos ainda amam Greta Garbo...).

A fita contava coisas da Grande Guerra... Muita gente chorou... As mulheres com cuidado, por causa da maquilagem; os homens uns por causa dos outros. Porém o “Glória” resistiu ao pranto de seus espectadores e, hoje, enquanto a *blitzkrieg* ameaça a velha Albion, ele oferece matinês diárias a seus freqüentadores, emprestando um ar de vagabundagem a esta cidade onde ninguém ganha dinheiro.

5

Agora o cinema elegante é o “Brasil”. Moças bonitas, todos os casais chiques da cidade, rapazinhos imberbes, “franguinhas” salientes...

Está acabando a primeira sessão... A maledicência do belo-horizontino expandindo-se à larga na Avenida:

- Olha aquela pequena com aquele rapaz... Ela não era noiva de fulano? Vá a gente acreditar em mulheres de hoje...

- Que vestido espalhafatoso! (O comentário agora é de uma velha gorda que traz uma pluma de dez metros na cabeça).

- Olha o chapéu daquela pequena de amarelo! É ter muita coragem e sair assim na rua!

6

Todavia aos domingos iremos à Avenida, à Praça da Liberdade, dançaremos no Diretório, na União Universitária, no Minas Tênis, poderemos até espiar a fonte luminosa da Praça Raul Soares...

Mas não convém absolutamente que nos aproximemos do Automóvel Clube. Porque lá encontraremos quase todas as luzes apagadas. E se encontrá-lo excessivamente iluminado, pior para você, meu jovem leitor. E mui pior será se, no seu destemor de moço, nele penetrar. Sentirá o incômodo do colarinho engomado e dos olhares observadores de certos casais que não dançam, mas que sempre têm muito que contar sobre o baile, no dia seguinte... E não pense que falarão de mim, humilde jornalista, que não acredita que um dia possa entregar 750\$000 ao Aquino por um modesto smoking...

Não. Não convém absolutamente, jovem leitor. É preferível que a sua ignorância o leve a acreditar na bondade da língua e dos pensamentos de determinadas pessoas...

Procure o Minas, o Diretório, a União Universitária...

7

Stop! Meu velho saudosista! Esse letreiro novo que lhe traz enormes recordações não lhe dirá nada de sua mocidade. Esse Clube Belo Horizonte não é aquele que funcionou em cima do Odeon e era o mais grã-fino do seu tempo de estudante...

Você está pensando encontrar uma sombra do seu passado, uma pequena de olhos castanhos, dançando ao som de uma valsa de Strauss...

Não entre. Esse letreiro é inexpressivo. Lá dentro a União Universitária Mineira está – como eu sou obrigado a noticiar toda a semana, na seção social – “realizando mais uma de suas animadas horas-dançantes, dedicadas aos seus sócios e gentis freqüentadoras”.

Não entre. Você não sabe dançar Swing. Nem poderia saber. O seu reumatismo não deixa.

8

No Diretório dançam animadamente... Não. O meu espírito de redator social me ia levando à monotonia das “chapas” de jornal. Mas o fato é que os estudantes estão dançando tranquilos, dizendo frases que já não são mais comprometedoras. (Ninguém leva estudantes a sério. Nem as namoradas). Já não há mais perigo, como antigamente, de sermos agredidos, após um suave *blue*, por uma sogra que nos convida para levá-la para a casa com a respectiva “isca”... Não. Ninguém mais acredita em estudantes... Formam e vão se casar em qualquer Brejo das Almas...

Não é que as mães de hoje não queiram casar suas filhas. Apenas elas estão precavidas com os namoros longos que acabam após a formatura, com uma carta vinda do interior, dizendo laconicamente: “Os tempos estão ruins, os clientes custando a aparecer. Desta maneira...”

9

A sede “marajoara” do Minas tem o encanto das coisas novas sem ter a melancolia dos clubes que nascem velhos.

Em seus salões desliza uma geração sadia, que não é do meu tempo, que conhece os benefícios do sol e a saúde dos banhos de piscinas. (Coisa melancólica! Já se toma banho em Belo Horizonte!)

Mas, ó jovens pares, larguem um pouco o egoísmo da mocidade e agradeçam àqueles que lhe estão oferecendo essas horas agradáveis e lhes deram um dos clubes mais completos do Brasil. Para isso pode-se perfeitamente se abstrair das torpes bajulações, fazendo apenas justiça. Não é preciso citar nomes. E se tal fizerem, é necessário omitir o do

seu presidente. Desse homem, honrado e simples, que tem, como chefe de seu gabinete, o homem mais encantador do país. É necessário omitir o seu nome, porque, na sua grande modéstia, ele não compreenderá a necessidade de lhe sermos agradecidos, dizendo que apenas cumpre com o seu dever.

10

Na Praça da Liberdade muitos não namoram, outros exibem tranqüilamente os seus pares, outros se escondem com medo de serem ouvidos e vistos. Principalmente de serem vistos...

Agora mesmo acabará o *footing* e ficarão as sombras de todos que passearam na Praça. Em todos os tempos, desde a fundação da cidade. Poderemos ouvir os sussurros, frases de amor, ruídos de beijos medrosos... É preferível irmos logo embora, não ficarmos ouvindo, sozinhos, histórias felizes ou infelizes dos que amaram e sentiram o perfume das românticas rosas da praça. Deixemos isso para o pobre busto de D. Pedro, esse nosso poeta-imperador, já que não pode sair, como nós, do lugar em que está.

Depois, podemos ser assaltados por uma forte melancolia e irmos a certos bailes condenados pela “austera família mineira”... A certos bailes onde os tangos têm um sabor diferente e onde encontraremos criaturas que ajudaram a fundar a cidade...

11

Há silencio nas ruas semi-adormecidas de Belo Horizonte. Há perfumes de magnólias, sombras de namorados encostados nos muros e nas árvores... Há sussurros, sons indistintos, não se sabe se de frases de amor ou de beijos furtados...

De vez em quando ouve-se um trecho de tango, que vem de longe, de uma rua proibida...

Saudade de Belo Horizonte, saudade antecipada... Talvez amanhã aqui esteja a maior cidade do Brasil. E não haverá mais silêncio, nem ruas adormecidas, nem magnólias. E os namorados serão outros e numerosos. Estarão em toda parte, aumentando esta saudade

antecipada que tenho de Belo Horizonte. Talvez amanhã não mais existam meninas de olhos castanhos...

O vento trouxe mais forte o indeciso tango que está sendo dançado num prédio melancólico de uma rua que só adormece ao raiar do dia...

Que saudade de Belo Horizonte!

OLHOS D'ÁGUA¹⁵³

Não faço a menor idéia e nem sei se alguém possa me dizer onde fica a vila de Olhos D'água. Dela, consta-me apenas, que não possui estrada de ferro e até há poucos dias não conhecia as de rodagem.

Por longos anos, Olhos D'água – cujo nome dá impressão de eterna tristeza – viveu longe, no interior de Minas, sem nada saber do que se passava no resto do mundo. Os jornais lá chegavam com atraso de meses, levados por um carteiro-filósofo que, montado em pachorrento burrico, rumava, semestralmente, para a vila, levando na sua sacola mais filosofia que correspondência. E, assim mesmo, os poucos periódicos que chegavam a Olhos D'água eram, na maioria, destinados ao Zé da Venda, que os utilizava mais nos embrulhos do que na leitura.

De vez em quando o Zé da Venda dava com os olhos numa “manchete”: “Estourou a guerra na Europa”. E contava tudo que lera, em seguida, aos seus nunca apressados fregueses.

Então as conversas na Venda e na Farmácia – o farmacêutico também ficara ao par da notícia por outro exemplar do jornal – se animava entre os fregueses, divididos em partidários de uma facção e outra. Mas não se exaltavam demais. Não iam tão longe de pensar que aquela guerra poderia mudar a feição dos continentes nem que estavam morrendo milhares de crianças e mulheres, vítimas de bombardeios aéreos. Somente porque Olhos D'água está muito longe da Europa e os seus habitantes até desconfiam que não existe o resto do mundo (os jornais mentem tanto!). Depois, na hora em que estão recebendo a notícia, pode ser que a guerra já tenha se acabado. Os jornais lá chegam com seis meses de atraso!

2

Tudo em Olhos D'água é diferente dos lugares que conhecemos. Lá ninguém tem pressa, ninguém acredita que tempo é dinheiro. Tudo é calmo nas suas ruas tortuosas e sem calçamento.

¹⁵³ *Revista Belo Horizonte*. Belo Horizonte. jan. 1941.

Isolados, sem notícias do que se passa nos centros civilizados, os seus habitantes possuem relativa felicidade. Não trabalham muito, não pensam muito, nada os leva aos extremos.

Também para quê? O dinheiro que circula é pouco. Não daria para enriquecer ninguém. Os livros são raros e as notícias que eles têm na vida lhe são dadas apenas pelos seus pequeninos dramas quotidianos. Nada sabem das grandes tragédias, das grandes angústias que o excesso do progresso deu ao homem contemporâneo. Não conhecem as misérias que nascem da luta pela existência nos grandes centros.

3

A única coisa que fazia com que a felicidade dos seres que vivem em Olhos D'água não fosse completa era acharem que o paraíso estava localizado nas grandes cidades. Nos grandes centros, onde existem luz elétrica, bondes e outras grandes conquistas do mundo moderno. Mas isso eles não podiam evitar. É ofício do homem pensar que a ventura está sempre em outro lugar, nunca onde ele está.

Sei que o pensamento é velho e bastante repetido pelos filósofos e poetas. Contudo, nem por isso, deixa de ser verdadeiro. Pelo contrário, traz a marca da veracidade que caracteriza todos os lugares comuns. (Dizendo isto cometi outro lugar comum, poderão dizer os leitores. Que os leitores e os lugares comuns vão todos para o diabo! Eu e o povo de Olhos D'água não temos muito tempo para perder com minúcias, já que o perdemos demasiado com a vida.)

4

Agora, por um telegrama estampado em *Folha de Minas*, ficamos sabendo de duas grandes infelicidades de Olhos D'água:

Que lá existe o telégrafo e que os seus habitantes vão conhecer o automóvel, na inauguração da sua primeira rodovia.

Imagino como será esse melancólico acontecimento. Nesse dia, certamente será feriado na vila, todo mundo vestira a sua fatiota de domingo e irá para a beira da estrada,

onde com foguetes e discursos será recebida uma das grandes desgraças do homem contemporâneo. O orador, cheio de termos pedantes e pernósticos e de frases ocas (característicos gerais de todos os discursos já feitos pelo homem ou ainda por se fazerem) dirá enfaticamente:

“Povo de Olhos D’água:

A alegria deve estar, neste momento histórico, em todos os vossos corações. Porque de agora, em diante, o nosso município vai conhecer, com a nova estrada de rodagem, os grandes benefícios do progresso e da riqueza”.

Dirá que o município vai ficar rico, que toda a população da vila será contemplada com o novo melhoramento.

Naturalmente não explicará que, com isso, haverá desastres que a vida subirá de custo com a exportação, que todos terão de se estafar no trabalho, cheios de saudade dos tempos em que, para se alimentar em Olhos D’água, bastava usar a boca.

E, em todo esse quadro desolador, que será esse grande dia da vila, apenas o carreiro, comparando o automóvel ao seu tosco carro de boi, sorrirá superiormente: “Nunca cantará, numa volta de serra, atulhado de milho!”...

5

Também haverá cenas humorísticas. Capiaus com medo do automóvel que se lhes afigurarão como uma invenção do diabo.

Talvez até se repitam os episódios “dramáticos” passados numa vila do Norte de Minas, ao contemplar pela primeira vez o aeroplano.

O fato me foi contado por um matuto que, cheio de grave seriedade, me relatou o pavor de todos os seus conterrâneos quando viram aquele pássaro, metálico e enorme, passando por cima de suas cabeças.

E o terror foi tão grande – pois era crença geral que aquilo era o fim do mundo – que homens e mulheres se puseram a rezar ou a correr desabaladamente pelas ruas.

A tragédia culminou quando um homem que padecia há muitos anos de “nó nas tripas” ficou completamente curado. Isto é, o “nó” foi desmanchado pelo susto.

- Para o senhor ver “comé o medo teve brabo” lá na vila, - terminou o meu informante – basta dizer que a mulher de um roceiro que esperava um menino para “daí a um mês”, teve, de repente dois, em vez do único esperado...

6

Minha pobre vila de Olhos D’água! Quando você conhecer essa máquina infernal, chamada automóvel, passará a ser conhecida como vila dos Olhos Rasos D’água.

Todas as suas coisas boas se perderão. Até a moral de seus habitantes será atingida.

Você vai conhecer, através desse veículo, vários instrumentos de suplício.

A instrução que nos dá preceitos filosóficos que só servem para nos pôr em dúvida quanto a verdades singelas e eternas; o rádio que enche a gente de más notícias, de anúncios enfadonhos e nunca toca a música que a gente deseja; o jornal do dia que nos põe ao corrente da miséria de todo o globo.

Conhecerá até os “golpes de baratinha”. Não é necessário que eu lhe explique esse invento. As suas lindas pequenas, cheias dessa candidez que é a máscara de toda a mulher, se encarregarão de aprender com facilidade os encantos desse *métier*.

Até os seus bailes, onde doces e românticas violas executavam delicadas valsas, serão transformados. A vitrola e o rádio ensinarão aos seus habitantes o trepidante e selvagem *swing*.

7

Mas não fiquem tristes, meus amigos de Olhos D’água. Tinha que acontecer essa desgraça. O progresso lhes alcançaria um dia.

Além disso, resta-lhes o consolo de saber agora, que nós, habitantes das capitais também somos infelizes e que aqui não é o paraíso que vocês imaginavam.

Há ainda esperança em alguma coisa. Nem tudo está perdido. Em breve vocês conhecerão o cinema americano e os romances de M. Delly, que lhes mostrarão existir muita possibilidade no mundo, de tudo acabar bem. Isto é, em casamento. Ou acabar mal,

não importa. Sempre o vilão será morto a tiros, por revólveres que são verdadeiras metralhadoras.

Depois... Ora bolas, meus amigos! Melancolia não resolve. Aprendam o *swing*, falem na gíria e “metam os peitos”!

A vida é “isso” mesmo...

A MINHA PRAÇA DA LIBERDADE¹⁵⁴

I

Belo Horizonte de ruas largas, de melancólicas magnólias; de *footings* de dias marcados e de caras invariáveis...¹⁵⁵

Belo Horizonte da Praça Raul Soares, com música e fonte luminosa às quintas e domingos...

Belo Horizonte da Praça da Liberdade, onde o busto do velho Pedro II “espera a justiça de Deus na voz da História”... (Como ele não deve estar cansado de esperar e de ouvir “conversas moles” de namorados).

Da Praça da Liberdade que me entenece há dezesseis anos, com as mesmas palmeiras, os mesmos sortilégios... Apenas variações de namorados, nas repetições deliciosas de enfadonhas histórias sentimentais...

Talvez agora os meus suspiros venham da idade e a inveja da decadência sentimental que os anos me impõem. Ou de um romance que a vida não aceitou...

Mas nada disso importa à Praça, cheia de rosas, de “franguinhas” que também desejam ser flores e de futuros bacharéis que não desejam ser nada.

II

Quanta melancolia de horários, quanto desejo inútil!

Se eu fosse Deus mandaria parar todos os relógios da cidade, menos o do Conselho Deliberativo, que já está parado, e suprimiria da semana as quintas e domingos.

Poderiam, então, dizer que era rabugice de um deus nascido velho. Contudo, eu que sou independente e não ligo para a opinião da plebe, não me importaria com esse juízo apressado e mandaria chamar, na União Universitária Mineira, o Manoel Luiz Martins

¹⁵⁴ *Mensagem*. Belo Horizonte. 25 fev. 1941. Há uma versão posterior: (*Revista Belo Horizonte*. Belo Horizonte. mar. 1941.). Mas, como a encontramos incompleta, no Acervo dos Escritores Mineiros, decidimos estabelecer a versão da *Mensagem*, cotejando as duas nos trechos necessários.

¹⁵⁵ Na primeira versão, encontra-se a palavra “invariáveis”, corrigida para “invariáveis” na versão seguinte.

Vieira e lhe diria: - “Mané: tome conta desta ‘joça’. Teríamos então 365 dias de festa nos anos comuns e mais um nos bissextos.

III

O leitor que por acaso estiver lendo esta crônica e, por um acaso ainda mais doloroso, não conhecer o Mané Luiz, por certo, ignora o que esteja perdendo. Porém fique sabendo: o Mané é um cidadão muito importante que promove metade das festas de Belo Horizonte e nunca deixa de comparecer à outra metade. Não sei se você, caro leitor, ficou sabendo quem é ele. Por isso explico mais:

O Mané é uma espécie de relógio¹⁵⁶. O relógio mais certo da cidade. Que lhe indica com segurança onde você pode dançar em qualquer dia da semana ou do ano, com antecedência de meses.

Se, mesmo com essa explicação, você ainda não me entendeu, (lamento a sua burrice) procure qualquer moça da Capital, que ela lhe dirá: - O Mané? É aquele da Praça... é aquele do Minas, da União... O Mané? Ora bolas! É aquele das festas!...

E pode estar certo que ela lhe disse tudo nessas palavras. Porque o Mané é aquele mesmo das festas...

IV

Belo Horizonte da Igreja de São José de estilo gótico, da Igreja de Lourdes que também é gótica e que são tão diferentes uma da outra! Mas a verdade não importa. Porque as beatas estão rezando pelas moças que estão pecando na Avenida. Talvez não estejam rezando, mas pensando com inveja nos pecados das “meninas” namoradeiras da Avenida¹⁵⁷.

Belo Horizonte, cidade das mentiras. Das mentiras que vão aos jornais e tomam foros de verdade.

“Um cidadão do interior, a conselho de um gaiato, foi à delegacia de polícia fazer a sua ‘fezinha’ no galo”... E a ave lhe rendeu apenas um rabo... De foguete.

¹⁵⁶ N.A.: na gíria dos malandros, “bobo” significa relógio: o que trabalha de graça.

¹⁵⁷ Na versão original: “das ‘meninas’ Avenida”.

Outro não vendia galos, mas perus. Vendia de tarde, à noite pulava o muro da casa do comprador, assoviava e o peru, que era ensinado, vinha outra vez para os seus braços. Acontece que esse quase descobridor do moto-contínuo, cai na asneira de vender a ave numa “república” de estudantes. De noite cansou de assoviar. Os estudantes, gente de extrema impaciência – que só não tem pressa de casar – já tinham devorado o pobre animalzinho. E lá foi o desolado vendedor de perus queixar, entre lágrimas, na primeira delegacia que encontrou.

V

Não! Se eu fosse Deus, sabe o que eu fazia? Decretava feriado para o ano inteiro e *footing* obrigatório todos os dias na Praça da Liberdade. Em seguida deixava de ser Deus, poria o meu “azulão” de domingo e “ripava” para lá.

Se em meio ao caminho encontrasse o Mário Lobo, tanto melhor. Perderia alguns minutos, provando a ele que existe uma praça chamada Liberdade, que era dia de *footing*, que lá encontraríamos uma porção de pequenas bonitas, mas economizaria os duzentos do bonde, indo no importante “Packard” dos Lobos.

Se encontrasse também o Silvinho Rezende, o Caetano Mancine, o Hércio Pitanguy, o João Emilio, o Zé Aurélio, o Paulo Batista, o Marcos Guimarães ou o Chico Lins, seria a mesma coisa. Porém, se “topasse” com o Oswaldo “Português”, juro que iria a pé!...

VI

Na Praça encontraria o Raulzinho Castilho, com duas coxas à guisa de braços; o Celso Renato que é agora o rapaz mais sério da cidade¹⁵⁸; o Galeria, que ama as “balzaquianas” e é proprietário da Flora Galery; o Paulo de Campos que também é Guimarães e já foi tenente do Exército de Salvação¹⁵⁹; o Kleber e o Renato Azeredo, que

¹⁵⁸ N.A.: Causa: senhorinha Efigênia.

¹⁵⁹ N.A.: O fato: Um amigo de Paulo apresentou-o a uma pequena no Rio: “- Aqui, o meu amigo tenente Paulo de Campos Guimarães”. “- Tenente de Exército?”, indagou a moça, muito interessada olhando para o Paulo, que naquele momento já tinha feito uma pose digna de qualquer oficial à paisana. Ao que respondeu o amigo:

“- Sim. Do Exército... do Exército da Salvação. Aquele que faz ferver a panela do pobre...”

não andarão comigo por sólidas razões¹⁶⁰... o Amarante, o Uberabinha, o Sabino Rabelo, o Sebastião, o Sidney, o Betinho, o Décio Rocha, o Borba, o Helio Pimentel, o Foca, o Christiano “comprido”, os Bicalhos, o Geraldo, o Humberto Soares, o Álvaro Chaves; o Toninho Sabino e o Ruy Miranda que estão olhando para uma pequena que é dos dois e não é de ninguém... O Zé Álvares, que me contaria boas piadas e me daria notícias de um “néctar” que só nós dois sabemos apreciar...

Depois de conversar com todos os conhecidos iria andar com o Fernando Sabino que é recordista de natação, que tem um bom livro de contos para publicar e uma... (A censura cortou o resto).

VII

Muitas das moças eu não conheceria, apesar de conhecê-las todas de vista e muitas de nome.

Porém o Fernando me ajudaria!

- Olha a “Mangabinha”, como está linda!

Quem passou agora foi a Marilu Machado. Parece estar dizendo: “Eu alegre qualquer ambiente”... E alegre mesmo!

Agora, foram Ângela e Armindo Soares que passaram. Letícia ficou no Rio. Não importa, um dia voltará.

Sinto que falta qualquer coisa na Praça. Deve ser a Thais Pires que no Rio ou em Belo Horizonte, sempre faz falta nos lugares onde não está.

Fernando, velho amigo: se eu tivesse, como aquele poeta, “cinco mil pernas” correria com todas elas atrás dessas pequenas.

Porém o desfile continua ante os meus olhos:

- Marilu Álvares, Maria Augusta, Ruth Miranda, Júnia Lima, Rosa Gonzaga, Maria Gema, Nilza Rezende, Carminha, Ruth Brandão, as três cariocas, Helena “Biscoitinho”, Lucia Maria; a turquinha que tem os olhos mais bonitos do mundo; Carminha (loura), Eda, Eulália, Ismênia e Didia Soares, Maria do Carmo Drumond, Maria Ignez Bolívar, Maria Helena Barreto, Maria Elisa, Heloisa (que é linda e não olha para ninguém); Beatriz “das

¹⁶⁰ N.A: As razões: senhorinhas N. e R.

tranças” (quem não sente vontade de morrer, enforcado nelas? – Mas cuidado com o Mário que ele é fortíssimo); Rosalva (que já não tem mais tranças); Maria do Carmo e Eunice Lobo, Mary, Lucia Melo, Moema Mattos, Maria Helena Rezende Costa e irmãs; Maria Antonieta (chinesinha) e tantas outras.

Ai! Se eu tivesse cinco mil pernas...

VIII

Tudo isto e o céu também... Digo: tudo isto é Praça. A Praça aristocrática e “grã-fina” que expulsou os dignos cidadãos de cor de um dos passeios para cedê-los aos quase felizes pares de namorados...

A Praça democrática, onde Lucia e Helena Valadares passeiam, cheias de simplicidade, derramando pelos canteiros entornados de rosas a simpatia dos seus sorrisos. Esquecidas que têm um pai governador. Esquecidas das etiquetas de mau gosto. Lembrando-se apenas que a Praça é de todos, que nela (não sendo cidadãos de cor) todos os sorrisos se confundem em honra do deus Amor.

Não, meu caro leitor, o seu juízo é muito precipitado. Acredite você, ou não, eu sei admirar a beleza e a simplicidade, abstraindo-me dos elogios convencionais ou interessados.

Ora, pipocas! Eu não lhe devo nenhuma satisfação, maligno leitor. Se você fizer outro juízo mau a meu respeito eu lhe mando lambar sabão!

Encontraria ainda a turma do basquete: o Fabio, o Ruy e o Newton, que são de uma e de outra família: a dos Barbosas Melo e a da grande família do América; o Tião, que ama as “franguinhas” e odeia o “batente”; o Murilo, o “grego” Zé Aurélio, o Basquá, o Marcos Andrade...

Depois apareceria a turma dos intelectuais: Alphonsus Filho (*avec*); o Cid, o Jair (também *avec*); o Silvio, que é doutor; o Auto, o Bithencourt, o Walter; o Abilinho que não fez parte da “Verde”, sendo de Cataguazes...

“Toparia” a velha guarda: Zé Pena, D’Artagnan, Zé Bicalho (persistindo num só estribilho: vamos embora, gente?); Paulo Cirne, que não é Paulo 31 nem anda descalço em muros eriçados de cacos de vidros...

E quando estivesse cansado de cumprimentar eu diria muito convicto: Salvem elas!

Ninguém me responderia. Afinal de contas eu estou isolado na Praça. As moças de meu tempo já se casaram. E as suas filhas, as “franguinhas” de hoje, preferem os atletas e eu sou de uma época em que a poesia é que mandava. Depois, nem ao menos tenho baratinha.

IX¹⁶¹

Sim, senhores! Nem ao menos tenho baratinha... (Neste ponto parei um pouco, pus a mão nos queixos e cocei os dois últimos fios de cabelo que me restam. Com muito cuidado para não magoá-los).

Ora, bolas! Se eu fosse Deus teria esquecido de um detalhe importantíssimo: - de arranjar uma baratinha igual a da D. Lourdes Rachioni para passear na Praça.

Decididamente não sirvo para Deus.

Mas não se incomodem, amigas fãs. Eu já combinei com a Bertho Book. Está tudo combinado. Qualquer dia desses eu me fantasiarei de Papai Noel, tomarei um “porre” daqueles e gritarei para vocês todas:

- Eu não sou Deus mas sou muito amigo do Mané Luiz!

E a Bertha, que é muito minha amiga e não gosta de beber, dirá baixinho:

- Ele não é o Mané Luiz mas é muito amigo de Deus!

E como vocês ficassem em dúvida, mandaríamos buscar a “Jazz” do Djalma e dançaríamos todos um autêntico maracatu do nordeste.

¹⁶¹ Numeração errada no original: ao invés de “IX”, o autor enumerou este trecho como “X”.

LADRÕES MINEIROS¹⁶²

Madrugada. Os meus passos fazem um barulho infernal na calçada. Silêncio das madrugadas de Belo Horizonte e um cheirozinho insistente de magnólias. Não sei por que tanto perfume e tanto eco! Olho para o passeio do outro lado da rua e não vejo ninguém. Que diabo! Estava ouvindo passos lá. É o eco. Aqui nas montanhas vivemos de eco. Por isso somos tão fechados. Esse negócio de gritarmos para a humanidade que fica do lado de lá e a Mantiqueira nos devolver impiedosamente a nossa voz, faz com que passemos a vida nos alimentando dos nossos próprios sentimentos.

- O pior é que esqueci a chave do portão. Pular o muro, depois de tanto chope é um bocado pau!

- Não, seu guarda. Moro nesta casa. O senhor acha que se eu não residisse nela, saltaria o muro na sua frente?

- Olha, moço. Não vou nessa conversa. Outro dia abordei um camarada que retirava o pneu de um carro e lhe perguntei o que estava fazendo. O cínico me respondeu:

- Estou roubando esta roda.

- Achei muita graça na pilhéria, pensando ser ele o proprietário do auto e deixei que, calmamente, levasse o pneu. Depois, quando apareceu o verdadeiro dono do automóvel e o achou suspenso por um “macaco”, foi aquela pitimba: Uma queixa à Superintendência e uma reprimenda em regra por cima de mim. Vamos lá, os seus documentos.

- Jornalista? Desculpe. O senhor compreende...

Compreendi e saltei o muro.

- Será que essa maldita empregada não acorda?

- Calma, Maria! Sou eu. Não grite, por favor!

Mas já era tarde, meu pai aparecera na janela, empunhando a relíquia da família: um respeitável trabuco que pertencera ao meu bisavô.

- Ah! é você? Que diabo! Você não tem vergonha de viver metendo a cara com as empregadas?

*

* *

¹⁶² *Vamos ler!* Rio de Janeiro. 15 maio 1941.

O ladrão mineiro é humorista. Nós todos o somos. Tanto que em Minas nunca se sabe se um ladrão está roubando ou se divertindo apenas. Daí os enganos freqüentes de um cidadão honesto passar por alguns minutos como perigoso “lunfa”.

O ruim é que essa coisa de escapar de ser tido como ladrão e terminar com ficha de conquistador de mulatas não tem graça alguma.

No entanto aqueles ladrões que penetraram, às quatro da tarde, na casa de conhecido advogado da cidade não encontraram nem ao menos Restituta, uma bela mulata que era o encanto dos elementos da Força Policial e estudantes que freqüentavam a Rua Paraíba.

Penetraram tranqüilamente na casa – muito mais tranqüilos do que se fossem os seus proprietários – coaram um cafezinho, fumaram charutos encontrados na sala de jantar, fizeram uma trouxa com objetos de valor e se prepararam para dar o fora.

Nisto aparecem os donos da casa e dão o alarme de “pega ladrão”.

Não se perturbaram os “amigos do alheio”. Largaram a trouxa e saíram gritando pela rua fora, acompanhados de numerosos populares: “Pega ladrão! Pega ladrão!”.

*

* *

João Isidoro tinha uma boa ficha na polícia. Boa demais. Suas entradas, como ladrão de “penosas” (galináceos), nos distritos policiais, eram bastante avultadas.

Para evitar as suas contínuas hospedagens na Pensão do Estado, procurou especializar-se, sem resultado, em outra espécie de latrocínio. Todavia a sua primeira tentativa, roubando a perna de borracha de um aleijado, durante o sono deste, redundou num grande fracasso. Passou várias noites preocupado no que fazer com semelhante objeto e outros tantos dias procurando vendê-lo, sem sucesso.

Depois dessa tentativa malograda, desapareceu. Por muitos meses ficou esquecido.

No seu retiro, passou o tempo ensinando a um robusto peru uma arte nova e difícil. Quando terminou o “curso”, caiu em campo com a ave. Vendia-a de tarde, justamente na hora do jantar, e à noite pulava o muro da casa do comprador e, a um assovio seu, o peru, que estava bem ensinado, voltava para as suas mãos.

Acontece que esse quase descobridor do moto-contínuo, cai na besteira de vender a ave numa “república” de estudantes. Estes, ao contrário dos outros compradores, não se perturbaram com aquela transação na hora do jantar. Mandaram preparar, imediatamente, o peru para uma ceia.

Quando o desditoso vendedor de perus voltou, à noite, para buscar o seu discípulo, cansou de assoviar. Pulando o muro teve a desilusão de encontrar da sua amada ave somente as penas. E, a um guarda que o encontrou banhado em lágrimas, queixou-se com amargura, dizendo ter sido miseravelmente roubado por uns estudantes.

*
* *
*

Em Nova Lima, onde está situada a Mina do Morro Velho, às horas tantas, em qualquer dia da semana, tudo pode acontecer... Até um inglês, lá residente há mais de trinta anos, falar bem o português...

Mas isso não nos interessa. O fato é que, quando passeava com a sua namorada, em rua central daquela cidade, numa dessas noites cálidas de fim de verão, muito propícias a arrulos amorosos, Antonio Diegues, mais conhecido como Nonô, foi, repentinamente, interrompido mesmo no meio de uma doce frase que dizia à sua companheira.

Ao brado enérgico de “a bolsa ou a vida”, Nonô estacou aturdido. Olhou, quase que demoradamente, para os três mascarados (dois deles estavam vestidos de mulher), empunhando ameaçadores revólveres, e disse desconsoladamente: - A vida, porque dinheiro não tenho.

- E em casa? indagou um dos assaltantes.

Diegues olhou para a namorada, mais com vergonha dela do que com terror de seus agressores, e respondeu gaguejando:

- Em casa... em casa... em casa tenho três mil réis...

Os jornais que noticiaram o fato não nos informaram qual dos quatro ficou mais surpreendido: se a moça ou os três bandidos. Apenas que a polícia tomou as devidas providências e que em Nova Lima, às horas tantas, tudo pode acontecer. Mesmo um

cidadão, ao lado de sua amada, ser assaltado, em pleno coração da cidade e não possuir um tostão sequer nos bolsos...

*

* *

Durante meses a polícia de Belo Horizonte fez tentativas infrutíferas para identificar um “lunfa” que, sistematicamente, após assaltar uma residência particular ou estabelecimento comercial, deixava como sinal de sua passagem um toco de vela.

Porém num de seus assaltos, o “homem da vela” – como passou a ser conhecido – deixou, em cima de uma mesa, a impressão de seus pés.

Pista quase inútil para a polícia se um dia não tivesse sido preso, por espancamento de um menor, determinado indivíduo. Um dos “tiras”, a título de gracejo, mandou-o tirar os sapatos, pilheriando para um seu colega: “Quem sabe é esse o ‘homem da vela’?”

Riram-se muito e se espantaram ainda mais, quando a Secção de Identificação lhes comunicou que aquela impressão “plantar” era idêntica à do tão procurado arrombador.

O delegado que presidia o interrogatório do prisioneiro, e que há muitos meses vivia preocupado com o mistério que o cercava, quis saber o símbolo da vela, sempre deixada como indício de sua passagem, calculando que, naturalmente, ela era o cartão de visitas do habilidoso ladrão.

Por isso, antes de procurar saber de qualquer outro detalhe, indagou muito interessado: “Por que o senhor deixava sempre uma vela em todas as casas que assaltava?”

Com muita naturalidade ele respondeu:

“- Pra lumiar, seu delegado. Num sei trabalhar no escuro...”.

FERNANDO TAVARES SABINO¹⁶³

**Um grupo de sonhadores e um sonhador que não sonha – Uma “Academia de Letras”
– Um “conteur” desconcertante – Crônicas e críticas – O mais moço e o melhor
remunerado – Onde aparece uma “bateria” – *Os grilos não cantam mais***

Conheci Fernando Sabino quando começava a publicar os meus primeiros trabalhos literários e sonhava com um romance complicadíssimo, cheio de mortes e tragédias. Nessa ocasião ele já era autor de vários trabalhos premiados nos mais esquisitos concursos literários e possuía um livro de contos – *Brejela* – pronto para ser editado. O livro não era o que se pode chamar de um livro forte, mas deixava entrever o vigoroso “conteur” dos trabalhos que escreveria mais tarde. Revelava um domínio seguro da língua, um estilo muito pessoal e um grande poder de observação.

Quando mais tarde, desistindo de *Brejela*, Fernando Sabino iniciou a sua nova coletânea de contos que iria enfeixar nesse *Os grilos não cantam mais*, que a Pongetti lançará neste mês, muita coisa havia acontecido. Éramos camaradas inseparáveis e eu, mais do que nunca, me convencera do talento incomum desse desconcertante contista mineiro. (Nessa época não mais pensava nas mortandades do meu fracassado romance, mas num livro de contos encadeados que morreu logo depois, como têm morrido os meus sonhos literários...).

Depois disso não o abandonei mais. Assisti o nascimento de todos os contos que fazem parte do seu livro de estréia. Reuníamos, com outros camaradas, nos cafés da Avenida e, desde o princípio deste ano, na Leitaria Celeste, transformada em sede de uma “Academia de Letras”.

Faziam parte da turma Fernando, Jair Rabelo Horta, eu, João Camilo de Oliveira Torres, Fritz Teixeira de Sales e Osvaldo Alves. De quando em quando aparecia também Alfonsus de Guimarães Filho, Cid Rabelo Horta, Cláudio Barbosa, Nazareno Alfonsus, Wilson e Carlos Castelo Branco, Ildeu Brandão, Álvares da Silva, João Oliveira Viana e mesmo alguns “maiorais”. A conversa girava entre a literatura (da gente e dos outros – principalmente sobre a da gente) e a crise financeira. Fernando falava em seus trabalhos e

¹⁶³ *Folha de Minas*. Belo Horizonte. 02 nov. 1941.

os trazia já terminados; João Camilo contava pedaços de seu *Positivismo no Brasil*; Osvaldo Alves cofiava o bigode e não se embriagava com a consagrada crítica sobre o seu *Um homem dentro do mundo*; Jair Rabelo Horta relatava vaguíssimos capítulos sobre um ainda mais vago ensaio sobre Lima Barreto. Enquanto isso e enquanto Fritz tinha os sonhos mais temerários do mundo (eram livros de versos, contos, romances, ensaios, o diabo!) eu sonhava mais do que toda a turma reunida, procurando o Grão Mogol, um cidadão excêntrico que tinha 90 anos e quarenta mulheres...

Às vezes o Fritz ficava fora de si, ao ouvir-me dizer que ele era tão sonhador quanto eu.¹⁶⁴ Era o suficiente para que esbravejasse, jogasse os braços para todos os lados e gritasse nos meus ouvidos e nos dos outros da roda: “Esse Murilo tem cada mania! Sonhador, sonhador! Justamente eu que não sou literato, que prefiro viver a escrever! – E, com mais alguns tremendos arrancos com os braços, concluía: – “Ademais, quem escreve os meus trabalhos é a vida...” (Foi aí que compreendi que os meus livros também estavam sendo escritos pela vida. Fiquei muito melancólico com essa revelação e senti que havia descoberto o caminho mais seguro de ser inédito para sempre).

De todos os “acadêmicos” – mesmo o Osvaldo, que voltara ao sonho, após a publicação de seu notável romance – só o Fernando não se deixava arrastar pelos devaneios. Sonhava como nós todos, mas realizava, tinha sempre alguma coisa nova, pronta para ser transformada em letra de fôrma. (Nós outros, tínhamos milhares delas, mas tudo muito bem estruturado... em pensamento).

UM “CONTEUR” DESCONCERTANTE

Quando chamei Fernando Sabino, no princípio desta crônica, de “um conteur desconcertante”, pensei numa porção de surpresas que a sua personalidade, complexa e desnorteada, me tem proporcionado, desde que nos conhecemos.

A primeira delas foi em 39. Ainda não o conhecia, senão por referências. Sabia que ele escrevia contos e que tinha um sem número de prêmios em concursos literários da “Carioca”, porém não lera nada de sua autoria.

¹⁶⁴ Palavra ilegível, riscada a caneta, entre “ele” e “era”.

Também ouvira falar em um nadador – sempre fui ultra vago em matéria de esportes – com o mesmo nome. Naturalmente, algum parente seu, calculava.

Em certo dia, não sei por que cargas d'água, dou com os costados na piscina do Minas Tênis que.¹⁶⁵ Foi uma dessas louras irrequietas, capazes até de nos levar à igreja). Eu já estava lá há algum tempo, inteiramente alheio às provas do torneio e muito atento à figura super-esbelta da minha loura, quando o *speaker* anunciou que entre os concorrentes a determinada prova estava Fernando Sabino. Perguntei a alguém ao lado se se tratava de algum primo do literato do mesmo nome e, com grande espanto de minha parte, disseram-me¹⁶⁶ que era o “próprio”. Ante essa revelação, sorri um pouco desconcertado e pensei com os meus botões: - apanha na certa. Nunca soube de um literato que ganhasse uma prova de natação...

Todavia, no final do páreo, a minha surpresa ainda foi maior: o rapazinho ganhou a prova e foi sagrado campeão mineiro de nado de costas. Contudo não desanimei com o fracasso da minha previsão e, retirando o meu julgamento anterior, lancei-lhe a minha condenação definitiva: - é... Campeão de natação... Ora, pílulas! Na literatura não deve dar nada...

CRÔNICAS E CRÍTICAS

No entanto, mais uma vez, estava destinado que eu teria que reformar o meu juízo a seu respeito. Foram umas crônicas e uns ensaios críticos seus, que deparei em “algures” da imprensa mineira. Fiquei admirado com seu estilo, com a sua irreverência e, principalmente, nas críticas, com a agudeza de suas observações.

Depois veio o célebre jantar da *Mensagem*, em outubro de 39, e uma intimidade maior entre eu e ele. Dessa ocasião em diante passei a subscrever as palavras de Cid Rabelo Horta, um dos espíritos mais agudos da nova geração de Minas, que assim se expressou em *O Diário*, sobre a personalidade de Fernando Sabino: “Durante o primeiro jantar de *Mensagem* o mundo intelectual de Belo Horizonte ficou conhecendo Fernando Sabino. Ou melhor: ficaram conhecendo o ‘benjamim’ das letras mineiras aqueles que, como nós, não o

¹⁶⁵ Aqui falta um trecho, provavelmente devido a algum erro de impressão. O autor, ao contrário do que costumava fazer, não emendou o original.

¹⁶⁶ No original: “disseram-se”.

tinham visto na própria *Mensagem* através de bem lançados e vigorosos contos. Depois Fernando Sabino foi crescendo, as denunciadoras penugens se transformaram em barbas cerradas, enquanto se revelava por toda a parte e em todos os gêneros: no conto, na crônica, na crítica literária”.

O MAIS MOÇO E O MELHOR

Fernando Sabino é talvez o mais novo “conteur” brasileiro, pois conta apenas 18 anos. Entretanto é o contista, inédito, melhor remunerado de Minas e talvez do Brasil. Já ganhou em prêmios distribuídos por revistas e publicações do país, vários contos de réis, com quase uma centena de trabalhos fora as colaborações pagas, que sobem a um número bastante elevado.

ONDE APARECE UMA BATERIA

Além de pianista (de ouvido), Fernando Sabino é um mestre na “bateria”, esse diabólico instrumento, cheio de pratos, pedaços de madeira, bombo, tarol, e outros apêndices, tão numerosos e tão cruéis quanto os tentáculos de um gigantesco polvo...

A sua idéia de aprender a tocar esse instrumento do diabo nasceu de uma clarineta... Residia perto de sua casa, na Praça da Liberdade, um rapazinho, que, não contente em possuir uma clarineta, encasquetara que havia de aprender a tocá-la. E, de manhã à noite, fazia sair do canudo preto, cheio de pedaços de metal, guinchos e gargalhadas infernais. Já não se podia passar pela praça e, os que lá faziam *footing*, às quintas e domingo, andavam desesperados com o inquisitorial instrumento do rapazola.

A família do Fernando já se dispunha a mudar de residência, quando, em uma tarde, o nosso contista, aparece com um caminhão carregado de caixas...

À noite, do seu quarto, saíam estampidos, sons incríveis. Revolucionou a rua toda com a bateria. O rapazinho da clarineta, por noites a fio, tentou abafar o barulho que o Fernando fazia. Quando viu ser impossível, mudou-se para outra pensão.

Dias após, vendo que o seu filho tomara mesmo gosto pela bateria, o Sr. Domingos Sabino, chamou-o e disse-lhe:

- Olha, meu filho, como vingança o seu instrumento estava muito bom, mas como musica... é melhor você aprender a tocar clarineta...

OS GRILOS NÃO CANTAM MAIS

Dentro em poucos dias o livro de estréia de Fernando Sabino, *Os grilos não cantam mais*, será lançado pela Editora Pongetti. Para muitos, como eu, ele não será uma revelação. Não obstante, para a massa dos leitores, será uma grande surpresa. Isso porque, nesta coletânea de contos, revela, o novel contista mineiro, uma grande força criadora e um rico senso de humanidade, demonstrando ao mesmo tempo, um grande poder da observação e um humor sadio e agradável. Respira-se em alguns contos um certo “ar” de Belo Horizonte, com as suas festas familiares, odores de magnólias, meninos descalços, que pedem esmolas e vendem jornais; da praça da Liberdade, com suas rosas, palmeiras e pares de namorados.

Em outros trabalhos do livro em apreço nota-se transição entre dois climas inteiramente diversos, na arte de Fernando, e poderemos sentir a evolução do artista para um plano literário mais profundo. O autor imprime aos seus trabalhos uma nova força humana e poética. Há neles muito de angústia e de anseio de perfeição.

Por isso tudo e por muitas outras razões, que somente a crítica literária do país saberá avaliar, poderemos afirmar, sem nenhum receio de estarmos exagerando, que *Os grilos não cantam mais* é um livro forte e marcará, entre nós, o aparecimento de um vigoroso talento literário.

LIRISMO DE FIM DE SEMANA¹⁶⁷

0

Todos os diários são pretensiosos. Alimentam a ilusão dos que pretendem levar uma existência diferente da vivida pelos seus semelhantes. Mais do que uma pretensão: é um desperdício; é agonizar entre alternativas estéreis. Porque a vida é feita de episódios banais e a seleção deles, visando agradar possíveis leitores, uma odiosa amputação. E há ainda a necessária forma literária, que deturpará o seu conteúdo. Teremos, então, uma hibridez monstruosa: meio termo entre a verdade e a ficção.

1

Mas o demônio tenta e um diário está iniciado. Daqui para diante, os caminhos tornam-se fáceis. O difícil é evitar a ficção, que já está brincando com os meus nervos.

Se o pudor me obriga a trocar por outros os nomes das mulheres que amei, por que não mudar também os fatos? Ah! se eu os pudesse transformar! Derramaria sobre uma única mulher toda essa reserva de amor que a vida me obriga a guardar. Ela teria os olhos azuis e os cabelos poderiam ser de todas as cores. Só não os toleraria se fossem negros.

E não é demasiada humildade exigir-se para a amada que tenha apenas os olhos azuis?

2

Se fosse amor, teria fugido com Eunice. Não foi. Apenas a idade, que era pouca, e os olhos que se enchiam à toa de ternura.

3

¹⁶⁷ *Folha de Minas*. Belo Horizonte. 22 abr. 1945.

Ficaram cansados os olhos? Não. Ainda o peso da idade: trinta anos, para um irremediável celibatário, não mais pedem amor – amam-se todas as mulheres.¹⁶⁸ Quando vem o cansaço, sentimos que a nossa solidão é produto de um desmesurado orgulho. O coração secou.

4

Perdi as namoradas, os cabelos e a fé. Mas, teria perdido tudo? Não. Ficaram as ilusões. Todos os dias ainda penso que recomeçarei.

5

As ilusões cansam. E o coração vazio pesa mais que os desenganos.

6

“Os teus cabelos são como os rebanhos de cabras que subiram do monte de Galaad”. Já não é mais tempo de ler o *Cântico dos cânticos*.

7

Somente os tolos e os despeitados se preocupam em confrontar intelectualmente a mulher com o homem. O talento é espontâneo e não escolhe sexo. Esquecem-se esses ociosos que o indivíduo vale pela sua riqueza em humanidade e não pelo talento, nem sempre a serviço das causas justas. Ser democrata é melhor que ser inteligente.

8

¹⁶⁸ No original: “ama-se todas as mulheres”.

Uma mulher amarga, o pensamento mergulhado na penumbra de um despeito feroz, me faz acusações tremendas: “Os contos do Sr. Murilo Rubião são simbólicos, e vê-se bem que está todo o sexo feminino envolvido no tipo caricatural que a sua imaginação cria”.

“A insistência desse motivo faz-nos supor existir sobre o contista a influência de um complexo, que só as teorias freudianas poderiam explicar...”

É evidente o estilo masculino. Evidente, a intenção de atacar pelo puro prazer de destruição.

E quando a autora do artigo diz que “nas suas páginas literárias o escritor tem a visível preocupação de amesquinhar a mulher”, demonstra conhecer mal a minha literatura. Não se deu ao trabalho de reparar nos personagens masculinos, bem mais amassados do que as mulheres. Não sentiu a desesperante solidão que existe neles. E poderão dizer os homens que pretendo amesquinhá-los? Não. Porque a solidão dos meus personagens é a minha própria solidão.

9

Como Freud morreu, remeto a senhora Rose Sauvage ao meu amigo Karl Weissman. Ele melhor poderá explicar o estilo masculino da minha pouco sutil acusadora, ou o complexo feminino do autor do artigo “A mulher e o escritor Murilo Rubião”. Sim, porque há homens que costumam atacar seus inimigos sob um decotado vestido de mulher.

10

No entanto, é das mulheres que tenho recebido os melhores estímulos. Grande número de contos meus, que saíram no Rio, devo a sua publicação a uma adorável e inteligente americana, que foi secretária da revista *Sombra*. Dos Estados Unidos, onde se encontra agora, escrevendo para a *Metro Goldwyn Mayer*, recebo dela mais uma comovente prova de simpatia: “*I have always wanted to translate some of your stories in English. Would it interest you?*”

E tudo isso desinteressadamente, pois só conheço Teddy – que é filha de um dos mais populares escritores da América – por correspondência.

Poderia citar nomes de outras mulheres que me têm incentivado e cuja colaboração tem sido decisiva para o meu desenvolvimento literário. Prefiro guardá-los no coração, que não os esquecerá nunca.

É chegado o tempo de reler o *Eclesiastes*. “Contemplei novamente todos os trabalhos dos homens e notei que as suas indústrias se achavam expostas à inveja do próximo: e nisto há também vaidade e cuidado supérfluo”.

Contudo, ainda espero a mulher de olhos azuis.

AUSÊNCIA¹⁶⁹

Para que fugir se me acompanhará sempre a minha sombra?
se nunca encontrarei na solidão dos caminhos o silêncio!
Por todos os lugares, em toda a minha inútil existência
o eco da minha voz, a tortura do meu pensamento,
estarão onde eu for, mostrando-me o passado de que não posso fugir.
Verei nos lírios entornados à beira das estradas
a imagem de duas brancas mãos que um dia me acariciaram;
sentirei no crepúsculo sanguíneo das tardes exangues
os lábios que me sussurravam ao ouvido,
os lábios que não cansava de beijar.
Em tudo que eu pensar, em tudo que pousar meus olhos,
verei projetado, como uma sombra enorme,
a cobrir o meu corpo cansado de caminhar
um rosto de mulher, o rosto de minha amada!
E na tortura de alcançá-la nos meus sonhos impossíveis
eu a procurarei nos astros, na tranqüilidade dos campos;
buscarei com os braços fatigados a sua visão fugidia...
E encontrarei apenas a minha voz angustiada,
os meus olhos extenuados pela procura da luz perdida,
a recordação pungente de um sentimento sempre revivido,
a minha dor imensa cobrindo as estradas,
cheias de lírios, de silêncio, de luar...

¹⁶⁹ *Tentativa n.º 8*, Belo Horizonte, nov. 1939.

POEMA¹⁷⁰

Se viajar, não voltarei mais.
Deixarei os ciprestes,
esquecerei os olhos azuis.
As crianças que brincaram,
que se consumiram no tempo,
ficarão sozinhas no meu coração.

Haverá um principio de ternura,
uma saudade de folhas cortadas,
de recortes de jornais velhos.

Esconderei meu rosto na chuva –
os pés molhados, as uvas maduras,
os olhos muito abertos,
esperando lágrimas, sortilégios,
truques de saudade.
Saudade de um gato e de uma mulher.

Não voltarei mais, nem me esquecerei.
Os olhos de um gato, fim de estrada,
a mulher se decompondo num sorriso.

Fim de estrada, morte para quem viajou;
morte para os sinos das igrejas novas,
para os noivos que seguiram alegres.
Meu coração se encherá de crianças tristes,
de velhas estampas, de gestos humildes.

¹⁷⁰ *Folha de Minas*. Belo Horizonte. 7 jan. 1945.

UMA ENQUETE ENTRE OS ESCRITORES¹⁷¹

Como você é?

Sou principalmente um camarada triste. O que procuro esconder de todos os modos. Não por envergonhar-me da minha própria tristeza. Apenas por considerar mais importante do que a minha melancolia, as relações que mantenho com meus semelhantes.

Também excessivamente tímido. Causa que somente meus íntimos podem atestar. Os outros não acreditarão, vendo-me à vontade em todos os lugares que frequento. Se, quando sozinho, conservo a fisionomia demasiadamente séria, não é por uma pretensa superioridade, como muitos gostariam de acreditar. Simples reação de um tímido, que se presente observado por mil olhos.

Nem sempre tenho sido compreendido. Fato que, longe de me obrigar a lamentações inúteis, faz com que procure compreender melhor os homens.

Não são poucos os que me julgam louco, lendo os contos que escrevo. Outros, um charlatão. Nem uma coisa nem outra. Louco é o mundo e os homens que me cercam.

Muito tenho errado. Todavia, não cultivo o remorso, apesar da profunda humildade que acompanha os meus menores atos. Ando de cabeça baixa. Sendo extremamente cético, acredito que o amor e a solidariedade humana, poderiam resolver todos os problemas políticos e sociais.

Tenho uma virtude: sou discreto. Guardo bem os segredos dos outros; não vasculho cartas ou a vida do próximo. Ainda melhor sei guardar os meus segredos. Talvez por uma certa incapacidade de desabafar-me com os outros ou pelo pudor de incomodar meus amigos com problemas, que para mim são essenciais.

Gostando muito de estar acompanhado, sou, paradoxalmente, um solitário. É que cedo aprendi a andar sozinho no meio das grandes turmas.

Fui jornalista e tenho um título de bacharel, que me tem sido perfeitamente inútil. Hoje trabalho em uma estação de rádio e faço literatura. Naquela incomoda-me um título de chefe; na última, a lentidão com que realizo meus trabalhos.

¹⁷¹ *Folha de Minas*, 21 jan. 1945.

Gosto de colecionar cartas, retratos e recortes de jornais velhos. Nunca esqueci meus amigos. Apesar do meu olhar sempre vago e distraído. E da memória, incapaz de guardar nomes.

Acho que deveria dizer que sou principalmente um sentimental.

Que prepara para 1945?

Para 1945, além de meu livro de contos – “O dono do Arco-Íris” – que deverá sair ainda este ano, preparo dois livros. Um de contos – “Marina, a intangível” – e um romance, com título por escolher.

OS ARQUIVOS IMPLACÁVEIS¹⁷²

CONFISSÕES

“EX-MÁGICO”

Murilo Rubião

Condé,

Não fora a irrevogabilidade da promessa que lhe fiz, quando de uma das minhas viagens ao Rio, me esquivaria de falar sobre o meu livro. Por nunca me ter demorado em examinar o que ele me custou em sofrimento, trabalho, e quanto modificou a minha vida, ainda não sentira esse ressaibo de frustrações que experimento agora.

Foram muitos os que ajudaram o bisonho provinciano a escrever e publicar a sua obra de estréia. Deixo de mencioná-los porque se encontram na dedicatória do “Ex-Mágico”.

Com um livro terminado em 1940, somente encontrei editor em 1946. Antes, apesar dos esforços de Marques Rebêlo e outros amigos, o “Ex-Mágico”, que já se chamara “Elvira e outros mistérios”, “Girassol Vermelho”, “Os Três Nomes de Godofredo” e “O Dono do Arco-Íris”, peregrinou, desafortunadamente, por meia dúzia de editoras. A cada investida fracassada, substituía contos velhos por novos, mudava as citações bíblicas que perdiam o sentido com a renovação das histórias.

Para publicar o livro atual, escrevi contos que, reunidos, encheriam cinco volumes. E a tarefa de reescrever? Acredito mesmo que nesse exercício, por mim aplicado com grande pertinácia, o melhor ficou de fora. Dessa época o que mais me entristece é ter sido obrigado a afastar do livro os contos do Grão Mogol, personagem pelo qual tive a maior estima. Era um bom velhinho que possuía enorme fortuna em diamantes e que alguns acreditavam ter quarenta mulheres e noventa anos; outros, ao contrário, acreditavam que ele tinha quarenta anos e noventa mulheres. Morador em lugar incerto, vivia a divertir-se com os homens, pregando-lhes peças, fruto de uma delicada capacidade de fazer mágicas.

¹⁷² *A Manhã*. Rio de Janeiro. 11 dez. de 1949.

Melancolicamente superei os temas do Grão Mogol e talvez jamais consiga arranjar-lhe novos enredos.

Das opiniões sobre o “Ex-Mágico”, duas me causaram certa mágoa. Uma por afirmar que a loucura e os loucos dominavam o meu livro. Outra, de um “punguista”, eventual companheiro de cárcere de um dos meus mais queridos amigos, afirmando que as minhas personagens não pareciam caminhar com os pés no solo.

Louco pode ser o mundo. Os meus heróis são apenas homens tristes, que não conseguiram entender as traições da amizade, não acharam sentido na fortuna ou não tiveram, ao menos, a amizade de um cão. Neles vive a solidão, a busca incessante da infância irrecuperável, o culto incompreendido do amor e uma silenciosa humildade frente ao mistério que eles aceitam sem indagações, como se curvam diante dos irrecorríveis castigos a que estão sujeitos os escolhidos para serem mansos. A atmosfera irreal ou sobrenatural, que muitos julgam cercar as suas ações, existe somente para aqueles que vivem à margem da vida, amealhando cruzeiros, especulando com a falta de transportes, com a alta dos imóveis ou com as aberrações da inflação. Jamais sentiram o lirismo de colher seixos brancos, sem a mortal preocupação do colecionador. Homens sem esperança, incapazes de compreender, como o meu Pirotécnico, que, às vezes, é preciso morrer para se ter uma vida autêntica.

AUTO-RETRATO¹⁷³

- No livro de registro de nascimento da matriz de Silvestre Ferraz, hoje Carmo de Minas, encontro, ao lado do meu, os nomes de meus pais: Eugênio Álvares Rubião e Maria Antonieta Ferreira Rubião. 1916.

- Meu pai, homem de boa cultura humanística, era filólogo e pertenceu à Academia Mineira de Letras. Escrevia com rara elegância, apesar de gramático. Dele herdei a timidez e um certo ar cerimonioso, que me tem privado da simpatia de inúmeras pessoas. Algumas delas mulheres, o que é lamentável.

- Em Belo Horizonte residi vinte e cinco anos. Alguns alegres, outros tristes. Lá pretendo morrer. No cemitério do Bonfim, se não for incômodo para os que me sobreviverem.

- Cursei grupo escolar, ginásio, Faculdade de Direito, e posso afirmar, sem sombra de orgulho, que jamais fui primeiro aluno em qualquer disciplina.

- Como escritor, alcancei algum êxito na burocracia das letras. Três vezes presidente da Associação Brasileira de Escritores (Secção de Minas Gerais) e vice-presidente do I Congresso Brasileiro de Escritores.

- Sete anos levei para escrever e publicar o meu primeiro livro “O Ex-Mágico”. Nem por isso ele saiu melhor.

- Comecei a ganhar a vida cedo. Trabalhei em uma baleira, vendi livros científicos, fui professor, jornalista, diretor de jornal e de uma estação de rádio. Hoje sou funcionário público.

- Celibatário e sem crença religiosa. Duas graves lacunas do meu caráter. Alimento, contudo, sólida esperança de me converter ao catolicismo antes que a morte chegue.

- Muito poderia contar das minhas preferências, da minha solidão, do meu sincero apreço pela espécie humana, da minha persistência em usar pouco cabelo e excessivo bigode. Mas, o meu maior tédio é ainda falar sobre a minha própria pessoa. (*Leitura*. Rio de Janeiro. setembro de 1949.)

¹⁷³ Suplemento Literário do *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 07 fev. 1982.

MARIAZINHA NÃO VOLTOU¹⁷⁴

1

Dez anos! Tanta coisa aconteceu depois, que eu não me deveria lembrar de Mariazinha. Mariazinha que brigava comigo, me dizia desaforos e tinha quinze adoráveis anos.

Todas as noites, após enfiar o meu terno nº 1, me dirigia para a casa dela. Dava um assovio longo, dois curtos, e Mariazinha aparecia na janela:

- Já vou, viu, gritava lá de cima, ajeitando os cabelos.

E demorava dez minutos. Quando chegava, jogando os braços para os lados, dando pequenos pulos, encontrava-me amuado, doido de raiva pelos seiscientos segundos de espera.

Aos poucos a minha ira se desfazia e eu guardava o canivete, com o qual, todos os dias, tornava mais profundos os sulcos de um coração, desenhado por mim, numa árvore de “jalão”. (Dez anos passados e ele ainda lá está, com um “M” muito grande no centro. Mariazinha não sei onde estará. Foi um dia para S. Paulo e me escreveu que voltaria. Não voltou).

Depois, meio hesitante, eu olhava para a lua, dizia que a noite estava muito bonita. Ela olhava também, concordava comigo, me fitava nos olhos e as nossas mãos se encontravam...

2

- Eu já falei que gosto de você!

- Pode dizer outra vez. É tão bom!...

- Gosto muito de você, viu meu bicharoco!...

- Por que você gosta de mim?

- Ora, por quê!? Não me amole não, viu? Senão em qualquer dia destes, eu fujo com o padeiro!...

¹⁷⁴ *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, dez. 1941.

- Com o padeiro? Se fosse você, fugia com o carnicheiro... A carne é muito mais importante do que o pão...

- É, não é?! e o pão de cada dia?

- Pão de cada dia são os meus beijos, minha grande tolinha...

3

- Cuidado com o meu cabelo, viu?! Estive hoje uma hora no cabeleireiro e você quer agora, em um minuto, atrapalhá-lo todo! Você não sabe me beijar sem passar as mãos pela minha cabeça?

- Prosaica... materialista...

- Bobinho... pretensioso...

- Cabecinha de vento...

- De vento, hein?! Vento é você a desarrumar os meus loiros cabelos...

- Loiros ou oxigenados?

- Idiota!

- Num acho!

- A falar verdade, também não acho... Você se lembra da primeira noite em que conversamos? Era uma noite fria e nós quase nada falamos um ao outro...

- Fica quieto! Você é o maior adepto de beijos que já conheci!

- E conheceu muitos?

- Melhores do que você, não...

5

- Ficou amuado, hein? Sorri, viu? Olha para mim... Não ficou zangado com o seu amorzinho, ficou?

- Não. Apenas estava pensando...

- Pensando em quê?

- Por que gosto tanto...

- De mim?

- Não... da vida...

6

Quando o relógio da São José anunciava dez horas eu me despedia de Mariazinha.

Às vezes saía louco de raiva, jurando que nunca mais voltaria. Outras, satisfeito, olhando para trás, para o céu inundado de astros...

Ao passar pela casa de D. Inácia, uma solteirona de cara simpática e cabelos grisalhos, ouvia delas as mesmas frases de todas as noites:

- Boa noite, Manoel! Vai feliz, não vai? Olha que isso acaba em casamento...

7

Como a senhora estava errada, D. Inácia!

(Era voz corrente na vizinhança que ela tinha tido uma grande paixão na sua mocidade. Fora noiva de um médico que morrera tuberculoso num sanatório. Por isso gostávamos muito dela. Inclusive as mocinhas, que tinham uma vontade doida de ter um noivo tuberculoso).

Ah! D. Inácia! Se a senhora não tivesse morrido de tifo, estaria hoje decepcionada.

A nossa história não acabou em casamento, minha melancólica D. Inácia. Não. Acabou em saudade. Ou num reumatismo, que ainda hoje é a minha recordação mais insistente de todas as noites frias em que, ao lado de Mariazinha, eu pensava trazer o mundo dentro dos meus olhos.

O PIROTÉCNICO ZACARIAS¹⁷⁵

Raras são as vezes que, na conversa de amigos meus, ou de pessoas de minhas relações, não saia esta pergunta: Teria morrido o pirotécnico Zacarias?

A esse respeito as opiniões são contraditórias. Uns acham que eu estou vivo; que o “morto” apenas tinha alguma semelhança comigo. Outros, mais supersticiosos, afirmam que a minha morte pertence ao rol das coisas líquidas e consumadas e que a pessoa a quem andam chamando Zacarias não passa de uma alma penada envolvida por um pobre invólucro humano. Ainda há os que, afirmando categoricamente a minha morte, dizem que o cidadão existente não é o Zacarias, artista-pirotécnico, mas alguém muito parecido com o finado.

Uma coisa – e é o que mais desnorreia os meus amigos – ninguém discute: se Zacarias morreu, seu corpo não foi encontrado.

A única pessoa que poderia dar informações certas sobre o assunto seria eu. Mas estou impossibilitado de o fazer, pela simples razão de que os meus amigos fogem de mim, mal me avistam pela frente. E, quando apanhados de surpresa, não lhes é possível escapar à minha presença, ficam estarecidos e não conseguem articular uma palavra.

Em verdade morri, o que vem de encontro à versão dos que acreditam na minha morte. Por outro lado, também não morri, pois não fui enterrado e faço tudo o que fazia antes e com muito mais prazer do que na minha existência anterior.

Com isso não pretendo dizer absolutamente que estou vivendo uma outra vida. Não. Sou daqueles que acreditam que se vive uma só vez.

A princípio foi azul, depois verde, amarelo e negro. Um negro cheio de listas vermelhas, de um vermelho compacto semelhante a densas fitas de sangue. Sangue pastoso com pigmentos amarelados, de um amarelo esverdeado, tênue, quase sem cor.

Quando tudo começava a ficar branco, veio um automóvel e me matou.

¹⁷⁵ *O cruzeiro*. Rio de Janeiro, 03 abr. 1943.

- Simplício Santana de Alvarenga!

- Presente!

Senti rodar a minha cabeça, o meu corpo balançar, como se lhe faltasse o apoio do solo. Em seguida fui arrastado por uma força poderosa e irresistível. Em vão tentei agarrar-me nas árvores, cujas ramagens retorcidas e puxadas para cima escapavam por entre os meus dedos. Nas mãos eu levava uma roda de fogo, a girar com grande velocidade entre elas, sem queimá-las, todavia. Mais adiante o círculo de fogo se multiplicou em cores.

- “Meus senhores: Na luta vence o mais forte e o momento é de decisões supremas! Os que quiserem sobreviver ao tempo tirem os seus chapéus!”

(Ao meu lado dançavam fogos de artifício. O arco-íris engolia tudo.)

- Simplício Santana de Alvarenga!

- Não está?

- Tire a mão da boca, Zacarias!

- Quantos são os continentes?

- E a Oceania?

- Dos mares da China não mais virão as quinquilharias...

A professora magra, esquelética, os olhos vidrados saltando das órbitas, empunhava na sua mão direita uma dúzia de foguetes. As varetas eram compridas, tão longas que obrigavam d. Josefina a ter os pés distanciados uns dez metros do soalho e a cabeça coberta de fios de barbante, quase encostada no teto.

- Simplício Santana de Alvarenga!

- Meninos, amai a verdade!

Porém, a única verdade era que d. Josefina já havia morrido vinte anos antes, isto é, algum tempo depois que papai tomou por hábito nos contar, à noite, as suas reminiscências de infância.

A noite estava escura (Escura? Melhor, negra). Os filamentos brancos não tardariam em descer sobre o céu. Ou não desceriam nunca?

Caminhava pela estrada. Estrada do Acaba Mundo: algumas curvas, silêncio, sombras, mais sombras do que silêncio.

O automóvel não buzinou de longe. E, nem quando já se encontrava a alguns metros de mim, enxerguei os seus faróis. Simplesmente porque não seria naquela noite que o branco desceria sobre a terra.

As moças que vinham no carro deram gritos histéricos e não se demoraram em desmaiar. Os rapazes falaram baixo, curaram-se instantaneamente da bebedeira, esqueceram-se das companheiras desmaiadas e se puseram a discutir qual o destino a ser dado ao cadáver.

A princípio foi azul , depois verde, amarelo e negro. Um negro cheio de listas vermelhas, de um vermelho compacto semelhante a densas fitas de sangue. Sangue pastoso com pigmentos amarelados, de um amarelo esverdeado, tênue, quase sem cor. Sem cor é que eu sempre desejei viver. Viver, cansar bem os músculos andando pelas ruas cheias de gente, ausente de homens.

Havia silêncio, mais sombras do que silêncio, porque os rapazes já não discutiam baixinho. Falavam com naturalidade, calma e pesando bem as palavras.

Também o ambiente repousava na mesma calma e o cadáver – o meu ensangüentado cadáver – não protestava contra o fim que os moços lhe desejavam dar.

A primeira sugestão, logo abandonada, era que me levassem para a cidade, onde eu seria deixado aos cuidados do necrotério. Após demorada discussão, todos os argumentos analisados com frieza, prevaleceu a opinião de que eu poderia sujar o carro, comprado dias antes em uma famosa casa de automóveis. E havia ainda o inconveniente das moças não se

conformarem em viajar ao lado de um corpo sem vida. (Neste ponto é que eles estavam redondamente enganados, como explicarei mais tarde).

Um dos moços, um rapazola forte, imberbe, o único que se impressionara com o incidente e que permanecia calado e aflito desde o início da discussão, propôs que se deixassem as pequenas na estrada e me levassem para o necrotério, como se pensara inicialmente. No entanto, ninguém se dispôs a discutir o aparte do rapaz. Limitaram-se os seus companheiros a lamentar o mau gosto de Jorginho – assim se chamava o rapazola – e a sua insensatez que o levava a se interessar mais pela sorte de um cadáver do que pelas lindas mulheres que os acompanhavam.

Jorginho, notando a bobagem que acabava de proferir, encolheu-se novamente em seu mutismo e, sem encarar de frente os companheiros da roda, pôs-se a assobiar, com visível encabulamento, um trecho de Debussy. Não pude evitar a minha imediata simpatia por ele. Não só pela afinidade musical que sentia estarmos intimamente ligados (a música de Debussy foi o derradeiro encanto dos meus últimos dias de vida), como também pela sua mais do que razoável objeção, formulada debilmente aos que decidiam da minha sorte. Afinal as longas caminhadas cansam indiferentemente defuntos e vivos. (Este argumento não me foi possível expender no momento).

Discutiram em seguida outras soluções, inclusive a de deixar-me abandonado na estrada, no mesmo lugar em que me encontrava. (Que absurdo! Largar na estrada deserta, fria e escura, um pobre cadáver sem família, sem ninguém por ele no mundo!)

Por fim consideraram que me lançar ao precipício – um fundo e tenebroso precipício que marginava um dos lados da estrada – lavar cuidadosamente o carro, quando chegassem em casa, limpar o chão manchado de sangue, seria o alvitre mais adequado ao caso e o que melhor serviria a possíveis complicações com a Polícia, sempre ávida em achar mistério onde nada existe de mistério. E o mistério (que os jornalistas, como a polícia, gostam de encontrar em cadáveres abandonados em precipícios) era um estimulante para a imaginação romântica dos moços. E os que velavam o meu corpo eram ultra-românticos.

Mas aquela era uma das poucas soluções que não me convinham. Ficar jogado em um buraco, no meio de pedras e ervas, tornava-se para mim uma idéia insuportável. E ainda mais: a coincidência, que nunca foi muito minha amiga, poderia fazer com que o meu corpo, ao rolar pelo barranco abaixo, ficasse escondido por pedregulhos, terra e vegetação e, assim, não chegasse nunca a ser descoberto em seu improvisado túmulo. Se isso acontecesse o meu nome não apareceria nas manchetes dos jornais e o meu amigo Osório de Souza não poderia escrever na sua “Gazeta” o meu necrológio. Que coisas bonitas não diria, se pudesse! Seriam, por certo, quase as mesmas palavras que ele disse do meu finado pai:

“Desapareceu ontem, tragicamente, um dos mais finos espíritos de artista que a nossa cidade já conheceu. Zacarias Alves Filho pertencia a uma família que, desde os seus mais remotos ascendentes, fez da arte pirotécnica a sua exclusiva finalidade na vida. Dada a sua extrema modéstia, muitos de seus contemporâneos ignoraram a sua resplandecente passagem pela existência. Como os maravilhosos fogos de artifício, com que as suas divinas mãos iluminavam o firmamento em dias de festas, Zacarias Alves Filho, acaba de subir aos céus. A sua trajetória foi a mesma de seus fogos: riscou rapidamente o ar e, antes de se apagar, desdobrou-se em maravilhosas cambiantes, enquanto nós, aqui da terra, lhe enviávamos as nossas lágrimas, infinitamente mesquinhas e ridículas ante a beleza fulgurante de seus fogos de artifício”.

Tão comovido eu me encontrava, pensando nas palavras de Osório, que não me amargurei ao pensamento de que o cronista do “Estado” (rancoroso inimigo de minha família) repetiria sobre a minha morte a mesma notícia que dera quando Zacarias sênior fez a sua derradeira viagem. – “Ultimamente o infeliz jovem andava meio perturbado das faculdades mentais, o que o levou a um gesto tão desesperado”.

Sobressaltei-me lembrando-me dessa frase. Quem sabe se alguém, encontrando o meu corpo, na estrada, não formulasse logo a hipótese de que eu me teria jogado debaixo de um automóvel com o fito de me suicidar?!

Não, meu pai se suicidara, mas não eu! Ele estava sofrendo das faculdades mentais, não era mentira do “Estado”. Mas não eu! Nunca, nunca fui louco!

- Alto lá, gritei desesperado para os moços. Quero também dar a minha opinião!

Jorginho – o rapaz que anteriormente caíra na minha simpatia – empalideceu-se todo e, dando um berro tremendo, caiu desmaiado, enquanto os seus companheiros, algo admirados por ver um cadáver falando, se dispunham a ouvir as minhas razões.

Sempre tive confiança na minha faculdade de convencer, em meio às discussões, os meus adversários. Não sei se pela força da minha lógica, ou se por um dom natural que, em vida, me tornava vencedor de qualquer disputa dependente de argumentação segura e irretorquível.

A morte não me extinguiu essa faculdade. Tanto que, após alguns minutos de conversa, os meus matadores ficaram novamente indecisos, sem saber o que fazer de mim. Para complicar ainda mais os fatos, eles sentiam que era difícil dar rumo a um cadáver que não perdesse nenhum dos predicados que de costume se atribuem aos vivos.

Se a um deles não ocorresse uma idéia verdadeiramente genial, talvez tivéssemos caído em um impasse difícil de ser resolvido.

A solução partiu de um rapaz baixo e atarracado. Consistia em nada mais, nada menos de que me incluir no grupo, a fim de, juntos, terminarmos a farra, interrompida com o meu atropelamento.

Entretanto, outro obstáculo nos conteve: as moças eram somente três, isto é, em número igual ao de rapazes. Faltava uma para mim e eu não me conformaria de maneira alguma em fazer parte da turma sem uma companheira. Outra vez o rapaz das idéias geniais evitou maiores discussões, sugerindo que se deixasse na estrada o companheiro desmaiado. E para que eu me apresentasse mais decentemente acrescentou que seria conveniente trocar as minhas roupas pelas de Jorginho, o que me dispus a fazer imediatamente.

Depois de uma relutância à idéia de abandonar o imberbe admirador de Debussy, concordaram todos (os homens e as mulheres, já restabelecidas de seu primitivo desmaio) que Jorginho fora fraco e não soubera agüentar com a situação. Portanto não era razoável que se perdesse tempo fazendo considerações sentimentais em torno de sua pessoa.

Do que se passou em seguida não guardo uma recordação muito precisa. A bebida, que antes da minha morte pouco me transtornava, teve sobre o meu corpo defunto uma ação surpreendente. Pelos meus olhos entravam estrelas, luzes de cujas cores eu ignorava a existência; triângulos absurdos, cones e esferas de marfim, rosas negras, cravos em forma de lírios, lírios em forma de mãos. E a loura, ex-par de Jorginho, enlaçando o meu pescoço, com o seu corpo transformado em um longo braço de gesso.

Quando o dia começou a clarear, saí da semi-letargia em que me encontrava. Alguém me perguntava onde eu desejava ficar. Recordo-me que insisti em descer no cemitério, ao que me responderam ser impossível, pois àquela hora ele se encontrava fechado. Repeti ainda diversas vezes a palavra cemitério. (Quem sabe nem chegasse a repeti-la, mas somente movesse os lábios, procurando ligar as palavras às sensações longínquas do meu delírio de cores?)

Em minha mente se prolongou por muito tempo uma sensação dolorosa de desequilíbrio entre o mundo exterior e os meus olhos, que desde aquele dia se agoniavam em uma tentativa febril de se acostumar ao colorido demoníaco das paisagens que se descortinavam ante o meu olhar. Porém, aos poucos, foi se desanuviando o meu espírito e eu já não sentia o medo atroz que se apossara de mim quando senti, em toda a sua plenitude, que a morte penetrara para sempre no meu corpo. Desejei então fazer planos para uma nova vida.

Nos primeiros momentos, torturado, sem saber o que me poderia acontecer no futuro, o desatino tornou a ser de novo o senhor absoluto de meus atos.

Folheava jornais velhos procurando o noticiário de minha morte e nada encontrava. E quanto mais virava as páginas, cheias de notícias ridículas, sem importância, mais

aumentava na minha alma o caos que a morte trouxera para o meu cérebro. Tentei, logo que os dias me revelaram a ignorância total dos periódicos em relação ao falecimento, entrar em contato com os meus companheiros e companheiras na noite fatal. A procura foi inútil, nenhum deles dava sinal de vida.

Contudo os meus tormentos tornaram-se menos intensos e agora não me incomodo com a impossibilidade de provar quão real foi a minha morte, nem a de convencer aos meus amigos que o Zacarias que anda aí pelas ruas é o mesmo Zacarias, artista-pirotécnico, com a diferença que o outro era vivo e este um defunto.

Só um pensamento me atormenta de vez em quando: que acontecimentos o destino poderá reservar a um defunto em um mundo onde os vivos respiram uma vida agonizante? E a minha angústia – se bem que passe logo – aumenta assustadoramente ao sentir que a minha capacidade de viver, amar e discernir as coisas, é bem maior do que a de todos os seres vivos que por mim passam assustados, crentes que caminham ao lado de um monstro.

Mas amanhã o dia poderá nascer mais claro, o sol brilhando como nunca brilhou para ninguém e então os homens compreenderão que mesmo à margem da vida eu ainda vivo mais do que todos eles. A minha existência – eles têm que se convencer disso – se transmudou em cores e o branco já está se aproximando da terra para exclusiva ternura de meus olhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A) CRÔNICAS E ARTIGOS

- 1 – “Belo Horizonte – trailer”. *Revista Belo Horizonte*. Belo Horizonte. ago. 1940.
- 2 – “Cordisburgo – trailer”. *Revista Belo Horizonte*. Belo Horizonte. out. 1940.
- 3 – “Fernando Tavares Sabino”. *Folha de Minas*. Belo Horizonte. 02 nov. 1941.
- 4 – “Ladrões mineiros”. *Vamos ler!* Rio de Janeiro. 15 maio 1941.
- 5 – “Lirismo de fim de semana”. *Folha de Minas*. Belo Horizonte. 22 abr. 1945.
- 6 – “Mário de Andrade, Minas e os mineiros”. *Tentativa*, nº 08. Belo Horizonte. nov. 1939.
- 7 – “A minha Praça da Liberdade”. *Mensagem*. Belo Horizonte. 25 fev. 1941.
- 8 – “Olhos D’água”. *Revista Belo Horizonte*. Belo Horizonte. jan. 1941.
- 9 – “Roteiro lírico de Belo Horizonte”. *Revista Belo Horizonte*. Belo Horizonte. nov. 1940.

B) POEMAS

- 1 – “Ausência (poema)”. *Tentativa nº 8*. Belo Horizonte. nov. 1939.
- 2 – “Poema”. *Folha de Minas*. Belo Horizonte. 7 jan. 1945.

C) TEXTOS AUTO-REFERENCIAIS

- 1 – “Uma enquete entre os escritores”. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 21 jan. 1945.
- 2 – “Os arquivos implacáveis”. *A Manhã*. Rio de Janeiro. 11 dez. 1949.
- 3 – “Auto-retrato”. Suplemento Literário do *Minas Gerais*. Belo Horizonte. 07 fev. 1982.

D) PRIMEIRAS VERSÕES

- 1 – “Mariazinha não voltou”. *Revista Belo Horizonte*, Belo Horizonte, dez. 1941.
- 2 – “O pirotécnico Zacarias”. *O cruzeiro*. Rio de Janeiro, 03 abr. 1943.